"*THE NATURALS* IS *CRIMINAL MINDS* FOR THE YA WORLD. AND I LOVED EVERY PAGE."
—*NEW YORK TIMES* BEST-SELLING AUTHOR ALLY CARTER



KILLER INSTINCT

JENNIFER LYNN BARNES

A NATURALS NOVEL

KILLER INSTINCT

JENNIFER LYNN BARNES

A NATURALS NOVEL

HYPERION
Los Angeles New York

Copyright © 2014 por Jennifer Lynn Barnes
Design da capa por Marci Senders
Fotos da capa por Shutterstock
Todos os direitos reservados. Publicado pela Hyperion, uma marca do Disney Book Group. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem permissão por escrito do editor. Para obter informações, endereço Hyperion, 125 West End Avenue, Nova York, Nova York 10023.
ISBN: 978-1-4231-9512-2
Visite www.hyperionteens.com

Conteúdo

Folha de rosto

Também por Jennifer Lynn Barnes

direito autoral

Dedicação

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39

Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Três semanas depois...
Agradecimentos
Sobre o autor

Para a "Agente Especial" Elizabeth Harding.
Obrigado por tudo.

CHAPTER 1

A maioria das crianças raptadas e mortas, morre três horas após o rapto. Graças ao meu colega de quarto, a enciclopédia ambulante de probabilidades e estatísticas, eu sabia os números exatos. Eu sabia que quando você passava de *horas* para *dias* e de *dias* para *semanas* , a probabilidade de recuperação, caía tanto que o FBI não conseguia justificar a mão de obra necessária para manter o caso ativo.

Eu sabia que quando um caso era classificado como “resfriado” e chegava até nós, provavelmente estávamos procurando um corpo – não uma menina.

Mas...

Mas Mackenzie McBride tinha seis anos.

Mas sua cor favorita era roxa.

Mas ela queria ser uma “estrela pop veterinária”.

Você não poderia parar de procurar por uma criança assim. Você não conseguia parar *de ter esperança* , mesmo que tentasse.

“Você parece uma mulher que precisa de diversão. Ou possivelmente libação. Michael Townsend sentou-se no sofá ao meu lado, esticando a perna machucada para o lado.

“Estou bem”, eu disse.

Michael bufou. “Os cantos da sua boca estão voltados para cima. O resto do seu rosto está lutando contra isso, como se seus lábios se abrissem em um pequeno sorriso, isso poderia abrir caminho para um soluço.

Essa foi a desvantagem de ingressar no programa Naturals. Estávamos todos aqui porque vimos coisas que outras pessoas não viram. Michael lia expressões faciais com a mesma facilidade com que outras pessoas leem palavras.

Ele se inclinou em minha direção. “Diga a palavra, Colorado, e eu lhe fornecerei abnegadamente uma distração muito necessária.”
A última vez que Michael se ofereceu para me distrair, passamos meia hora explodindo coisas e depois invadimos uma unidade segura do FBI.
Bem, tecnicamente, *Sloane* invadiu uma unidade segura do FBI, mas o resultado final foi o mesmo.
“Sem distrações”, eu disse com firmeza.
"Tem certeza?" Michael perguntou. “Porque essa distração envolve Lia, Jell-O e uma vingança que implora para ser paga.”
Eu não queria saber o que nosso detector de mentiras residente tinha feito para provocar o tipo de vingança que vinha carregado de gelatina. Dada a personalidade de Lia e sua história com Michael, as possibilidades eram infinitas.
“Você percebe que começar uma guerra de pegadinhas com Lia seria uma péssima ideia”, eu disse.
“Sem dúvida”, respondeu Michael. “Se ao menos eu não estivesse tão sobrecarregado de bom senso e necessidade de autopreservação.”
Michael dirigia como um maníaco e tinha um desdém geral pela autoridade. Dois meses antes, ele me seguiu para fora de casa *, sabendo* que eu era objeto da obsessão de um serial killer, e levou um tiro por causa do problema.
Duas vezes.
A autopreservação não era o forte de Michael.
“E se estivermos errados sobre este caso?” Perguntei. Meus pensamentos voltaram: de Michael para Mackenzie, do que aconteceu seis semanas atrás até o que o Agente Briggs e sua equipe estavam fazendo lá fora agora.
“Não estamos errados”, Michael disse suavemente.
Deixe o telefone tocar, pensei. Que seja Briggs, ligando para me dizer que desta vez — desta vez — meus instintos estavam certos.
A primeira coisa que fiz quando o agente Briggs entregou o arquivo de Mackenzie McBride foi traçar o perfil do suspeito: um homem em liberdade condicional que desapareceu na mesma época que Mackenzie. Ao contrário da habilidade de Michael, meu conjunto de habilidades não se limitava a expressões faciais ou postura. Dados alguns detalhes, eu poderia entrar no crânio de outra pessoa e imaginar como seria ser ela, querer o que ela queria, fazer as coisas que ela fez.

Comportamento. Personalidade. Ambiente.

O suspeito do caso Mackenzie não tinha foco. O sequestro foi muito bem planejado. Não fez sentido.

Eu vasculhei os arquivos, procurando por alguém que parecesse adequado. *Jovem. Macho. Inteligente. Preciso.* Eu meio que implorei, meio que coagi Lia a passar por depoimentos de testemunhas, interrogatórios, entrevistas – toda e qualquer gravação relacionada ao caso, esperando que ela pegasse alguém em uma mentira reveladora. E finalmente, ela tinha. O advogado da família McBride emitiu uma declaração à imprensa em nome de seus clientes. Parecia padrão para mim, mas para Lia mentiras eram tão chocantes quanto cantar desafinado era para uma pessoa com afinação perfeita.

"Ninguém consegue entender uma tragédia como esta."

O advogado era jovem, homem, inteligente, preciso — e quando disse essas palavras, estava mentindo. Havia uma pessoa que conseguia entender o que havia acontecido, uma pessoa que *não* achava que fosse uma tragédia.

A pessoa que levou Mackenzie.

Segundo Michael, o advogado dos McBrides ficou emocionado só de mencionar o nome da menina. Eu esperava que isso significasse que havia uma chance — por menor que fosse — de que o homem a tivesse mantido viva: um lembrete vivo de que ele era maior, melhor e mais inteligente que o FBI.

"Cássia." Dean Redding irrompeu na sala e meu peito se contraiu. Dean estava quieto e contido. Ele quase nunca levantava a voz.

"Reitor?"

"Eles a encontraram", disse Dean. "Cassie, eles a encontraram na propriedade dele, exatamente onde os esquemas de Sloane diziam que estariam. Ela está viva."

Eu pulei, meu coração batendo forte em meus ouvidos, sem saber se iria chorar, vomitar ou gritar. Dean sorriu. Nem um meio sorriso. Nem um sorriso. Ele sorriu e a expressão o transformou. Olhos castanho chocolate brilhavam sob o cabelo loiro que pendia perpetuamente em seu rosto. Uma covinha que eu nunca tinha visto apareceu em uma bochecha.

Joguei meus braços em volta de Dean. Um momento depois, eu me livrei de seu aperto e me lancei em Michael.

Michael me pegou e soltou um grito. Dean sentou-se no braço do sofá, e lá estava eu, enfiado entre eles, sentindo o calor de seus corpos, e tudo que eu conseguia pensar era que Mackenzie iria para casa.
“Esta é uma festa privada ou qualquer pessoa pode participar?”
Nós três nos viramos e vimos Lia na porta. Ela estava vestida de preto da cabeça aos pés, com um lenço de seda branco amarrado cuidadosamente no pescoço. Ela arqueou uma sobrancelha para nós: fria e calma e um pouco zombeteira.
“Admita, Lia”, disse Michael. “Você está tão feliz quanto nós.”
Lia me olhou. Ela olhou para Michael. Ela olhou para Dean.
“Honestamente”, disse ela, “duvido que alguém esteja tão feliz quanto Cassie neste exato momento”.
Eu estava ficando melhor em ignorar as pequenas escavações sugestivas de Lia, mas esta acertou o alvo, bem no centro. Espremida entre Michael e Dean, corei. Eu *não* iria por aí – e não deixaria Lia estragar tudo.
Com uma expressão sombria no rosto, Dean se levantou e marchou em direção a Lia. Por um momento, pensei que ele poderia dizer algo a ela sobre estragar o momento, mas não o fez. Ele apenas a pegou no colo e a jogou por cima do ombro.
"Ei!" Lia protestou.
Dean sorriu e jogou-a no sofá comigo e Michael e então voltou a sentar-se na beira do sofá como se nada tivesse acontecido. Lia fez uma careta e Michael cutucou sua bochecha.
“Admita”, ele disse novamente. “Você está tão feliz quanto nós.”
Lia jogou o cabelo por cima do ombro e olhou para frente, recusando-se a olhar nos olhos de qualquer um de nós. “Uma garotinha está indo para casa”, disse ela. "Por causa de nós. É claro que estou tão feliz quanto você.”
“Dadas as diferenças individuais nos níveis de serotonina, a probabilidade de quatro pessoas quaisquer experimentarem níveis idênticos de felicidade simultaneamente é bastante...”
“Sloane”, disse Michael, sem se preocupar em se virar. “Se você não terminar essa frase, você terá uma xícara de café moído na hora no futuro.”
“Meu futuro imediato?” Sloane perguntou desconfiado. Michael tinha um longo histórico de bloqueio do consumo de cafeína.
Sem dizer uma palavra, Michael, Lia e eu nos viramos para olhar para Dean. Ele entendeu a mensagem, levantou-se e caminhou em direção a Sloane,

dando-lhe exatamente o mesmo tratamento que dera a Lia. Quando Dean jogou Sloane gentilmente em cima de mim, eu ri e quase caí no chão, mas Lia agarrou meu colarinho.

Conseguimos, pensei, enquanto Michael, Lia, Sloane e eu nos acotovelávamos em busca de espaço e Dean olhava de sua posição, do lado de fora da briga. *Mackenzie McBride não será uma estatística. Ela não será esquecida.*

Mackenzie McBride iria crescer por nossa causa.

“Então,” Lia disse, com um brilho decididamente perverso em seus olhos. “Quem acha que isso exige uma celebração?”

CHAPTER 2

EU Era final de setembro, a época do ano em que você praticamente podia sentir os últimos e trabalhosos suspiros do verão que dava lugar ao outono. Um leve frio tomou conta do quintal enquanto o sol se punha, mas nós cinco mal sentíamos, bêbados de poder e da coisa insondável que havíamos conseguido fazer. Lia escolheu a música. A batida constante da linha do baixo abafava os sons da pequena cidade de Quantico, Virgínia.

Eu nunca pertencia a lugar nenhum antes de ingressar no programa Naturals, mas naquele instante, neste momento, nesta noite, nada mais importava.

Não o desaparecimento da minha mãe e o suposto assassinato.

Não os cadáveres que começaram a se acumular depois que concordei em trabalhar para o FBI.

Neste instante, neste momento, nesta noite, eu era invencível e poderoso e parte de algo.

Lia pegou minha mão e me levou da varanda dos fundos até o gramado. Seu corpo se movia com uma graça perfeita e fluida, como se ela tivesse nascido dançando. “Pela primeira vez na vida”, ela ordenou, “apenas deixe ir”.

Eu não era uma boa dançarina, mas de alguma forma, meus quadris começaram a acompanhar o ritmo da música.

“Sloane,” Lia gritou. “Traga sua bunda aqui.”

Sloane, que já havia recebido a xícara de café prometida, veio se juntar a nós. Tornou-se rapidamente aparente que sua versão de dança envolvia muitos saltos e dedos espirituais ocasionais. Com um sorriso, desisti de tentar imitar os movimentos líquidos e sensuais de Lia e adotei os de Sloane. *Quicar. Dedos tortos. Quicar.*

Lia lançou um olhar consternado para nós dois e se virou para os meninos em busca de apoio.
“Não,” Dean disse secamente. "Absolutamente não." Estava escurecendo o suficiente para que eu não conseguisse distinguir a expressão exata em seu rosto do outro lado do gramado, mas conseguia imaginar a teimosia em sua mandíbula. “Eu não danço.”
Michael não estava tão inibido. Ele caminhou para se juntar a nós, seu andar era marcado por uma claudicação perceptível, mas ele conseguiu saltar muito bem com uma perna só.
Lia lançou os olhos para o céu. “Vocês não têm esperança”, ela nos disse.
Michael encolheu os ombros e depois acrescentou algumas mãos de jazz. “É um dos meus muitos encantos.”
Lia passou os braços em volta do pescoço dele e pressionou seu corpo perto do dele, ainda dançando. Ele ergueu uma sobrancelha para ela, mas não a afastou. Na verdade, ele parecia divertido.
Ligado novamente, desligado novamente. Meu estômago revirou bruscamente. Lia e Michael estavam *desligados* desde que os conheci. *Não é da minha conta.* Eu tive que me lembrar disso. *Lia e Michael podem fazer o que quiserem.*
Michael me pegou olhando para eles. Ele examinou meu rosto, como uma pessoa folheando um livro. Então ele sorriu e, lenta e deliberadamente, piscou.
Ao meu lado, Sloane olhou para Lia, depois para Michael, depois para Dean. Então ela saltou para mais perto de mim. “Há quarenta por cento de chance de isso acabar com alguém levando um soco na cara”, ela sussurrou.
“Vamos, Dean-o,” Lia chamou. "Junte-se a nós." Essas palavras eram em parte convite, em parte desafio. O corpo de Michael se moveu no ritmo de Lia, e de repente percebi que Lia não estava fazendo um show para meu benefício – ou para Michael. Ela estava se aproximando de Michael apenas para irritar Dean.
Com base na expressão rebelde no rosto de Dean, estava funcionando.
“Você sabe que quer,” Lia provocou, virando-se enquanto dançava de forma que suas costas ficassem apoiadas em Michael. Dean e Lia foram os primeiros recrutas do programa. Durante anos, foram apenas os dois. Lia me disse uma vez que ela e Dean eram como irmãos – e agora, Dean parecia em cada centímetro o irmão mais velho superprotetor.

Michael gosta de irritar Dean. Isso era desnecessário dizer. Lia vive para tirar Dean da margem. E Dean...

Um músculo na mandíbula de Dean se contraiu quando Michael passou a mão pelo braço de Lia. Sloane estava certo. Estávamos a um passo errado de uma briga. Conhecendo Michael, ele provavelmente consideraria isso uma atividade de vínculo.

"Vamos, Dean", eu disse, intervindo antes que Lia pudesse dizer algo inflamado. "Você não precisa dançar. Apenas medite no ritmo da música.

Isso surpreendeu uma risada de Dean. Eu sorri. Ao meu lado, Michael recuou, colocando espaço entre seu corpo e o de Lia.

"Quer dançar, Colorado?" Michael agarrou minha mão e me girou. Lia estreitou os olhos para nós, mas se recuperou rapidamente, passando um braço em volta da cintura de Sloane, tentando forçá-la a fazer algo que lembrasse uma dança de verdade.

"Você não está feliz comigo," Michael disse quando eu estava de frente para ele novamente.

"Eu não gosto de jogos."

"Eu não estava brincando com *você* ", Michael me disse, me girando pela segunda vez. "E, para que conste, eu também não estava brincando com Lia."

Eu dei uma olhada nele. "Você *estava* brincando com Dean."

Michael encolheu os ombros. "É preciso passatempos."

Dean ficou na beira do gramado, mas eu podia sentir seus olhos em mim.

"Seus lábios estão voltados para cima." Michael inclinou a cabeça para o lado. "Mas há uma ruga na sua testa."

Desviei o olhar. Seis semanas atrás, Michael me disse para descobrir o que eu sentia por ele – e por Dean. Eu estava fazendo o meu melhor para não pensar nisso, para não me deixar sentir nada por *nenhum* deles, porque no momento em que sentisse alguma coisa – qualquer coisa – Michael saberia.

Passei toda a minha vida sem romance. Eu não precisava disso, não do jeito que precisava *disso* : fazer parte de algo, me preocupar com as pessoas de uma forma que eu não sabia que ainda podia. Não apenas Michael e Dean, mas Sloane e até Lia. Eu *me encaixo* aqui. Eu não cabia em lugar nenhum há muito tempo.

Talvez nunca.

Eu não poderia estragar tudo.

“Tem certeza de que não podemos convencê-la a dançar?” Lia chamou Dean.
"Positivo."
“Bem, nesse caso...” Lia se interpôs entre Michael e eu, e a próxima coisa que percebi foi que eu estava dançando com Sloane e Lia estava de volta com Michael. Ela olhou para ele com olhos cheios de cílios e colocou as mãos espalmadas em seu peito.
“Diga-me, Townsend”, disse ela, praticamente ronronando. “Você se sente com sorte?”
Isto não era um bom presságio.



EU estava morto. Em menor número, em menor número de armas, a segundos do desastre — e não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer a respeito.
“Vou ver seus três e criarei vocês dois.” Michael sorriu. Se eu fosse um leitor de emoções, poderia ter determinado se era um *Eu tenho uma mão incrível e estou dando a você seu próprio* sorriso de destruição ou é *digno de um sorriso que você não pode dizer que estou blefando* sorriso pretensioso. Infelizmente, eu era melhor em descobrir a personalidade e as motivações das pessoas do que o significado exato de cada uma de suas expressões faciais.
Nota para mim mesmo, pensei. Nunca jogue pôquer com Naturals.
"Estou dentro." Lia girou seu rabo de cavalo preto brilhante em volta do dedo indicador antes de deslizar a quantidade necessária de Oreos para o centro da mesa de centro. Dado que a sua experiência era detectar mentiras, interpretei que isso significava que havia uma boa probabilidade de Michael estar a fazer bluff.
O único problema era que agora eu não tinha ideia se *Lia* estava blefando.
Sloane observava por trás de uma verdadeira montanha de Oreos. “Vou ficar de fora”, disse ela. “Além disso, estou pensando em comer algumas das minhas fichas de pôquer. Podemos concordar que um Oreo sem cobertura vale dois terços do seu valor normal?
“Apenas coma os biscoitos”, eu disse a ela, olhando para sua pilha com tristeza – e apenas parcialmente brincando. “Você tem muito de sobra.”
Antes de ingressar no programa Naturals, Sloane nasceu e foi criado em Las Vegas. Ela contava cartas desde que aprendeu a contar. Ela ficou de fora cerca de um terço das mãos, mas ganhou todas as mãos que jogou.

“Alguém é um mau esportista”, disse Lia, balançando um dedo para mim.
Eu mostrei minha língua para ela.
Alguém só tinha dois Oreos sobrando.
“Estou dentro”, suspirei, empurrando-os para dentro da panela. Não fazia sentido adiar o inevitável. Se eu estivesse brincando com estranhos, teria levado vantagem. Eu poderia ter olhado para as roupas e a postura de uma pessoa e saber instantaneamente o quanto ela corria riscos e se blefaria discretamente ou faria um show. Infelizmente, eu não estava brincando com estranhos, e a capacidade de ler a personalidade de outras pessoas não era tão útil em um grupo de pessoas que você já conhecia.
“E você, Redding? Você está dentro ou está fora?" Michael emitiu as palavras como um desafio.
Então talvez Lia o tenha interpretado mal, pensei, revirando essa ideia na cabeça. *Talvez ele não esteja blefando.* Eu duvidava que Michael desafiasse Dean a menos que tivesse certeza de que venceria.
“Estou dentro”, disse Dean. "Tudo em." Ele colocou cinco biscoitos na panela e ergueu uma sobrancelha para Michael, imitando quase exatamente a expressão facial do outro garoto.
Michael igualou a aposta de Dean. Lia combinou com Michael. Minha vez.
“Estou sem biscoitos”, eu disse.
“Eu estaria aberta a discutir uma taxa de juros modesta”, Sloane me disse antes de voltar sua atenção para despojar um Oreo de sua cobertura.
“Tenho uma ideia”, disse Lia num tom excessivamente inocente que reconheci imediatamente como um problema. “Sempre poderíamos levar as coisas para o próximo nível.” Ela desatou o lenço branco em volta do pescoço e jogou-o para mim. Seus dedos brincaram com a parte inferior da blusa, levantando-a apenas o suficiente para deixar bem claro qual era o “próximo nível”.
“Pelo que entendi, as regras do strip poker especificam que apenas o perdedor é obrigado a se despir”, interrompeu Sloane. “Ninguém perdeu ainda, portanto—”
“Chame isso de demonstração de solidariedade”, disse Lia, levantando ainda mais a camisa. “Cassie está quase sem fichas. Estou apenas tentando equilibrar o campo de jogo.”
“Lia.” Dean não achou graça.

“Vamos, Dean,” Lia disse, seu lábio inferior se projetando em um beicinho exagerado. “Solte-se. Somos todos amigos aqui.” Com essas palavras, Lia tirou a blusa. Ela estava usando um biquíni por baixo. Claramente, ela estava vestida para a ocasião.
“Ante”, ela me disse.
Eu não estava usando maiô por baixo *da* blusa, então não havia como ele sair. Lentamente, tirei meu cinto.
“Sloane?” Lia virou-se para ela em seguida. Sloane olhou para Lia, um rubor espalhando-se por suas bochechas.
“Não vou me despir até estabelecermos uma taxa de conversão”, ela nos informou sarcasticamente, apontando para sua montanha de batatas fritas.
“Sloane”, Michael disse.
"Sim?"
“Como você se sentiria com uma segunda xícara de café?”
Quarenta e cinco segundos depois, Sloane estava na cozinha e nenhum dos meninos usava camisa. A barriga de Dean estava bronzeada, um ou dois tons mais escuro que a de Michael. A pele de Michael era como mármore, exceto pela cicatriz de bala, rosada e enrugada onde o ombro encontrava o peito. Dean também tinha uma cicatriz – mais velha, mais fina, como se alguém tivesse enfiado a ponta de uma faca lentamente em seu torso, em uma linha irregular, da base da clavícula até o umbigo.
“Eu ligo”, disse Lia.
Um por um, viramos nossas cartas.
Três de um tipo.
Rubor.
Full house, damas e oitos. A última foi de Michael.
Eu sabia, pensei. Ele não estava blefando.
“Sua vez”, Lia me disse.
Virei minhas próprias cartas e meu cérebro catalogou o resultado. “Casa cheia”, eu disse, sorrindo. “Reis e dois. Acho que isso significa que eu ganhei, hein?
"Como você…?" Michael balbuciou.
“Você está me dizendo que a festa da piedade foi uma encenação?” Lia parecia impressionada, apesar de tudo.
“Não foi uma atuação”, eu disse a ela. “Eu esperava perder. Na verdade, eu ainda não tinha olhado minhas cartas finais.”

Eu imaginei que se *eu* não soubesse o que minha mão segurava, também não haveria como Michael ou Lia descobrirem.
Dean foi o primeiro a começar a rir.
“Salve Cassie,” Michael disse. “Rainha das lacunas.”
Lia bufou.
“Isso significa que posso ficar com suas camisas?” — perguntei, pegando meu cinto e pegando um Oreo enquanto fazia isso.
“Acho que seria melhor se todos mantivessem a posse de suas próprias camisas. E coloque-os. *Agora.* ”
Eu congelo. A voz que emitiu esse comando era feminina e nítida. Por uma fração de segundo, fui levado de volta às minhas primeiras semanas no programa, ao nosso supervisor, meu mentor. Agente Especial Lacey Locke. Ela me treinou. Eu a idolatrava. Eu confiei nela.
"Quem é você?" Eu me forcei a voltar ao presente. Eu não podia me permitir pensar no Agente Locke – depois que eu entrasse naquela toca do coelho, seria difícil lutar para sair. Em vez disso, concentrei-me na pessoa gritando ordens. Ela era alta e magra, mas nada nela parecia insignificante. Seu cabelo castanho escuro estava preso em um coque francês apertado na nuca, e ela mantinha a cabeça com o queixo ligeiramente inclinado para a frente. Seus olhos eram cinza, um tom mais claro que seu terno. Suas roupas eram caras; ela os usava como se não fossem.
Havia uma arma no coldre ao seu lado.
Pistola. Desta vez, não consegui cortar as memórias até os joelhos. *Locke. A arma.* Tudo estava voltando. *A faca.*
Dean colocou a mão no meu ombro. “Cássia.” Senti o calor de sua mão através da minha camisa. Eu o ouvi dizer meu nome. "Tudo bem. Eu conheço ela."
Um disparo. Dois. Michael desce. Locke—ela está segurando uma arma—
Concentrei-me em respirar e lutei contra as memórias. Não fui eu quem levou o tiro. Este não foi *o meu* trauma. Em primeiro lugar, eu era a razão pela qual Michael estava lá.
Fui eu quem, à sua maneira distorcida, o monstro amou.
"Quem é você?" — perguntei novamente, abrindo caminho de volta ao aqui e agora, minha voz nítida e direta. “E o que você está fazendo em nossa casa?”

A mulher de cinza passou os olhos pelo meu rosto, deixando-me com a sensação desconfortável de que ela sabia exatamente o que estava acontecendo na minha cabeça, exatamente onde eu estava um momento antes.

“Meu nome é Agente Especial Veronica Sterling”, ela disse finalmente. “E a partir de agora, eu moro aqui.”

CHAPTER 4

"C bom, ela não está mentindo. Lia quebrou o silêncio. "Ela é realmente uma agente especial, seu nome é Veronica Sterling e, por algum motivo, ela está operando sob a crença equivocada de que reside sob nosso teto."

"Lia, eu presumo?" Agente Sterling disse. "Aquele que se especializa em mentiras."

"Contar a eles, identificá-los – é tudo a mesma coisa." Lia deu de ombros graciosamente, mas seus olhos estavam duros.

"E ainda assim", continuou o agente Sterling, ignorando tanto o encolher de ombros quanto a intensidade do olhar de Lia, "você interagia diariamente com um agente do FBI que trabalhava como assassino em série. Ela foi uma de suas supervisoras, uma presença constante nesta casa durante *anos* , e nenhum alarme disparou. O tom do agente Sterling foi clínico — apenas expondo os fatos.

Locke enganou a todos nós.

"E você", disse a agente Sterling, com os olhos fixos nos meus, "deve ser Cassandra Hobbes. Eu não imaginei que você fosse do tipo que joga strip poker. E não, você não recebe crédito por ser a única pessoa nesta sala além de mim que ainda está vestindo camisa.

A Agente Sterling desviou intencionalmente sua atenção de mim para a pilha de roupas na mesinha de centro. Ela cruzou os braços sobre o peito e esperou. Dean pegou sua camisa e jogou a de Lia para ela. Michael não parecia muito incomodado com os braços cruzados, nem parecia compelido a se vestir. A Agente Sterling olhou para ele por cima do nariz, seu olhar pousando na cicatriz de bala em seu peito.

“Presumo que você seja Michael”, disse ela. “O leitor de emoções com problema de atitude que está continuamente fazendo coisas estúpidas para as meninas.”
“Essa não é uma avaliação justa”, respondeu Michael. “Eu faço muitas coisas estúpidas que também não são para meninas.”
A agente especial Veronica Sterling não demonstrou a menor inclinação para sorrir. Voltando-se para o resto de nós, ela terminou sua apresentação. “Esse programa tem vaga para supervisor. Estou aqui para preenchê-lo.”
“É verdade”, disse Lia, prolongando a palavra, “mas não a história toda”. Quando o Agente Sterling não mordeu a isca, Lia continuou. “Já se passaram seis semanas desde que Locke perdeu o controle. Estávamos começando a nos perguntar se o FBI algum dia enviaria um substituto.” Ela passou os olhos pelo Agente Sterling. “Onde eles encontraram você, elenco central? Uma jovem agente trocada por outra?
Confie em Lia para cortar as sutilezas.
“Digamos apenas que sou o único qualificado para o cargo”, respondeu o agente Sterling. Seu tom sensato me lembrou de algo. De alguem. Pela primeira vez, o sobrenome dela caiu na minha cabeça e percebi onde o tinha ouvido antes.
“Agente Sterling,” eu disse. “Como no Diretor Sterling?”
Só conheci o diretor do FBI uma vez. Ele se envolveu quando o serial killer que Locke e Briggs estavam caçando sequestrou a filha de um senador. Na época, nenhum de nós sabia que o UNSUB — ou *Sujeito Desconhecido* — era Locke.
“O Diretor Sterling é meu pai.” A voz da Agente Sterling era neutra – neutra demais, e me perguntei quais problemas com o pai ela tinha. “Ele me enviou aqui para fazer o controle de danos.”
O diretor Sterling escolheu sua própria filha como substituta de Locke. Ela chegou quando o agente Briggs estava fora da cidade para tratar de um caso. Duvidei que o momento fosse acidental.
“Briggs me disse que você deixou o FBI”, disse Dean calmamente, dirigindo as palavras ao agente Sterling. “Ouvi dizer que você foi transferido para a Segurança Interna.”
"Eu fiz."
Tentei identificar a expressão no rosto da agente Sterling, o tom de sua voz. Ela e Dean se conheciam - isso ficou claro, tanto pela declaração anterior de

Dean quanto pela maneira como o rosto dela se suavizou, quase imperceptivelmente, quando ela olhou para ele.
Uma veia maternal? Eu me perguntei. Isso não combinava com o modo como ela estava vestida, com sua postura superereta, com o modo como ela falava *sobre* o resto de nós, e não *para* nós. Minha primeira impressão da agente Sterling foi que ela era hipercontrolada, profissional e mantinha as outras pessoas à distância. Ela ou não gostava de adolescentes ou não gostava de nós especificamente.
Mas a maneira como ela olhou para Dean, mesmo que tenha sido apenas por um segundo...
Você nem sempre foi assim, pensei, entrando na cabeça dela. Amarrando o cabelo para trás com nós franceses, mantendo cada afirmação clínica e imparcial. Algo aconteceu para colocá-lo no modo hiperprofissional.
“Há algo que você gostaria de compartilhar com a turma, Cassandra?”
Qualquer pedaço de suavidade que tivesse penetrado na expressão do Agente Sterling desapareceu agora. Ela me pegou traçando seu perfil e me denunciou. Isso me disse duas coisas. Primeiro, com base na forma como ela escolheu fazer isso, senti uma pitada de sarcasmo escondida sob seu exterior sem humor. Em algum momento de sua vida, ela teria dito essas palavras com um sorriso em vez de uma careta.
E em segundo lugar...
“Você é um criador de perfis”, eu disse em voz alta. Ela me pegou traçando seu perfil e não pude deixar de pensar: *É preciso alguém para conhecer alguém.*
"O que te faz pensar isso?"
“Eles enviaram você aqui para substituir o Agente Locke.” Dizer essas palavras – vê-la como uma substituta – doeu mais do que deveria.
"E?" A voz da agente Sterling era alta e clara, mas seus olhos eram duros. Este foi um desafio, tão claro quanto o subtexto anterior entre Michael e Dean.
“Os criadores de perfil colocam as pessoas em caixas”, eu disse, encontrando os olhos do Agente Sterling e me recusando a desviar o olhar primeiro. “Analisamos uma variedade de detalhes aleatórios e usamos esses detalhes para construir o quadro geral, para descobrir com que *tipo* de pessoa estamos lidando. Está aí na maneira como você fala: Michael é 'o

leitor de emoções com problema de atitude', você não me 'identificou' por ser o tipo que joga strip poker.
Fiz uma pausa e, como ela não respondeu, continuei: — Você leu nossos arquivos e traçou nosso perfil antes de pisar nesta casa, o que significa que você sabe exatamente o quanto nos mata o fato de não termos visto o *Agente* . Locke pelo que ela era, e ou você queria ver como lidaríamos com você mencionando isso, ou você só queria cutucar o ferimento por diversão.
Fiz uma pausa e passei os olhos pelo corpo dela, observando todos os pequenos detalhes: o esmalte das unhas, a postura, os sapatos. “Você parece mais masoquista do que sádico, então acho que você só queria ver como reagiríamos.”
A sala caiu em um silêncio desconfortável, e o Agente Sterling empunhou esse silêncio como uma arma. “Não preciso que você me dê um sermão sobre o que significa ser um criador de perfis”, ela disse finalmente, com a voz suave e as palavras comedidas. “Eu sou bacharel em criminologia. Fui a pessoa mais jovem a se formar na Academia do FBI. Passei mais tempo em campo durante minha passagem pelo FBI do que você verá em toda a sua vida, e passei os últimos cinco anos na Segurança Interna, trabalhando em casos de terrorismo doméstico. Enquanto eu residir nesta casa, você me chamará de Agente Sterling ou senhora, e não se referirá a si mesmo como criador de perfis, porque, no final das contas, você é apenas uma criança.
Lá estava novamente em sua voz, a sugestão de algo mais sob seu exterior gelado. Mas, como uma pessoa olhando para um objeto preso sob vários metros de gelo, eu não conseguia entender o que era *aquilo .*
“Não há 'nós' aqui, Cassandra. Há você, e há eu, e há a avaliação que estou escrevendo deste programa. Então sugiro que todos vocês limpem essa bagunça, vão para a cama e tenham uma boa noite de sono.” Ela jogou a camisa para Michael. “Você vai precisar.”

CHAPTER 5

EU Fiquei deitado na cama, olhando para o teto, incapaz de afastar o medo de que, se fechasse os olhos, não haveria nada para manter os fantasmas afastados. Quando eu dormia, tudo corria junto: o que aconteceu com minha mãe quando eu tinha doze anos; as mulheres que o agente Locke matou no verão passado; o brilho nos olhos de Locke quando ela estendeu a faca para mim. *O sangue.*
Virando-me de lado, estendi a mão em direção à minha mesa de cabeceira.
“Cássia?” Sloane disse de sua cama.
“Estou bem”, eu disse a ela. "Volta a dormir."
Meus dedos se fecharam em torno do objeto que eu estava procurando: um tubo de batom Rose Red, o tom preferido da minha mãe. Foi um presente de Locke para mim, parte do jogo doentio que ela jogou, distribuindo pistas, me preparando à sua própria imagem. *Você queria que eu soubesse o quão perto você estava.* Entrei na cabeça de Locke, traçando o perfil dela, como fiz em tantas outras noites como esta. *Você queria que eu te encontrasse.* A próxima parte era sempre a mais difícil. *Você queria que eu fosse como você.*
Ela me ofereceu a faca. Ela me disse para matar a garota. E em algum nível, ela acreditou que eu diria sim.
O verdadeiro nome de Locke era Lacey Hobbes. Ela era a irmã mais nova de Lorelai Hobbes – falsa vidente, suposta vítima de assassinato. *Minha mãe.*
Virei o batom na mão, olhando para ele no escuro. Não importa quantas vezes eu tentei jogá-lo fora, não consegui. Foi um lembrete masoquista: das pessoas em quem confiei, das pessoas que perdi.
Eventualmente, forcei meus dedos a colocá-lo de volta no lugar. Eu não poderia continuar fazendo isso comigo mesmo.

Eu não conseguia parar.

Pense em outra coisa. Algo mais. Pensei no Agente Sterling. O substituto de Locke. Ela usava suas roupas como uma armadura. Eles eram caros, recém-prensados. Ela tinha uma camada de esmalte transparente nas unhas. Nem uma manicure francesa, nem uma cor – transparente. Por que usar esmalte se era transparente? Ela gostou do ritual de aplicá-lo, colocando uma fina camada entre as unhas e o resto do mundo? Havia subtexto ali: proteção, distância, força.

Você não se permite fraquezas, pensei, dirigindo-me a ela, do jeito que fui ensinado a me dirigir a qualquer pessoa que eu estivesse traçando. *Por que?* Repassei as pistas que ela me deu sobre seu passado. Ela foi a pessoa mais jovem a se formar na Academia do FBI – e orgulhosa disso. Era uma vez, ela provavelmente teve uma tendência competitiva. Cinco anos atrás, ela deixou o FBI. *Por que?*

Em vez de uma resposta, meu cérebro se apegou ao fato de que algum tempo antes de ela partir, ela conheceu Dean. Ele não devia ter mais de doze anos quando você o conheceu. Isso disparou um alarme na minha cabeça. A única maneira de um agente do FBI ter interagido com Dean há muito tempo seria se ela fizesse parte da equipe que derrubou seu pai.

O agente Briggs liderou essa equipe. Pouco tempo depois, ele começou a usar Dean – filho de um famoso serial killer – para entrar na cabeça de outros assassinos. Eventualmente, o FBI descobriu o que Briggs estava fazendo e, em vez de demiti-lo, tornou isso oficial. Dean foi transferido para uma casa antiga na cidade fora da Base do Corpo de Fuzileiros Navais de Quantico. Briggs contratou um homem chamado Judd para atuar como guardião de Dean. Com o tempo, Briggs começou a recrutar outros adolescentes com habilidades de savant. Primeiro Lia, com sua incrível habilidade de mentir e detectar mentiras quando elas saem da boca dos outros. Depois Sloane e Michael e finalmente eu.

Você costumava trabalhar com o agente Briggs, pensei, imaginando Veronica Sterling. *Você estava no time dele. Talvez você fosse até parceiro dele.* Quando entrei no programa, o Agente Locke era parceiro de Briggs. Talvez ela tenha sido a substituta do Agente Sterling, antes da situação se reverter.

Você não gosta de ser substituível e não gosta de ser substituído. Você não está aqui apenas como um favor ao seu pai, eu disse silenciosamente ao

Agente Sterling. Você conhece Briggs. Você não gostou de Locke. E era uma vez, você se importava com Dean. Isto é pessoal.

"Você sabia que a expectativa de vida média do wombat de nariz peludo é de dez a doze anos?" Aparentemente, Sloane decidiu que quando eu disse que estava bem, eu estava mentindo. Quanto mais café minha colega de quarto ingerisse, menor seria seu limite para manter estatísticas aleatórias para si mesma – especialmente se ela achasse que alguém precisava de uma distração.

"O wombat que viveu mais tempo em cativeiro viveu trinta e quatro anos", continuou Sloane, apoiando-se nos cotovelos para olhar para mim. Dado que dividíamos um quarto, eu provavelmente deveria ter me oposto mais veementemente à xícara de café número dois. Esta noite, porém, achei o balbucio estatístico em alta velocidade de Sloane estranhamente reconfortante. Traçar o perfil de Sterling não me impediu de pensar em Locke.

Talvez isso acontecesse.

"Conte-me mais sobre wombats", eu disse.

Com a aparência de uma criança que acorda com um milagre na manhã de Natal, Sloane sorriu para mim e obedeceu.

VOCÊ

Você estava nervoso na primeira vez que a viu, parada ao lado do grande carvalho, cabelos longos brilhando até a metade das costas. Você perguntou qual era o nome dela. Você memorizou tudo sobre ela.

Mas nada disso importa agora. Não é o nome dela. Não a árvore. Não seus nervos.

Você chegou longe demais. Você esperou muito.

"Ela vai lutar com você se você deixar", uma voz sussurra em algum lugar da sua mente.

"Eu não vou deixar", você sussurra de volta. Sua garganta está seca. Você está pronto. Você estava pronto. "Vou amarrá-la."

"Amarre-a", sussurra a voz.

Amarre-a. Marque ela. Corte ela. Pendure-a.

É assim que isso tem que ser feito. É isso que espera essa garota. Ela não deveria ter estacionado tão longe do prédio do homem. Ela não deveria ter dormido com ele em primeiro lugar.

Não deveria.

Não deveria.

Não deveria.

Você está esperando por ela no carro quando ela entra. Você está preparado. Ela tem um teste hoje, mas você também tem.

Ela fecha a porta do carro. Os olhos dela voam em direção ao espelho retrovisor e, por uma fração de segundo, eles encontram os seus.

Ela vê você.

Você avança. A boca dela se abre para gritar, mas você bate o pano úmido na boca dela, no nariz dela. "Ela vai lutar com você se você deixar", você diz, sussurrando as palavras como se fossem palavras doces em seu ouvido. Seu corpo fica frouxo. Você a puxa para o banco de trás e pega as amarras.

Ligue-os. Marque-os. Corte-os. Pendure-os.

Começou.



EU dormi até meio-dia e acordei com a sensação de que não tinha dormido nada. Minha cabeça doeu. Eu precisava de comida. E cafeína. E possivelmente um pouco de Tylenol.

“Noite difícil?” Judd perguntou no segundo em que pisei na cozinha. Ele tinha um lápis apontado número dois na mão e preencheu uma linha em suas palavras cruzadas sem sequer olhar para mim.

“Você poderia dizer isso”, respondi. “Você conheceu o Agente Sterling?”

Os lábios de Judd tremeram ligeiramente. “Você poderia dizer isso”, disse ele, repetindo minhas próprias palavras para mim.

Judd Hawkins estava na casa dos sessenta anos. A descrição oficial de seu trabalho envolvia cuidar da casa e de nós. A casa estava em excelentes condições. Quanto aos cinco adolescentes que moravam aqui... bem, além de garantir que fôssemos alimentados e que nossos membros fossem mantidos relativamente intactos, Judd era bastante discreto.

“A agente Sterling parece pensar que está se mudando,” comentei. Judd preencheu outra linha em suas palavras cruzadas. Se ele ficou incomodado com o fato de um agente do FBI ter aparecido, mais ou menos sem avisar, não demonstrou. "Ela pode fazer isso?" Perguntei.

Judd finalmente levantou os olhos do seu enigma. “Se ela fosse qualquer outra pessoa”, disse ele, “a resposta seria não”.

Dado que a agente Sterling veio aqui a pedido do pai, entendi que provavelmente não havia nada que Judd pudesse fazer a respeito. O que não entendi foi por que Judd parecia não *querer* fazer nada a respeito. Ela estava aqui para escrever uma avaliação do programa. Ela chamou isso de controle de danos, mas de onde eu estava sentado, parecia mais uma invasão.

"Bom. Sua vez."
Falando no diabo, ela aparece, pensei. Então eu me contive. Eu não estava sendo objetivo – ou justo. Eu estava julgando a Agente Sterling com base mais no que pensei que ela *faria* do que em qualquer coisa que ela já tivesse feito. No fundo, eu sabia que não importava quem eles tivessem enviado para substituir Locke, eu não estaria pronto. Cada semelhança era sal numa ferida aberta. Toda diferença também era.
“Você sempre tem como hábito dormir até meio-dia?” Agente Sterling perguntou, inclinando a cabeça para o lado e me dando uma olhada. Como não consegui fazê-la parar de me estudar, retribuí o favor. Ela estava maquiada, mas não parecia maquiada. Assim como a camada transparente de esmalte nas unhas, as cores que ela escolheu para os olhos e lábios pareciam quase naturais.
Eu me perguntei quanto esforço ela precisou para parecer tão perfeita sem esforço.
Se você quiser se aproximar de um UNSUB, eu praticamente posso ouvir Locke me dizendo, *não diga* ela *ou* ela *. Diga* você.
"Você passou a noite aqui?" Perguntei a Sterling, revirando isso em minha mente. *Locke nunca dormiu aqui. Briggs não. Você não faz as coisas pela metade.*
“Há um sofá-cama no escritório”, disse-me Judd, parecendo um pouco descontente. “Eu ofereci meu quarto a ela, mas a senhorita Teimosa se recusou a aceitá-lo.”
Senhorita teimosa? Antes de trabalhar para o programa Naturals, Judd foi militar de carreira. Eu nunca o ouvi referir-se a qualquer agente do FBI por qualquer outro nome que não fosse o título ou o sobrenome. Então por que ele estava se referindo ao Agente Sterling exatamente no mesmo tom que eu esperava que ele usasse com Lia?
“Não vou expulsar você da sua própria cama, Judd.” A pontada de exasperação na voz do agente Sterling me disse que eles já haviam discutido essa discussão pelo menos duas vezes.
“Sente-se”, Judd grunhiu em resposta. "Vocês dois. Cassie não comeu nada hoje e posso fazer dois sanduíches com a mesma facilidade de um só.
“Posso fazer meu próprio sanduíche”, eu disse. Judd me lançou um olhar. Eu sentei. Este era um lado dele que eu não tinha visto antes. De uma forma estranha, ele quase me lembrou da minha avó italiana, que pensava que eu

estava participando de algum tipo de programa progressista para superdotados patrocinado pelo governo. Nonna considerava colocar comida na barriga uma de suas principais missões na vida, e ai da infeliz alma que se interpusesse em seu caminho.
“Eu já fiz um sanduíche”, disse o agente Sterling rigidamente.
De qualquer forma, Judd fez dois sanduíches. Ele deslizou um na minha frente e colocou o outro na frente de um lugar vazio na mesa antes de se sentar e continuar com suas palavras cruzadas. Ele não disse uma palavra e, depois de um longo momento, o Agente Sterling sentou-se.
"Onde estão os outros?" — perguntei a Judd. Normalmente, eu não conseguia passar cinco minutos na cozinha sem que Lia entrasse para pegar um sorvete ou Michael se servisse de comida no meu prato.
O agente Sterling foi quem atendeu. “Michael ainda não apareceu. Dean, Lia e Sloane estão na sala, praticando o GED.
Quase engasguei com um pedaço de presunto. “Um o quê?”
“É setembro”, respondeu a agente Sterling, naquele tom muito calmo que imaginei que a tornasse muito boa em interrogar suspeitos. “Se você não fizesse parte deste programa, você estaria na escola. Na verdade, tenho quase certeza de que sua família foi informada de que você estudaria aqui. Algumas pessoas podem estar dispostas a deixar isso passar. Eu não sou."
Tive a nítida sensação de que quando a agente Sterling disse “algumas pessoas”, ela estava falando do agente Briggs, não de Judd.
“Você tem a sorte de ter uma família que pode realmente verificar sua escolaridade algum dia”, ela continuou. “Nem todos nesta casa são tão afortunados, mas *todos vocês* receberão a educação que lhes foi prometida.” Seus olhos se voltaram para Judd e depois para mim. “Dean e Lia estudam em casa aqui há anos. Se Judd fez bem o seu trabalho, eles deverão conseguir passar no GED. Não estou preocupado com Sloane.”
Isso só deixou Michael e eu. Se não fosse pelo programa, eu teria começado meu último ano do ensino médio este mês.
“Faça o teste prático,” Sterling ordenou de uma forma improvisada que me disse que ela estava acostumada a ser obedecida. “Se você precisar de um tutor, nós conseguiremos um tutor, mas de qualquer forma, os outros aspectos da sua... *educação* podem esperar.”
Desde que entrei no programa, esqueci que havia um tipo de aprendizado que não envolvia os meandros do cérebro criminoso.

“Posso ser dispensado?” Afastei-me da mesa.
Judd me lançou um olhar divertido. “Você já me perguntou isso antes?”
Tomei isso como uma resposta e fui em direção à porta. Judd terminou as palavras cruzadas e voltou sua atenção para o agente Sterling. “Você vai comer seu sanduíche, Ronnie?”
Ronnie? Minhas sobrancelhas subiram até a linha do cabelo e diminuí a velocidade na saída. Pelo canto do olho, vi o Agente Sterling enrijecer ligeiramente com o apelido.
“É Verônica”, disse ela. “Ou é o Agente Sterling. Nesta casa tem que ser.
Eles se conhecem, pensei. Eles se conhecem há muito tempo.
Ocorreu-me então que o Diretor Sterling poderia ter escolhido a filha para esta missão por outras razões além do fato de ela compartilhar o sangue dele.
Cheguei à porta da cozinha no momento em que ela se abriu, quase me derrubando. O agente Briggs estava do outro lado, parecendo ter acabado de sair de um avião. Ele estendeu a mão para me firmar, mas seu olhar estava direcionado para outro lugar.
“Ronnie.”
“Briggs”, respondeu o agente Sterling, sem usar seu primeiro nome ou qualquer abreviatura. “Presumo que o diretor tenha informado você.”
Briggs inclinou ligeiramente a cabeça. “Você poderia ter ligado.”
Eu estava certo, pensei. Eles definitivamente já trabalharam juntos antes.
“Cássia.” O agente Briggs pareceu lembrar que suas mãos estavam em meus ombros e as deixou cair. “Vejo que você conheceu o Agente Sterling.”
“Nós nos conhecemos ontem à noite.” Estudei Briggs, procurando algum indício de que ele se ressentia da intrusão que aquela mulher representava.
“Como está Mackenzie?” Perguntei.
Briggs sorriu – um evento bastante raro por si só. “Ela está em casa. Ela precisará de muito apoio daqui para frente, mas conseguirá. O garoto é um sobrevivente.” Ele voltou sua atenção para o agente Sterling. “O programa Naturals acaba de encerrar seu segundo caso arquivado este mês”, disse ele. “Um rapto de criança.”
Aí estava a dica de que o agente Briggs não tinha intenção de ceder sua autoridade ao recém-chegado. Suas palavras foram elaboradas para comunicar uma mensagem, de forma muito clara: ele não *precisava* se

sentir ameaçado. O programa Naturals estava funcionando. Estávamos salvando vidas.
“Impressionante”, disse a agente Sterling, seu tom deixando claro que ela pensava que era tudo menos isso. “Especialmente considerando que apenas duas crianças foram hospitalizadas por causa deste programa e, na verdade, apenas uma delas foi baleada, tão claramente que tudo sai por água abaixo.”
Dois filhos - Michael e Dean. Abri a boca para dizer ao agente Sterling que não éramos *crianças* , mas Briggs me lançou um olhar de advertência.
“Cassie, por que você não vai ver o que os outros estão fazendo?”
Ele poderia muito bem ter dito “Por que você não corre lá fora e brinca?” Irritado, obedeci. Quando cheguei à sala de estar, não fiquei surpreso ao ver que o único que estava realmente praticando o GED era Dean. Lia estava lixando as unhas. Sloane parecia estar construindo uma espécie de catapulta com lápis e elásticos.
Lia me viu primeiro. “Bom dia, raio de sol”, disse ela. “Não sou Michael, mas com base na expressão do seu rosto, suponho que você tenha passado algum tempo de qualidade com a adorável agente Sterling.” Lia sorriu para mim. “Ela não é a melhor?”
O estranho em Lia era que ela conseguia fazer qualquer coisa parecer genuína. Lia não gostava do FBI em geral e era do tipo que desrespeitava regras baseadas apenas em princípios, mas mesmo sabendo que seu entusiasmo era fingido, eu não conseguia enxergar além disso.
“Há algo naquela agente Sterling que me faz querer ouvir o que ela tem a dizer”, continuou Lia com seriedade. “Acho que podemos ser almas gêmeas.”
Dean bufou, mas não tirou os olhos do seu teste prático. Sloane disparou sua catapulta e tive que me abaixar para não levar um lápis na testa.
“Agente Briggs está de volta,” eu disse assim que me endireitei.
"Graças a Deus." Lia desistiu e recostou-se no sofá. “Mas se alguém disser a ele que eu disse isso, serei forçado a tomar medidas drásticas.”
Eu realmente não queria saber o que implicava a ideia de “medidas drásticas” de Lia.
“Briggs conhece o Agente Sterling”, anunciei. “Judd também. Eles a chamam de Ronnie.”

“Dean”, disse Lia, pronunciando seu nome de uma forma especificamente projetada para irritá-lo. “Pare de fingir que trabalha e conte-nos o que você sabe.”
Dean a ignorou. Lia levantou uma sobrancelha para mim. Claramente, ela pensou que eu teria mais sorte em fazê-lo falar do que ela.
“A agente Sterling fez parte da equipe que derrubou seu pai, não foi?” Eu disse, testando minha teoria. “Ela era parceira de Briggs.”
No começo, pensei que Dean poderia me ignorar, da mesma forma que ignorou Lia. Mas, eventualmente, ele largou o lápis. Ele levantou seus olhos castanhos para encontrar os meus. “Ela era parceira dele”, ele confirmou. A voz de Dean era grave e agradável, com um toque de sotaque sulista. Normalmente ele era um homem de poucas palavras, mas hoje ele tinha mais cinco para nós. “Ela também era esposa dele.”

CHAPTER 7

Sele era sua esposa,
Eu pensei. Passado - significando que ela não é mais sua esposa.
“Ela é a ex-mulher de Briggs?” Eu disse incrédula. “E o diretor a mandou *aqui* ? Isso não pode ser ético.”
Lia revirou os olhos. “Mais antiético do que um programa secreto do FBI que usa prodígios menores de idade para capturar serial killers?” Ela sorriu. “Ou que tal enviar sua própria filha para substituir o Agente Locke? Claramente, o nepotismo e a obscuridade estão vivos e bem na sede do FBI.”
Sloane ergueu os olhos depois de fazer alguns ajustes em sua catapulta. “Em 1999, o FBI não tinha políticas escritas sobre encontros entre escritórios”, ela reclamou. “Os casamentos entre supervisores, agentes e pessoal de apoio entre empresas não são incomuns, embora constituam uma minoria de uniões conjugais de funcionários.”
Lia me lançou um olhar e jogou o cabelo por cima do ombro. “Se o FBI não tiver uma política oficial de namoro, duvido que tenha uma para o divórcio. Além disso, estamos falando do Diretor Sterling aqui. O homem que basicamente comprou Michael de seu pai prometendo fazer o IRS ignorar.
Ela fez uma pausa. “O homem que fez o FBI me tirar das ruas e me disse que minha outra opção era o reformatório.”
Esta foi a primeira vez que ouvi Lia mencionar seu passado antes do programa. *Reformatório?*
“Briggs e Sterling trabalharam no caso do meu pai.” Dean ofereceu essa informação, usando seu próprio passado para mudar o assunto de Lia, que me disse que ela estava dizendo a verdade e que ele queria protegê-la de

perguntas. “Briggs era o estrategista”, continuou Dean. “Ele era motivado, competitivo – não com ela, mas com qualquer UNSUB que eles caçassem. Briggs não queria apenas pegar assassinos. Ele queria vencer.”
Foi fácil esquecer, quando Dean disse a palavra *UNSUB* , que seu pai nunca havia sido um Sujeito Desconhecido para ele. Dean viveu com um assassino – um verdadeiro psicopata – dia após dia, durante anos.
“Sterling era impulsivo.” Dean limitou-se a descrever os agentes. Eu duvidava que ele mencionasse seu pai novamente. "Destemido. Ela tinha um temperamento explosivo e seguia seu instinto, mesmo quando essa não era a coisa mais inteligente a fazer.”
Eu suspeitava que a personalidade do Agente Sterling tivesse passado por algumas mudanças importantes nos últimos cinco anos, mas mesmo assim, era difícil ver a conexão entre a mulher temperamental e movida pelo instinto que Dean estava descrevendo e o Agente Sterling na cozinha. agora. Os dados adicionais fizeram meu cérebro acelerar, conectando os pontos, observando a trajetória entre o passado e o presente.
“Briggs tem um caso.” Michael gostava de fazer uma entrada. “Ele acabou de receber a ligação.”
“Mas a equipe dele acabou de voltar.” Sloane carregou sua catapulta novamente. “O FBI tem cinquenta e seis escritórios locais, e o escritório local de DC é o segundo maior do país. Existem dezenas de equipes que poderiam assumir este caso. Por que atribuí-lo a Briggs?
“Porque sou o mais qualificado para o trabalho”, disse Briggs, entrando na sala. “E”, acrescentou ele baixinho, “porque em algum lugar ao longo do caminho, o universo decidiu que eu precisava sofrer”.
Fiquei me perguntando se essa última parte tinha a ver com o caso ou com o fato de o agente Sterling estar em seu encalço. Agora que eu sabia que eles eram casados, duvidava que a irritação dele com ela quando ele me mandou sair da sala tivesse sido totalmente profissional. Ela estava brincando na caixa de areia dele – e eles claramente tinham *problemas* .
“Vou com o Agente Briggs.” Sterling ignorou claramente o ex-marido e dirigiu essas palavras para nós. “Se algum de vocês espera chegar a três metros de um exercício de treinamento ou de um caso arquivado este mês, você terá esses GEDs de prática concluídos quando eu voltar.”
Lia jogou a cabeça para trás e riu.

"Você acha que estou brincando, Sra. Zhang?" Agente Sterling perguntou. Foi a primeira vez que ouvi o sobrenome de Lia, mas Lia nem piscou.
“Não *acho* nada”, disse Lia. “Eu *sei* que você está dizendo a verdade. Mas também sei que os chefões do FBI não vão permitir que você impeça que seus bens secretos façam seu trabalho. Eles não nos trouxeram aqui para fazer o GED. Eles nos trouxeram aqui porque somos úteis. Conheci seu querido papai, Agente Sterling. Ele só segue as regras quando é útil para ele fazê-lo, e ele definitivamente não se deu ao trabalho de me chantagear para entrar neste programa para deixar você cortar minhas asas. Lia recostou-se no sofá e esticou as pernas. “Se você pensa o contrário”, acrescentou ela, abrindo os lábios em um sorriso lento e deliberado, “você está mentindo para si mesmo”.
A agente Sterling esperou para responder até ter certeza de que tinha toda a atenção de Lia. “Você só é útil enquanto não for um risco”, ela disse calmamente. “E considerando seus históricos individuais – alguns deles *criminais* – não demoraria muito para eu convencer o diretor de que um ou dois de vocês podem representar um risco maior do que valem.”
Dean era filho de um serial killer. Michael tinha problemas de controle da raiva e um pai que o trocou com o FBI por imunidade contra processos por crimes de colarinho branco. Lia era uma mentirosa compulsiva – e aparentemente tinha algum tipo de ficha criminal. Sloane tinha a catapulta apontada para a cabeça do Agente Sterling.
e então lá estava eu.
“Lia, apenas agrade e faça o teste.” O Agente Briggs parecia muito com alguém cuja cabeça estava começando a latejar.
“Me divertir?” Agente Sterling repetiu. "Você está dizendo a ela para *me agradar* ?" A voz de Sterling subiu um decibel.
“Lia já fez o teste.” Dean falou antes que o Agente Briggs tivesse a chance de responder. Todos na sala se viraram para olhar para ele. “Ela é uma detectora de mentiras humana. Ela pode fazer perguntas de múltipla escolha enquanto dorme.”
Detectar mentiras dependia tanto das palavras que as pessoas usavam quanto da maneira como as diziam. Se houvesse um padrão na maneira como os aplicadores dos testes redigiam as perguntas, uma diferença sutil entre as respostas verdadeiras e as falsas, um detector de fraude o encontraria.

Lia lançou a Dean um olhar feio. “Você nunca me deixa me divertir”, ela murmurou.
Dean a ignorou e dirigiu suas próximas palavras ao Agente Sterling. “Você tem um caso? Trabalhe seu caso. Não se preocupe conosco. Nós ficaremos bem."
Tive a sensação de que o que ele realmente estava dizendo era que *ficarei bem* . Apesar de toda a sua conversa sobre responsabilidades, a Agente Sterling parecia precisar ouvir isso.
Você e Briggs pegaram Daniel Redding, pensei, observando o agente Sterling com atenção. *Você salvou Dean.* Talvez a ex de Briggs não concordasse com a ideia de que ela salvou Dean para *isso* . Morávamos em uma casa onde fotos de serial killers estavam espalhadas pelas paredes. Havia o contorno de um cadáver desenhado no fundo da nossa piscina. Vivíamos e respirávamos morte e destruição, Dean e eu ainda mais do que os outros.
Se ela tem algo contra esse programa, por que o diretor a escolheria como substituta de Locke? Algo em toda essa situação simplesmente não fazia sentido.
O telefone de Briggs vibrou. Ele olhou para Sterling. “Se você já terminou aqui, a polícia local está contaminando a cena do crime neste momento, e algum idiota achou que seria uma ideia brilhante falar com a imprensa.”
A agente Sterling praguejou maldosamente em voz baixa, e mudei de ideia sobre a maquiagem e o esmalte, o jeito que ela estava vestida, o jeito que ela falava. Nada disso se tratava de apresentar uma imagem de profissionalismo ao resto do mundo. Não era uma camada protetora para manter o resto do mundo fora.
Ela fez tudo isso para manter a velha Veronica Sterling — aquela que Dean havia descrito — *dentro de casa* .
Enquanto eu revirava esse pensamento na minha cabeça, Briggs e Sterling se despediram. No momento em que a porta da frente se fechou atrás deles, Lia, Michael e Sloane correram para o controle da TV. Sloane chegou primeiro. Ela ligou a televisão em um canal de notícias local. Levei um momento para perceber o porquê.
Algum idiota achou que seria uma ideia brilhante falar com a imprensa.
O Agente Briggs não nos contou nada sobre um caso activo. O programa Naturals só foi autorizado a trabalhar em casos arquivados. Mas se a

imprensa soubesse do que quer que tenha enviado a equipe de Briggs para uma nova missão, não precisaríamos *depender* de Briggs para obter informações.
“Vamos ver o que mamãe e papai estão fazendo, certo?” Lia disse, olhando avidamente para a TV e esperando o início dos fogos de artifício.
“Lia, vou te dar mil dólares para nunca mais se referir a Sterling e Briggs como mamãe e papai.”
Lia lançou a Michael um olhar especulativo. “Tecnicamente verdade”, disse ela, avaliando a promessa dele. “Mas você não entra em seu fundo fiduciário antes de completar vinte e cinco anos, e eu não acredito muito em gratificação atrasada.”
Eu nem sabia que Michael *tinha* um fundo fiduciário.
"Últimas notícias." Toda a conversa na sala cessou quando uma repórter apareceu na tela. Ela estava parada em frente a um prédio com uma torre gótica. Seu cabelo estava chicoteado pelo vento, sua expressão era séria. Havia uma energia estranha naquele momento, algo que teria me feito parar e observar, mesmo que eu ainda não tivesse alguma ideia do que estava por vir.
“Estou aqui do lado de fora da Universidade Colonial, no norte da Virgínia, onde hoje, os 6.800 estudantes que compõem o corpo estudantil colonial viram um deles ser brutalmente assassinado e exibido de forma horrível no gramado do reitor da universidade.”
A tela mostrou a imagem de uma casa em estilo de fazenda.
“Fontes dizem que a menina foi amarrada e torturada antes de ser estrangulada com a antena do próprio carro e exposta no capô. O carro e o corpo foram encontrados estacionados no gramado da casa do presidente colonial Larry Vernon esta manhã. A polícia está atualmente investigando todas as pistas, mas uma fonte do departamento de polícia foi citada como tendo dito que este homem, o professor George Fogle, é uma pessoa de interesse.”
Outra imagem apareceu brevemente na tela: um homem de quase trinta anos, com cabelos grossos e escuros e um olhar intenso.
“Os cursos do Professor Fogle incluem o popular Monstros ou Homens: A Psicologia do Assassinato em Série, cujo programa promete que os alunos se tornarão 'intimamente familiarizados com os homens por trás das lendas dos crimes mais horríveis já cometidos'”.

A repórter levou a mão ao ouvido e parou de ler no teleprompter. “Recebi a notícia de que um vídeo do corpo, tirado do telefone de um estudante logo após a chegada da polícia ao local, vazou online. A filmagem é considerada gráfica. Estamos aguardando um comunicado da polícia local sobre o crime em si e a falta de segurança que permitiu a realização de tais imagens. Esta é Maria Vincent, do Channel Nine News.”
Em segundos, a televisão foi silenciada e Sloane localizou a filmagem vazada em seu laptop. Ela posicionou a tela para que pudéssemos ver e apertou o play. Uma câmera portátil ampliou a cena do crime. *Gráfico* era um eufemismo.
Nenhum de nós cinco desviou o olhar. Para Lia e Michael, pode ter sido uma curiosidade mórbida. Para Sloane, as cenas do crime eram dados: ângulos a serem examinados, números a serem analisados. Mas para Dean e para mim, não se tratava da cena.
Era sobre o corpo.
Havia uma ligação íntima entre um assassino e a pessoa que ele matou. Os corpos eram como mensagens, cheios de significados simbólicos que só uma pessoa que entendesse as *necessidades* , *os desejos* e *a raiva* necessária para extinguir outra vida poderia decodificar completamente.
Esta não é uma língua que alguém deveria querer falar. Dean foi quem me contou isso, mas ao meu lado, eu podia sentir seus olhos fixos na tela, iguais aos meus.
O cadáver tinha longos cabelos loiros. Quem fez o vídeo não conseguiu chegar perto, mas mesmo à distância seu corpo parecia quebrado e sua pele sem vida. Suas mãos pareciam estar amarradas atrás das costas e, com base no fato de que suas pernas não estavam abertas, imaginei que seus pés também estivessem amarrados. A metade inferior de seu corpo estava pendurada na frente do carro. Sua camisa estava coberta de sangue.
Mesmo com o questionável trabalho de câmera, consegui distinguir um laço em volta do pescoço dela. Uma corda preta se destacava no carro branco, indo até o teto solar.
"Ei!" No vídeo, um policial notou o estudante segurando o telefone. O aluno praguejou e correu, e a filmagem foi cortada.
Sloane fechou o laptop. A sala ficou em silêncio.
“Se for apenas um assassinato”, Michael disse finalmente, “isso significa que não é uma série. Por que ligar para o FBI?

“A pessoa de interesse dá uma aula sobre serial killers”, respondi, pensando em voz alta. “Se o professor estiver envolvido, você pode querer alguém com experiência na área.” Olhei para Dean para ver se ele concordava, mas ele estava apenas sentado ali, olhando para a tela silenciosa da TV. De alguma forma, eu duvidava que ele estivesse encantado com a previsão do tempo.
"Reitor?" Eu disse. Ele não respondeu.
"Reitor." Lia estendeu o pé e empurrou-o com o calcanhar. “Terra para Redding.”
Dean olhou para cima. Cabelo loiro caído em seu rosto. Olhos castanhos olhavam através de nós. Ele disse alguma coisa, mas as palavras ficaram confusas em sua garganta, presas entre um grunhido e um sussurro.
"O que você disse?" Sloane perguntou.
“Amarre-os,” Dean disse, sua voz ainda áspera, mas mais alta desta vez. “Marque-os. Corte-os. Pendure-os." Ele fechou os olhos e suas mãos se fecharam em punhos.
"Ei." Lia estava ao lado dele em um segundo. “Ei, Dean.” Ela não o tocou, mas permaneceu ao seu lado. A expressão em seu rosto era ferozmente protetora — e aterrorizada.
Faça alguma coisa, pensei.
Seguindo a deixa de Lia, me agachei do outro lado de Dean. Estendi a mão para tocar sua nuca. Ele fez o mesmo por mim, mais de uma vez, quando comecei a aprender a entrar na mente dos assassinos.
No segundo em que minha mão fez contato, ele se encolheu. Seu braço disparou e meu pulso foi subitamente preso por um aperto dolorosamente forte. Michael levantou-se de um salto, com os olhos brilhando. Com um movimento de cabeça, eu disse a ele para ficar parado. Eu poderia cuidar de mim mesmo.
“Ei”, eu disse, repetindo as palavras de Lia. “Ei, Dean.”
Dean piscou rapidamente, três ou quatro vezes. Tentei me concentrar nos detalhes de seu rosto e não no aperto mortal que ele tinha em meu pulso. Seus cílios não eram pretos. Eles eram marrons, mais claros que seus olhos. Aqueles olhos me encaravam agora, redondos e escuros. Ele soltou meu pulso.
"Você está bem?" ele disse.

“Ela está bem”, Lia respondeu por mim, com os olhos semicerrados, desafiando-me a discordar dela.
Dean ignorou Lia e fixou os olhos em mim. “Cássia?”
“Estou bem”, eu disse. Eu era. Eu podia sentir o lugar onde sua mão estivera um momento antes, mas não doía mais. Meu coração estava batendo forte. Recusei-me a deixar minhas mãos tremerem. "Você está bem?"
Eu esperava que Dean me calasse, se recusasse a responder, fosse embora. Quando ele respondeu, percebi o que era: penitência. Ele se forçaria a dizer mais do que se sentia confortável em dizer para se punir por ter perdido o controle.
Para me compensar.
"Já estive melhor." Dean poderia ter parado por aí, mas não o fez. Cada sílaba foi conquistada com dificuldade, e meu estômago se revirou quando percebi o quanto estava custando para ele formar essas palavras. “O professor que procuram, aquele que dá aula de Monstros ou Homens? Aposto muito dinheiro que o motivo pelo qual ele é uma pessoa interessante é que um dos assassinos sobre os quais ele dá palestras em sua aula é meu pai. Dean engoliu em seco e olhou para o tapete. “A razão pela qual Briggs e Sterling foram chamados é que eles eram os agentes originais no caso do meu pai.”
Lembrei-me de como foi caminhar pela cena de um crime, sabendo que ela tinha o modelo do assassinato de minha mãe. Dean estava lá comigo. Ele esteve lá *por* mim.
"Ligue-os. Marque-os. Corte-os. Pendure-os,” eu disse suavemente. “Foi assim que seu pai matou suas vítimas.” Não expressei isso como uma pergunta, porque eu sabia. Só de olhar para Dean eu sabia.
“Sim”, disse Dean, antes de levantar os olhos para olhar para a TV ainda sem som. “E tenho quase certeza de que foi isso que foi feito com essa garota.”

VOCÊ

O gramado do presidente foi um belo toque. Você poderia ter largado ela em qualquer lugar. Você não precisava correr o risco de ser visto.

“Ninguém me viu.” Você murmura as palavras com um zumbido de satisfação. “Mas eles a viram.”

Eles viram as linhas que você gravou no corpo dela. Eles viram o laço que você colocou no pescoço dela. Só de pensar nisso, na maneira como seus olhos se arregalaram enquanto a vida se esvaía dela, os bracinhos frágeis tensos contra as restrições, a pele pálida tingida com delicados riachos de vermelho...

Seus lábios se curvam em um sorriso. O momento passou, mas o jogo – o jogo é longo. Da próxima vez, você não ficará tão ansioso. Da próxima vez, você não terá nada a provar. Da próxima vez, você irá devagar.

CHAPTER 8

Dean saiu da sala logo após lançar a bomba sobre o modus operandi de seu pai. O resto de nós ficou ali sentado em silêncio, os minutos passando, cada um mais saturado que o anterior com todas as coisas que *não estávamos* dizendo.

Não fazia sentido tentar fazer um GED prático. A única coisa em que consegui pensar foi na garota do vídeo, com o corpo pendurado na frente do carro, o laço preto bem apertado em volta do pescoço sem vida. Dean não disse o que havia no vídeo que o convenceu de que o UNSUB estava imitando os crimes de seu pai.

O fato de seus braços e pernas estarem amarrados?

A maneira como ela foi pendurada no carro?

Logicamente, isso poderia ter sido coincidências. Mas Dean parecia tão certo, e acreditou em mim numa época em que eu tinha uma teoria que parecia igualmente maluca. Mais louco, até.

“Você está pensando no verão passado.” Michael foi quem quebrou o silêncio ao dirigir essas palavras para mim. “Todo o seu corpo está curvado com o esforço de segurá-lo.”

“Você não acha estranho?” Eu disse, meus olhos indo de Michael para os outros. "Seis semanas atrás, Locke estava reencenando o assassinato da minha mãe, e agora alguém está bancando o imitador do pai de Dean?"

“Notícias, Cassie.” Lia se levantou, os olhos brilhando. “Nem tudo é sobre *você* .” Fiquei surpreso com o veneno em sua voz. Lia e eu podemos não ser amigas — exatamente — mas ela também não costumava me ver como um inimigo.

“Lia—”

"Esse. É. Não. Sobre. Você." Ela girou nos calcanhares e caminhou em direção à porta. No meio do caminho, ela parou e se virou, seus olhos perfurando os meus. “Você acha que sabe o que isso está fazendo com Dean? Você acha que *se identifica* ? Você não tem ideia do que ele está passando. *Nenhum.* ”
“Você não está com raiva de Cassie, Lia,” Michael interrompeu. “Você está com raiva da situação e do fato de Dean estar em algum lugar, lidando com isso *sozinho* .”
“Vá se ferrar, Michael”, Lia cuspiu de volta. Ela deixou as palavras pairarem no ar, sua fúria era palpável, e então saiu. Alguns segundos depois, ouvi a porta da frente abrir e fechar. Sloane, Michael e eu nos entreolhamos em um silêncio atordoado.
“É possível que eu estivesse enganado”, Michael disse finalmente. “Talvez ela não esteja *apenas* zangada com a situação.”
Michael conseguia diagnosticar a mistura precisa de emoções que uma pessoa sentia. Ele conseguia identificar a diferença entre aborrecimento, fúria latente e raiva de lutar ou fugir. Mas os porquês das emoções... Isso ficava em algum lugar entre a habilidade dele e a minha. As coisas que importavam para as pessoas, as coisas que as machucavam, as coisas que as tornavam as pessoas que eram – isso era tudo eu.
“Lia conhece Dean há mais tempo do que qualquer um de nós”, eu disse, repassando mentalmente os detalhes da situação e as personalidades envolvidas. “Não importa quantas pessoas entrem nesta casa, para Lia elas sempre serão uma unidade de dois. Mas Dean...”
“Unidade de um”, Michael terminou para mim. "Ele é o Sr. Lobo Solitário."
Quando as coisas pioravam, o impulso de Dean era erguer muros, afastar outras pessoas. Mas eu nunca o tinha visto excluir Lia antes. Ela era sua *família* . E desta vez, ele a deixou do lado de fora – conosco.
“Dean gosta de Cassie”, anunciou Sloane, completamente alheio ao fato de que talvez agora não fosse o momento para uma conversa sobre qualquer carinho que Dean pudesse sentir por mim. Michael, sempre um mestre em mascarar suas próprias emoções, não demonstrou nenhuma reação perceptível enquanto ela continuava. “Lia sabe que Dean gosta de Cassie. Eu não acho que ela se importe. Principalmente, acho que ela apenas acha engraçado. Mas agora... não é engraçado.”

A compreensão de Sloane sobre a psicologia humana era, na melhor das hipóteses, tênue, mas, ao mesmo tempo, eu conseguia ver o cerne da verdade no que ela estava dizendo. Lia não tinha nenhum interesse romântico por Dean. Isso não significa que ela gostou que quando ele nos contou sobre a situação, ele estivesse respondendo às *minhas* perguntas. Fui eu quem o alcançou. Lia não estava bem com isso. *Ela* deveria ser a pessoa em quem ele se apoiava, não eu. Então eu agravei meus pecados destacando as semelhanças – tais como elas eram – entre a situação de Dean e o que eu tinha passado com Locke.
“Eu não estava tentando dizer que sei exatamente como ele se sente.” Eu senti que precisava me justificar, embora Sloane e Michael provavelmente não esperassem que eu fizesse isso. “Eu só quis dizer que parece uma reviravolta verdadeiramente horrível do destino que todos nós fomos trazidos aqui para resolver casos *arquivados* , e ainda assim os casos ativos de Briggs continuam vinculados a nós.” Olhei de Michael para Sloane. “Sério, quais são as chances?”
Sloane apertou os lábios.
“Você quer nos dizer quais são as chances, não é?” Michael perguntou a ela.
"Não é tão simples assim." Sloane balançou a cabeça e afastou o cabelo louro-claro do rosto com a palma da mão. “Você não está lidando com variáveis separadas. Dean faz parte do programa porque entende de assassinos, e Dean entende de assassinos porque seu pai é um assassino.” Sloane gesticulou com as mãos estendidas à sua frente, como se estivesse tentando agarrar algo que não estava ali. “Está tudo conectado. Nossas famílias. As coisas que aconteceram conosco. As coisas que podemos fazer.
Olhei para Michael. Ele não iria encontrar meus olhos.
“Ser Natural não é apenas nascer com uma aptidão incrível para alguma coisa. Você tem que aprimorar isso. Toda a sua *vida* tem que aprimorá-lo.” A voz de Sloane ficou mais suave. “Você sabia que eles fizeram estudos sobre pessoas como Lia? Eu os li. Todos eles."
Entendi, como sempre entendi, sem sequer pensar nisso, que Sloane lendo artigos sobre detecção de mentiras era sua maneira de tentar se conectar com Lia. O resto de nós entendia as pessoas inerentemente. Sloane era melhor com objetos. Com números. Com *fatos* .
“Para os adultos, uma maior capacidade de detectar mentiras parece depender principalmente de uma combinação de capacidade inata e treino

explícito. Mas com crianças é diferente.” Ela engoliu em seco. “Há um subconjunto específico que se destaca em detectar mentiras.”
“E que subconjunto é esse?” Perguntei.
As pontas dos dedos de Sloane ficaram preocupadas com a borda da manga. “O subconjunto que foi exposto a altos e baixos. Mudança de ambientes. Abuso." Sloane fez uma pausa e, quando recomeçou a falar, as palavras saíram mais rápidas. “Há um efeito de interação – estatisticamente, os melhores detectores de engano são as crianças que não são submissas, aquelas que crescem em ambientes abusivos, mas que de alguma forma lutam para manter algum senso de controle.”
Quando Briggs falava sobre o que significava ser Natural, ele tendia a usar palavras como *potencial* ou *dom* . Mas Sloane estava dizendo que o talento bruto por si só não era suficiente. Não tínhamos nascido Naturals. Algo na infância de Lia a transformou no tipo de pessoa que conseguia mentir sem esforço, no tipo de pessoa que *sabia* quando alguém estava mentindo para ela.
Algo fez com que Michael se concentrasse nas emoções.
Minha mãe me ensinou a ler as pessoas para que eu pudesse ajudá-la a tirar dinheiro delas. Estávamos constantemente em movimento, às vezes uma nova cidade toda semana. Eu não tinha casa. Ou amigos. Entrar na cabeça das pessoas, entendê-las, mesmo que elas não soubessem que eu estava vivo – enquanto crescia, isso foi o mais próximo da amizade que consegui chegar.
“Nenhum de nós teve uma infância normal”, disse Sloane calmamente. “Se tivéssemos, não seríamos Naturais.”
“E com essa nota, eu me despeço.” Michael levantou-se. Ele manteve a voz casual, mas eu sabia que ele não gostava de falar sobre sua vida doméstica. Ele me disse uma vez que seu pai tinha um temperamento explosivo. Tentei não pensar nas razões pelas quais um menino poderia precisar se tornar um especialista em ler as emoções de outras pessoas, crescendo com um pai assim.
Michael parou ao lado de Sloane ao sair. “Ei,” ele disse suavemente. Ela olhou para ele. “Não estou bravo com você”, ele disse a ela. “Você não fez nada de errado.”

Sloane sorriu, mas não alcançou seus olhos. “Tenho muitos dados que sugerem que faço ou digo a coisa errada pelo menos oitenta e seis vírgula cinco por cento das vezes.”
“Falou como alguém que quer ser jogado na piscina”, rebateu Michael.
Sloane conseguiu dar um sorriso genuíno desta vez e, com um último olhar para mim, Michael desapareceu.
"Você acha que Dean foi para a garagem?" Sloane perguntou depois que nós dois ficamos sozinhos por vários minutos. “Quando ele está chateado, geralmente vai para a garagem.”
Dean não estava apenas *chateado* . Eu não sabia os detalhes exatos do que ele passou enquanto crescia, mas a única vez que perguntei a Dean se ele sabia o que seu pai estava fazendo com aquelas mulheres, a resposta de Dean foi não a *princípio* .
“Dean precisa de espaço,” eu disse a Sloane, deixando tudo para ela caso ela não pudesse ver por si mesma. “Algumas pessoas gostam de ter os amigos por perto quando as coisas ficam difíceis e algumas pessoas precisam ficar sozinhas. Quando Dean estiver pronto para conversar, ele falará.”
Mesmo enquanto dizia essas palavras, eu sabia que não seria capaz de simplesmente ficar sentado aqui, sem fazer nada. Esperando. Eu precisava fazer *alguma coisa* — só não sabia o quê.
"Ele vai ficar bem?" Sloane me perguntou, sua voz quase inaudível.
Eu não poderia mentir para ela. "Não sei."



EU acabou na biblioteca. Prateleiras de parede a parede, do teto ao chão, continham mais livros do que eu poderia ler em duas vidas. Eu pairei na porta. Eu não estava aqui para ler um livro. *Terceira prateleira da esquerda, duas acima da parte inferior.* Engoli em seco e fui até a prateleira correta. *Entrevista vinte e oito, fichário doze.*

Meus dedos se fecharam em torno da pasta correta e me forcei a pegá-la. A última vez que tentei ler a entrevista vinte e oito, parei quando registrei o sobrenome do entrevistado.

Lia estava certa. Eu não entendia completamente o que Dean estava passando, mas queria. Eu precisava, porque se fosse eu caindo no abismo, Dean teria entendido.

Dean sempre entendeu.

Sentei-me no chão, apoiando a pasta nas coxas e abrindo na página que havia parado semanas antes. Briggs foi o agente que conduziu a entrevista na prisão. Ele tinha acabado de pedir ao pai de Dean para verificar a identidade de uma de suas vítimas.

Redding : Você está fazendo as perguntas erradas, filho. Não é quem eles são, é o que são.

Briggs : E o que são?

Redding : Eles são meus.

Briggs : Foi por isso que você os amarrou com braçadeiras? Porque eles eram seus?

Redding : Você quer que eu diga que os amarrei para que ficassem. Seus sofisticados psicólogos do FBI salivariam ao me ouvir falar sobre todas as mulheres que me abandonaram. Sobre minha mãe e a mãe do meu filho.

Mas você já pensou que talvez eu goste da aparência da pele de uma mulher quando ela luta contra o plástico? Talvez eu gostasse de ver linhas brancas aparecerem em seus pulsos e tornozelos, de ver suas mãos e pés ficarem dormentes. Talvez a maneira como seus músculos ficaram tensos e alguns deles lutaram até sangrar enquanto eu estava sentado lá e observava...
Você pode imaginar, Agente Briggs? Você pode?
Briggs : E marcá-los? Você vai me dizer que isso não era uma marca de propriedade? Que possuí-los, dominá-los, controlá-los — esse não era o objetivo?
Redding : Qual é o ponto? Quem disse que há razão? Enquanto crescia, as pessoas nunca gostaram de mim. Os professores disseram que eu estava mal-humorado. Meu avô me criou e sempre me dizia para não olhar assim para ele, para não olhar assim para minha avó. Havia algo em mim, dois tons diferentes. Tive que aprender a esconder, mas meu filho? Reitor? Ele nasceu sorrindo. As pessoas olhavam para ele e sorriam também. Todo mundo amava aquele garoto. Meu garoto.
Briggs : Você fez? Amo ele?
Redding : Eu o criei. Ele era meu, e se estava nele encantar, deixar as pessoas à vontade, estava em mim.
Briggs : Seu filho lhe ensinou como se misturar, como ser querido, como ser confiável. O que você ensinou ao seu filho?
Redding : Por que você não pergunta à sua esposa? Coisinha linda, não é? Mas a boca disso... mmmm, mmm, mmmmm.
"Boa leitura?"
Uma voz me trouxe de volta ao presente. “Lia.”
"Você simplesmente não consegue evitar, não é?" Havia um tom tenso na voz de Lia, mas ela não parecia tão cegamente furiosa comigo como antes.
“Sinto muito por mais cedo.” Tomei minha vida em minhas próprias mãos e arrisquei pedir desculpas, sabendo que isso poderia irritá-la. "Você tem razão. Não sei o que Dean está passando. A situação entre Locke e eu não era a mesma.”
“Sempre tão genuíno”, disse Lia, com um toque de nitidez em seu tom monótono. “Sempre disposta a confessar seus erros.” Seu olhar se fixou na pasta em meu colo e sua voz ficou monótona. “No entanto, sempre tão pronto para cometer os mesmos erros, tudo de novo.”
“Lia”, eu disse. “Não estou tentando ficar entre vocês dois...”

“Deus, Cassie. Eu disse que isso não era sobre você. Você realmente acha que é sobre *mim* ?
Eu não tinha certeza do que pensar. Lia fez de tudo para ser difícil de traçar o perfil. A única coisa que eu tinha certeza era da lealdade dela para com Dean.
“Ele não gostaria que você lesse isso.” Ela parecia certa, mas, novamente, Lia sempre parecia certa.
“Achei que poderia ajudar”, eu disse. “Se eu *entendesse* , então eu poderia —”
"Ajuda?" Lia repetiu, mordendo a palavra. “Esse é o seu problema, Cassie. Suas intenções são sempre *tão boas* . Você sempre só quer *ajudar* . Mas no final das contas, você não ajuda. Alguém se machuca, e esse alguém nunca é você.”
“Eu não vou machucar Dean,” eu disse veementemente.
Lia soltou uma gargalhada. “É fofo que você acredite nisso, mas é claro que você acredita.” Ela deslizou pela parede até sentar no chão. “Briggs me fez ouvir uma gravação de áudio das entrevistas de Redding quando eu tinha quatorze anos.” Ela apertou as pernas contra o peito. “Eu estava aqui há um ano naquela época, e Dean não me queria a menos de três metros de qualquer coisa que tivesse a ver com seu pai. Mas eu era como você. Achei que poderia *ajudar* , mas não *ajudou* , Cassie. Cada vez que ela pedia *ajuda* , sua expressão se aproximava de um rosnado. “Essas entrevistas são o programa de Daniel Redding. Ele e um mentiroso. Um dos melhores que já ouvi. Ele faz você pensar que está mentindo quando está dizendo a verdade, e então ele diz coisas que não podem ser verdade... Lia balançou a cabeça, como se pudesse se livrar da memória com o movimento. “Ler qualquer coisa que Daniel Redding tem a dizer vai mexer com a sua cabeça, Cassie, e saber que você leu vai mexer com a de Dean.”
Ela estava certa. Dean não iria querer que eu lesse isso. Seu pai o descreveu como um garotinho que nasceu sorridente, instantaneamente amável, deixando as outras pessoas à vontade sem esforço, mas o Reitor que eu conhecia sempre estava de guarda alta.
Especialmente comigo.
“Diga-me que estou errado, Cassie, e eu lhe farei um lindo pedido de desculpas. Diga-me que Daniel Redding ainda não te irritou.

Eu sabia que não deveria mentir para Lia. Havia algo dentro de mim, a parte de mim que via as pessoas como quebra-cabeças a serem resolvidos, que queria respostas, que precisava fazer coisas – coisas horríveis, coisas horríveis, como o que aconteceu com minha mãe, como o que Daniel Redding *fez* com aquelas mulheres - fazem sentido.
“Dean não iria querer que eu fizesse isso,” eu admiti, prendendo meu lábio inferior entre os dentes, antes de continuar. “Isso não significa que ele esteja certo.”
Na minha primeira semana no programa, Dean tentou me mandar correr. Ele me disse que traçar perfis de assassinos me arruinaria. Ele também me disse que quando o agente Briggs começou a procurá-lo em busca de ajuda em alguns casos, não havia mais nada para estragar.
Se a nossa situação tivesse sido invertida, se eu estivesse me afogando em tudo isso, Dean não teria recuado.
“Eu dormi no quarto de Michael ontem à noite.” Lia esperou que essas palavras fossem registradas antes de me dar um sorriso de gato Cheshire. “Eu queria uma revanche de strip poker, e *Monsieur Townsend* ficou muito feliz em atender.”
Eu senti como se ela tivesse esfaqueado um pingente de gelo direto no meu peito. Fiquei muito imóvel, tentando não sentir absolutamente nada.
Lia estendeu a mão e pegou a pasta do meu colo. Ela bufou.
“Honestamente, Cassie, você é muito fácil. Se e quando eu decidir passar a noite com Michael novamente, você saberá, porque na manhã seguinte você estará invisível e Michael não estará olhando para nada além de mim. Enquanto isso... Lia fechou a pasta. “De nada, porque esta é oficialmente a segunda vez nos últimos cinco minutos que eu te salvei de ir a algum lugar que você realmente não quer ir.” Seus olhos perfuraram os meus. “Você não quer entrar na mente de Daniel Redding, Cassie.” Ela jogou o cabelo por cima do ombro. “Se você me obrigar à intervenção número três, serei forçado a ser criativo.”
Com essas palavras um tanto preocupantes, ela saiu da sala - levando consigo a pasta e tudo o que ela continha.
Ela pode fazer *isso?* Eu sentei lá, olhando para ela. Eventualmente, eu saí dessa situação e disse a mim mesmo que ela estava certa, que eu não precisava saber os detalhes do caso do pai de Dean para estar lá para ajudar Dean agora, mas mesmo sabendo disso, mesmo acreditando nisso, eu

não conseguia *parar* . me perguntando sobre as partes da entrevista que não tive oportunidade de ler.
O que você ensinou ao seu filho? O agente Briggs perguntou.
Eu nunca tinha visto uma foto do pai de Dean, mas podia imaginar o sorriso se espalhando por seu rosto quando ele respondeu. *Por que você não pergunta à sua esposa?*

CHAPTER 10

Dean faltou ao jantar. Judd preparou um prato para ele e colocou-o na geladeira. Eu me perguntei se Judd estava acostumado com Dean desaparecendo por horas a fio. Talvez, quando Dean veio aqui pela primeira vez, isso fosse uma coisa normal. Eu me peguei pensando cada vez mais naquele Dean – o garoto de 12 anos cujo pai havia sido preso por assassinato em série.

Você sabia o que ele estava fazendo. Entrei na perspectiva de Dean, mesmo sem querer. *Você não conseguiu parar.*

Ter empatia por Dean: seus sentimentos em relação ao pai, o que olhar para o cadáver daquela garota deve ter feito com ele – eu não poderia guardar isso em uma seção separada da minha psique. Eu podia sentir isso sangrando em meus próprios pensamentos. Neste momento, Dean quase certamente estava pensando no fato de que ele tinha sangue de um assassino em suas veias. E eu tinha Locke no meu. Talvez Lia estivesse certa. Talvez eu não conseguisse realmente entender o que Dean estava passando, mas ser um criador de perfis significava que eu não conseguia parar de tentar. Não pude deixar de sentir sua dor e reconhecer nela um eco da minha.

Depois do jantar, eu pretendia subir, mas meus pés me levaram até a garagem. Parei do lado de fora da porta. Eu podia ouvir o som abafado de carne batendo em alguma coisa — repetidas vezes, repetidas vezes. Levei minha mão até a maçaneta e puxei-a de volta.

Ele não quer você aqui, lembrei a mim mesma. Mas, ao mesmo tempo, não conseguia deixar de pensar que talvez nos excluir tivesse menos a ver com o que Dean queria e mais com o que ele não se permitiria querer. Havia uma

chance – uma boa – de Dean não *precisar* ficar sozinho tanto quanto achava que ficar sozinho era o que ele merecia.
Por vontade própria, minha mão se estendeu novamente. Desta vez, girei a maçaneta. A porta se abriu um pouco, e o som de uma respiração pesada se somou ao baque, *baque, baque, rítmico* , que eu tinha ouvido antes. Com a respiração presa na garganta, empurrei a porta. Dean não me viu.
Seu cabelo loiro estava coberto de suor e grudado na testa. Uma fina camiseta branca grudava em seu torso, encharcada e quase transparente. Eu conseguia distinguir as linhas de sua barriga, de seu peito. Seus ombros estavam nus, os músculos tão tensos que pensei que eles poderiam quebrar como elásticos ou abrir caminho sob sua pele bronzeada.
Paulada. Paulada. Paulada.
Seus punhos colidiram com um saco de pancadas. Isso voltou para ele, e ele lutou mais. O ritmo dos golpes estava ficando mais rápido e, a cada soco, ele colocava mais e mais do seu corpo nele. Seus punhos estavam nus.
Eu não tinha certeza de quanto tempo fiquei ali, observando-o. Havia algo de animal nos movimentos, algo selvagem e cruel. O olho do meu criador de perfil viu cada soco repleto de significado. *Perdendo o controle, controlado. Punição, libertação.* Ele adoraria a dor nos nós dos dedos. Ele não seria capaz de parar.
Dei alguns passos mais perto, mas fiquei fora do alcance. Desta vez, não cometi o erro de tentar tocá-lo. Seus olhos estavam fixos na bolsa, sem ver. Eu não tinha certeza de quem ele estava atacando: seu pai ou ele mesmo. Tudo o que eu sabia era que, se ele não parasse, alguma coisa iria falhar: a bolsa, as mãos, o corpo, a mente.
Ele teve que sair dessa.
"Eu beijei-te." Eu não tinha certeza do que me deu para dizer isso, mas eu tinha que dizer *alguma coisa* . Pude ver o momento em que as palavras chegaram até ele. Seus movimentos tornaram-se um pouco mais comedidos; Eu podia senti-lo recuperando a consciência do mundo ao seu redor.
"Não importa." Ele continuou socando o saco. “Foi apenas um jogo.”
Verdade ou desafio. Ele estava certo. Foi apenas um jogo. Então, por que senti como se alguém tivesse me dado um tapa?
Dean finalmente parou de socar o saco. Ele estava respirando pesadamente, todo o seu corpo se movendo a cada respiração. Lançando um olhar de soslaio para mim, ele falou novamente. "Você merece o melhor."

“Melhor que um jogo?” Perguntei. *Ou melhor que você?*
Dean não respondeu. Eu sabia, então, que isso não era realmente sobre mim. Dean não estava *me vendo* . Tratava-se de uma Cassie imaginária e idealizada que ele construiu em sua cabeça, algo para se atormentar. Uma garota que *merecia* coisas. Uma garota que ele nunca poderia *merecer* . Eu odiava que ele estivesse me colocando num pedestal de vidro, frágil e fora de alcance. Como se eu não tivesse tido nenhuma palavra a dizer sobre o assunto.
“Eu tenho um tubo de batom.” Eu joguei as palavras para ele. “Locke me deu. Digo a mim mesmo que guardo isso como um lembrete, mas não é tão simples assim.” Ele não respondeu, então continuei. “Locke pensou que eu poderia ser como ela.” Esse era o objetivo de seu joguinho. “Ela queria tanto isso, Dean. Eu sei que ela era um monstro. Eu sei que deveria odiá-la. Mas às vezes acordo de manhã e, por um segundo, esqueço. E naquele segundo, antes de me lembrar do que ela fez, sinto falta dela. Eu nem sabia que éramos parentes, mas…”
Parei e minha garganta apertou, porque não conseguia parar de pensar que deveria saber. Eu deveria saber que ela era minha última conexão com minha mãe. Eu deveria saber que ela não era o que parecia. Eu deveria saber, mas não sabia, e as pessoas se machucaram.
“Não se obrigue a dizer essas coisas porque eu preciso ouvi-las,” Dean disse com voz rouca. “Você não é nada parecido com Locke.” Ele limpou as palmas das mãos na calça jeans e ouvi as palavras que ele não estava dizendo.
Você não é nada como eu.
“Talvez”, eu disse suavemente, “para fazer o que você e eu fazemos, tenhamos que ter um pouco do monstro que há em nós”.
A respiração ficou presa na garganta de Dean, e por um longo tempo, nós dois ficamos ali em silêncio: inspirando, expirando, respirando *através* da verdade que eu tinha acabado de dizer.
“Suas mãos estão sangrando”, eu disse finalmente, minha voz tão rouca quanto a dele um momento antes. "Você está ferido."
“Não, eu estou…” Dean olhou para baixo, avistou os nós dos dedos sangrando e engoliu o resto do argumento.

Se eu não tivesse interrompido, você teria batido nas mãos. Esse conhecimento me estimulou a agir. Um minuto depois, voltei com uma toalha limpa e uma bacia com água.
“Sente-se”, eu disse. Quando Dean não se moveu, eu olhei para ele e repeti a ordem. Fisicamente, eu me parecia com minha mãe, mas quando recebia a motivação adequada, conseguia causar uma boa impressão de minha avó paterna. Uma pessoa batia de frente com Nonna por sua própria conta e risco.
Observando minha mandíbula teimosa, Dean sentou-se no banco de exercícios. Ele estendeu a mão para pegar a toalha. Eu o ignorei e me ajoelhei, mergulhando a toalha na água.
“Mão”, eu disse.
“Cássia—”
“Mão”, repeti. Eu senti que ele estava pronto para recusar, mas de alguma forma, sua mão encontrou a minha. Lentamente, eu virei. Cuidadosamente, cautelosamente, limpei o sangue dos nós dos seus dedos, passando a toalha ao longo dos tendões e ossos. A água estava morna, mas o calor se espalhou pelo meu corpo enquanto meu polegar deslizava levemente sobre sua pele. Abaixei sua mão esquerda e comecei pela direita. Nenhum de nós disse nada. Eu nem olhei para ele. Mantive meus olhos fixos em seus dedos, nos nós dos dedos, na cicatriz que percorria todo o polegar.
"Eu magoei-te." Dean quebrou o silêncio. Eu podia sentir o momento se esvaindo. Eu o queria de volta, tão ferozmente que me surpreendeu.
Eu não quero querer isso. Eu queria que tudo permanecesse igual. Eu poderia fazer isso. Eu estava fazendo isso. Nada precisava mudar.
Abaixei a mão de Dean. “Você não me machucou,” eu disse a ele com firmeza. “Você agarrou meu pulso.” Arregacei a manga e brandi o braço direito como prova. Ao lado do seu bronzeado, minha pele era quase insuportavelmente clara. “Sem marcas. Sem hematomas. Nada. Estou bem."
“Você teve sorte”, disse Dean. “Eu estava... em outro lugar.”
"Eu sei." Na noite anterior, quando a chegada do Agente Sterling me deixou em parafuso, foi ele quem quebrou o controle que *algum outro lugar* tinha sobre mim. Dean sustentou meu olhar por um momento e a compreensão brilhou em seus olhos.
“Você se culpa pelo que aconteceu com o Agente Locke.” Dean era um criador de perfis, assim como eu. Ele poderia entrar na minha cabeça tão

facilmente quanto eu poderia entrar na dele. “Para as garotas que Locke matou, para Michael, para mim.”
Eu não respondi.
“Não foi sua culpa, Cassie. Você não poderia saber. Na minha frente, Dean engoliu em seco. Meus olhos traçaram o movimento do seu pomo de adão. Seus lábios se separaram e ele falou. “Meu pai me fez assistir.”
Essas palavras sussurradas tinham o poder de um tiro, mas não reagi. Se eu dissesse alguma coisa, se respirasse, se sequer me movesse, Dean se calaria novamente.
“Eu descobri o que ele estava fazendo e ele me fez assistir.”
O que estávamos fazendo, trocando segredos? Negociando culpa? O que ele tinha acabado de me dizer era muito maior do que qualquer coisa que eu pudesse ter dito a ele. Ele estava se afogando e eu não sabia como tirá-lo.
Nós dois ficamos ali sentados em silêncio, ele na bancada de treino, eu no chão. Eu queria tocá-lo, mas não o fiz. Eu queria dizer a ele que tudo ficaria bem, mas não disse. Imaginei a garota que tínhamos visto no noticiário.
A garota morta.
Dean poderia bater em um saco de pancadas até que a pele dos nós dos dedos desaparecesse. Poderíamos trocar confissões que ninguém deveria fazer. Mas nada disso poderia mudar o fato de que Dean não teria uma boa noite de sono até que o caso fosse encerrado – e eu também não.

CHAPTER 11

Na manhã seguinte, depois de me revirar durante a maior parte da noite, acordei e encontrei um rosto pairando sete centímetros acima do meu. Dei um pulo para trás na cama e Sloane piscou para mim. “Hipoteticamente falando”, ela disse, como se fosse perfeitamente normal curvar-se sobre uma cama e olhar para alguém até que ele acordasse, “construir um modelo da cena do crime que vimos no vídeo ontem seria qualificado como uma intrusão no espaço de Dean? ”

Abri a boca para dizer a Sloane que ela estava invadindo *meu* espaço, mas então processei sua pergunta. “Hipoteticamente falando”, eu disse, abafando um bocejo e sentando-me na cama, “você já reconstruiu a cena do crime em questão?”

“Essa é uma possibilidade definitiva.” Seu cabelo estava despenteado e espetado em ângulos estranhos. Havia olheiras sob seus olhos.

"Você dormiu ontem à noite?" Eu perguntei a ela.

“Eu estava tentando descobrir como o assassino conseguiu colocar o corpo da garota sem ser visto”, disse Sloane, o que era e não era uma resposta à minha pergunta. Quando Sloane se absorvia em alguma coisa, o resto do mundo deixava de existir. “Eu tenho uma teoria.”

Ela puxou as pontas do cabelo loiro-claro. Eu praticamente podia vê-la esperando que eu gritasse com ela, para dizer que ela estava lidando *mal com a situação com Dean* . Ela sabia que era diferente das outras pessoas, e eu estava percebendo, pouco a pouco, que em algum lugar ao longo do caminho, alguém – ou talvez vários alguém – a condicionou a acreditar que diferente, seu tipo de diferente, estava errado.

“Deixe-me me vestir”, eu disse a ela. “Então você pode me contar sua teoria.”

Quando Dean ficou chateado, ele foi para a garagem. Quando Sloane ficou chateada, ela foi para o porão. Eu não tinha certeza se ela tinha outra maneira de lidar com a situação.

E além disso, pensei enquanto vestia uma camiseta, sou claramente a última pessoa que deveria dar um sermão sobre dar espaço a Dean.

O porão percorria toda a extensão de nossa casa em estilo vitoriano e se estendia por baixo dos quintais da frente e de trás. Paredes que não chegavam ao teto dividiam o espaço em conjuntos distintos, cada um sem uma quarta parede.

"Tive que fazer algumas modificações nas especificações do carro", disse Sloane, prendendo o cabelo em um rabo de cavalo apertado enquanto parava na frente de um carro danificado estacionado no gramado de um cenário projetado para parecer um parque. "Briggs teve um carro de duas portas derrubado há algumas semanas para uma simulação que eu estava fazendo. O capô tinha cinco centímetros a mais e a inclinação não era íngreme o suficiente, mas não era nada que uma marreta cuidadosamente manejada não pudesse consertar.

Sloane tinha uma constituição esbelta e relativamente pouca consideração pelas medidas de segurança recomendadas. A ideia de ela empunhar uma marreta de qualquer tipo era assustadora.

"Cassie, concentre-se", ordenou Sloane. "Estávamos um tanto limitados em cenários ao ar livre, então optei pela cena do parque do bairro. A grama tem 2,5 centímetros de altura, um pouco menos uniforme que o gramado da cena do crime. Tínhamos um belo arranjo de manequins para escolher, então consegui igualar a altura da vítima em dois centímetros. A corda é da cor errada, mas é de náilon e a espessura deve ser igual."

Às vezes era fácil esquecer que o dom de Sloane ia muito além do índice de estatísticas armazenado em seu cérebro. O vídeo que vimos da cena do crime foi feito à distância e durou menos de quarenta e cinco segundos, mas ela codificou todos os detalhes numéricos: o comprimento e a largura da corda amarrada no pescoço da vítima; o posicionamento exato do corpo; a altura da grama; a marca, modelo e especificações do carro.

Como resultado, eu estava olhando para uma réplica quase exata do que vimos no filme. Um boneco nu e sem rosto estava pendurado no capô do carro. As extremidades inferiores do manequim pendiam para a frente; uma corda estava amarrada em seu pescoço. O corpo estava ligeiramente

inclinado para um lado. No vídeo, só vimos de frente, mas agora eu podia andar por aí e apreciar a visão de três e sessenta. As mãos estavam amarradas nos pulsos, de forma desigual, torcendo ligeiramente a parte superior do corpo para a esquerda. Fechei os olhos e imaginei a garota.
Você lutou, não foi? Lutei tanto que as amarras cortaram seus braços.
"Uma ponta da corda estava amarrada em seu pescoço. O outro correu até o teto solar, desceu e ficou ancorado em algo dentro do carro." A voz de Sloane me trouxe de volta ao presente. Fiquei olhando para o carro.
"O UNSUB não fez tudo isso no gramado da casa do reitor da universidade", eu disse.
"Correto!" Sloane sorriu para mim. "O que significa que ele a pendurou e *colocou* o carro lá. Observei a topografia das ruas ao redor da casa. Há uma estrada diretamente para oeste que faz uma curva, mas se você não fizer a curva, sairá da estrada e descerá uma encosta arborizada."
"Uma floresta poderia ter fornecido cobertura", eu disse, mordiscando o lábio inferior enquanto tentava imaginar o UNSUB se movendo, rápida e silenciosamente, ainda envolto na escuridão parcial do início da manhã.
"Supondo que ele a matou no carro, ele poderia tê-la enforcado na floresta..."
Sloane continuou de onde parei. "...empurrou-a para a beira da floresta, e a encosta do morro teria feito o resto. A única questão é como ele evitou que o corpo saltasse ao descer."
Abri a boca para responder, mas alguém chegou antes de mim.
"Foi pesado."
Sloane e eu nos viramos em uníssono. A Agente Sterling veio em nossa direção, suas longas pernas abrindo espaço rapidamente. Ela trocou o terno cinza por um preto e a camisa rosa por um cinza claro prateado, uma combinação quase perfeita para seus olhos. Seu cabelo estava preso em uma trança francesa e seu rosto estava tenso, como se ela tivesse fixado a trança no lugar com tanta firmeza que apertava sua pele sobre o crânio.
Ela parou a poucos metros da cena que Sloane havia montado.
"É uma semelhança impressionante", disse ela, suas palavras concisas deixando claro que a declaração não era um elogio. "Qual material de origem você estava usando?"
Sloane, completamente alheio ao tom de aço na voz do agente Sterling, respondeu com um sorriso. "Houve um vídeo de celular vazado online."

A agente Sterling fechou os olhos, baixou ligeiramente a cabeça e inalou. Eu praticamente podia ouvi-la contando silenciosamente até dez. Quando ela abriu os olhos, eles se concentraram em mim. “E qual foi o seu envolvimento em tudo isso, Cassandra?”

Eu poderia ter dito a ela que Sloane construiu a réplica completamente sozinha, mas não estava disposta a jogar minha colega de quarto aos lobos. Colocando-me entre Sloane e Sterling, atraí a ira do agente para mim.

“Meu envolvimento?” Eu repeti, canalizando Lia – ou possivelmente Michael. “Vamos com *apoio moral* .”

Sterling franziu os lábios e depois voltou-se para Sloane. “Houve algum motivo específico para você querer reconstruir a cena do crime?” ela perguntou, suavizando ligeiramente a voz.

Tentei chamar a atenção de Sloane, telegrafando que ela não deveria, sob nenhuma circunstância, contar a ela o que Dean nos contara sobre seu pai. Sloane encontrou meus olhos e assentiu. Relaxei um pouco, então Sloane voltou-se para o Agente Sterling. “Dean nos disse que este caso se parece muito com o de seu pai”, ela disse com naturalidade.

Claramente, Sloane interpretou mal meu olhar, significando exatamente o oposto do que eu estava tentando comunicar.

“Então você reconstruiu a cena para descobrir se Dean estava certo sobre as semelhanças?” Agente Sterling perguntou.

“Reconstruí a cena para que Cassie pudesse vê-la”, disse Sloane prestativamente. “Ela disse que Dean precisava de espaço, então estamos dando espaço a ele.”

“Você chama isso *de dar espaço a ele* ?” Agente Sterling perguntou, apontando para o carro. “Eu poderia matar o garoto que vazou aquele vídeo. Ver isso era a última coisa que Dean precisava. Mas você sabe qual é a penúltima coisa que ele precisa? Alguém recriando aquela cena *em seu porão* . Você não aprendeu nada neste verão?

Essa pergunta foi dirigida diretamente a mim. O tom do agente Sterling não era zangado ou acusatório. Foi incrédulo.

“Quando o diretor descobriu o que Briggs estava fazendo com Dean, usando-o para resolver casos, quase fez com que Briggs fosse demitido. Deveria *ter* feito com que ele fosse demitido. Mas de alguma forma, meu pai e Briggs chegaram a um acordo. A Agência forneceria a Dean uma casa, um tutor e treinamento, e Dean os ajudaria com casos arquivados. Casos *não*

ativos. Suas vidas nunca deveriam estar em risco. A Agente Sterling fez uma pausa, o olhar em seus olhos estava em algum lugar entre raiva e traição. “Eu olhei para o outro lado. Até este verão.
Neste verão, quando fomos autorizados a trabalhar em um caso ativo, porque o assassino tinha se concentrado em mim.
Sloane saltou em minha defesa. “O assassino contatou Cassie, e não o contrário.”
A expressão de Sterling suavizou-se quando ela olhou para Sloane. “Isto não é sobre o que aconteceu neste verão. Trata-se do fato de ninguém ter autorizado você a trabalhar *neste* caso. Preciso da sua palavra de que vocês dois deixarão isso em paz. Sem modelagem, sem criação de perfil, sem hacking.”
“Sem hackers”, concordou Sloane. Ela estendeu a mão para cumprimentá-lo e, antes que a agente Sterling pudesse comentar sobre sua audiência seletiva, acrescentou: “Se toda a população da cidade de Quantico apertasse a mão, haveria um total de 157.080 combinações possíveis de aperto de mão. .”
A agente Sterling sorriu levemente ao pegar a mão estendida de Sloane. “Sem hackers *e* sem mais simulações.”
Sloane retirou a mão dela. As olheiras sob seus olhos a faziam parecer mais jovem, frágil — ou talvez frágil. “Tenho que fazer simulações. É o que eu faço.”
Como criadora de perfis, a Agente Sterling deveria ter sido capaz de ouvir o que Sloane não estava dizendo: que construir esse modelo era a única coisa que ela *poderia* fazer por Dean. Era também sua maneira de lidar com suas próprias emoções. Foi *o que ela fez* .
“Não neste caso”, repetiu o agente Sterling. Ela se virou de Sloane para mim. “Sem exceções. Sem desculpas. Este programa só funciona se as regras forem seguidas e aplicadas.” A Agente Sterling claramente se colocou no papel de executora. “Você trabalha em casos arquivados e só o faz com a minha aprovação e a do Agente Briggs. Se você não consegue seguir estas instruções simples, *você* não é apenas um risco. Todo este programa é.” A Agente Sterling encontrou meus olhos, e não havia dúvidas de que ela queria que eu ouvisse essas palavras como uma ameaça. "Estou limpo?"

A única coisa mais clara era o fato de que minhas impressões anteriores sobre a mulher tinham acertado no alvo. Isto não era apenas um trabalho para ela. Isso foi pessoal.

CHAPTER 12

“Sele mais ou menos ameaçou encerrar todo o programa.”
Michael recostou-se na cadeira. “Ela é uma criadora de perfis. Ela sabe exatamente quais ameaças emitir para manter as pessoas na linha. Ela tem seu número, Colorado. Você joga em equipe, então ela não apenas te ameaçou. Ela ameaçou o resto de nós também.
Michael e eu estávamos na sala de estar. Sloane, Lia e Dean haviam passado no GED de prática no dia anterior com louvor. Nem Michael nem eu tínhamos pegado uma, mas de alguma forma, as folhas de respostas foram entregues com nossos nomes. Aparentemente, Lia estava se sentindo generosa, mas não generosa o suficiente para garantir que passássemos também. Como resultado, Michael e eu estávamos sob ordens estritas de estudar.
Eu era melhor em seguir ordens do que Michael.
“Se fosse você quem estivesse fazendo ameaças”, disse ele, com um sorriso malicioso aparecendo em seu rosto, “como você me ameaçaria?”
Levantei os olhos do meu trabalho. Eu estava repassando o teste que Lia havia preenchido para mim, corrigindo as respostas erradas. "Você quer que eu ameace você?"
“Quero saber como você me *ameaçaria* ”, corrigiu Michael. “Obviamente, ameaçar o programa não seria a solução. Não tenho exatamente a simpatia pelo FBI.
Bati a ponta do meu lápis contra o teste prático. O desafio de Michael foi uma distração bem-vinda. “Eu começaria com o seu Porsche”, eu disse.
“Se eu for um menino mau, você vai tirar minhas chaves?” Michael mexeu as sobrancelhas de uma forma que era ao mesmo tempo sugestiva e ridícula.

“Não”, respondi sem nem pensar nisso. “Se você for um menino mau, darei seu carro para Dean.”
Houve um momento de silêncio atordoante, e então Michael colocou a mão sobre o coração, como se tivesse levado um tiro – um gesto que teria sido mais engraçado antes de ele levar uma bala de verdade no peito.
“Foi você quem perguntou”, eu disse. Michael já deveria saber que não deveria lançar o desafio, a menos que quisesse que eu o pegasse.
“A sua depravação, Cassie Hobbes.” Ele ficou claramente impressionado.
Dei de ombros. “Você e Dean têm algum tipo de pseudo-inimigo juramentado, pseudo-rivalidade entre irmãos acontecendo. Você prefere que eu coloque fogo no seu carro do que entregá-lo ao Dean. É a ameaça perfeita.”
Michael não contradisse minha lógica. Em vez disso, ele balançou a cabeça e sorriu. “Alguém já lhe disse que você tem um lado sádico?”
Senti a respiração saindo dos meus pulmões. Ele não poderia saber o efeito que essas palavras teriam sobre mim. Voltei-me para o teste prático, deixando meu cabelo cair no rosto, mas era tarde demais. Michael já tinha visto a fração de segundo de *horror – aversão – medo – nojo* em meu rosto.
“Cássia—”
"Estou bem."
Locke era um sádico. Parte do prazer que ela sentia ao matar era imaginar o que suas vítimas estavam passando. Eu não tinha vontade de machucar ninguém. Sempre. Mas ser um perfilador Natural significava que eu conhecia instintivamente as fraquezas das outras pessoas. Saber o que as pessoas queriam e saber o que temiam eram as duas faces da mesma moeda.
Michael não estava realmente me chamando de sádica. Eu sabia disso, e ele sabia que eu nunca machucaria ninguém intencionalmente. Mas às vezes, saber que você *poderia* fazer algo era quase tão ruim quanto realmente ter feito.
"Ei." Michael inclinou a cabeça de cabeça para baixo para dar uma boa olhada no meu rosto. "Eu estava brincando. Nada de cara triste de Cassie, ok?
“Esta não é a minha cara triste”, eu disse a ele. Houve um momento em que ele teria tirado o cabelo do meu rosto e deixado a mão permanecer no meu queixo. Não mais.

As regras tácitas diziam que a escolha tinha que ser minha. Eu podia sentilo, me observando, esperando que eu dissesse alguma coisa. Ele ficou lá, olhando para mim de cabeça para baixo, seu rosto a poucos centímetros do meu.
Sua boca a poucos centímetros da minha.
“Eu reconheço um rosto triste de Cassie quando vejo um”, disse ele.
“Mesmo de cabeça para baixo.”
Passei meu cabelo sobre os ombros e me inclinei para trás. Tentar esconder de Michael o que eu estava sentindo era impossível. Eu nem deveria ter tentado.
“Você e Lia voltaram a se falar?” ele perguntou-me.
Fiquei grato pela mudança de assunto. “Lia e eu somos... o que Lia e eu normalmente somos. Não acho que ela esteja planejando minha morte imediata.”
Michael assentiu sabiamente. "Então ela não vai atacar sua garganta no momento em que descobrir que você quebrou o mandamento sagrado de que *você dará espaço a Dean* ?"
Eu pensei que minha visita a Dean na noite passada tivesse passado despercebida. Aparentemente, eu pensei errado.
“Eu queria ver como ele estava.” Eu senti que precisava explicar, mesmo que Michael não tivesse pedido explicação. “Eu não queria que ele ficasse sozinho.”
Ler emoções fez de Michael um especialista em ocultá-las, então quando vi um lampejo de *algo* em seus olhos, eu sabia que ele tinha escolhido não esconder isso de mim. Ele gostou do fato de eu ser o tipo de pessoa que se importava com as pessoas desta casa. Ele só queria que a pessoa com quem eu passei a noite passada não fosse Dean.
“E como vai a angústia familiar de Sir Broods-A-Lot?” Michael fez uma boa imitação de alguém que realmente não se importava com a resposta a essa pergunta. Ele poderia até ter conseguido enganar outro leitor de emoções – mas minha habilidade não se restringia apenas à postura ou às expressões faciais ou ao que uma pessoa estava sentindo em um determinado momento.
Comportamento. Personalidade. Ambiente.
Michael estava zombando para esconder o fato de que se *importava* com a resposta a essa pergunta.

“Se você quiser saber como Dean está, basta perguntar.”
Michael encolheu os ombros evasivamente. Ele não iria admitir que Lia, Sloane e eu não éramos os únicos preocupados com Dean. Um encolher de ombros evasivo era o mais próximo que eu conseguiria de uma expressão de preocupação.
“Ele não está bem”, eu disse. “Ele não ficará bem até que Briggs e Sterling fechem este caso. Se eles simplesmente contassem a ele o que está acontecendo, poderia ajudar, mas isso não vai acontecer. Sterling não vai deixar.
Michael me lançou um olhar de soslaio. “Você realmente não gosta do Agente Sterling.”
Não achei que essa afirmação merecesse uma resposta.
“Cassie, você não desgosta de ninguém. A única vez que vi você ser perspicaz com alguém foi quando Briggs designou agentes para vigiar cada movimento seu. Mas você não gostou da Agente Sterling desde o momento em que ela apareceu.
Eu também não tinha intenção de responder a essa afirmação, mas Michael não *precisava* de respostas verbais. Ele era perfeitamente capaz de manter conversas completamente sozinho, lendo minhas respostas em minha linguagem corporal e os menores indícios de expressão em meu rosto.
“Ela não gosta deste programa”, eu disse, só para fazê-lo parar de me ler com tanta atenção. “Ela não gosta de nós. E ela realmente não gosta de mim.
“Ela não gosta de você tanto quanto você pensa.” A voz de Michael estava baixa. Eu me vi inclinando-me para ele, embora não tivesse certeza se queria ouvir mais. “O agente Sterling não gosta de mim porque não gosto de regras. Ela tem medo de passar mais do que alguns segundos olhando para Dean, mas não tem medo *dele* . Na verdade, ela gosta de Lia, embora Lia não goste mais de regras do que eu. E Sloane a lembra de alguém.
A diferença entre o dom de Michael e o meu era tão óbvia quanto era jogar pôquer. Ele viu tanta coisa que Sterling estava tentando esconder. Mas *por que* ela estava escondendo isso era uma questão para mim.
“Como vão os estudos?”
Olhei para Judd, que estava parado na porta. Ele era um fuzileiro naval, não uma mãe de covil. A pergunta soou completamente estranha saindo de sua boca.

“Ainda não comecei”, Michael respondeu levianamente, ao mesmo tempo em que eu disse: “Quase pronto”.
Judd arqueou uma sobrancelha para Michael, mas não insistiu no assunto. "Você se importa em nos dar um momento?" ele perguntou em vez disso.
Michael inclinou ligeiramente a cabeça para o lado, observando a expressão no rosto de Judd. “Tenho escolha?”
Judd quase sorriu. "Isso seria um não."
Enquanto Michael saía da sala, Judd atravessou-a e sentou-se no sofá ao meu lado. Ele observou Michael partir. Algo na maneira como ele acompanhava o progresso de Michael me fez pensar que ele estava se forçando a aceitar a forma como Michael favorecia sua perna machucada.
“Você sabe por que este programa é restrito a casos arquivados?” Judd me perguntou assim que Michael se foi.
“Porque Dean tinha doze anos quando este programa começou?” Eu sugeri.
“E porque o Diretor Sterling quer minimizar as chances de alguém descobrir que o programa existe?” Essas foram as respostas fáceis. O silêncio de Judd me levou a dar a resposta difícil. “Porque em casos ativos”, eu disse suavemente, “as pessoas se machucam”.
“Em casos ativos, as pessoas ultrapassam os limites.” Judd demorou a pronunciar as palavras. “Tudo é urgente, tudo é vida ou morte.” Ele esfregou o polegar nas pontas dos dedos. “No calor da batalha, você faz o que precisa ser feito. Você faz sacrifícios.”
Judd era militar. Ele não usou a palavra *batalha* levianamente.
“Você não está falando sobre *cruzarmos* os limites”, eu disse, analisando o que estava ouvindo — e o que eu *sabia* . “Você está falando sobre o FBI.”
“Pode ser que eu esteja”, Judd admitiu.
Tentei analisar a lógica de Judd. Ler entrevistas, analisar depoimentos de testemunhas, ver fotos da cena do crime — tudo isso já fizemos. O que importava se os arquivos tivessem um ano em vez de um dia? Teoricamente, os riscos eram os mesmos – mínimos. Mas com casos ativos, os riscos eram maiores.
Esse UNSUB que Locke e Briggs estavam caçando, ele estava lá fora *agora* . Ele pode estar planejando sua próxima morte *agora* . Foi bastante fácil nos manter fora do campo em casos arquivados. Mas com vidas em risco, se trazer-nos junto pudesse fazer a diferença...

“É uma ladeira escorregadia.” Judd esfregou as costas da mão no queixo. “Eu confio em Briggs. Majoritariamente."
“Você confia no Agente Sterling”, eu disse. Ele não me contradisse. “E o diretor?”
Judd encontrou meus olhos. "E ele?"
Foi o diretor quem cedeu à pressão política e me usou como isca no caso Locke. Eu queria ajudar. Foi ele quem me deixou.
“Ouvi dizer que você e Ronnie brigaram”, disse Judd, fechando a porta para uma discussão mais aprofundada. Ele colocou as palmas das mãos nos joelhos, empurrou e se levantou. “Acho que seria bom para você ficar fora do porão.” Ele deixou isso penetrar. “Por algumas semanas.”
Semanas? Levei um segundo para descobrir o que estava acontecendo aqui. Será que o Agente Sterling me *denunciou ?* “Você está me deixando de castigo no porão?” Eu disse bruscamente.
“Você é um criador de perfis”, Judd disse suavemente. “Você não precisa estar aí embaixo. E — acrescentou ele, com a voz ligeiramente endurecida —, você não precisa meter o nariz neste caso.
Durante todo o tempo que estive aqui, Judd nunca disse a nenhum de nós o que precisávamos *fazer* . Isto tinha as impressões digitais do Agente Sterling por toda parte.
“Ela é uma boa agente, Cassie.” Judd parecia saber exatamente o que eu estava pensando. “Se você deixar, há muito que ela poderia lhe ensinar.”
Locke foi meu professor. “Agente Sterling não precisa me ensinar nada,” eu disse bruscamente. “Se ela conseguir pegar quem matou aquela garota, ficaremos empatados.”
Judd me lançou um olhar. “Ela é uma boa agente”, ele repetiu. “Briggs também.” Ele foi em direção à porta. De costas para mim, ele continuou falando, sua voz tão baixa que quase não consegui ouvi-lo.
Por muito tempo depois que ele partiu, fiquei pensando nas palavras que mal tinha ouvido. Ele disse que Sterling era um bom agente. Que Briggs era um bom agente. E então, como se não conseguisse se conter, como se nem percebesse que estava dizendo as palavras em voz alta, ele disse uma última coisa.
“Só houve um caso que eles não conseguiram resolver.”

VOCÊ

No começo, me senti bem. Observando a vida sair de seus olhos. Passando o polegar pela faca manchada de sangue. De pé sobre ela, seu batimento cardíaco acelerando, batendo em um ritmo glorioso: eu fiz isso. Eu fiz isso. Eu fiz isso.

Mas agora... agora, as dúvidas estão começando a invadir seu cérebro. Você pode senti-los, movendo-se através de sua massa cinzenta, sussurrando para você com uma voz familiar.

“Você foi desleixado”, diz. “Alguém poderia ter visto você.”

Mas eles não o fizeram. Eles não te viram. Você é melhor que isso. Você passou neste teste com louvor. Você a amarrou. Você a marcou. Você a cortou. Você a enforcou.

Você fez isso. Você Terminou. Mas não parece suficiente. Você não se sente o suficiente.

Bom o bastante.

Suficientemente forte.

Inteligente o suficiente.

Valioso.

Se você tivesse feito certo, ainda seria capaz de ouvir os gritos dela. A imprensa estaria lhe dando um nome. Eles estariam falando sobre você no noticiário, não sobre ela. Ela não era nada. Ninguém. Você a tornou especial.

Mas ninguém sabe que você está vivo.

“Eu farei isso”, você diz. “Eu farei isso de novo.”

Mas a voz diz para você esperar. Diz para você ser paciente. O que será, será – com o tempo.



EU acordei suando frio no meio da noite. Eu não conseguia me lembrar do meu pesadelo, mas sabia que tinha tido um. Meu coração estava acelerado. Meu peito estava pesado e eu não conseguia me livrar da sensação de que estava *preso* . Tirei as cobertas.

Meus dedos encontraram o batom Rose Red por conta própria. Do outro lado do quarto, Sloane virou-se na cama. Prendi a respiração, esperando para ver se ela acordaria. Ela não fez isso. O mais silenciosamente que pude, saí da cama e saí do nosso quarto.

Eu precisava de espaço. Eu precisava de ar. Eu precisava respirar.

A casa ficou em silêncio enquanto desci as escadas. Eu nem tinha certeza para onde estava indo até que acabei do lado de fora da porta da cozinha.

"Eu te disse, estou bem."

Parei abruptamente quando o silêncio na casa deu lugar ao som abafado de uma discussão do outro lado da porta.

“Você não está bem, Dean. Você não deveria estar bem com isso. *Eu* não estou bem com isso.”

Agente Sterling e Dean. Eles estão brigando.

Ouvi o som de uma cadeira raspando no azulejo e me preparei para recuar. Ouvi passos, mas nenhum apareceu. Parecia que alguém tinha acabado de se afastar da mesa – com raiva.

"Você saiu."

"Reitor-"

“Você deixou o FBI. Acho que nós dois sabemos por quê.

“Saí porque não estava fazendo meu trabalho, Dean. Eu estava com raiva. Eu precisava provar que não estava com medo e fiz alguém morrer. Porque

eu não conseguia seguir as regras. Porque Tanner não podia deixar passar nem um caso.
Tanner era o primeiro nome de Briggs. O fato de o Agente Sterling estar usando isso em uma conversa com Dean me fez pensar quanta história os dois compartilhavam. Esta não foi uma conversa que você teve com um garoto que conheceu uma vez quando prendeu o pai dele.
“Qual era o nome da garota?” A voz de Dean era mais grave que a do agente Sterling. Eu me esforcei para entender suas palavras enquanto ele falava.
“Eu não posso te dizer isso, Dean.”
"Qual era o nome dela?"
“Você não está autorizado a trabalhar em casos ativos. Deixe isso em paz.
“Você me diz o nome dela. Vou deixar isso em paz.
"Não, você não vai." A voz do Agente Sterling estava ficando mais difícil de decifrar. Eu me perguntei se ela estava falando mais baixo porque a alternativa era começar a gritar.
"Eu te fiz uma promessa uma vez." A voz de Dean estava controlada – controlada demais. “Eu guardei. Diga-me o nome dessa garota e prometo deixar isso como está.
Meus dedos apertaram o tubo de batom em minha mão. Briggs me deixou ler o arquivo de Locke. Eu tinha memorizado os nomes de cada uma de suas vítimas.
“Não é suficiente eu ter jurado que cuidaríamos disso?” Agente Sterling disse bruscamente. “Temos algumas pistas sólidas. Não posso dizer o que são, mas posso prometer que os temos. É um imitador, Dean. Pinte por números. Isso é tudo. Daniel Redding está na prisão. Ele ficará na prisão pelo resto de sua vida miserável.”
"Qual o nome dela?"
"Por que você precisa saber?" Desta vez, a voz do agente Sterling ficou alta o suficiente para que eu a tivesse ouvido mesmo se não estivesse do lado de fora da porta. “Você me diz isso e eu responderei sua pergunta.”
"Eu só faço."
“Não é bom o suficiente, Dean.”
Silêncio. Nenhum deles falou por pelo menos um minuto. O som da minha própria respiração parecia insuportavelmente alto. Eu tinha certeza de que a qualquer segundo um deles sairia furioso. Eles me descobririam ali

parado, ouvindo na porta uma conversa que eu *sabia* ser mais privada do que qualquer coisa que Dean tivesse me contado.
Mas eu não conseguia me mover. Eu nem conseguia lembrar como.
“O nome dela era Glória.” Era Dean, não Sterling, então eu não tinha certeza de quem era *ela* em questão. “Ele a apresentou para mim. Ele a fez dizer meu nome. Ele perguntou se ela gostaria de ser minha mãe. Eu tinha nove anos. Eu disse a ele que não queria uma nova mãe. E ele olhou para Gloria e disse: ‘Isso é uma pena’”.
“Você não sabia.” A voz de Sterling estava baixa novamente, mas ainda com um tom alto o suficiente para que as palavras fossem transmitidas.
“E uma vez que eu soube,” Dean respondeu, sua voz à beira de quebrar, “ele não me disse seus nomes.”
Outro silêncio torturantemente longo. As batidas violentas do meu próprio coração abafaram o som da minha respiração. Dei um passo para trás, um passo minúsculo e silencioso.
Eu não deveria estar aqui. Eu não deveria estar ouvindo isso.
Virei-me, mas mesmo de costas para a porta, ouvi o Agente Sterling responder à pergunta de Dean. “O nome da garota era Emerson Cole.”
De volta à minha cama, fechei os olhos e tentei não pensar no que tinha ouvido, como se, ao tirar isso da cabeça, pudesse compensar o fato de ter escutado a porta por muito tempo também. longo.
Eu falhei.
Dean e Agente Sterling não tinham acabado de se *conhecer* antes. Eles se *conheciam* . Eles tinham história. *Pare de pensar nisso,* disse a mim mesmo. *Não faça isso.* Eu não conseguia parar, assim como Sloane não seria capaz de ver uma equação matemática sem calcular a resposta.
Dean lhe fez uma promessa uma vez, Agente Sterling, e seja lá o que for, ele a cumpriu. O mais próximo que consegui chegar de garantir privacidade a Dean foi tentar entrar na cabeça do agente Sterling em vez da dele. Você não gosta de pensar no caso Daniel Redding. Você se preocupa com Dean. Michael disse que você tem medo até de olhar para ele, mas claramente não culpa Dean pelo que o pai dele fez.
Outra implicação da conversa deles finalmente foi percebida.
Você sabe que Dean descobriu o que seu pai estava fazendo, não é? Você sabe que Daniel Redding fez seu filho assistir.

As palavras que Dean havia sussurrado para mim no dia anterior, o segredo que eu tinha certeza que ele nunca havia contado a ninguém – ela também sabia disso. De alguma forma, isso tornou mais difícil manter o meu ressentimento contra o Agente Sterling.

Você acha que pode protegê-lo. Você acha que se ele não souber o que está acontecendo, isso não o afetará. Foi por isso que você não quis dizer a ele o nome de Emerson.

Se a Agente Sterling o conhecia tão bem, se ela se importava tanto com Dean, por que ela não conseguia ver que era o *não* saber que iria matá-lo? Não importava se esse assassino era apenas um imitador – o fato de Dean precisar saber o nome da garota me disse que ele não seria capaz de fazer essa separação em sua mente.

Ele se culparia por essa garota, da mesma forma que se culpava por todas as outras.

Eu disse a ele que não queria uma nova mãe.

E Daniel Redding respondeu: "É uma pena". Na mente de Dean – e talvez na de seu pai – pelo menos uma das vítimas de Daniel Redding morreu porque ela não seria uma mãe substituta adequada para Dean.

Porque Dean disse que não a queria.

Tanto é que a minha resolução é limitar-me a traçar o perfil de Sterling em vez de Dean.

Isso. Um pequeno projétil frio me atingiu na lateral da cabeça. Por um segundo, pensei que tinha imaginado, e então... *baque* .

Abri os olhos, virei-me para a porta e enxuguei a lateral do rosto, que estava úmida. Quando meus olhos se acostumaram à luz, eu já havia sido atingido pela terceira vez.

"Lia," eu sibilei, mantendo minha voz num sussurro para evitar acordar Sloane. "Pare de jogar gelo em mim."

Lia colocou um pedaço de gelo na boca e rolou com a língua. Sem dizer uma palavra, ela me chamou para o corredor. Quase certo de que ela continuaria jogando gelo em mim até que eu concordasse, rolei para fora da cama e a segui até o corredor. Ela fechou a porta do quarto atrás de nós e me puxou para o banheiro próximo. Depois de trancar a porta, ela acendeu o interruptor da luz e percebi que, além do copo de gelo que ela segurava na mão esquerda, ela segurava uma camisa verde-menta brilhante na direita.

Meus olhos passaram das roupas nas mãos de Lia para as roupas que ela usava: calça de couro preta e um top prateado que era preso por uma corrente no pescoço e não tinha costas nenhuma.
"O que você está vestindo?" Perguntei.
Lia respondeu minha pergunta com uma ordem. "Põe isto."
Ela empurrou a camisa para mim. Dei um passo para trás. "Por que?"
“Porque”, disse Lia, como se nós dois não tivéssemos brigado *duas vezes* nas últimas quarenta e oito horas, “você não pode ir a uma festa de fraternidade da Universidade Colonial vestido de pijama.”
“Uma festa de fraternidade”, repeti. Então o resto de sua declaração foi absorvido. Universidade Colonial. A cena do crime.
“Esta é uma má ideia”, eu disse a Lia. “Judd nos mataria. Sem mencionar o fato de que o agente Sterling já está em pé de guerra, e tudo o que Sloane e eu fizemos foi construir uma maquete da cena do crime no porão.
“Sloane construiu uma maquete da cena do crime”, corrigiu Lia. “Você não fez nada além de ser pego.”
“Você é uma pessoa maluca”, eu disse a Lia, lutando para manter minha voz num sussurro. “Você quer que saiamos de casa para participar de uma festa de fraternidade em uma universidade onde há uma investigação do FBI em andamento. Esqueça Judd e o Agente Sterling. *Briggs* nos mataria.
“Só se formos pegos”, retrucou Lia. “E ao contrário de algumas ruivas nesta sala, sou especialista em não ser pega. Coloque o vestido, Cassie.
“Que vestido?”
Lia ergueu a coisa brilhante que eu confundi com uma camisa. "Este vestido."
“Não existe mundo onde isso seja longo o suficiente para ser um vestido.”
“É um vestido. Na verdade, a partir deste momento, é *o seu* vestido, que você vai colocar sem reclamar, porque os garotos da fraternidade são mais falantes quando você está mostrando a perninha.”
Inspirei, me preparando para rebater a declaração de Lia com uma das minhas, mas ela deu um passo à frente, invadindo meu espaço pessoal e me empurrando contra o balcão do banheiro.
“Você é o criador do perfil”, disse ela. “Diga-me o quão bem Dean ficará se o FBI estragar este caso. Então me diga que você tem cem por cento de certeza de que não perceberemos algo que eles deixaram passar.

O FBI tinha criadores de perfil e interrogadores. Esses agentes tiveram treinamento. Eles tinham experiência. Eles tinham um milhão de coisas que nós não tínhamos, mas ninguém tinha instintos como os nossos. Esse era o objetivo do programa. Essa era a razão pela qual Judd temia que, se o FBI começasse a nos usar em casos ativos, eles não conseguiriam parar.
“Com quem você acha que os estudantes universitários vão conversar”, Lia me perguntou, “agentes do FBI ou duas adolescentes seminuas e razoavelmente núbeis?”
Mesmo deixando de lado nossas habilidades, Lia estava certa. Ninguém suspeitaria que fazíamos parte da investigação. Eles podem nos contar algo que o FBI não sabia.
“Se Sterling insinuou que poderia, de alguma forma, fazer com que o diretor encerrasse este programa, ela estava mentindo. Posso garantir que isso está fora do alcance dela. No máximo, ela poderia mandar um de nós para casa, e eu apostaria muito dinheiro que o diretor não deixaria ela mandar você para casa , porque você é uma alternativa legal e brilhante para Dean, em quem o diretor nunca confiou. e nunca gostei. Lia deu um passo para trás, permitindo-me algum espaço para respirar. “Você diz que se preocupa com Dean”, ela me disse, em voz baixa. “Você diz que quer ajudar. Isso vai ajudar. Eu mentiria para você sobre muitas coisas, Cassie, mas ajudar Dean não é uma delas. Eu não faria isso por você, nem por Michael, nem mesmo por Sloane. Mas eu valsaria até o inferno e seria gentil com o próprio diabo por Dean, então ou você coloca o maldito vestido ou sai do meu caminho.
Coloquei o vestido.
“Tem certeza de que isso não é uma camisa?” Eu perguntei, olhando para a bainha.
Lia maltratou meu rosto e passou base nele antes de brandir um tubo de brilho labial rosa e um recipiente de rímel preto. “É um vestido,” ela jurou.
Em momentos como esse eu realmente desejava que Lia não fosse uma mentirosa compulsiva.
“Como vamos chegar a esta festa?” Perguntei.
Lia sorriu. “Acontece que conheço um garoto que tem um carro.”

CHAPTER 14

Mo Porsche de ichael era um resquício de sua vida antes do programa. Observando-o ao volante, era fácil imaginar a pessoa que ele era naquela época, o pirralho do fundo fiduciário saltando de um internato para outro, passando o verão nos Hamptons, viajando para Saint Barts ou Santa Lúcia para um fim de semana prolongado.

Foi fácil imaginar Michael saltando de garota para garota.

Lia sentou-se no banco da frente ao lado dele. Ela estava recostada, o assento de couro acariciando seu rosto, seus longos cabelos balançando ao vento. Ela baixou a janela e não deu sinais de querer abri-la novamente. De vez em quando, seu olhar se voltava para Michael. Desejei poder ler a expressão inescrutável no rosto de Lia. O que ela estava pensando? Quando ela olhou para Michael, o que ela sentiu?

Michael manteve os olhos fixos na estrada.

Por mais que eu tentasse não traçar o perfil dos dois, fiquei pensando que foi Lia quem convidou Michael para se juntar a nós nesse passeio imprudente e que ele concordou em ajudá-la. Por que?

Porque as oportunidades de problemas não deveriam ser perdidas. Porque ele devia a ela. Porque por mais que Michael gostasse de atacar Dean, ele não gostava de vê-lo sangrar. As respostas inundaram meu cérebro e Michael percebeu meu olhar pelo espelho retrovisor. Ele me disse uma vez que quando eu estava traçando o perfil de alguém, meus olhos enrugavam levemente nos cantos.

“Queremos fazer um desvio rápido”, disse Lia. Michael olhou para ela e ela gesticulou com a ponta de uma unha roxa escura. “Saia na próxima saída.” Ela olhou para mim. “Aproveitando o passeio?”

Ela estava no banco da frente. Eu estava atrás. “Não estou fazendo isso por diversão”, eu disse a ela.
Ela deixou seu olhar ir de mim para Michael e depois de volta. “Não”, ela concordou. “Você não está fazendo isso por diversão. Você está fazendo isso por Dean.
Lia demorou um pouco mais no nome de Dean do que nas outras palavras daquela frase. As mãos de Michael apertaram ligeiramente o volante. Lia queria que ele soubesse que eu estava fazendo isso por *Dean* . Ela queria que ele insistisse nesse fato.
“Posto de gasolina”, Lia dirigiu, com o cabelo balançando ao vento. Ele parou e estacionou o carro. Lia sorriu. "Vocês dois esperem aqui."
Era típico dela agitar as coisas e depois ir embora. Não importa o quão bem ele mascarasse isso, eu sabia que Michael estava sentado ali se perguntando o que – exatamente – me levou a fazer isso por Dean. Da mesma forma que passei a viagem me perguntando por que Michael disse sim para Lia.
“Ta”, disse Lia, parecendo bastante satisfeita consigo mesma. Num impressionante feito de flexibilidade, ela deslizou o corpo pela janela aberta sem sequer abrir a porta.
“Esta é uma má ideia”, eu disse enquanto Lia caminhava em direção ao minimercado.
“Quase certamente,” Michael concordou. Do banco de trás eu não conseguia ver seu rosto, mas era muito fácil imaginar o brilho profano em seus olhos.
“Saímos de casa para ir a uma festa da fraternidade”, eu disse. “E tenho quase certeza de que isso *não é* um vestido.”
Michael virou-se em seu assento, apreciou a vista e sorriu. “Verde é uma boa cor para você.”
Eu não respondi.
“Agora é a sua vez de dizer algo sobre como esta camisa realmente realça meus olhos.” Michael parecia tão sério que não pude deixar de sorrir.
“Sua camisa é azul. Seus olhos são castanhos.
Michael se inclinou em minha direção. “Você sabe o que dizem sobre olhos castanhos.”
Lia abriu a porta do passageiro e caiu de volta no banco. “Não, Miguel. O que dizem sobre olhos castanhos? Ela sorriu.

“Você conseguiu o que precisava?” Michael perguntou a ela.
Lia me devolveu um saco de papel pardo. Eu abri. “Gatorade vermelho e xícaras?”
Lia encolheu os ombros. “Quando estiver em Roma, faça como os romanos. Quando estiver em uma festa de fraternidade, beba um ponche de frutas questionável em um copo vermelho Solo.
Lia estava certa sobre o soco. E as xícaras. Estava escuro o suficiente na mal iluminada casa da fraternidade para que ninguém percebesse que nossas bebidas tinham um tom ligeiramente diferente de vermelho.
"E agora?" Perguntei a Lia por causa da música ensurdecedora.
Ela começou a mover os quadris e a parte superior do corpo seguiu o exemplo de uma forma que deixou bastante claro que ela seria excelente no limbo. Ela olhou para um trio de garotos na extremidade da sala e empurrou Michael na direção de uma garota loira com olhos vermelhos.
“Agora”, disse ela, “fazemos amigos”.
Um criador de perfil, um leitor de emoções e um detector de mentiras foram a uma festa....
Uma hora depois, Michael identificou as pessoas presentes na sala que pareciam mais atingidas pelo assassinato que abalou o campus. Tínhamos encontrado alguns festeiros que estavam chateados por outros motivos – incluindo, mas não se limitando a, paixões não correspondidas e colegas de quarto traiçoeiros – mas havia uma certa combinação de tristeza, fascínio e medo que Michael tinha apontado como marcando alguém como um pessoa de interesse.
Infelizmente, a maioria das nossas pessoas de interesse não tinha nada de interessante a dizer.
Lia dançou com pelo menos metade dos meninos da sala e descobriu pelo menos três dúzias de mentiras. Michael estava sendo solidário com a metade feminina da população estudantil. Eu me mantive nas bordas, cuidando do meu ponche falso e virando um olhar de perfil para os estudantes universitários amontoados na casa da fraternidade como jujubas em um pote de Adivinha Quantos. Parecia que todo o corpo discente da Colonial tinha aparecido – e com base na falta geral de sobriedade, eu tinha certeza de que nenhum deles *estava* bebendo Gatorade.
“As pessoas choram à sua maneira.” Um menino se aproximou de mim. Ele tinha pouco mais de um metro e oitenta de altura e estava vestido

inteiramente de preto. Havia uma sugestão de cavanhaque em seu queixo, e ele usava óculos com aros de plástico que eu suspeitava profundamente que não fossem de prescrição. "Eramos jovens. Não deveríamos morrer. Perder-se com álcool barato é uma tentativa equivocada de recuperar a ilusão da imortalidade."

"A tentativa deles", eu disse, tentando parecer que o achava intrigante – e não como se eu estivesse pensando que havia 40% de chance de ele se formar em filosofia e 40% de chance de ele ser estudante de Direito. "Mas não o seu?"

"Sou mais realista", disse o menino. "Pessoas morrem. Jovens, pessoas bonitas, pessoas que têm a vida inteira pela frente. A única imortalidade real é fazer algo que valha a pena lembrar."

Definitivamente uma especialização em filosofia. A qualquer segundo, ele começaria a citar alguém.

"'Viver é sofrer, sobreviver é encontrar algum sentido no sofrimento.'"

E aí estava. O desafio de arrancar informações desse cara não seria fazê-lo falar; seria fazê-lo realmente dizer alguma coisa.

"Você a conhecia?" Perguntei. "Emerson Cole?"

Esse cara não era um dos alunos que Michael havia escolhido, mas eu sabia antes que ele respondesse que a resposta seria sim. Ele não estava *de luto por* Emerson, mas a conhecia mesmo assim.

"Ela estava na minha aula." O menino adotou uma expressão séria e encostou-se na parede.

"Qual classe?"

"Monstros ou Homens", respondeu o menino. "Aula do professor Fogle. Eu peguei ano passado. Agora sou o TA. Fogle está escrevendo um livro, você sabe. Sou seu assistente de pesquisa."

Tentei chamar a atenção de Lia na pista de dança. O professor Fogle era uma pessoa interessada no assassinato de Emerson. Ele deu uma aula sobre serial killers. E de alguma forma, seu professor assistente me encontrou.

Ele gosta de ser o perseguidor, pensei, observando Lia dançando entre os garotos da fraternidade, ouvindo mentiras. *Não o perseguido.*

"Você a conhecia?" — perguntou o garoto, de repente virando o jogo contra mim. "Emerson. Você a conhecia?

“Não,” eu disse, incapaz de deixar de pensar em até onde Dean tinha ido só para saber o nome dela. “Acho que você poderia dizer que ela era amiga de um amigo.”
"Você está mentindo." O menino estendeu a mão e colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Levou tudo em mim para não me afastar. “Eu me considero um excelente juiz de caráter.”
Você se considera excelente em tudo, pensei.
“Você está certo,” eu disse, quase certo de que essas eram suas palavras favoritas. “Eu nem vou para a escola aqui.”
“Você viu a história no noticiário”, disse o menino, “e decidiu vir conferir”.
"Algo parecido." Repassei tudo o que sabia sobre ele e decidi aproveitar sua suposta experiência. “Ouvi dizer que o professor é uma pessoa interessante por causa daquela aula que ele está ministrando. Sua classe."
O menino encolheu os ombros. “Houve uma palestra em particular…”
Dei um passo à frente e os olhos do menino desceram para minhas pernas. A roupa que Lia escolheu para mim deixou muito pouco para a imaginação. Atrás dele, avistei Michael, que apontou para o menino e ergueu as sobrancelhas. Não balancei a cabeça para lhe dizer que tinha uma pista promissora. Eu não precisava. Michael viu a resposta em meu rosto.
“Eu poderia lhe mostrar a palestra em questão.” O menino ergueu o olhar das minhas pernas para o meu rosto. “Tenho todos os slides do professor Fogle no meu laptop. E”, acrescentou, “tenho a chave da sala de aula”. O menino balançou a chave na minha frente. “Será como assistir à aula. A menos que você prefira ficar aqui e afogar suas mágoas com as massas.”
Encontrei os olhos de Michael por cima da cabeça do garoto.
Siga-me, pensei, esperando que ele de alguma forma conseguisse ler minha intenção no conjunto de minhas feições. *Isso é bom demais para deixar passar.*

CHAPTER 15

"Tsente-se. Vou acender as luzes. O nome do menino era Geoffrey. Com um *G. Foi assim que ele se apresentou no caminho* para a sala de aula — como se tivesse sido uma tragédia se eu erroneamente pensasse que ele era Jeffrey com *J.*

Eu não ia virar as costas para um garoto que me atraiu para longe de uma festa de fraternidade, então esperei que Geoffrey com G *acendesse* as luzes, de costas para a parede. As luzes piscaram no alto e então o auditório foi inundado de luz. Centenas de mesas de madeira antiquadas estavam dispostas em fileiras perfeitas. Na frente da sala havia um palco. Geoffrey andou de costas pelo corredor.

"Ficando com medo?" ele perguntou-me. "A criminologia não é para todos."

A maioria das pessoas teria parado por aí. Geoffrey não. "Sou pré-lei."

"Filosofia menor?" Não pude deixar de perguntar.

Ele fez uma pausa e me lançou um olhar estranho. "Grande dupla." Com os olhos nos meus, Geoffrey subiu no palco e conectou seu laptop ao projetor.

Quem traz seu laptop para uma festa de fraternidade?

Eu respondi minha própria pergunta: *uma pessoa que estava planejando trazer uma garota de volta aqui para o show o tempo todo.* Sentei-me, ainda em guarda, mas menos cauteloso. Geoffrey não era nosso suspeito. Ele estava tão entusiasmado que eu não conseguia imaginá-lo precisando da validação da morte.

Então, novamente, eu também não senti essa necessidade em Locke.

"Espero que não estejamos atrasados." A voz de Michael ecoou alegremente pelo auditório. Ele me seguiu. *Bom.* No palco, Geoffrey franziu a testa. Virei-me no meu lugar para ver que Michael não tinha vindo sozinho. Havia uma

garota com ele: bonita, loira e cheia de curvas, com seus próprios óculos modernos.
“Geoffrey.”
“Bryce.”
Claramente, Geoffrey com *G* e Hipster Girl se conheciam. Geoffrey suspirou. “Verônica, este é Bryce. Bryce, esta é Verônica.
Deixe que Michael nos siga *e* traga reforços. Reforços que conheciam Geoffrey — e, a menos que eu estivesse enganado, não gostavam muito dele. *Michael deve tê-la arrancado da multidão no momento em que viu Geoffrey sair comigo.*
“Prazer em conhecê-lo”, eu disse a Bryce. Ela passou o braço em volta da cintura de Michael. Vê-la tocá-lo era mil vezes pior do que ver Michael com Lia.
Pelo menos Lia era *nossa* .
“Geoff”, disse Bryce, adorando ter Michael em seu braço e encurtando propositalmente o nome de Geoffrey de uma forma destinada a irritá-lo, “este é Tanner. Estamos aqui para o show.”
Olhei para Michael e tive que abaixar a cabeça para não cair na gargalhada. Eu escolhi o primeiro nome do Agente Sterling como meu pseudônimo, e Michael escolheu o do Agente Briggs.
“Você não foi convidado”, disse Geoffrey a Bryce, com a voz monótona.
Bryce encolheu os ombros e sentou-se em uma cadeira do outro lado do corredor. “Duvido que você queira que o professor Fogle saiba que houve *um* show”, ela disse, de uma forma que deixou poucas dúvidas de que ela já esteve no meu lugar, a ganhadora do pequeno show de Geoffrey, antes.
“Tudo bem”, disse Geoffrey, capitulando. Ele se virou para mim. “Bryce está na minha turma”, explicou ele. Depois, para benefício de Michael, acrescentou: “Sou o professor assistente”.
Michael sorriu. "Legal."
“Sim”, Geoffrey respondeu laconicamente. "Isso é."
“Eu estava falando sobre seu cavanhaque.” Michael brincou casualmente com as pontas dos cabelos de Bryce. Eu lancei um olhar para ele. Desafiar TA Geoff poderia funcionar a nosso favor, mas não se Geoff ficasse irritado o suficiente para expulsar Michael.
Após um momento tenso, Geoffrey decidiu ignorar Michael *e* Bryce e seguiu com o show. “Bem-vindo ao Psych 315: Monstros ou Homens: A Psicologia

do Assassinato em Série.” A voz de Geoffrey ecoou pelo auditório e eu praticamente pude ouvir o homem que ele estava canalizando. A expressão de Geoffrey mudou enquanto ele atravessava o palco e passava de slide em slide.
Corpo.
Depois do corpo.
Depois do corpo.
As imagens passaram pela tela em rápida sucessão.
“As pessoas definem a humanidade pelas suas conquistas, pelas Madre Teresas, pelos Einsteins e pelos Everyday Joes bancando os heróis à sua maneira, mil vezes por dia. Quando uma tragédia acontece, quando alguém faz algo tão *horrível* que nem conseguimos entender, fingimos que essa pessoa não é humana. Como se não houvesse um continuum de nós para eles, como se o Everyday Joe não fosse um vilão em mil pequenas maneiras todos os dias. Há uma razão pela qual não conseguimos desviar o olhar de um acidente de trem, uma razão pela qual assistimos ao noticiário quando um corpo aparece, uma razão pela qual os mais infames serial killers do mundo recebem centenas de milhares de cartas todos os anos.”
Geoffrey estava lendo as palavras. Por mais que ele os tenha proferido, não foi ele quem escreveu esse discurso. Voltei minha atenção para o homem que tinha. Eu poderia dizer, ouvindo Geoffrey repetir suas palavras, que o professor Fogle era uma figura grandiosa. Com base no tamanho desta sala, sua aula era popular. Ele era um contador de histórias. E ele tinha um fascínio pelo assunto – um fascínio que estava convencido que o resto da humanidade partilhava.
“O filósofo Friedrich Nietzsche disse que qualquer um que lutasse contra monstros tinha que lutar para se tornar um monstro. 'Se você olhar para o abismo por tempo suficiente, o abismo olhará de volta para você.'” Geoffrey fez uma pausa em um slide que incluía dezenas de fotos — não de corpos, mas de homens. Reconheci alguns deles: eles se alinhavam nas paredes de nossa casa, sorrindo para nós em molduras, um lembrete constante de que o tipo de monstro que caçávamos poderia ser qualquer um. Seu vizinho. Seu pai. Seu amigo.
Sua tia.
“Charles Manson. John Wayne Gacy. Filho de Sam.” Geoffrey fez uma pausa para causar efeito. “Ted Bundy. Jeffrey Dahmer. Esses nomes significam

algo para nós. Neste semestre, abordaremos todos os itens acima, mas começaremos mais perto de casa."
As outras fotos desapareceram, substituídas por um homem com cabelos castanhos escuros e olhos exatamente do mesmo tom. Ele parecia normal. Indescritível. Inofensivo.
"Daniel Redding", disse Geoffrey. Olhei para a foto, procurando alguma semelhança com o garoto que conhecia. "Estudei o caso Redding nos últimos quatro anos", continuou Geoff.
"E por *eu* ele se refere ao professor", ouvi Bryce sussurrar para Michael. Geoffrey com *G* a ignorou.
"Redding é responsável por pelo menos uma dúzia de assassinatos durante um período de cinco anos, começando com a deserção de sua esposa, dias antes de seu vigésimo nono aniversário. Os corpos foram recuperados da fazenda de Redding durante um período de escavação de três dias após sua prisão. Mais três vítimas que se enquadram em seu MO foram identificadas além das fronteiras estaduais."
Uma foto da cena do crime apareceu na tela. Uma mulher, morta há muito tempo, pendurada em um ventilador de teto. Reconheci a corda – náilon preto. Seus braços estavam amarrados atrás das costas. Suas pernas estavam amarradas. O chão abaixo dela estava encharcado de sangue. Sua camisa estava rasgada e por baixo dela pude ver cortes – alguns longos e profundos, alguns superficiais, alguns curtos. Mas o que mais chamou minha atenção foi a queimadura em seu ombro, logo abaixo da clavícula. bolhas e saliências em forma de *R.*
Foi isso que o pai de Dean fez com aquelas mulheres. Foi isso que ele fez Dean *assistir* .
"Ligue-os. Marque-os. Corte-os. Pendure-os." Geoffrey clicou numa série de imagens ampliadas do corpo da mulher. "Esse era o modus operandi de Redding, ou MO."
Ouvir Geoffrey usar termos técnicos me deu vontade de bater nele. Ele não sabia do que estava falando. Estas eram apenas fotos para ele. Ele não sabia o que era descobrir o desaparecimento de um ente querido ou entrar na mente de um assassino. Ele era um garotinho brincando com algo que não entendia.
"Coincidentemente", interrompeu Bryce, "esse também é o título do livro do professor Fogle".

“Ele está escrevendo um livro?” Perguntei.
“Sobre o caso Daniel Redding”, respondeu Geoffrey. Claramente, ele não estava disposto a permitir que seus holofotes fossem usurpados. “Você pode ver por que ele é uma pessoa interessada no assassinato de Emerson. Ela foi marcada, você sabe.
“Você disse que ela estava nesta aula. Você a conheceu. Minha voz estava monótona. O fato de Geoffrey poder falar tão casualmente sobre o assassinato de uma garota que ele conhecia me fez reconsiderar minha análise anterior – talvez ele fosse capaz de cometer um assassinato.
Geoffrey encontrou meus olhos. “As pessoas choram de maneiras diferentes”, disse ele. Eu poderia estar imaginando isso, mas vi um leve indício de um sorriso nos cantos de seus lábios.
“Ela estava no meu pequeno grupo”, Bryce se ofereceu. “Para o nosso projeto de final de semestre. O professor distribuiu os grupos. Emerson era... legal. Alegre, até. Quero dizer, quem fica animado em uma aula sobre serial killers? Mas Emerson estava. Ela era legal com todos. Um dos caras do nosso grupo, você deveria vê-lo – ele é como um rechonchudo. Você diz qualquer coisa para ele, e ele simplesmente se enrola em uma bola metafórica. Mas Emerson conseguiu fazê-lo falar. E Derek, o outro garoto do nosso grupo, é esse cara. Você sabe, o desagradável, se você não sabe quem é aquele cara na sua seção, então há boas chances de você ser aquele *cara* ? Esse é Derek, mas Emerson conseguiu fazê-lo calar a boca apenas sorrindo.”
Bryce não conseguiu igualar o tom indiferente de Geoffrey. Ela estava chateada com o que aconteceu com Emerson. Isto não foi apenas uma performance para ela. Ela se inclinou para Michael.
“Emerson não apareceu para o nosso exame.” Geoffrey fechou o laptop. “O professor Fogle estava doente. Imprimi os testes naquela manhã, um para cada aluno da turma. Emerson foi o único que não apareceu. Eu pensei que ela era...” Geoff interrompeu. "Deixa para lá."
"Você pensou que ela era o quê?" Michael perguntou.
Geoffrey estreitou os olhos. "O que isso importa?"
Isso importava, mas antes que eu pudesse encontrar uma explicação racional para a necessidade da informação, o telefone de Michael tocou. Ele puxou-o, leu uma mensagem e depois se levantou. “Desculpe, Bryce”, disse ele. "Eu tenho que ir."

Bryce encolheu os ombros. Claramente, ela não iria sofrer por ele tão cedo. Michael virou-se para a porta, chamando minha atenção ao passar. *Lia,* ele murmurou.
“Eu também deveria ir”, eu disse. “Isso foi… intenso.”
"Você está indo?" Geoffrey parecia genuinamente surpreso. Aparentemente, ele tinha a impressão de que tinha este na bolsa. Menina morta. Palestra maluca. Olhos sensíveis. Claramente, eu deveria ser dele.
“Vou te dizer uma coisa,” eu disse a ele, resistindo à vontade de revirar os olhos. “Por que você não me dá seu número?”

CHAPTER 16

Eu a mensagem de ia não nos levou de volta à festa. Aparentemente, ela não foi tão cautelosa quanto eu em sair sozinha com sua presa.

“O que exatamente Lia disse?” Perguntei.

Michael ergueu o telefone para minha inspeção. Havia uma foto descentralizada de Lia com dois universitários: um alto, outro redondo, ambos ligeiramente desfocados.

“'Tendo uma conversa fascinante'”, li o texto que acompanhava. “'Heron Hall, telhado.'” Fiz uma pausa. “O que ela está fazendo no telhado de algum prédio aleatório?”

“Interrogar suspeitos que não sabem que estão sendo interrogados?” Michael sugeriu, um tom de irritação surgindo em sua voz.

“Alguma chance de os meninos da foto não serem suspeitos?” Eu queria acreditar que Lia não sairia sozinha com alguém que ela achasse capaz de assassinar. “Talvez eles sejam apenas amigos de Emerson.”

“Ela enviou uma foto”, Michael respondeu categoricamente.

Caso algo acontecesse, eu preenchi. Lia havia nos enviado uma foto dos meninos com quem ela estava conversando, caso chegássemos ao telhado do Heron Hall e ela tivesse ido embora.

Não deveríamos tê-la deixado sozinha naquela festa. Eu estava tão envolvido em conseguir informações de Geoffrey que nem sequer disse a Lia que estava indo embora.

Lia causava uma ótima impressão de alguém que sabia cuidar de si mesma — mas Lia conseguia causar uma boa impressão de praticamente qualquer coisa.

Dean não a teria abandonado, pensei, incapaz de me conter. Foi por isso que ele era a única pessoa neste mundo por quem ela passaria pelo fogo, e Michael e eu não passamos.

Andei mais rápido.

“Ela zombaria de nós por nos preocuparmos”, disse Michael, tanto para si mesmo quanto para mim. “Ou isso ou ela consideraria isso um insulto pessoal.” Ele acelerou seu próprio ritmo. A cada passo, eu imaginava como isso poderia dar errado.

Lia era nossa. Ela tinha que estar bem. *Por favor, fique bem.* Finalmente, chegamos ao Heron Hall. O edifício em forma de torre tinha um design claramente gótico - e, igualmente claro, estava fechado e trancado durante a noite.

NÃO ULTRAPASSE.

Michael não perdeu o ritmo ao sinal. “Você quer invadir primeiro ou eu devo?”

Ouvi Lia rindo antes de vê-la. Era um som leve, quase como o de um sino, musical e encantador – e quase certamente uma mentira.

Um passo à minha frente, Michael abriu a porta do telhado. “Depois de você”, ele disse. Os músculos do meu estômago se desataram lentamente quando saí e entrei na noite enluarada. Meus olhos procuraram por Lia. Depois de ver por mim mesmo que ela estava bem, registrei o fato de que seu talento para a moda aparentemente se estendia à escolha dos pontos de encontro. Não apenas uma torre, não apenas uma torre trancada, mas o telhado de uma torre trancada. Daqui, podíamos ver todo o campus estendido abaixo, um respingo de luzes na escuridão.

Do outro lado do telhado, Lia nos avistou. Havia duas pessoas com ela, ambos homens. “Você conseguiu,” ela disse, cambaleando em nossa direção de uma forma que teria me deixado nervosa mesmo se estivéssemos em terra firme.

“Não se preocupe”, Lia sussurrou, jogando os braços em volta de mim como o mais feliz dos bêbados. “Estou trabalhando. Nada além de Gatorade desde que chegamos. E se alguém perguntar, meu nome é Sadie.”

Lia voltou-se para os meninos. Eu a segui, incapaz de deixar de pensar que Sadie *era* o nome verdadeiro de Lia. Nenhum de nós sabia por que ela mudou isso.

Apenas Lia usaria o nome com o qual nasceu como nome *falso* .

“Derek, Clark, este é...” Lia soluçou, e Michael aproveitou a deixa para assumir as apresentações.
“Tanner,” ele disse, estendendo a mão para apertar a dos outros. “E esta é Verônica.”
O garoto da esquerda era alto e formal, com cabelo de político e feições clássicas e bonitas. Havia uma clara chance de ele estar flexionando os peitorais. “Eu sou Derek,” ele disse, deslizando sua mão na minha.
Definitivamente flexionando, pensei.
Derek deu uma cotovelada no garoto da direita, com força suficiente para que o garoto realmente tropeçasse. Assim que recuperou o equilíbrio, ele estendeu a mão. “Clark,” ele murmurou.
“Você parece um pato”, Derek disse a ele. “Clark, Clark, Clark!”
Ignorei Derek e foquei em Clark. Seu aperto de mão foi surpreendentemente firme, mas suas próprias mãos eram macias. Na verdade, *suave* era o melhor adjetivo para descrevê-lo. Ele era pequeno e redondo e parecia ter sido feito de barro que nunca endureceu. Sua pele estava manchada e ele levou vários segundos para realmente olhar nos meus olhos.
De repente, clicou. “Derek,” eu disse. “E Clark.”
Bryce não tinha dito que um dos caras com quem ela foi designada para trabalhar na aula de Monstros ou Homens se chamava Derek? E o outro a lembrou de um rechonchudo....
Como diabos *Lia* conseguiu isso? Ela encontrou meus olhos maliciosamente e percebi que a havia subestimado. Eu não deveria ter feito isso, não quando a razão pela qual ela estava fazendo tudo isso era Dean.
“Dedução brilhante”, Derek me disse, com um sorriso característico que ele provavelmente já havia praticado no espelho. “Ligue para Mensa”, disse ele. “Essa garota é um gênio!”
O tom paternalista em sua voz me disse que ele não esperava que eu reconhecesse a crítica pelo que realmente era. De repente eu sabia exatamente o que Bryce quis dizer quando o descreveu como “aquele cara”. É quase certo que ele vinha de uma família rica – eu imagino que fosse uma longa linhagem de advogados de sucesso, provavelmente com pedigree da Ivy League. Ele gostou do som da sua própria voz ainda mais do que Geoffrey. Ele era do tipo que debateria um assunto em aula só para provar que era o melhor homem. Ele provavelmente branqueou os dentes.

“Clark e Derek conheciam aquela garota”, disse Lia, arrastando as palavras. “Eu conheci Derek na festa. Ele ligou para Clark. Eu pedi a ele. Ela se apoiou no peito de Derek e estendeu a mão para a bochecha de Clark. Clark ficou vermelho brilhante. Derek acenou para mim por cima da cabeça de Lia, como se a presença dela em seu peito fosse uma prova de que eu também deveria querer estar lá.
Eu oficialmente *nunca* mais usaria esse vestido.
"Que garota?" Perguntei.
“A garota que foi morta”, respondeu Derek. “Emmie.”
“Emerson,” Clark murmurou.
“O que foi isso, Clark?” Derek disse, lançando um sorriso para o resto de nós, como se a incapacidade de Clark de falar fosse a piada mais inteligente do mundo.
“O nome dela era Emerson”, disse Clark, corando ainda mais do que quando Lia o tocou.
"Foi o que eu disse." Derek ergueu uma das palmas das mãos em um gesto que traduzi como algo mais ou menos assim: *Qual é o problema desse cara? Meh, o que você vai fazer?*
Clark murmurou algo em resposta. Derek o ignorou.
“Ela estava na nossa aula”, Derek me disse.
“Acho que conheci seu assistente esta noite.” Eu medi suas respostas a isso. Derek enrijeceu. Clark não pareceu se mover. Ao meu lado, eu praticamente podia sentir Michael catalogando cada detalhe de suas expressões.
“Esse cara é uma ferramenta,” Derek respondeu.
Francamente, pensei que as ferramentas que viviam em casas de ferramentas provavelmente não deveriam atirar pedras.
“Geoffrey parecia estar morto”, eu disse. “Tipo, realmente interessado na morte. E a maneira como ele falou sobre Emerson foi como se ele nem se importasse.”
Concordar com Derek era como jogar água em uma fogueira. Isso apenas tornou esta situação ainda pior.
“TA Geoff acha que franzir a testa e usar preto é um substituto para a inteligência genuína. Aposto que ele disse que conhecia Emerson.
Balancei a cabeça, disposto a ver onde isso iria dar.
“Ele não a conhecia”, disse Derek. “Ele apenas se senta na frente da classe e avalia os trabalhos. Clark e eu a conhecíamos. Ele se apoiou nos

calcanhares. “Aquela garota loira arrogante do nosso grupo, ela a conhecia. Ei, até Fogle a conhecia. Mas TA Geoff está apenas soltando fumaça.”
“O que você quer dizer com 'Fogle a conhecia'?” Michael perguntou. “Não é uma turma muito grande?”
Derek voltou sua atenção para Michael. Tudo o que ele viu lá, ele gostou. Dada a formação de Michael, ele provavelmente conheceu uma dúzia de Dereks enquanto crescia.
“Quando digo que o professor conhecia Emmie, quero dizer que ele *realmente* a conhecia”, disse Derek. “Biblicamente.”
Olhei para Lia. Ela assentiu levemente – Derek estava dizendo a verdade. Ao lado dela, o rosto de Clark estava ficando vermelho novamente.
“A garota morta estava envolvida com o professor”, disse Michael. “Esse tipo de coisa pode fazer com que um cara seja demitido.”
"Sem brincadeiras. Pessoa de interesse?" Derek zombou. "Tente, *ele conseguiu* ." Derek riu baixinho. "Ele fez isso com ela, e então ele fez *isso* ."
“Cale a boca”, disse Clark, as palavras explodindo de sua boca enquanto suas mãos se fechavam em punhos ao lado do corpo. “Você não sabe do que está falando.” Ele respirou fundo como se tivesse corrido um quilômetro. "Ela não era... ela não era assim."
“Ei, amigo.” Derek ergueu as duas mãos desta vez. Não me preocupei em traduzir mentalmente o gesto. "Acalmar. Entendo. Não fale mal dos mortos.” Derek voltou-se para nós e continuou a nos abençoar com sua sabedoria. “Eu prometo a você, assim que a polícia encontrar Fogle, a universidade estará procurando um professor substituto para nossa turma. O cara é culpado. Derek empalideceu. “Espero que eles não entreguem a aula para TA Geoff.”
Ao lado dele, Clark respirou fundo de forma audível. Lia encontrou meus olhos, depois os de Michael. Tínhamos conseguido o que queríamos — e muito mais.

CHAPTER 17

Tele voltou para casa foi tranquilo. Lia estava no banco de trás, com as pernas esticadas ao longo do assento. Michael estava dirigindo no limite de velocidade. Olhei pela janela para a escuridão.

“Na verdade, foi melhor do que eu esperava”, disse Lia finalmente. “Se conseguirmos voltar sem sermos pegos, estou disposto a considerar isso uma vitória.”

“Achei que você nunca tivesse sido pega”, eu disse a ela, desviando os olhos da janela e virando-me para olhar para ela.

Lia inspecionou as unhas. “Moramos em uma casa com um agente treinado do FBI e um ex-atirador militar. Sou furtivo, não *mágico* . Chame isso de um risco aceitável.”

Essa era uma música muito diferente daquela que ela estava cantando quando me convenceu a fazer isso.

"Você está arrependido de ter vindo?" Lia me lançou um olhar aguçado.

“Ou, se tivesse oportunidade, você faria tudo de novo?”

Eu não poderia me arrepender de ter concordado com isso. Tínhamos aprendido demais.

“O que você achou do AT?” Eu perguntei a Michael.

“Sim”, disse Lia, bocejando e cobrindo a boca com a mão. “Diga, Michael. O que você achou do TA que era uma pista tão promissora que Cassie deixou a festa para ir com ele, com você em seu encalço?

Essa foi a primeira vez que Lia mencionou o fato de que a tínhamos deixado. Ela jogou as palavras como se não se importasse em se importar.

“O cara estava olhando para Cassie como se ela fosse algum tipo de espécime debaixo de um vidro.” Michael olhou Lia pelo espelho retrovisor.

"Você realmente acha que eu deveria ter deixado ele levá-la sozinho?"

“Estou surpreso, só isso.” Lia deu de ombros elaboradamente. “Quero dizer, seguir Cassie funcionou *tão bem* para você da última vez.”
A última vez que Michael me seguiu, ele levou *um tiro.*
Eu mereci isso. Por deixá-la na festa, por nem pensar duas vezes sobre isso, eu merecia todos os dardos verbais que ela lançou. “Não deveríamos ter deixado você lá”, eu disse.
“Puh-por favor.” Lia fechou os olhos, como se toda aquela conversa a estivesse entediando até as lágrimas. “Eu posso cuidar de mim mesma, Cassie. Eu vi você saindo. Eu poderia ter me juntado a você. Eu *escolhi* não fazer isso. E se Michael tivesse se incomodado em perguntar, eu teria *dito* a ele para ir com você.
“Eu disse para *você* ficar na festa,” Michael murmurou.
"Com licença?" Lia revidou. "O que é que foi isso?"
“Eu mandei uma mensagem para você quando saí. Você deveria ficar na festa! Michael bateu com a palma da mão no volante e eu pulei. “Mas não, você saiu não com um, mas com dois estranhos...”
“Testemunhas?” Lia forneceu. “Acredite em mim, eu tinha controle sobre isso. Eu poderia lidar com os Dereks e Clarks do mundo enquanto dormia.”
Li mais essas palavras do que leria há uma semana. Lia tinha certeza de que poderia lidar com os Dereks e Clarks do mundo — porque, com toda a probabilidade, ela já tinha visto e lidado com coisas muito, muito piores.
“Agora, Michael, querido,” Lia continuou, suas palavras destinadas a irritar, “concentre-se. AT de Cassie. Quais foram suas impressões?
Michael rangeu os dentes por um momento, mas finalmente respondeu. “Ele não ficou feliz quando eu apareci. Ele ficou ainda menos feliz em me ver com Bryce. Tive um lampejo de culpa quando ele a viu, seguido de posse, condescendência e excitação.”
Agradeci brevemente e silenciosamente por Michael ter se concentrado na reação de Geoffrey ao vê-lo com Bryce — e não na minha.
“Geoffrey se considera acima de tudo.” Eu me forcei a focar no assunto em questão. “Ele gosta de ocupar uma posição de poder na classe.” Fiz uma pausa, analisando minhas impressões sobre ele. “Ele me escolheu porque pareço jovem. Ele esperava que eu absorvesse cada palavra daquela palestra, que tivesse um pouco de medo dele, mas também que eu fosse atraída pelas coisas que ele poderia me ensinar.”

“Um líder em busca de seguidores?” Lia disse. “O que isso faz do professor?”
“Se eu tivesse que adivinhar”, eu disse a ela, tamborilando os dedos contemplativamente na lateral da minha cadeira, “eu diria que o professor Fogle tem uma personalidade magnética. Geoffrey estava lendo os slides da palestra. O professor é um performer. E se Derek estava dizendo a verdade sobre o relacionamento de Emerson com o professor Fogle...
“Ele estava,” Lia confirmou.
“—o bom professor não se opõe às groupies.” Eu revirei isso em minha mente. “Isso é parte do que o atrai para esta área de estudo. Está lá no título da aula dele. Esses homens são maiores que a vida. Eles são lendas. Eles são o acidente de trem que não podemos parar de assistir, o *outro proibido e perigoso* .”
Michael aceitou minha avaliação pelo valor nominal. “Eu teria que falar com o homem para lhe contar alguma coisa sobre ele”, disse ele. Essa foi uma das principais diferenças entre a habilidade de Michael e a minha. Michael lia *as pessoas* . Eu lia personalidades e comportamentos — e nem sempre precisava de uma pessoa presente para fazer isso. “Mas *posso* dizer que TA Geoff gostou um pouco demais de falar sobre o modus operandi de Redding”, continuou Michael. “Ele queria ver uma expressão de horror no rosto de Cassie e, como não conseguiu, mudou o assunto para Emerson.”
“E o que o rosto dele lhe disse sobre Emerson?” Lia perguntou.
“Sem culpa”, relatou Michael. “Nem mesmo tristeza. Um pequeno pedaço de medo. Satisfação. E lealdade.
"Lealdade?" Perguntei. "A quem?"
“Eu realmente odeio dizer isso”, disse Lia com um suspiro, “mas Derek poderia estar certo. Talvez o professor seja o nosso cara. Durante todo o tempo em que conversei com a dupla dinâmica O Presente de Deus para o Planeta e a Maravilha Ruborizada, só percebi uma inverdade interessante.”
“Derek?” Imaginei.
“Clark.” Não havia dúvida na voz de Michael. “Quando ele estava falando sobre Emerson.”
“Aponte para o leitor de emoções”, Lia falou lentamente. Os dons deles se sobrepunham mais aos dos outros do que os meus. “Quando Clark disse que Emerson ‘não era assim’, ele estava mentindo.” Lia enrolou o rabo de cavalo

no dedo indicador. “Se você me perguntar, Clark sabia que ela estava fazendo mambo horizontal com o Professor Creepy.”
Virei-me para Michael. "O que você viu?"
“Em Clark?” Michael saiu da rodovia. Em breve estaríamos em casa. “Eu vi saudade”, disse ele. "Medo de rejeição." Ele olhou para os meus. "Raiva."
Não apenas raiva, mas raiva. Com Derek, por falar mal de uma garota com quem Clark se importava? Nós por fazermos as perguntas? No professor? Em Emerson?
"Então o que fazemos agora?" Perguntei. “Supondo que não sejamos pegos assim que chegarmos em casa.”
“Precisamos descobrir se o FBI sabe da relação de Emerson com o professor.” Lia jogou o cabelo para trás por cima do ombro. “Se não o fizerem, teremos que encontrar uma maneira de transmitir essa informação.”
“E quanto a Dean?” Perguntei.
"Nós não contamos a Dean." A voz de Lia era baixa, mas cortava o ar como um chicote. “Ele precisa que este caso seja resolvido. Ele não precisa saber o que faremos para ver isso acontecer.”
Dean não entenderia por que nos arriscaríamos por ele, porque no fundo, ele acreditava que não valia a pena salvá-lo. Ele teria levado um tiro por qualquer um de nós, mas não iria querer que arriscássemos nada por ele.
A maioria das pessoas construiu muros para se proteger. Dean fez isso para proteger todos os outros.
Pela primeira vez, Lia e eu estávamos totalmente de acordo. "Nós não contamos a Dean."

CHAPTER 18

“D*Comportamento Eviant, Criminal Minds: Uma Introdução à Psicologia Criminal, Oitava Edição*.” Com os olhos turvos e meio acordado, olhei do livro que estava na mesa da cozinha para Dean, e depois de volta. "Seriamente?" Eu disse. “Agente Sterling quer que leiamos um livro introdutório?”

Depois da noite que Lia, Michael e eu tivemos, minha cabeça latejava e tudo que meu corpo realmente queria era voltar para a cama.

Dean encolheu os ombros. “Recebemos os capítulos um a quatro.” Ele fez uma pausa, seus olhos observando minha aparência. "Você está bem?"

Não, pensei. Estou com falta de sono e não sei dizer por quê.

“Estou bem”, insisti. Eu podia ver Dean examinando as dezenas de maneiras pelas quais eu estava apenas um pouco distante esta manhã. “Eu simplesmente não posso acreditar que a ideia do Agente Sterling de nos treinar seja... *isso* ,” acrescentei, apontando para o livro. Desde o momento em que entrei no programa, aprendi fazendo. Casos reais. Fotos reais da cena do crime. Vítimas reais.

Mas este livro? Bryce, Derek e Clark provavelmente já leram um igual. Provavelmente havia pequenas planilhas para acompanhar.

“Talvez seja uma perda de tempo”, disse Dean, arrancando o pensamento da minha mente. “Mas agora, prefiro perder nosso tempo do que o de Sterling.”

Porque o Agente Sterling estava à caça do assassino do Emerson.

Peguei o livro dele e abri no capítulo um. “'Psicologia Criminal é o subconjunto da psicologia dedicado a explicar os tipos de personalidade, motivos e estruturas cognitivas associadas ao comportamento desviante'”,

li, “'particularmente aquele que causa danos mentais ou físicos a outras pessoas.'”
Dean olhou para a página. Seu cabelo caiu em seu rosto. Continuei lendo, entrando em um ritmo constante, minha voz sendo o único som na sala.
“'Capítulo Quatro: Ofensores Organizados vs. Desorganizados.'”
Dean e eu fizemos uma longa pausa para o almoço, mas minha voz ainda estava ficando rouca.
“Minha vez”, disse Dean, pegando o livro de mim. “Se você ler outro capítulo, no final estará imitando coisas.”
“Isso pode ficar feio”, respondi. “Nunca fui muito bom em charadas.”
“Por que tenho a sensação de que há uma história aí?” Os lábios de Dean se curvaram em um sorriso sutil.
Estremeci. “Digamos apenas que a noite de jogos em família é um assunto competitivo e também estou muito desanimado no Pictionary.”
“Do meu ponto de vista, isso não é exatamente uma falha de caráter.” Dean recostou-se na cadeira. Pela primeira vez desde que vimos o corpo no noticiário, ele parecia quase relaxado. Seus braços balançavam frouxamente ao lado do corpo. Seu peito subia e descia ligeiramente a cada respiração. O cabelo ainda caía no rosto, mas quase não havia tensão visível nos ombros e no pescoço.
“Alguém disse falha de caráter?” Michael entrou na sala. “Acredito que esse possa ser um dos meus nomes do meio.”
Olhei de volta para o livro, tentando fingir que *não estava* apenas olhando para Dean.
“Nomes do meio, plural?” Perguntei.
Michael inclinou ligeiramente a cabeça. “ *Falha de personagem de Michael Alexander Thomas* , Townsend.” Ele me lançou um sorriso preguiçoso. “Tem um certo toque, você não acha?”
“Estamos trabalhando,” Dean disse categoricamente.
“Não se preocupe comigo”, disse Michael, acenando com a mão em nossa direção. “Só estou fazendo um sanduíche.”
Michael nunca foi “simplesmente” qualquer coisa. Ele poderia querer um sanduíche, mas também estava gostando de irritar Dean. *E,* pensei, *ele não quer nos deixar aqui sozinhos.*
“Então,” eu disse, voltando-me para Dean e tentando fingir que isso *não era* estranho. "Capítulo quatro. Você quer assumir a leitura?

Dean olhou para Michael, que parecia divertido com toda a situação. “E se não lemos?” Dean me perguntou.
“Mas é o nosso *dever de casa* ”, eu disse, adotando uma expressão escandalizada.
“Sim, eu sei, fui eu quem convenceu você a ler isso em primeiro lugar.”
Dean passou a ponta do dedo pela borda do livro. “Mas posso dizer o que isso vai dizer.”
Dean estava aqui há cinco anos e este livro era Profiling 101.
“Tudo bem”, eu disse. “Por que você não me dá a versão abreviada? Ensine-me."
Houve um tempo em que Dean teria recusado.
“Tudo bem”, disse ele, olhando para mim do outro lado da mesa.
“Assassinos desorganizados são solitários. São eles que nunca se adaptam. Habilidades sociais deficientes, muita raiva reprimida.”
Ao ouvir a palavra *raiva* , meus olhos se voltaram involuntariamente para os de Michael. *Nunca se encaixa. Habilidades sociais deficientes.* Eu poderia dizer pela expressão no rosto de Michael que eu não era o único pensando que isso soava como uma descrição básica de Clark.
Dean fez uma pausa. Forcei meus olhos para frente e desejei que Dean não pensasse muito sobre por que ouvir algumas palavras sobre assassinos desorganizados levou a algo não dito entre Michael e eu.
“Em suas vidas cotidianas, assassinos desorganizados são geralmente vistos como anti-sociais e ineptos”, continuou Dean após um longo momento. “As pessoas não gostam deles, mas também não têm medo deles. Se o assassino desorganizado tiver um emprego, é provável que seja mal remunerado e pouco respeitado. Assassinos desorganizados podem comportar-se como adolescentes até a idade adulta; é estatisticamente provável que eles ainda vivam com um ou mais dos pais.”
“Então qual é a diferença entre um assassino desorganizado e um perdedor?” Michael nem se preocupou em fingir que não estava escutando.
“Se você fosse como Cassie e eu” – Dean olhou para Michael – “você não teria que perguntar.”
Silêncio mortal.
Dean nunca havia admitido que nós dois éramos iguais antes. Ele nunca acreditou nisso. Ele certamente nunca disse isso a Michael.

"É assim mesmo?" Os olhos de Michael se estreitaram, um nítido contraste com o sorriso aparentemente sereno em seus lábios. Olhei para a mesa. Michael não precisava ver a expressão no meu rosto – aquela que dizia que Dean estava certo. Não *precisei* fazer a pergunta a Michael, porque instintivamente *sabia* a resposta. Ser anti-social, raivoso e inepto não fazia de alguém um assassino. Características como essas não poderiam nos dizer se Clark tinha potencial para violência, ou quanto. A única coisa que eles poderiam nos dizer era que *tipo* de assassino alguém *como* Clark seria, se algum dia cruzasse essa linha.
Se Clark fosse um assassino, seria um assassino desorganizado.
“Assassinos organizados podem ser encantadores.” Dean voltou sua atenção de Michael para mim. “Eles são articulados, confiantes e confortáveis na maioria das situações sociais.” Seu cabelo caiu em seu rosto, mas seu olhar nunca se afastou do meu. “Eles tendem a ser inteligentes, mas narcisistas. Eles podem ser incapazes de sentir medo.”
Pensei em Geoffrey com *G* , que me deu um sermão sobre o significado do modus operandi e mencionou Emerson sem o menor sinal de pesar.
“Outras pessoas não são dignas de empatia pelo assassino organizado, porque outras pessoas são *menos* . Para eles, ser mediano é o mesmo que ser descartável.”
Absorvi as palavras de Dean e as memorizei.
“Qual é a vida de mais uma pessoa quando o mundo está cheio de tantas?” A voz de Dean ficou monótona enquanto ele fazia a pergunta, e eu sabia que ele estava em outro lugar. “Os assassinos organizados não sentem remorso.”
O pai de Dean era um assassino organizado, pensei. Estendi a mão sobre a mesa e coloquei minha mão sobre a de Dean. Ele abaixou a cabeça, mas continuou falando. “Os assassinos organizados planejam coisas”, disse ele, em voz baixa. “Assassinos desorganizados, são eles que fazem as coisas no calor do momento.”
“Eles explodem”, eu disse suavemente, “ou cedem aos seus impulsos”.
Dean se inclinou para frente, seus dedos curvando-se em torno dos meus. “É mais provável que eles ataquem pelas costas do que os assassinos organizados.”
“Escolha de arma?” Eu perguntei, minha mão ainda entrelaçada com a dele.

“Tudo o que eles têm ao alcance”, respondeu Dean. “Trauma contundente, uma faca de cozinha próxima, suas próprias mãos. Toda a cena do crime reflete uma perda de controle.”
“Mas para os assassinos organizados”, eu disse, olhando para ele, “é tudo uma questão de controle”.
Dean sustentou meu olhar. “Assassinos organizados perseguem suas vítimas. Freqüentemente, eles têm como alvo estranhos. Cada movimento que fazem é calculado, premeditado e a serviço de um objetivo específico. Eles são metódicos.”
“Mais difícil de pegar,” eu forneci.
“Eles gostam do fato de serem mais difíceis de capturar”, Dean respondeu. “Matar é apenas parte do prazer. Sair impune é o resto.”
Tudo o que Dean disse fazia sentido para mim – um sentido incrível e intuitivo, como se ele estivesse me lembrando de algo que eu sempre soube, em vez de me ensinar algo novo.
"Você está bem?" ele perguntou-me.
Eu balancei a cabeça. "Estou bem." Olhei para o balcão da cozinha, onde Michael estava fazendo seu sanduíche. Ele se foi. Em algum momento durante minhas idas e vindas com Dean, Michael foi embora.
Olhei para a mesa. Dean lentamente desenrolou sua mão da minha.
"Reitor?" Eu disse. Minha voz era suave, mas cortava a sala. Eu ainda podia sentir o lugar exato onde sua pele tocou a minha. “Os assassinos organizados são aqueles que levam os troféus, não são?”
Dean assentiu. “Os troféus os ajudam a reviver suas mortes. É como eles saciam seu desejo de matar entre as vítimas.”
“Locke pegou um tubo de batom de cada mulher que ela matou.” Eu não pude deixar de dizer essas palavras em voz alta. *Narcisista. Controlada.* Encaixou.
“Meu pai era um assassino organizado.” Houve uma intensidade em Dean quando ele falou sobre seu pai. Esta foi a segunda vez que ele se abriu comigo, olho por olho. “Ele disse que quando criança, as pessoas sabiam que havia algo errado com ele, mas desde que me lembro, ele era querido. Ele planejou as coisas meticulosamente. Ele nunca se desviou do roteiro. Ele dominou as mulheres que visava. Ele os controlou.” Dean fez uma pausa. “Ele nunca demonstrou remorso.”

Ouvi a porta da frente abrir e fechar. Achei que poderia ser Michael, saindo de casa e se afastando de nós, mas então ouvi passos vindo em nossa direção – dois conjuntos, um mais pesado que o outro.
Sterling e Briggs estavam de volta.
Eles apareceram na porta no momento em que Dean fechava o livro na mesa à nossa frente.
"Cassie, podemos conversar a sós com Dean por um minuto?" O agente Briggs ajeitou a gravata. Este gesto específico, deste homem em particular, disparou alarmes em minha mente. A gravata era algo que Briggs só usava quando estava de serviço. Endireitá-lo foi uma espécie de afirmação. O que quer que ele quisesse conversar com Dean, eram *apenas negócios* .
Eu confiava menos em Briggs quando havia negócios envolvidos.
“Ela pode ficar”, Dean disse a Briggs. Suas palavras caíram na sala como um trovão. Desde que eu conhecia Dean, ele estava me afastando. *Sozinho* era o nome do seu jogo.
Eu chamei sua atenção. *Tem certeza?* Eu perguntei a ele silenciosamente.
Dean passou as palmas das mãos pela frente das coxas vestidas com jeans.
“Fique”, ele me disse. *Dean me quer aqui.* Ele se voltou para Briggs. "O que você precisa?"
A Agente Sterling enrijeceu, os lábios pressionados em uma linha sombria.
“A pessoa que matou Emerson Cole é obcecada por seu pai”, disse Briggs, ignorando a expressão no rosto de sua ex-mulher. “Há uma chance muito real de o UNSUB ter escrito para ele.”
“E deixe-me adivinhar,” Dean interrompeu. “Querido pai destrói as cartas assim que as recebe. Eles estão todos aqui. Dean bateu um dedo na lateral da cabeça.
“Ele concordou em nos ajudar”, disse Briggs. “Mas apenas com uma condição.”
A tensão estava de volta nos ombros e no pescoço de Dean. Cada músculo de seu corpo estava tenso.
“Você não precisa fazer nada que não queira”, interrompeu o agente Sterling.
“Eu sei qual é a condição.” Os olhos de Dean ardiam com uma emoção que não consegui identificar: nem exatamente ódio, nem exatamente medo.
“Meu pai não vai *te contar* nada. A única pessoa com quem ele falará sou eu.

VOCÊ

Daniel Redding é um dos grandes. Infame. Engenhoso. Imortal. Você o escolheu por um motivo. Quando um homem como Redding fala, as pessoas ouvem. Quando Redding quer alguém morto, eles morrem. Ele é tudo que você deseja ser. Poderoso. Seguro de si mesmo. E sempre, sempre no controle.

“Você foi desleixado. Estúpido. Sortudo." Você bane a voz e passa os dedos pelas bordas de uma fotografia de Emerson Cole parado ao lado de uma árvore. Prova de que, por um momento, você era poderoso. Seguro de si mesmo. No controle.

Apenas. Como. Ele.

Daniel Redding não é seu herói. Ele é seu deus. E se você continuar seguindo esse caminho, aos poucos irá se refazer à imagem dele. O resto do mundo será tão insignificante e impotente como as formigas. A polícia. O FBI. Você vai esmagá-los sob botas com biqueira de aço.

O que será, será – com o tempo.

CHAPTER 19

Sparedes de tom. Arame farpado.

Minha impressão da prisão de segurança máxima que abrigava o pai de Dean foi passageira. Dean e eu estávamos acomodados no banco de trás de um SUV preto fornecido pelo FBI. O Agente Briggs estava dirigindo. O Agente Sterling sentou-se como espingarda. Da minha posição diretamente atrás dela, eu não conseguia ver nada além de seu antebraço, apoiado no apoio de braço. À primeira vista, ela parecia relaxada, mas as pontas dos dedos estavam pressionadas e cravadas no couro.

Ao meu lado, Dean olhava fixamente pela janela. Coloquei minha mão no assento entre nós, com a palma para cima. Ele desviou o olhar da janela e olhou, não para mim, mas para minha mão. Ele colocou a mão com a palma voltada para baixo no assento, a centímetros da minha.

Deslizei minha mão para mais perto da dele. Seus olhos escuros se fecharam, seus cílios lançando uma série de pequenas sombras em seu rosto. Depois de uma pequena eternidade, sua mão começou a se mover. Ele girou lentamente no sentido horário até que as costas da mão estivessem apoiadas no assento, a poucos centímetros da minha. Eu deslizei minha mão na dele. Sua palma estava quente. Depois de vários segundos, seus dedos se curvaram para cima, fechando-se em torno dos meus.

Apoio moral. Foi por isso que eu estava lá, acompanhando o passeio.

Briggs estacionou em um estacionamento seguro. Ele estacionou e desligou o motor. “Os guardas sairão para deixar Dean e eu entrarmos.” Ele olhou primeiro para Sterling, depois para mim. “Vocês dois fiquem no carro. Quanto menos gente vir outro adolescente aqui, melhor.”

Briggs não estava feliz por eu estar aqui, mas não tentou me deixar para trás. Eles precisavam de Dean, e Dean precisava de algo – alguém – para prendê-lo ao aqui e agora.
A porta dos fundos da prisão se abriu. Dois guardas estavam lá. Eles tinham exatamente a mesma altura. Um era corpulento e careca, o outro era mais jovem e tinha a constituição de um corredor.
Briggs saiu do carro e abriu a porta de Dean. Dean colocou minha mão levemente de volta no meu colo. “Não vou demorar.”
Um músculo em sua mandíbula se contraiu. Seus olhos estavam sem emoção e duros. *Ele nasceu sorrindo.* As palavras da entrevista de Redding ecoaram na minha cabeça enquanto Dean batia a porta.
Dean e Briggs se aproximaram dos guardas. O homem careca apertou a mão de Briggs. O guarda mais jovem deu um passo em direção a Dean, olhando-o de cima a baixo. Um momento depois, Dean estava contra uma parede sendo revistado.
Desviei o olhar.
“Algumas pessoas sempre olharão para Dean e verão seu pai”, disse o agente Sterling do banco da frente. “Daniel Redding não é exatamente o favorito entre os guardas daqui. Ele gosta de jogos mentais e gosta de obter informações sobre as famílias dos guardas. Briggs teve que contar a eles que Dean era filho de Redding. De outra forma, teria sido impossível obter a aprovação desta visita, mesmo com a permissão do alto.”
“Seu pai aprovou esta visita?” Eu perguntei, deslizando no assento para ter um ângulo melhor para vê-la.
“Foi ideia dele.” Sterling franziu os lábios. Ela não estava feliz com isso.
“Seu pai quer este caso encerrado.” Eu trabalhei na lógica da situação. “O caso Locke chegou aos jornais. A última coisa que o FBI precisa agora é de mais publicidade negativa. O diretor precisa que este caso desapareça rápida e silenciosamente, e ele não hesita em usar Dean para fazer isso. Mas se dependesse de você...
“Se dependesse de mim”, ela interrompeu, “Dean nunca mais teria que chegar a cem metros de seu pai novamente.” Ela olhou pela janela. Briggs, Dean e o guarda mais velho desapareceram no prédio. O guarda mais jovem – aquele que revistou Dean – estava andando em direção ao nosso carro.
"Então, novamente", disse Sterling, destrancando a porta do carro, "se

dependesse de mim, depois de prendermos Redding, Dean teria tido a chance de uma infância normal."
Ela abriu a porta e saiu. "Posso ajudar?" ela perguntou ao guarda. Ele olhou para o Agente Sterling, uma leve curvatura nos lábios.
“Você não pode ficar no carro”, ele disse a ela. “Esta é uma área segura.”
"Estou ciente. E autorizado a estar aqui — disse Sterling friamente, arqueando uma sobrancelha. Ela tinha o jeito de alguém que passou a vida em uma série de clubes de garotos antigos. Um guarda penitenciário em viagem de poder não a impressionou.
valeria a pena entrar em uma briga com uma agente do FBI - especialmente *esta agente do FBI.*
“O Diretor está em uma questão de segurança,” ele disse a ela, jogando a culpa em seu superior. “Você terá que mover o carro.”
"Multar." Sterling foi voltar para o carro e os olhos do guarda pousaram em mim. Ele ergueu a mão e fez sinal para que eu abrisse a porta. Olhei para o Agente Sterling. Ela deu um breve aceno de cabeça. Abri a porta e saí.
O guarda mal olhou para mim antes de voltar sua atenção para o agente Sterling. “Ela é amiga daquele garoto Redding?” ele perguntou. Sua voz não deixou dúvidas sobre seus sentimentos em relação a Dean – e ao pai de Dean.
Eu tinha certeza de que Michael teria interpretado isso como desgosto.
"Se você me der licença", disse Sterling com firmeza, "vou mudar o carro."
O guarda me olhou, sua decisão anterior de não entrar em contato com o Agente Sterling enfrentando sua antipatia por Dean – e agora por mim. Ele se virou e disse algo em um rádio portátil. Depois de alguns momentos, ele se virou, com um sorriso educado no rosto, os olhos estreitados em fendas frias e intransigentes. “Liguei para o diretor. Receio que vocês dois tenham que vir comigo.
“Não diga uma palavra”, a agente Sterling me disse baixinho. “Eu cuidarei disso.”
O guarda nos acompanhou por um corredor. A agente Sterling pegou seu telefone.
“Posso colocá-lo na sala de visitas”, ofereceu o guarda. “Ou você pode esperar nos escritórios da frente.”

Quem quer que Sterling estivesse ligando não atendeu. Ela voltou sua atenção para o guarda. "Senhor...." Ela parou, esperando que ele fornecesse seu sobrenome.
“Webber”, disse ele.
"Senhor. Webber, há uma razão pela qual você e seu colega foram convidados a encontrar o Agente Briggs na porta *dos fundos* . Há uma razão para o Agente Briggs não se encontrar com Daniel Redding na sala de visitantes. Este caso é delicado e precisa ser conhecido. E *ninguém* precisa saber que o FBI esteve aqui para ver Redding.”
Os guardas da prisão ocupavam uma posição de poder dentro destas paredes, e este apreciava a sua. Webber não gostou de ser lembrado de que Sterling era do FBI. Ele não gostava dela. Ele não gostava de ser criticado. E ele realmente não gostava de Dean. Ou Redding. Ou eu.
Isso não iria acabar bem.
seguro e *privado* onde possamos esperar ”, continuou o agente Sterling, “sugiro que você ligue para seu supervisor e...”
“Protegido e privado?” — disse o guarda, simpático e educado o suficiente para me causar arrepios na espinha. "Por que você não disse isso?"
Acabamos em uma sala de observação. Do outro lado de um espelho duplo, o agente Briggs e Dean estavam sentados em frente a um homem de cabelos e olhos escuros.
Os olhos de Dean.
Eu não deveria estar aqui. Eu não deveria estar vendo isso.
Mas graças a um guarda prisional com um peso no ombro, eu estava. Dean e seu pai ficaram sentados em silêncio, e eu não pude deixar de me perguntar: há quanto tempo eles estavam sentados ali, olhando um para o outro? O que tínhamos perdido?
Ao meu lado, os olhos de Sterling estavam fixos em Redding.
O pai de Dean não era um homem grande, mas sentado ali, com um leve sorriso enfeitando feições uniformes e comuns, ele chamava a atenção. Seu cabelo escuro era espesso e bem cuidado. Havia um leve traço de barba por fazer em seu queixo e bochechas.
“Conte-me sobre as cartas.” Dean não formulou essas palavras como uma pergunta ou um pedido. Qualquer que fosse a conversa entre os dois antes de chegarmos aqui, Dean era um homem com uma missão agora.
Obtenha as informações que ele precisava e saia.

“Quais letras?” seu pai perguntou amigavelmente. “Aqueles que me amaldiçoam até o inferno e voltam? Os das famílias, descrevendo suas jornadas em direção ao perdão? Aquelas de mulheres propondo casamento?
“As do professor,” Dean rebateu. “Aquele que está escrevendo o livro.”
“Ah”, disse Redding. “Fogle, eu acredito que foi? Cabelo saudável, olhos profundos e comoventes, apaixonado demais por Nietzsche?
“Então ele veio me visitar.” Dean não foi afetado pela teatralidade de seu pai. “O que ele te perguntou?”
“Há apenas duas perguntas, Dean. Você sabe disso." Redding sorriu com ternura. “ *Por que* e *como* .”
“E que tipo de pessoa era o professor?” Dean pressionou. “Ele estava mais interessado no porquê ou no como?”
“Pouco da coluna A, pouco da coluna B.” Redding inclinou-se para frente. “Por que o súbito interesse pelo meu colega professor? Com medo de que ele não acerte sua parte ao contar nossa história?
“Não temos uma história.”
“Minha história é a sua história.” Uma luz estranha surgiu nos olhos de Redding, mas ele conseguiu controlá-la e diminuir um pouco a intensidade de sua voz. “Se você quiser saber o que o professor estava escrevendo e do que ele é capaz, sugiro que você mesmo pergunte a ele.”
"Eu vou", disse Dean. “Assim que você me disser onde encontrá-lo.”
“Pelo amor de Deus, Dean, não tenho o homem na discagem rápida. Nós não somos *amigos* . Ele me entrevistou algumas vezes. Geralmente, ele fazia as perguntas e eu respondia, e não o contrário.”
Dean se levantou para sair.
“Mas”, acrescentou Redding timidamente, “ele mencionou que escreve a maior parte de sua escrita em uma cabana nas montanhas”.
“Que cabana?” Dean perguntou. “Que montanhas?”
Redding apontou com as mãos algemadas em direção ao assento de Dean. Depois de um longo momento, Dean sentou-se.
“Minha memória pode precisar de um pouco de refresco”, disse Redding, inclinando-se ligeiramente para a frente, seus olhos estudando cuidadosamente os de Dean.
"O que você quer?" A voz de Dean estava completamente monótona. Redding não percebeu ou não se importou.

“Você”, disse o homem, seus olhos percorrendo Dean, absorvendo cada detalhe, como um artista examinando seu melhor trabalho. “Eu quero saber sobre você, Dean. O que essas mãos têm feito nos últimos cinco anos? Que paisagens esses olhos viram?
Havia algo desconcertante em ouvir o pai de Dean quebrar seu corpo em partes.
Dean é apenas uma coisa para você, pensei. Ele tem mãos e olhos, uma boca. Algo a ser moldado. Algo para possuir.
“Não vim aqui para falar de mim.” A voz de Dean nunca vacilou.
Seu pai encolheu os ombros. “E não consigo me lembrar se a cabana do professor ficava perto de Catoctin ou de Shenandoah.”
“Não sei o que você quer que eu diga.” Os olhos de Dean encontraram os de seu pai. “Não há nada para conversar. É isso que você quer ouvir? Que essas mãos, esses olhos, não são *nada* ?
“Eles são tudo”, respondeu Redding, com a voz vibrando com intensidade. “E há muito mais que você poderia fazer.”
Ao meu lado, o Agente Sterling estava de pé. Ela deu um passo mais perto do vidro. Mais perto de Redding.
“Vamos, Dean-o, deve haver algo que valha a pena falar em sua vida.”
Redding estava perfeitamente à vontade, imune — talvez até inconsciente — da inimizade que se espalhava por Dean. "Música. Esportes. Uma motocicleta. Uma garota. Redding inclinou a cabeça para o lado. “Ah”, ele disse. "Então há uma garota."
“Não há ninguém,” Dean disse.
“Acho que você protesta demais, filho.”
“Eu não sou seu filho.”
As mãos de Redding dispararam. Num piscar de olhos, ele estava de pé. Dean devia estar inclinado para frente, porque de alguma forma Redding conseguiu agarrar sua camisa. O pai levantou o filho. “Você é meu filho, mais do que nunca foi filho da sua mãe prostituta. Estou em você, garoto. No seu sangue, na sua mente, em cada respiração que você respira.” O rosto de Redding estava perto do de Dean agora, perto o suficiente para que Dean sentisse o calor de sua respiração a cada palavra. "Você sabe. Você tem medo disso.

Num segundo, Dean estava parado ali, e no seguinte, suas mãos estavam fechadas no macacão laranja de seu pai, e Daniel Redding estava sendo puxado corporalmente sobre a mesa.
"Ei!" Briggs ficou entre os dois. Redding soltou Dean primeiro. Ele ergueu as mãos em submissão.
Você nunca se submete de verdade, pensei. Você nunca desiste. Você consegue o que quer - e você quer Dean.
A mão do agente Sterling apertou meu cotovelo. “Estamos indo”, ela me disse. O guarda tentou impedi-la, mas ela voltou toda a força do seu olhar para ele. “Mais uma palavra, mais um passo e juro por Deus que terei o seu emprego.”
Olhei de volta para Dean. Briggs colocou a mão em seu peito e empurrou com força. Como um sonâmbulo acordado de repente, Dean deu um pulo para trás, soltando o controle sobre o pai. Ele olhou para o espelho retrovisor e eu teria jurado que ele podia me ver ali parado.
“Cassandra,” Agente Sterling retrucou. "Estavam indo. Agora."
A última coisa que ouvi antes de sair foi a voz de Dean, vazia e dura.
“Conte-me sobre a cabana do professor.”

CHAPTER 20

"Tisso foi um erro. Sterling esperou até que nós dois estivéssemos acomodados no carro antes de dizer essas palavras.

"Indo com o guarda?" Perguntei.

"Trazendo você aqui. Trazendo *Dean* aqui. Ficar naquele quarto, observando aquilo. Tudo isso." Quando Sterling disse *tudo isso* , tive a sensação de que ela não estava falando apenas sobre a maneira que Briggs e o diretor escolheram para lidar com o caso. Ela se referia à vida que Dean estava vivendo. O programa Naturais. *Tudo isso.*

"Não é a mesma coisa", eu disse a ela. "O que fazemos como equipe e o que Dean faz lá com seu pai – não é a mesma coisa." Colocar Dean em uma sala com Daniel Redding abriu todas as velhas cicatrizes, todas as feridas que aquele homem havia infligido à psique de Dean.

Não era isso que este programa era. Não foi isso que *fizemos* .

"Você deveria ter visto Dean quando recebemos a ligação informando que o FBI havia recuperado Mackenzie McBride", eu disse, pensando naquele *Dean* . Nosso reitor. "Ele não apenas sorriu. Ele sorriu. Você sabia que ele tem covinhas?

O agente Sterling não respondeu.

"Dean nunca teria uma infância normal." Eu não sabia por que parecia tão importante fazê-la entender isso. "Há coisas das quais você não volta. Normal não é uma opção para nenhum de nós." Pensei no que Sloane havia dito. "Se tivéssemos tido uma infância normal, não seríamos Naturais."

O Agente Sterling finalmente se virou para olhar para mim. "Estamos falando do pai de Dean ou da sua mãe?" Ela deixou a pergunta penetrar. — Eu li seu arquivo, Cassie.

"Eu sou Cassie agora?" Perguntei. Ela franziu a testa. Eu elaborei. “Você me chamou de Cassandra desde que apareceu.”
“Você quer que eu continue chamando você pelo seu nome completo?”
"Não." Eu fiz uma pausa. “Mas você quer continuar me chamando por isso. Você não gosta de apelidos. Eles aproximam você das pessoas.”
Sterling respirou fundo. “Você vai ter que aprender a parar com isso”, disse ela.
"Parar o que?"
“A maioria das pessoas não gosta de ter perfis. Algumas coisas são melhores não ditas." Ela fez uma pausa. "Onde você estava ontem à noite?"
Meu coração quase pulou do peito. A pergunta surgiu do nada.
Eu me fiz de bobo. "O que você quer dizer?" Ela ameaçou o programa quando tudo o que Sloane fez foi usar os conjuntos criminais do porão. Se ela soubesse o que Lia, Michael e eu tínhamos feito na noite anterior, não havia como saber o que ela poderia fazer.
"Você acha que eu não gosto de você." Sterling estava usando sua voz de perfil, entrando na minha cabeça. “Você me vê como um inimigo, mas eu não sou seu inimigo, Cassie.”
“Você tem um problema com este programa.” Eu fiz uma pausa. “Eu não sei por que você aceitou esse trabalho. Você tem um problema com o que Briggs está fazendo aqui e tem um problema comigo.
Eu esperava que ela negasse. Ela me surpreendeu. “Meu problema com você”, disse ela, pronunciando cada palavra, “é que você não faz o que lhe mandam. Todos os instintos do mundo são inúteis se você não consegue trabalhar dentro do sistema. Briggs nunca entendeu isso, e você também não.”
“Você está falando sobre o que aconteceu no verão passado.” Eu não queria ter essa conversa, mas não havia saída. Eu não consegui sair do carro. Eu não conseguia fugir de seu olhar avaliador. "Entendo. Dean se machucou. Michael se machucou. Por minha causa."
"Onde você estava ontem à noite?" Agente Sterling perguntou novamente.
Eu não respondi a ela. “No verão passado, você e seus amigos invadiram uma unidade segura e leram os arquivos do caso sem nenhum motivo, até onde sei, a não ser o fato de estarem entediados. Mesmo depois de Briggs avisar você para recuar, você não tinha intenção de fazer isso. Eventualmente, o assassino fez contato.” Ela não me deu tempo para me

recuperar daquela brutal narração dos acontecimentos. “Você queria participar do caso. Seu agente Locke agradeceu.
“Então a culpa é minha”, eu disse, com raiva, tentando não chorar, com medo de que ela estivesse certa. “As pessoas que Locke matou, só para me enviar seus cabelos em caixas. A garota que ela sequestrou. O fato de ela ter atirado em Michael. Isso é tudo por minha conta.
"Não." A voz de Sterling era baixa e intransigente. “Nada disso foi culpa sua, Cassie, mas pelo resto da sua vida você vai se perguntar se foi. Isso o manterá acordado até tarde da noite. Isso vai te assombrar. Isso nunca irá embora. Eu sei que às vezes você se pergunta se eu olho para você e vejo sua tia, mas não é isso. Dean não é o pai dele. Eu não sou meu. Se eu pensasse que você era parecida com a mulher que se chamava Lacey Locke, não estaríamos tendo essa conversa.
“Então por que você está tendo essa conversa comigo *?* ” Perguntei. “Você diz que não sei trabalhar dentro do sistema, mas não tente me dizer que os outros sabem. Lia? Michael? Até Sloane. Você não olha para eles do jeito que olha para mim.
“Porque eles não sou eu.” As palavras do Agente Sterling pareceram sugar todo o oxigênio do carro. “Eu não li seu arquivo e não vi sua tia, Cassie.” Ela apertou a mandíbula. Quando ela finalmente continuou, eu quase me convenci de que a tinha ouvido mal. “Quando você quebra as regras, quando começa a dizer a si mesmo que o fim justifica os meios, as pessoas se machucam. O protocolo salva vidas.” Ela passou a mão pela nuca. Meio-dia, sem ar condicionado, a temperatura no carro estava quase sufocante.
“Você quer saber por que você, em particular, me preocupa, Cassie? Você é quem realmente sente as coisas. Michael, Lia, Dean – eles aprenderam muito cedo na vida a reprimir suas emoções dessa *maneira* . Eles não estão acostumados a deixar as pessoas entrarem. Eles não sentirão a necessidade de colocar seus próprios pescoços em risco *todas as vezes* . Sloane se importa, mas ela lida com fatos, não com emoções. Mas você? Você nunca será capaz de parar de se importar. Para você, sempre será sobre as vítimas e suas famílias. Será sempre pessoal.”
Eu queria dizer a ela que ela estava errada. Mas então pensei em Mackenzie McBride e soube que o agente Sterling estava certo. Cada caso que trabalhei seria pessoal. Eu sempre desejaria justiça para as vítimas. Eu

faria o que fosse necessário para salvar apenas uma vida, do jeito que gostaria que alguém tivesse salvado a da minha mãe.
“Estou feliz que você pôde estar aqui para ajudar Dean hoje, Cassie. Ele precisa de alguém, especialmente agora, mas se você realmente quer fazer o que fazemos, o que *eu* faço, as emoções são um luxo que você não pode se permitir. Culpa, raiva, empatia, estar disposto a fazer *qualquer coisa* para salvar uma vida – essa é a receita para matar alguém.”
Em algum momento antes de deixar o FBI, ela perdeu alguém. Porque ela se envolveu emocionalmente em um caso. Porque no calor da batalha ela quebrou as regras.
“Eu preciso saber onde você estava ontem à noite.” Ela era como um disco quebrado. “Estou lhe dando uma chance de tomar uma boa decisão aqui. Eu sugiro que você aceite.
Parte de mim queria contar a ela, mas esse não era apenas meu segredo. Também era de Michael e Lia.
“Briggs não sabe que você escapou. Nem Judd. Sterling deixou a ameaça implícita pairar no ar. “Aposto que você nunca viu Judd realmente zangado. Eu tenho. Eu não recomendo.”
Quando não respondi, o Agente Sterling ficou em silêncio. A temperatura no carro estava ficando insuportável. “Você está tomando uma decisão errada aqui, Cassie.” Eu não disse nada e seus olhos se estreitaram. “Apenas me diga uma coisa”, disse ela. “Há algo que eu deva saber?”
Mordi o lábio inferior e pensei em Dean e até onde ele estava indo para conseguir a menor informação de seu pai.
“Emerson estava envolvida com o professor dela,” eu disse finalmente. Eu devia a Dean compartilhar essa informação. “Aquele que estava escrevendo um livro sobre o pai de Dean.”
A Agente Sterling tirou a jaqueta. Claramente, o calor também a estava afetando. “Obrigada”, disse ela, virando-se na cadeira para me encarar. “Mas ouça e ouça bem: quando eu disse para você ficar longe deste caso, eu estava falando sério. Da próxima vez que você der um passo para fora de Quantico sem minha permissão, vou providenciar um rastreador de tornozelo em você.
Mal ouvi a ameaça. Eu não respondi. Eu não conseguia formar palavras. Eu não conseguia nem pensar neles.

Quando a agente Sterling tirou a jaqueta, ela deslocou ligeiramente a camisa. Ele abriu na frente, me dando uma visão da pele por baixo. Havia uma cicatriz logo abaixo da clavícula.
Uma marca, no formato da letra *R*.

CHAPTER 21

Sterling olhou para baixo. Com o rosto absolutamente inexpressivo, ela ajeitou a camisa. A cicatriz estava coberta agora, mas eu não conseguia parar de olhar.

Ligue-os. Marque-os. Corte-os. Pendure-os.

Durante todo o tempo que estivemos na sala de observação, ela não tirou os olhos de Daniel Redding.

“Minha equipe estava investigando o caso”, disse Sterling calmamente. “Cheguei um pouco perto demais e fiquei desleixado. Redding me segurou por dois dias antes de eu escapar.

"É assim que você conhece Dean." Eu me perguntei como eles desenvolveram um relacionamento baseado apenas no fato de ela ter prendido o pai dele. Mas se ela tivesse sido uma das vítimas de Redding...

“Eu não sou uma vítima”, disse Sterling, seguindo minha linha de pensamento tão de perto que era assustador. “Sou um sobrevivente e Dean é a razão pela qual sobrevivi.”

“Era esse o caso de que você estava falando antes?” Eu não conseguia encontrar minha voz. Saiu rachado e silencioso. “Quando você disse que se envolver emocionalmente era uma receita para matar alguém, você estava falando sobre alguém que Daniel Redding assassinou?”

“Não, Cassie, eu não estava. E essa é a última pergunta que vou responder sobre Daniel Redding, meu passado ou a marca no meu peito. Estamos claros sobre isso? A voz de Sterling era tão uniforme, tão prosaica, que não pude fazer nada além de assentir.

A porta da prisão se abriu e Briggs e Dean saíram. Estavam acompanhados apenas por um guarda, o mais velho. Observei enquanto o guarda entregava algo ao agente Briggs: um arquivo. Ao lado deles, Dean permanecia

perfeitamente, anormalmente imóvel. Seus ombros estavam curvados. Sua cabeça estava baixa. Seus braços pendiam indiferentemente ao lado do corpo.
“Não pergunte a Dean sobre nada disso.” O agente Sterling emitiu essas palavras como uma ordem, desesperada e feroz. “Nem diga a ele que você viu a marca.”
“Eu não vou. Pergunte a ele. Não vou perguntar nada a ele.” Lutei para formar frases e fiquei em silêncio enquanto Dean e Briggs caminhavam em direção ao carro. Dean abriu a porta do carro e entrou. Ele fechou a porta, mas não olhou para mim. Eu me forcei a não alcançá-lo. Tentei manter meus olhos focados no assento à minha frente.
Briggs entregou o arquivo à agente Sterling, colocando-o em sua mão.
“Registros de visitantes”, disse ele. “Redding não deveria *receber* visitas. O diretor está fora de si. Eu nem apostaria que os registros estariam completos.”
O Agente Sterling abriu o arquivo. Ela revisou a lista de nomes. “Visitas conjugais?” ela perguntou.
Briggs cuspiu a resposta. "Diversos."
“Você acha que nosso UNSUB está nesta lista?” Sterling perguntou.
“Isso faria sentido”, Briggs respondeu laconicamente. “Isso tornaria nossas vidas mais fáceis, então, não, Ronnie, não acho que nosso UNSUB esteja nessa lista, porque não acho que isso vá fazer sentido. Não vai ser fácil. Simplesmente não temos tanta sorte.”
Eu esperava que Sterling respondesse, mas em vez disso, ela estendeu a mão e tocou seu antebraço levemente com as pontas dos dedos. “Não deixe ele chegar até você,” ela disse calmamente. Briggs relaxou ligeiramente sob seu toque. “Se você deixá-lo entrar”, ela continuou, “se você deixá-lo irritá-lo, ele vencerá”.
“Isso é estúpido.” Dean balançou a cabeça, seu lábio superior se curvando em desgosto. “Sabíamos o que aconteceria se eu viesse aqui. Ele prometeu que falaria. Bem, ele falou, e agora não temos como saber o quanto do que ele disse era verdade e o quanto é apenas ele nos guiando, como cães em cordas.”
Não deveria ser eu por trás daquele vidro, pensei. Deveria ter sido Lia assistindo ao interrogatório. Eu não me importava com a diferença entre casos ativos e casos arquivados. Eu me importava com *Dean* .

A agente Sterling virou-se em seu assento. Eu esperava ver a gentileza com que ela repreendeu Briggs, mas em vez disso, seus olhos brilhavam, duros como diamantes, enquanto ela se dirigia a Dean. “Não”, ela disse a ele, apontando um dedo em sua direção.

“Não o quê?” Dean atirou de volta. Eu nunca o tinha ouvido tão irritado.

“Você realmente quer jogar esse jogo comigo?” Sterling perguntou a ele, suas sobrancelhas quase desaparecendo na linha do cabelo. “Você acha que eu não sei como foi para você lá dentro? Você acha que eu não sei o que ele disse, o que você está pensando? Estou lhe dizendo, Dean, *não* . Não vá lá.

Enquanto Briggs passava pelo portão e saía do terreno da prisão, os três ficaram em um silêncio tenso. Coloquei minha mão no assento, com a palma para cima. Dean virou-se para a janela, os dedos cerrados em punhos.

Olhei para minha mão, aberta e esperando, mas não consegui movê-la. Eu me senti totalmente deslocado e inútil. Eu os acompanhei nessa viagem pelo bem de Dean, mas não precisava ser uma criadora de perfis para saber que ele não me queria aqui agora. Com uma única conversa, seu pai abriu uma barreira entre Dean e o resto do mundo, cortando-o tão eficazmente quanto uma lâmina cortando um membro arruinado. A proximidade tácita que vinha crescendo entre Dean e eu foi uma vítima daquele golpe — desapareceu, como se nunca tivesse existido.

Estou em você, garoto. No seu sangue, na sua mente, em cada respiração que você respira.

No banco da frente, Briggs pegou o celular. Segundos depois de discar o número, ele estava gritando ordens. “Redding nos deu a localização da cabine de redação do professor. Catoctina.” Briggs fez uma pausa. “Não, não sei em nome de quem está a escritura da cabana. Tente os pais do professor, a ex-mulher, os colegas de quarto da faculdade... Tente todo mundo e seu maldito cachorro, mas encontre-o.

Briggs encerrou a ligação e jogou o telefone no chão. Sterling percebeu. “Se bem me lembro”, ela disse secamente, “jogar telefones era mais uma área minha do que sua”.

A agente Sterling foi quem foi torturada por Daniel Redding, mas ela foi a única dos três que se manteve unida após esta visita.

“Redding disse alguma coisa sobre o envolvimento do professor com Emerson Cole?” A pergunta do agente Sterling tirou Dean e Briggs do estado de choque, mesmo que apenas por um segundo.

“Quer compartilhar sua fonte sobre isso?” Briggs perguntou firmemente. Eu praticamente podia ouvi-lo pensando que Sterling estava seguindo pistas pelas suas costas.
"Por que você não pergunta a Cassie?" Sterling sugeriu. “Aparentemente, ela está fazendo algumas pesquisas extracurriculares.”
"Com licença?" Briggs cuspiu.
Dean virou a cabeça lentamente para longe da janela para me encarar.
“Que tipo de escavação extracurricular?” ele me perguntou, sua voz baixa e abatida. "O que você fez?"
“Nada”, eu disse. "Não importa."
"Só você?" Dean perguntou. Eu não respondi. Ele fechou os olhos, todo o rosto tenso. “Claro que não é só você. Você não estaria mentindo para mim se fosse. Presumo que a Lia esteja envolvida. Sloane? Townsend?”
Eu não respondi.
“Isso nos dá um motivo”, disse o agente Sterling a Briggs no banco da frente. “O professor pode ter matado a garota para evitar que a verdade fosse revelada.”
“Emerson,” Dean disse, sua voz tensa. “O nome dela era Emerson.”
“Sim”, disse o agente Sterling, ignorando a fúria na voz de Dean. "Era. E quer você acredite ou não, Dean, a informação que você obteve do seu pai hoje, por mais insignificante que pareça, nos ajudará a encontrar o assassino de Emerson. Agora você só precisa nos deixar fazer o nosso trabalho.” Ela fez uma pausa. “Vocês dois sabem. Chega de cavar. Chega de viagens de campo.
Ao ouvir a frase *viagens de campo* , Briggs parou o carro no acostamento da estrada e desligou o motor. “Você,” ele disse, virando-se e me fixando com um olhar. "Para fora do carro." Com essas palavras, Briggs saiu pessoalmente do carro.
Tentei não recuar quando me juntei a ele. Briggs poderia estar disposto a correr riscos calculados, como levar Dean para ver seu pai, mas ele só aceitaria esses riscos se os cálculos fossem *seus* .
“Devo entender que você saiu de casa, fez algum tipo de *excursão* e interferiu diretamente em uma investigação do FBI em andamento?” Briggs nunca levantou a voz, mas colocou tanta força em cada palavra que parecia estar gritando.
"Sim?"

Briggs passou as mãos pelos cabelos. "Quem foi com você?"
Isso eu não poderia contar a ele.
“Eu sei que você quer ajudar”, ele me disse com os dentes cerrados. “O que este caso está fazendo com Dean não é justo. Trazê-lo aqui para conversar com seu pai não foi justo da *minha parte* . Mas eu não tive escolha. Dean realmente não teve escolha, mas você tem. Você pode escolher confiar em mim. Você pode optar por não dar mais munição ao Agente Sterling contra este programa. Você pode optar por *não* se comportar como uma adolescente irresponsável e míope, em quem não se pode confiar que seguirá as regras estabelecidas para sua própria segurança!
Agora ele *estava* gritando.
Dean abriu a porta do carro. Ele não saiu. Ele nem olhou para mim. Briggs exalou. Eu praticamente podia vê-lo contando até dez mentalmente. “Não vou perguntar onde você foi”, ele me disse, cada palavra medida e cheia de advertência. “Não vou lhe dizer que foi estúpido e imprudente, embora tenha certeza de que sem dúvida foi. Vou perguntar a você, uma vez e apenas uma vez, Cassandra, quem lhe contou sobre o professor e a garota?
Engoli em seco. “O nome da minha fonte era Derek. Ele estava trabalhando em um projeto de grupo com Emerson na aula do Professor Fogle. Havia outros dois alunos no grupo: uma garota chamada Bryce e um garoto chamado Clark.”
O olhar de Briggs mudou brevemente para Dean.
"O que?" Eu disse. Captei o significado do olhar trocado entre os dois, mas não consegui entender o seu significado.
Dean foi quem atendeu, enquanto Briggs voltava para o carro.
“Meu pai dizia que se procurássemos um imitador, estaríamos perdendo tempo com o professor.” Dean passou a mão pelo cabelo, fechando os dedos em punho e puxando as raízes. “Ele disse que as únicas cartas verdadeiramente *notáveis* que recebeu foram de um aluno daquela turma.”

CHAPTER 22

No momento em que Briggs parou em casa, o silêncio no carro estava me atormentando. Dean não disse uma palavra desde que nos contou sobre as cartas.

Queríamos proteger você, pensei, desejando que ele me traçasse um perfil e visse isso. Mas foi como se alguém tivesse apertado um botão e Dean tivesse entrado em modo de bloqueio. Ele nem olhava para mim. E o pior é que eu *sabia* que ele estava sentado ali pensando no dia que nós dois passamos juntos e em como foi um erro ele ter acreditado, mesmo que por um segundo, que poderia deixar alguém entrar.

"Reitor-"

"Não." Ele não parecia zangado. Ele não soou *nada* .

Fui o primeiro a sair do carro assim que Briggs o estacionou. Fui em direção à casa, mas diminuí a velocidade quando vi um monte de lixo na entrada. Chamar o monte de metal de carro teria sido generoso. Tinha três rodas, não tinha pintura e havia manchas de ferrugem no para-choque. O capô - se é que se pode chamar isso de capuz - foi aberto. Não consegui distinguir a pessoa que inspecionava o motor, mas consegui distinguir seu jeans. Seus jeans bem gastos, justos e manchados de óleo.

Michael?

Quando conheci Michael, ele mudava seu estilo de roupa todos os dias para me manter na dúvida. Mas esse Michael — vestindo jeans e uma camiseta velha e surrada, enterrado até os cotovelos em um carro de ferro-velho — era novo.

Ele se levantou, passando a mão na testa. Ele me viu olhando para ele e, por uma fração de segundo, sua expressão endureceu.

Você também não, pensei. Eu não conseguiria lidar com o fato de Michael estar bravo comigo também.
“Decidi começar a restaurar carros”, ele gritou, respondendo à pergunta que eu não tinha feito e me dando alguma esperança de ter imaginado a expressão em seu rosto um momento antes. “Caso algo aconteça com meu Porsche.”
A referência à minha proposta de ameaça não passou despercebida.
Você viu Dean e eu na cozinha, pensei, entrando na perspectiva dele. Você se cansou de nos ver juntos. Você saiu....
“Sou um homem de muitos mistérios”, disse Michael, interrompendo meus pensamentos. Ele sempre sabia quando eu estava traçando o perfil dele e nunca me deixou escapar por muito tempo. "E você", acrescentou ele, seu olhar passando pelo meu rosto, "não está... feliz."
“Todos vocês, por dentro!” Briggs retrucou.
Dean dirigiu-se para casa, curvado, com os olhos fixos em frente enquanto passava por nós. Michael acompanhou os movimentos de Dean e depois olhou para mim.
Olhei para baixo e comecei a andar. Cheguei na metade do caminho até a porta da frente antes que Michael me alcançasse. Ele colocou a mão no meu ombro.
“Ei,” ele disse suavemente. Parei, mas ainda não olhei para ele. "Você está bem?"
"Estou bem."
"Você não está bem." A mão em meu ombro traçou a borda de um músculo tenso, depois me virou para encará-lo. “O que Dean fez?”
“Nada”, eu disse. Dean tinha o direito de estar com raiva. Ele tinha o direito de não querer nada comigo.
Colocando dois dedos abaixo do meu queixo, Michael inclinou meu rosto em direção ao dele. “Ele fez alguma coisa, se você está assim.”
“Não é culpa dele”, insisti.
Michael deixou cair a mão ao lado do corpo. “Não leve a mal, Colorado, mas estou ficando muito cansado de ver você dar desculpas para ele.”
"Suficiente." Briggs colocou uma mão no ombro de Michael e a outra no meu e nos conduziu para dentro de casa. “Chame Lia”, disse ele. “E Sloane. Quero todos vocês na sala em cinco minutos.
“Ou então,” Michael entoou em um sussurro.

"Mover!" A voz do agente Briggs tornou-se um grito. Michael e eu nos mudamos.
Cinco minutos depois, estávamos reunidos na sala de estar – Michael, Lia, Sloane e eu na carruagem, Dean sentado na beira da lareira. Briggs pairava sobre nós. Sterling recuou e observou.
“Diga-me uma coisa: na história deste programa, algum de vocês já foi autorizado a abordar testemunhas?” A voz de Briggs tornou-se enganosamente agradável.
Lia processou a pergunta e depois se virou para mim. “Sério, Cassie, você é a pessoa menos furtiva da face do planeta ou apenas *quer* ser pega habitualmente?”
“Lia!” Briggs disse bruscamente. "Responda à pergunta."
“Tudo bem”, disse Lia, com a voz sedosa. “Não, nunca fomos autorizados a abordar testemunhas. Nunca fomos autorizados a fazer nada de interesse. Ficamos trancados na torre metafórica enquanto você sai correndo e pega os bandidos. Satisfeito?
"Eu pareço satisfeito para você?" Uma veia na testa de Briggs latejava.
“Dean foi ver seu pai hoje.”
Nada que Briggs pudesse ter dito teria tido um impacto maior em Lia. Seus olhos se voltaram para Dean. Ela ficou lá, congelada.
“Dean passou por um inferno porque eu pedi a ele”, Briggs continuou impiedosamente. “Porque foi crucial para este caso. Quero que isso seja resolvido tanto quanto qualquer um de vocês, mas, ao contrário de vocês, não estou brincando aqui.”
“Nós não estávamos...” comecei a dizer.
Briggs interrompeu minha objeção. “Cada segundo que gasto policiando você, certificando-me de que você não está resolvendo o problema com suas próprias mãos e comprometendo toda a investigação, é um segundo que eu poderia gastar para capturar esse assassino. Neste momento, eu deveria estar seguindo uma pista sobre a cabine de redação do professor, mas em vez disso estou aqui, porque parece que você precisa de um lembrete sobre o que é e o que não é este programa.
Lia finalmente conseguiu desviar o olhar de Dean. Ela se virou para Briggs, os olhos brilhando, os dedos cerrados em punhos. "Você está nos lendo sobre o ato de revolta por tentar colocar nossas habilidades em uso, mas

deixar aquele filho da puta brincar com a cabeça de Dean em troca de qualquer informação que você possa encontrar, tudo bem *?* "
"Suficiente." Dean não levantou a voz. Ele não precisava. Lia virou-se para ele. Durante cinco ou seis segundos, eles apenas ficaram ali sentados, olhando um para o outro.
“Não, Dean. Não é o suficiente." Sua voz era suave, até que ela se voltou para Briggs. “Você precisa me deixar assistir a fita da sua entrevista com Redding. Nem tente me dizer que você não gravou. Você grava todas as conversas que tem com o homem. A questão não é se ele está mentindo, mas sim sobre o que ele está mentindo, e nós dois sabemos que sou sua melhor chance de responder a essa pergunta.
“Você não está ajudando”, Briggs disse a Lia. Ele sustentou o olhar dela e percebi que ele não estava apenas negando o pedido dela. Ele estava dizendo a ela que nós realmente não estávamos ajudando a situação, que tudo o que fizemos até aquele momento tinha *machucado* Dean.
Talvez ele estivesse certo, mas não pude deixar de pensar que Lia também estava certa. E se ela *pudesse* ver algo na entrevista que todos nós não percebemos?
O telefone de Briggs tocou. Ele atendeu, virando as costas para o resto de nós. O Agente Sterling deu um passo à frente.
Dean antecipou tudo o que ela ia dizer. “Vou ficar fora disso.” Seu tom era inexpressivo, mas havia algo amargo em seus olhos. “É nisso que eu sou excelente, não é? Ficar fora das coisas até que seja tarde demais.”
Pensei no *R* gravado no peito do Agente Sterling.
Briggs guardou o telefone no bolso e voltou-se para Sterling. “Temos um possível endereço para a cabana do professor.”
“Vá em frente, então.” Judd falou atrás de nós. Eu me perguntei há quanto tempo ele estava lá. “Vocês dois, saiam daqui”, disse ele a Briggs e Sterling. “Posso estar velho, mas ainda sou capaz de garantir que nenhum desses malfeitores saia de casa.”
Nós, meliantes, não saímos de casa. Nós nos reunimos no porão.
“Quero saber exatamente onde Cassie conseguiu as informações que deu a Briggs”, disse Dean. O fato de ele estar falando de mim e não de mim foi mais profundo do que deveria.
“Bem, eu quero saber por que você pensou que estar no mesmo quarto que seu pai era tudo menos a pior ideia de todas”, retrucou Lia.

“Ele sabia de alguma coisa”, Dean disse a ela.
“Ou ele queria que você pensasse que ele sabia de alguma coisa. Você não deveria ter ido. E se você tivesse que ir, deveria ter me levado com você. Lia deu as costas para Dean, mas não antes de eu perceber que ela não estava apenas com raiva. Ela estava machucada. Dean foi ver o pai pela primeira vez em cinco anos. Eu tinha ido com ele. Ela não tinha.
“Lia,” Dean disse suavemente.
“Não,” ela retrucou sem se virar. “Eu cuido de você. Você cuida do meu. Ele é difícil de ler, mas não é impossível, Dean. Eu poderia ter ouvido. Eu poderia ter ajudado.”
“Você não pode ajudar,” Dean disse a ela. Ele voltou o assunto para sua pergunta original. “Você sabe como Cassie conseguiu a informação, não é, Lia?”
“Claro que sei”, disse Lia. “Foi ideia minha! E foi nosso risco correr, Dean.
"Risco?" Dean repetiu, sua voz sedosa e baixa. “Lia, o que você fez?”
“Eles escaparam,” Sloane falou ao meu lado. Todos nós nos viramos para olhar para ela. Ela estava estranhamente quieta desde que Briggs chamou todos nós para baixo. “De acordo com meus cálculos, Cassie ficou fora por duas horas, quarenta e três minutos e dezessete segundos. E ela estava usando apenas dois quintos do vestido.”
“Sloane!” Eu disse.
"O que?" ela atirou de volta. “Se você queria que eu ficasse de boca fechada, deveria ter me levado com você.”
Ferimos os sentimentos dela, percebi de repente. Nem sequer me ocorreu perguntar a ela.
“Da próxima vez”, Lia disse a ela.
“Não haverá uma próxima vez!” Dean explodiu. Ele respirou fundo, acalmando-se. “Diga-me que você não estudou na Colonial.”
“Não fomos para Colonial”, respondeu Lia sem perder o ritmo.
Dean olhou para ela por alguns segundos e depois se virou para mim. Claramente, eu era uma presa mais fácil. “Você foi para um campus universitário *sabendo* que um assassinato acabara de ser cometido lá, usando dois quintos de um vestido e procurando pessoas que pudessem estar ligadas ao assassino?”
“Se serve de consolo”, disse Michael a Dean, “eu fui junto”.

Dean ficou muito quieto. Por um segundo, pensei que ele poderia realmente bater em Michael. “Por que diabos isso seria um consolo?”
"Porque", respondeu Michael, com um brilho nos olhos, "se eu não estivesse lá, Cassie teria saído *sozinha* com um aluno do último ano da faculdade que tem uma fascinação doentia pelo caso do seu pai."
"Michael!" Eu disse.
“Cássia!” Dean virou um olhar estrondoso para mim.
Joguei Lia debaixo do ônibus. “Pelo menos eu não saí sozinho com *dois* caras estranhos na aula do Fogle.”
Dean voltou-se para Lia.
“Não tenho ideia do que ela está falando.” O ato inocente de Lia foi tão bom quanto parecia. Dean jogou as mãos para o alto.
“Vocês todos têm um desejo de morte?” ele perguntou.
"Não!" Não consegui conter a objeção. “Todos nós queríamos ajudar *você* .”
Essas foram as últimas palavras que eu deveria ter dito. O objetivo de não contar a Dean foi evitar que ele se sentisse responsável por nossas ações. Desde o momento em que voltou da entrevista com o pai, ele estava se afastando e eu dei-lhe o empurrão final.
Ele saiu. Quando Lia tentou segui-lo, ele disse algo para ela, a voz tão baixa que não consegui entender as palavras. Ela empalideceu, o sangue sumiu completamente de seu rosto, e ficou ali, congelada no lugar enquanto Dean se afastava. Após vários segundos de silêncio chocado, Lia também fugiu.
Michael olhou para Sloane e depois para mim. Ele caminhou em direção à porta. “Acho que correu bem.”

CHAPTER 23

SLoan e eu éramos os únicos que sobraram no porão. “Eu pensei que você não deveria estar aqui,” ela disse abruptamente. Sua concisão me surpreendeu, até que me lembrei da expressão em seu rosto quando ela mencionou que íamos fugir sem ela.
“Não estou”, eu disse.
Sloane não respondeu. Ela caminhou até um conjunto de banheiro e ficou do lado de fora do chuveiro. Ela olhou para ele, como se eu nem estivesse lá.
“Estamos bem?” Eu perguntei a ela.
Dean ficou furioso. Michael partiu para lugares desconhecidos. Quando a poeira baixasse, Lia provavelmente iria me culpar por toda essa bagunça. Eu precisava de estatísticas alegres e jorrantes de Sloane. Eu precisava não ficar sozinho.
“Você está bem e eu estou bem. Parece ser lógico que estamos bem.” O olhar de Sloane pousou no ralo do chuveiro. Levei um momento para perceber que ela estava contando — contando os buracos no ralo, contando os azulejos do chão do chuveiro.
“Não queríamos deixar você de fora”, eu disse a ela.
"Estou acostumado com isso."
Da forma como o cérebro de Sloane funcionava, ela provavelmente passou toda a sua vida antes do programa do lado de fora, observando. Eu era colega de quarto dela e criadora de perfis — deveria ter pensado melhor.
“Dean também é meu amigo.” A voz de Sloane era baixa, mas feroz. Ela ergueu os olhos do chão, mas ainda não se virou para mim. “Não sou bom em me misturar ou em festas. Eu digo a coisa errada. Eu faço a coisa errada. Eu sei disso, mas os números pares são melhores que os ímpares, e

se eu estivesse lá, Lia não teria que partir sozinha. Sloane fez uma pausa e mordeu o lábio. “Ela nem perguntou.” Ela engoliu em seco. “Antes de você chegar, Lia pode ter me perguntado.” Sloane finalmente se virou para olhar para mim. “Há apenas setenta e nove vírgula seis por cento de chance, mas ela pode ter.”
“Da próxima vez”, disse a Sloane, “ *vou* perguntar a você”.
Sloane considerou minhas palavras cuidadosamente e então as aceitou com um aceno de cabeça. “Vamos nos abraçar agora?” ela perguntou. A questão era absolutamente clínica. Deslizei um braço em volta do ombro dela e apertei.
“Estatisticamente”, Sloane me disse, soando mais como sempre, “o banheiro é o cômodo mais mortal da casa”.
Encontrei Michael trabalhando em seu carro. Ou, mais especificamente, encontrei-o segurando uma espécie de lixadeira elétrica e olhando para o carro com uma expressão diabólica.
“Judd deixou você brincar com as ferramentas elétricas?” Perguntei.
Michael ligou e desligou a lixadeira experimentalmente e depois sorriu. “Judd é um homem de gostos exigentes e bom senso.”
“O que significa que Judd não sabe que você está brincando com ferramentas elétricas”, concluí.
“Vou ter que defender o Quinto sobre isso”, Michael me disse.
Houve um momento de silêncio e então fiz a pergunta para a qual realmente queria uma resposta. “Estamos bem?”
“Por que não estaríamos?” Michael ligou a lixadeira elétrica e tentou atacar a ferrugem no para-choque dianteiro do carro, abafando toda a conversa.
Eu pensei que poderia evitar que as coisas mudassem, mas elas estavam mudando de qualquer maneira. Com Michael e eu. Com Dean e eu.
“Michael,” eu disse, minha voz suave o suficiente para que ele não pudesse ouvir por causa do som de metal contra metal.
Michael desligou a lixadeira. Então ele se virou para mim. Eu me senti nu, como sempre fazia quando sabia que meu rosto estava me denunciando. Por que ele não poderia ser apenas um garoto normal, alguém que não conseguia olhar para mim e saber exatamente quais emoções estavam agitando minhas entranhas?

“Estamos bem, Cassie. Acontece que às vezes, quando você quer ser devastadoramente bonito e admiravelmente paciente, você precisa de uma válvula de escape. Ou dois. Ou sete.
Ele estava descontando suas frustrações comigo neste carro.
“Nada aconteceu entre Dean e eu”, eu disse.
“Eu sei disso”, ele respondeu.
“Nada vai acontecer entre Dean e eu”, eu disse.
“Eu também sei disso.” Michael recostou-se no carro. “Melhor do que você. Você olha para Redding e vê todas as maneiras pelas quais vocês dois são iguais. Olho para ele e vejo alguém que está com tanta raiva e com tanto medo dessa raiva que não há espaço para mais nada. Ou qualquer outra *pessoa* .
Percebi, de repente: “Esse é o seu problema com Dean”.
“Que ele é incapaz de namorar uma mulher?” Michael sorriu. “No que me diz respeito, essa é a sua melhor qualidade.”
“Não”, eu disse, revirando o pensamento em minha mente. “Que ele está com raiva e se contendo.” No lugar de Dean, eu também ficaria com raiva. Eu entendi por que ele não se permitia expressar isso, por que ele lutava com unhas e dentes contra dar um soco. Ele não podia correr o risco de apertar o botão e não conseguir desligá-lo.
Mas eu nunca pensei sobre o efeito que estar perto de uma pessoa como Dean teria sobre alguém como Michael.
Michael me deu uma olhada. “Você está me traçando um perfil.”
Dei de ombros. “Você lê minhas emoções o tempo todo.”
Ele parou por um momento. "O que você vê?"
Isso era o mais próximo que eu conseguiria da permissão para vasculhar sua cabeça. “Você cresceu em uma casa onde tudo parecia perfeito – você tinha todas as vantagens que o dinheiro poderia comprar. Mas não foi perfeito.” Michael tinha me contado isso, mas eu segui em frente, andando na ponta dos pés em águas mais perigosas. “Você aprendeu a ler emoções porque seu pai era difícil de ler e você precisava saber quando ele estava com raiva.”
Nenhuma resposta.
“Mesmo que houvesse um sorriso em seu rosto, mesmo que ele estivesse rindo, se ele estivesse com raiva, você precisava ver.” Engoli a bola de emoção subindo pela minha garganta. “Você precisava evitá-lo.”

Para evitar ser atingido.
“Dean me disse praticamente a mesma coisa uma vez.” Michael cruzou os braços, os olhos nos meus. “Só que ele não foi tão gentil com isso.”
Quando conheci Michael, ele tinha uma desconfiança arraigada em relação aos criadores de perfil — e uma forte antipatia pessoal por Dean. Nunca me ocorreu que Dean pudesse ter feito algo *com* Michael para justificar esses sentimentos.
"O que ele disse para você?" Eu perguntei, minha garganta ficando subitamente seca.
"Isso importa?" Michael olhou para a casa. “Ele tem direito à infância complicada, certo? Ele é quem tem o cartão para sair da prisão.” Michael sorriu, mas havia um certo limite nisso. “Sem trocadilhos.”
“Diga-me”, eu disse.
Michael deu um passeio casual ao redor do carro, examinando-o de todos os ângulos. Quando ele falou, não foi para responder à minha pergunta.
“Raiva”, ele disse casualmente. “Isso pode ser uma surpresa, Cassie, mas nem sempre reajo bem a isso.” Uma vantagem surgiu em sua voz. “Na verdade, tendo a ter uma reação muito particular.”
Pensei em Michael fazendo comentários velados sobre *The Bad Seed* na audiência de Dean. Michael deixando Lia usá-lo para irritar Dean.
“Você é o cara que agita a bandeira vermelha na frente do touro.”
“Se você não consegue evitar que eles batam em você”, disse Michael, “você *faz com que* eles batam em você. Pelo menos assim, você está pronto. Pelo menos assim, não é uma surpresa.”
Era fácil ver agora como deve ter sido quando Michael foi convocado para ingressar no programa. Ele não estava feliz em vir para cá, mas pelo menos escapou de viver com uma bomba-relógio. E então ele chegou e encontrou Dean, que tinha todos os motivos do mundo para estar com raiva e estava lutando contra essa raiva a cada passo do caminho.
“Uma noite, Lia e eu ficamos fora até o nascer do sol.” Michael nunca escondeu o fato de ter uma história com Lia. Eu estava tão concentrado no quadro que ele estava pintando para mim que mal percebi. “Acredite em mim quando digo *que isso* não teve nada a ver com Dean. Mas quando voltamos naquela manhã, ele estava esperando por nós, praticamente vibrando, segurando-o sob controle, mas por pouco.”

Eu podia ver: Michael sendo Michael e Lia sendo Lia, ambos autodestrutivos, com gosto pelo caos e desejo de causar alguns problemas ao FBI. E eu podia ver Dean, preocupado com Lia a noite toda com uma entidade desconhecida em quem nenhum dos dois tinha motivos para confiar.
"Então você disse algo que levou Dean ainda mais perto do limite." Eu não tinha certeza se queria saber *o que* Michael havia dito.
“Eu dei um golpe metafórico”, Michael me disse. “Redding revidou.”
“Mas não com os punhos”, esclareci. O presente de Dean era como o meu. Sabíamos exatamente o que dizer para machucar mais alguém. Sabíamos quais eram os pontos fracos das pessoas. E o pai de Michael era seu. A ideia de que Dean pudesse ter usado isso para atingir Michael fez meu estômago revirar bruscamente.
“Eu dei um soco nele”, acrescentou Michael no tipo de tom casual que a maioria das pessoas reserva para conversar sobre o tempo. Ele deu um passo em minha direção, dando-me aquele sorriso patenteado de Michael.
"Eu entendo, você sabe."
"Conseguir o que?"
"Você. Redação. Entendo. Entendo que ele está passando por alguma coisa e entendo que você precisa estar presente. Isso é quem você é, Cassie. Você se preocupa com as pessoas. Você precisa ajudar. Acredite em mim quando digo que estou tentando recuar e deixar você fazer o que for preciso. Mas não é fácil.” Michael desviou os olhos dos meus e pegou a lixadeira de volta. “Não tenho muita prática em ser uma pessoa decente. Não é algo em que eu particularmente me destaque.”
Antes que eu pudesse responder, Michael ligou a lixadeira, abafando os sons da noite. Fiquei ali por alguns minutos observando-o. O carro do agente Sterling finalmente parou na garagem. Estava escurecendo o suficiente para que eu não consegui distinguir muito bem sua postura ou a expressão em seu rosto, mas quando ela atravessou o gramado, Michael inclinou a cabeça para o lado. Ele desligou a lixadeira.
"O que?" Eu disse.
“Ela não está feliz”, ele me disse. “Ritmo rápido, sem salto, mãos coladas ao lado do corpo. Suponho que a exploração da cabine de escrita do professor não tenha corrido muito bem.”

Meu estômago caiu. De repente, pude ouvir o som da minha própria respiração, do meu próprio batimento cardíaco.
Agora foi a vez de Michael perguntar: “O quê?”
Eu estava tão focada em Dean quando estava do outro lado do vidro de observação que não passei muito tempo pensando em seu pai. Eu não tinha me permitido realmente dissecá-lo ou as coisas que ele disse. Mas agora tudo que eu conseguia pensar era que Redding finalmente havia dado uma dica ao FBI sobre onde o professor poderia estar escondido, com grande custo para Dean.
Como assassino organizado, Daniel Redding era um homem que prosperava em jogos mentais. Na direção errada. No poder. Se Redding tivesse pensado, mesmo que por um momento, que o professor era o assassino, não teria dito a Briggs onde encontrá-lo. A única maneira de Redding realmente ter dito a Briggs onde encontrar o professor seria se Redding suspeitasse, com base nas cartas que recebeu, que encontrar o professor lembraria a Briggs - e a Sterling e todos os outros no FBI - que eles não estavam quase tão inteligentes quanto pensavam que eram.
As únicas cartas verdadeiramente notáveis eram de estudantes.
Quando não respondi, Michael chamou o Agente Sterling. “A cabana do professor é um fracasso?”
Ela não respondeu. Ela entrou em casa e fechou a porta atrás dela. E isso, mais do que qualquer outra coisa, me disse que eu estava certo.
“Não foi um fracasso”, eu disse a Michael. “Acho que encontraram o professor.” Engoli. “Deveríamos ter previsto isso.”
“Viu o que está por vir?”
“Acho que encontraram o professor”, repeti, “mas nosso UNSUB o encontrou primeiro”.

VOCÊ

O professor era um problema. Você é um solucionador de problemas. Foi rápido e limpo – uma única bala na parte de trás do crânio. E se não houvesse talento artístico, nenhum método, pelo menos você estava demonstrando iniciativa. Pelo menos você estava pronto, disposto e capaz de fazer o que precisava ser feito.

Faz você se sentir poderoso e faz você se perguntar, só por um instante, se esse não é o melhor caminho. Armas, pequenos buracos de bala e a glória de ser quem puxa o gatilho. Você poderia nocautear a próxima garota, amarrá-la e levá-la para o meio do nada. Você poderia deixá-la solta nas profundezas da floresta. Você poderia rastreá-la, capturá-la em sua mira. Você poderia puxar o gatilho.

Só de pensar nisso seu coração dispara. Pegue eles. Liberte-os. Rastreie-os. Mate eles.

Não. Você se força a parar de pensar nisso, a parar de imaginar o som de pés descalços correndo pelo mato — fugindo de você . Existe um plano. Uma ordem. Uma imagem maior.

Você irá cumpri-lo. Por agora.

CHAPTER 24

Sterling não disse nada sobre o professor. Dean não disse uma palavra a nenhum de nós. Morar na casa com os dois — e com uma Lia vulnerável e fervilhante — era como tentar sapatear em um campo minado. Eu senti que a qualquer segundo tudo iria explodir.

E então o Diretor Sterling apareceu.

A última vez que o diretor do FBI apareceu em nossa casa, a filha de um senador acabara de ser sequestrada.

Isto não era um bom presságio.

O diretor, Sterling e Briggs se trancaram no escritório de Briggs. Da cozinha, eu não conseguia entender o que eles estavam dizendo, mas a cada poucos minutos, vozes se elevavam.

Primeira Sterling.

Depois o do diretor.

Briggs.

Finalmente, houve silêncio. E então eles vieram atrás de nós.

As últimas vinte e quatro horas não foram gentis nem com Sterling nem com Briggs. Briggs parecia ter dormido vestido. Ao lado dele, a mandíbula do agente Sterling estava cerrada. Sua camisa estava abotoada até o topo. O paletó dela também. Como ela era o tipo de pessoa que usava roupas como armadura, as mudanças sutis me disseram que ela se vestiu hoje esperando uma briga.

“Trezentos e sete”, disse o diretor severamente, olhando para cada um de nós. “Esse é o número de alunos matriculados na turma de serial killers do Fogle. Cento e vinte e sete mulheres, cento e oitenta homens.” O Diretor Sterling fez uma pausa. A primeira vez que o conheci, ele me lembrou um

avô. Hoje, não havia nada de avô nele. “São muitos suspeitos e sou um homem que acredita na utilização de todos os seus recursos.”
O diretor Sterling era o tipo de homem que precisava ser para permanecer no topo. Quando confrontado com um problema, ele analisava todas as soluções possíveis: custos versus benefícios, riscos equilibrados com recompensas. Neste caso, os riscos e a probabilidade de comprometer a investigação e expor o programa Naturals são comparados com os benefícios potenciais de utilizar todos os seus “recursos” para capturar este assassino.
Pensei em Judd e na sua conversa sobre ladeiras escorregadias.
“Disseram-nos para ficarmos longe deste caso sob pena de morte.” Lia sorriu como um predador brincando com sua presa. Ela não gostou que tivéssemos sido pegos, ela não gostou que lhe disseram para recuar, e ela odiava que Dean nem sequer olhasse para ela. “Devo presumir que certos partidos foram anulados?”
Lia deixou seu olhar vagar para Briggs quando ela falou sobre *certas festas* , mas meus olhos estavam no Agente Sterling. Havia uma razão para ela ter se vestido para a batalha esta manhã. O que quer que o diretor estivesse prestes a nos pedir, sua filha havia argumentado contra.
“Os riscos são mínimos ou inexistentes”, disse o diretor com firmeza. “E, dados os acontecimentos recentes, entendo que dar a você algo útil para fazer pode, na verdade, mantê-lo *longe* de problemas.”
Achei que isso significava que o diretor sabia de nossa pequena viagem a Colonial.
“Vocês cinco não entrevistarão testemunhas.” Briggs ficou com as mãos soltas ao lado do corpo, olhando para nós um por um. “Você não irá às cenas do crime.” O olhar de Briggs se voltou para Lia. “Você não analisará nenhuma de nossas entrevistas com Daniel Redding.”
Eu não tinha certeza do que restava.
“Seu envolvimento neste caso começa e termina nas redes sociais.” Briggs virou-se para Sterling e esperou. Por um momento, pensei que ela fosse dar meia-volta e sair pela porta, mas ela não o fez.
“Nosso perfil preliminar diz que o UNSUB é um homem.” A voz de Sterling estava perfeitamente uniforme e calma de uma forma que me disse que ela estava prestes a explodir. Quanto mais perto ela estava de perdê-lo, mais violentamente ela o controlava. “Redding sugeriu que poderíamos estar

lidando com um estudante universitário. Eu teria estimado a idade do UNSUB entre vinte e três e vinte e oito anos. Inteligência acima da média, mas não necessariamente educada. Mas o que eu sei? Uma vantagem surgiu em sua voz.

“Obrigado, Agente Sterling”, interrompeu o diretor. Ele se virou para o resto de nós. “Com a cooperação da universidade, obtivemos cópias dos horários e históricos escolares de cada aluno daquela turma. O que isso não nos diz é quem eles são, do que são capazes. É aí que você entra.”

“Redes sociais”, interrompeu Sloane, retomando o que Briggs havia dito anteriormente. “Mais de trezentos milhões de fotos são carregadas nos principais sites de mídia social todos os dias. Entre os proprietários de smartphones no nosso grupo demográfico UNSUB, algo entre sessenta e oitenta por cento do tempo gasto usando esse dispositivo será gasto em redes sociais, em vez de comunicação direta.”

“Exatamente”, disse o diretor Sterling. “Não temos mão de obra para vasculhar cada postagem e, mesmo que tivéssemos, seus olhos poderiam captar algo que a equipe de Briggs não conseguiria. Não estamos pedindo que você faça algo que os adolescentes de todo o país não fazem todos os dias.” O Diretor Sterling não estava olhando para nós quando disse essas palavras. Ele estava olhando para sua filha. “Vocês são adolescentes. Essa coisa da internet é praticamente a sua língua nativa.”

"E você está bem com isso?" Michael perguntou ao Agente Sterling, arqueando uma sobrancelha. Para mim, não houve nenhuma mudança perceptível na expressão dela, mas Michael deve ter visto alguma coisa.

“Não estou bem com isso”, interpretou Michael, “mas também não estou tão convencido de que é uma má ideia quanto você gostaria”. Ele deu a ela seu sorriso mais beatífico. “Estamos crescendo em você.”

“Chega, Michael.” Briggs desviou o foco do agente Sterling e voltou-se para o caso. “Se o UNSUB estiver matriculado na turma do Fogle, o perfil prevê que ele seria um aluno mais velho – ele pode não ter os créditos para ser júnior ou sênior, mas estaria nessa faixa etária. Ele provavelmente vem de uma família da classe trabalhadora e pode morar em casa e ir para o campus.”

A agente Sterling entrelaçou os dedos na frente dela. Seu perfil indicava que a faixa etária mais jovem era de vinte e três anos. Briggs tinha acabado de expandir esse número para baixo em pelo menos um ou dois anos.

“Verônica?” o diretor solicitou.
“Procuramos alguém que sinta prazer em dominar os outros, mas que possa não estar totalmente confiante em sua capacidade de fazê-lo”, disse o agente Sterling após um silêncio considerável. “O pai dele estava presente, mas volátil, e provavelmente deixou a família na época em que nosso UNSUB entrou na puberdade. A mãe dele pode ter namorado vários homens, mas só se casou novamente quando o UNSUB tinha pelo menos dezoito anos. Este UNSUB sente-se confortável perto de armas de fogo. Ele não terá namorada ou esposa. É provável que ele dirija um caminhão ou SUV de cor escura e, se tiver um cachorro, espere que seja de uma raça maior, como um pastor alemão.”
Eu estava acostumado a fazer perfis. Fazer o contrário – tentar descobrir as evidências específicas que levaram Sterling a essas conclusões – foi mais difícil. Um SUV de cor escura e um cão de raça grande sugeriam uma necessidade de poder e dominação. Eu não tinha certeza de onde as armas de fogo haviam entrado — a menos que o professor tivesse levado um tiro? —, mas devia haver algo no assassinato de Emerson que sugeria tanto uma necessidade de controle quanto uma falta de confiança por parte do assassino. A apresentação do corpo e a forma metódica como Emerson foi morto eram características de um assassino organizado. Então, de onde Sterling tirou a falta de confiança?
O fato de ele estar copiando o modus operandi de outro assassino? Seleção de vítimas? O ataque inicial do UNSUB veio por trás? Ele a drogou?
Tentei descobrir como Sterling havia chegado às suas conclusões, mas trabalhar com um pequeno subconjunto dos detalhes relevantes do caso era como tentar nadar com um bloco de concreto amarrado em cada joelho e um esquilo enfiado no bolso. Eu tinha visto o corpo de Emerson no noticiário, mas isso não foi suficiente.
“Como o professor foi morto?” Perguntei.
O diretor, Sterling e Briggs se viraram para me encarar. Dean também. Percebi tardiamente que ninguém jamais havia *dito* que o professor estava morto. Essa era uma informação que não deveríamos saber. Foi um palpite. Com base nas reações deles, eu sabia que tinha acertado.
“Você não precisa saber os detalhes”, Briggs respondeu secamente. “Considere isso nada mais do que mais um exercício de treinamento. Encontre todos os perfis de Internet que puder para cada um dos alunos da

lista de turmas. Confira suas atualizações de status ou curtidas ou o que quer que os universitários estejam fazendo on-line atualmente, e avise-nos se encontrar algo suspeito.
Lia estreitou os olhos para Briggs. “Você não acha que encontraremos nada.” Ela pontuou suas palavras tamborilando os dedos, um por um, no braço do sofá. "Interessante."
“Você não acha que o UNSUB é um estudante.” Dean continuou de onde Lia parou. “Mas não se pode descartar a possibilidade, porque é isso que meu pai faz: ele distribui pequenos grãos de verdade e os veste como mentiras.” Dean olhou para Sterling e depois para Briggs. “Ele quer que você questione seus instintos sobre tudo.”
“Não estou questionando nada”, disse Briggs, com um músculo tenso na mandíbula. “Se houver algo em seu comentário sobre os alunos daquela turma, haverá sinais de alerta. Se houver bandeiras vermelhas, vocês cinco as encontrarão.”
“E se não houver”, disse Dean, preenchendo os espaços em branco, “você não terá perdido seu tempo”.
Cada hora que passávamos navegando em sites de mídia social era uma hora em que a equipe de Briggs estava livre para caçar outras pistas. É por isso que você concordou com isso, pensei, concentrando-me em Briggs. Se Redding mentiu, você não perdeu nada. Se ele estiver dizendo a verdade, veremos. De qualquer forma, não é ele quem manda. Você é.
Pensei no que Dean dissera sobre a veia competitiva de Briggs e no que Judd dissera sobre ultrapassar os limites. *Vocês eram todos a favor de nos manter fora disso,* pensei, *e então encontraram o corpo do professor.*
"Dean, se você preferir ficar de fora, tudo bem." O diretor endireitou a frente de seu terno enquanto dava a Dean um sorriso tenso e de lábios fechados.
"Você quer dizer que prefere que eu fique de fora." Dean permaneceu curvado sobre a lareira, mas ergueu os olhos para encontrar os do diretor. “Porque estou 'muito perto disso', mas na verdade, porque você não confia em mim.” Dean esperou um pouco, mas o diretor não o contradisse. “Não neste caso,” Dean continuou. “Não com meu pai.” Ele ficou. "Não com sua filha."

CHAPTER 25

Svocê matou Emerson Cole. Você matou o professor. Você gostou.
Enquanto eu navegava pelos perfis online, essas palavras nunca estavam longe da minha mente. Espalhados ao meu redor, Michael, Lia e Sloane estavam concentrados em seus respectivos laptops. A ausência de Dean era palpável.
Tentei me concentrar no perfil que o Agente Sterling nos deu. Vinte e poucos anos, lembrei a mim mesmo. Desloca-se de casa. Nenhum pai na foto. Pode ter adquirido um padrasto em algum momento nos últimos anos. Confortável perto de armas de fogo.
Esses não eram exatamente o tipo de coisa que uma pessoa anunciava em sites de mídia social. Eu poderia captar a essência da personalidade de um indivíduo a partir de seus favoritos – livros favoritos, filmes favoritos, citações favoritas – mas as informações mais confiáveis vinham das fotos e das atualizações de status. Com que frequência eles atualizaram? Eles conversaram com amigos? Eles estavam em um relacionamento? Sloane havia desenvolvido algum tipo de método para exibir imagens de caminhões e SUVs de cor escura, mas eu estava mais interessado nas histórias que as imagens contavam.
Instantâneos enviados por outras pessoas me deram uma visão sincera de uma pessoa. Quão constrangidos eles eram? Eles estavam no centro das fotos do grupo ou nas bordas? Eles faziam a mesma expressão facial em todas as fotos, controlando rigidamente o que mostravam ao mundo? Eles olharam para a câmera ou desviaram o olhar? Que tipo de roupa eles usavam? Onde as fotos foram tiradas?

Pouco a pouco, eu poderia construir um modelo da vida de alguém a partir do zero – o que teria sido mais útil se eu realmente tivesse sido eu a traçar o perfil do UNSUB, em vez de apenas receber uma lista de itens para marcar.
Ok, eu disse a mim mesmo depois que meus olhos ficaram embaçados por percorrer muitos perfis, poucos dos quais despertaram meus sentidos de aranha. Sterling e Briggs deram a você algumas coisas importantes para procurar. Então faça o que você sempre faz. Pegue alguns detalhes e tenha uma visão geral.
Sterling achava que o UNSUB era jovem, mas não adolescente. Por que? Ele escolheu um estudante do segundo ano da faculdade como sua primeira vítima. Alguém que desejasse desesperadamente dominar outras pessoas começaria com uma presa fácil – uma jovem risonha e sorridente que não fosse nem um pouco fisicamente imponente. Ele provavelmente era pelo menos alguns anos mais velho que ela, e como uma rápida olhada no perfil de Emerson me revelou que ela tinha vinte anos, isso explicava a faixa etária estimada de Sterling. Como ela determinou que o UNSUB não era um homem mais velho, como o professor?
Você imita as mortes de outro homem. Você o admira. Você quer ser como ele. Deixei esse pensamento descansar por um momento. Mas você também corria o risco de ser pego exibindo sua morte em um local muito público – algo que Daniel Redding não teria feito. Você trouxe uma corda preta para enforcá-la, mas a reportagem disse que você a estrangulou com a antena do próprio carro.
Para colocar isso em termos do livro que Dean e eu lemos, esta foi uma matança organizada, mas havia algo de desorganizado nisso também. O ataque obviamente foi planejado, mas também havia algo de impulsivo nele.
Você planejou deixá-la no gramado do presidente? Ou foi algo em que você pensou quando sua adrenalina começou a aumentar?
Exibir a vítima em público sugeria a necessidade de reconhecimento. Mas reconhecimento de quem? Do público? Da imprensa?
De Daniel Redding? Essa era uma possibilidade da qual eu não conseguia me livrar e, de alguma forma, outras partes do perfil de Sterling começaram a fazer sentido. Um imitador impulsivo que idolatrasse Redding seria mais jovem do que o próprio homem, provavelmente uma década ou mais.
Você se sentiu impotente e admira o poder dele. Você se sentiu invisível e quer ser visto.

SUVs e caminhões eram grandes. Eles se sentaram mais alto na estrada. Os pastores alemães também eram grandes. Eles eram inteligentes, fortes – e muitas vezes cães policiais.

Você não quer apenas poder. Você quer autoridade, pensei. Você quer isso porque nunca o teve. Porque as pessoas em sua vida que têm isso fazem você se sentir fraco. Você não se sentiu fraco quando matou Emerson.

Pensei no professor e desejei novamente saber como ele havia morrido. Se você estivesse na aula de Fogle, você admiraria o professor – a princípio. Mais tarde, porém, você ficou ressentido com ele por falar e não aparecer. Por não prestar atenção suficiente em você. Por pagar muito ao Emerson.

Os assassinos organizados frequentemente escolhiam vítimas que não conheciam para reduzir as hipóteses de o crime poder ser atribuído a eles. Mas meu instinto me dizia que não era coincidência Emerson ter tido um relacionamento com o professor e agora os dois estavam mortos. Essas vítimas não foram escolhidas aleatoriamente. Eles não foram escolhidos por um estranho.

“Ei, Sloane?”

Sloane não tirou os olhos do computador. Ela ergueu o dedo indicador da mão direita e continuou digitando rapidamente com a esquerda. Depois de mais alguns segundos, ela parou de digitar e ergueu os olhos.

“Você pode comparar os horários dos outros alunos com os de Emerson e ver quanta sobreposição existe?” Perguntei. “Estou pensando que se nosso UNSUB estava obcecado por Emerson, esta pode não ser a única aula que eles compartilharam.”

"Claro." Sloane não se moveu para pegar nenhum dos arquivos. Ela apenas ficou ali sentada, com as mãos agora cruzadas no colo, um sorriso brilhante no rosto.

"Você poderia fazer isso agora?" Perguntei.

Ela ergueu novamente o dedo indicador da mão direita. “Estou fazendo isso agora.” Sloane tinha uma memória incrível. O mesmo conjunto de habilidades que lhe permitiu reconstruir a cena do crime aparentemente significava que ela não precisava revisar os dados para analisá-los.

“Emerson se formou em inglês”, ela reclamou. “Ela estava cursando a aula do professor Fogle como disciplina eletiva. Todas as outras matérias contaram para sua especialização, exceto Geologia, que presumo que preenche algum tipo de requisito de ciências naturais. A maioria dos outros

alunos da turma de Fogle eram formados em psicologia, pré-direito ou sociologia e, como resultado, eles compartilhavam muito poucas aulas com Emerson, com exceção de dois alunos.”

Se meus instintos estivessem certos, se Emerson não tivesse sido um alvo aleatório, então eu estaria muito interessado em saber quem eram aqueles dois estudantes.

Sloane folheou habilmente a pilha de arquivos sobre o balcão e me entregou dois deles. “Bryce Anderson e Gary Clarkson.”

Michael ergueu os olhos do que estava fazendo ao ouvir o nome de Bryce. “Bryce não mencionou que ela e Emerson tiveram outras aulas juntos.”

Voltei ao meu computador e procurei o perfil de Gary Clarkson. Ao contrário da maioria de seus colegas, o perfil em si estava definido como privado, então tudo que pude ver foi a foto do perfil.

“Gary Clarkson”, eu disse, virando meu computador para que os outros pudessem ver. “Ele atende por Clark.”

Clark conhecia Emerson. Ele sabia que ela estava dormindo com o professor. Ele estava com raiva. E estávamos olhando para uma foto dele vestindo um colete de caça laranja e segurando uma arma.

CHAPTER 26

SVocê estava na maioria das aulas de Emerson.
Entrei na mente de Clark sem sequer pensar nisso. Você gostou de observá-la. Ela foi legal com você. Você pensou que ela era perfeita. E se você descobrisse que ela não era...
"Você recebeu ... alguma coisa?" Michael me perguntou de seu lugar do outro lado da sala.
Prendi meu lábio inferior entre os dentes. "Talvez."
Eu podia ver Clark mirando em Emerson, mas se ele tivesse atacado ela, eu teria esperado que fosse mais confuso. Eu mesmo pensei isso no dia anterior: se Clark fosse um assassino, ele seria um assassino desorganizado. Emerson não foi assassinado por impulso. O UNSUB nunca perdeu o controle emocional.
E ainda...
Um telefone tocou, tirando-me dos meus pensamentos. Levei um segundo para perceber que o toque era meu. Peguei meu telefone, mas Lia chegou antes de mim. Ela agarrou-o e manteve-o fora do alcance.
“Dê aqui, Lia.”
Seletivamente surda, ela virou o telefone para que eu pudesse ver o nome de quem estava ligando. TA GEOFF apareceu na tela. *O que...* Ele me deu seu número. Eu o conectei ao meu telefone, mas nunca dei o meu a ele.
“Vocês dois estão trocando mensagens de texto”, Lia me informou atrevidamente. “Você realmente se aproximou bastante.”
Fiz uma nota mental para alterar a senha do meu telefone.
“Vamos ver o que ele tem a dizer?” Lia não esperou resposta antes de atender a ligação.

“Geoffrey. Eu estava *falando* sobre você. Ela sorriu com o que ele disse em resposta, depois colocou o telefone no viva-voz e o colocou na mesinha de centro entre nós, desafiando-me a desligar.
Eu não.
“Você ouviu falar do professor?” — perguntou Geoffrey, com a voz grave.
“Está em todos os noticiários.”
Então a história sobre a morte do professor foi divulgada.
“Isso deve ser muito difícil para você”, disse Lia, colocando os pés em cima da mesinha de centro. Com seu tom exalando simpatia, ela revirou os olhos exageradamente.
“Você não tem ideia”, disse Geoffrey em resposta. “O professor não merecia isso.”
E Emerson fez? Eu mordi a pergunta.
“Primeiro aquela garota, agora a professora”, disse Lia, parecendo uma groupie de tragédia, pronta para ouvir cada palavra de Geoffrey. “Quem você acha que é?”
“Estamos lidando com o que gosto de chamar de *assassino organizado* ”, entoou Geoffrey. “Altamente inteligente e difícil de capturar.”
Eu não sabia o que era mais desanimador: a forma como Geoffrey agia como se tivesse inventado a expressão “assassino organizado” – embora demonstrasse apenas uma pequena fração de compreensão do que isso realmente significava – ou o fato de que “altamente inteligentes” ” era provavelmente um descritor que ele usaria para se descrever.
“Provavelmente terei que assumir a aula agora que Fogle se foi”, acrescentou Geoffrey. “Não sei o que acontecerá com seu livro, *Bind Them, Brand Them, Cut Them, Hang Them: The Daniel Redding Story* .”
Geoffrey não resistiu em abandonar o título do livro. Ao ouvi-lo falar, pensei na aparência de Dean, dizendo as mesmas palavras: olhos cegos, rosto pálido.
“Você acha que poderia ser alguém da classe?” Lia perguntou. “ *Sua* aula?”
Ela era tão boa em mudar o rumo da conversa que Geoffrey nem percebeu que ela tinha feito isso.
“Se houvesse um aluno nesta turma com potencial para esse tipo de coisa”, disse Geoffrey, com um tom saturado de presunção, “acho que saberia disso”.

Minha primeira reação a essas palavras foi que, *claro,* ele pensou que reconheceria um assassino. Mas minha segunda reação ficou mais pesada em meu estômago. Ele usou a palavra *potencial* .
Potencial como *capacidade* ou potencial como *talento* ?
“E o garoto que está marcando a curva da classe?” Lia deu outra cutucada verbal em Geoffrey.
“De jeito nenhum”, Geoffrey zombou. “Gary alguma coisa. Ele não machucaria uma mosca.
Gary Clarkson. Como em Clark. Eu não o consideraria do tipo que define curvas, e isso me perturbou. Talvez ele fosse mais planejador, mais tipo A, mais *organizado* do que eu imaginava.
Lia pegou o telefone e desligou abruptamente. O movimento repentino me tirou dos meus pensamentos e segui seu olhar. Dean estava parado no corredor atrás de mim.
Ele não comentou o que ouviu. Ele não ameaçou contar a Briggs que havíamos quebrado as regras. De novo. Ele apenas se virou e caminhou, com passos pesados, em direção às escadas.
Peguei meu telefone de volta. Lia não me impediu. Tocou. Eu esperava que fosse Geoffrey ligando de volta, mas não foi.
“Há alguém que preciso que você procure”, disse Briggs, abandonando a saudação habitual.
“O mesmo para você”, eu disse a ele. “Gary Clarkson. Ele se sente confortável com armas, participou de uma alta porcentagem das aulas de Emerson e estava estabelecendo a curva nas aulas de Fogle.” Hesitei apenas por um segundo e depois continuei. “Você também deveria verificar o TA do professor.”
O FBI não nos deu o arquivo de Geoffrey, mas isso foi um descuido da parte deles. Ele não era um aluno da turma, mas *era* um aluno da universidade – e seria típico do pai de Dean contar ao FBI algo enganoso, mas verdadeiro.
“Vou investigar isso”, prometeu Briggs, “mas agora preciso que você veja o que pode descobrir sobre um certo Conrad Mayler. Ele é um veterano que assistiu às aulas do Fogle há dois anos.”
“Por que estou procurando por ele?”
Houve silêncio do outro lado. Por um momento, pensei que Briggs não responderia à pergunta, mas depois de um segundo de hesitação, ele respondeu. “Foi ele quem postou o vídeo da cena do crime.”

Briggs tinha um jeito de pontuar o final das frases que fechava completamente a porta para conversas futuras.
“Tudo bem”, eu disse. “Conrado Mayler. Entendi."
Vinte minutos depois, eu descobri tudo o que havia para saber online sobre Conrad Mayler. Ele era formado em jornalismo. Ele alegou ouvir apenas bandas indie. Seus filmes favoritos eram documentários. Ele tinha um blog onde escrevia recapitulações sarcásticas de uma variedade de reality shows. Segundo seu perfil, ele frequentou uma escola particular e trabalhou meio período na rádio estudantil.
Seu status de relacionamento era “É complicado”. A garota implicada nesse relacionamento era Bryce Anderson.
Seu nome continua aparecendo. Imaginei a garota loira em minha mente. Eu já havia cometido o erro de assumir erroneamente que um UNSUB era homem. Não importava o que meu instinto estivesse me dizendo desta vez, eu não poderia arriscar cometer o mesmo erro duas vezes.
Percorrendo as atualizações de status e perfis de Conrad, não foi difícil perceber que ele se considerava jornalista. Ele provavelmente alegaria que pegou o vídeo do corpo de Emerson e o postou anonimamente online porque o público tinha o direito de saber. Fiquei meio surpreso que ele não tivesse postado isso em seu perfil.
Aparentemente em resposta aos meus pensamentos, a página à minha frente se atualizou. Conrad postou um novo vídeo. Preparando-me para o pior, cliquei no play, mas em vez de um cadáver, vi fileiras de assentos de madeira cheios de estudantes. O carimbo de hora no vídeo era 7h34
“O professor George Fogle disse uma vez que marcou sua aula para as 7h30 da manhã como uma forma de separar os alunos que estavam fazendo suas aulas por diversão daqueles que levavam a sério o estudo da criminologia.”
A câmera percorreu a sala e reconheci o auditório.
Eu já estive lá antes.
“Três dias atrás, trezentos e sete estudantes sérios fizeram o primeiro dos três exames Monstros ou Homens. O trezentos e oitavo aluno, Emerson Cole, foi encontrado morto naquela manhã.”
— Não há ruído branco — comentou Sloane, esgueirando-se atrás de mim. “Quem gravou a narração tem um equipamento decente. O vídeo, por outro lado, foi feito por algum tipo de smartphone. Resolução de pelo menos 1080p, talvez superior.”

O vídeo cortou da cena do auditório para uma filmagem familiar – o clipe do corpo de Emerson. A narração continuou, mas eu desliguei.
“Eu perguntaria se esse garoto estava falando sério”, disse Michael, vindo se juntar a nós, “mas posso dizer que ele está. Ele acha que isso é jornalismo de ponta. Na página de perfil dele.
“Ele não matou Emerson,” eu disse cansada. Conrad não se enquadrava no perfil. Nosso assassino não tinha um blog sarcástico. Ele não tinha namorada como Bryce – mesmo que fosse *complicado* . E a pessoa que matou Emerson, que a exibiu como um cachorro largando um pássaro morto aos pés de seu dono, nunca teria começado sua “cobertura em vídeo” do evento com imagens da aula.
Para o UNSUB, o resto da turma não teria importância.
“Toque de novo”, ordenou Sloane. "Do começo."
Eu fiz. Sloane me empurrou gentilmente para fora do caminho e assumiu, usando atalhos de teclado para pausar o vídeo, reproduzi-lo, pausá-lo. Seus olhos moviam-se de um lado para o outro na tela. “A narração estava certa”, ela disse finalmente. “Há trezentos e sete alunos naquela sala de aula fazendo esse teste. Incluindo o seu suspeito”, ela me disse, apontando para um rosto inconfundível — redondo, com olhos opacos — na terceira fila. Clark. Ele estava sentado a dois assentos de Bryce, uma fileira atrás de Derek.
“Quem está filmando o teste?” Perguntei. "E porque?"
"Não sei." A língua de Sloane disparou entre seus lábios em um olhar de intensa concentração. “A reportagem dizia que o corpo de Emerson foi descoberto naquela manhã”, disse ela finalmente. “A questão é quão cedo?”
Segui sua linha de pensamento. De acordo com o carimbo de data/hora, esta filmagem foi feita às 7h34 .
"Hora da morte." Eu disse o óbvio em voz alta. “Precisamos da hora da morte.”
Sloane pegou meu telefone e discou um número de memória. Quando ninguém atendeu, ela ligou novamente. E de novo. E de novo.
"O que?" A irritação fez a voz de Briggs ficar alta o suficiente para que eu pudesse ouvi-la à distância.
“É considerado falta de educação falar acima de setenta e cinco decibéis”, fungou Sloane. “Acredito que isso se chama gritar.”
Não consegui ouvir a resposta de Briggs.

“A autópsia de Emerson Cole está em andamento?” Sloane segurou o telefone junto ao ouvido com o ombro e usou as mãos livres para puxar o cabelo do rabo de cavalo e prendê-lo novamente. “Precisamos da hora da morte. A causa da morte também seria útil.

Eu tinha quase certeza de que Briggs não iria querer revelar essa informação. Havia uma certa distância entre traçar o perfil de estudantes universitários nas redes sociais e ler os detalhes de uma autópsia confidencial.

“Você está com setenta e oito decibéis”, disse Sloane, imperturbável pelas objeções de Briggs. “E ainda precisamos da hora da morte.” Ela fez uma pausa novamente. “Porque”, disse Sloane, pronunciando a palavra como se estivesse falando com uma criança muito pequena e muito lenta, “estamos sentados aqui assistindo a um vídeo que foi gravado às 7h34 daquela manhã. Se estou me lembrando dos mapas do campus corretamente — e você sabe que estou —, o Auditório Davies fica a vinte e cinco minutos de caminhada e a dez minutos de carro da casa do presidente. O que significa que se a morte de Emerson Cole (a) exigiu a presença do UNSUB e (b) ocorreu depois das 7h25 e antes do final do teste, então cada aluno daquela turma tem um álibi.”

Sloane ficou quieto por mais tempo desta vez. Então ela desligou o telefone.

"O que ele disse?" Michael perguntou a ela.

Sloane fechou o laptop e o empurrou. “Ele disse que o corpo foi encontrado às 8h15 daquela manhã. A hora da morte foi estimada em 7h55.

CHAPTER 27

A data e hora do vídeo foi verificada. Era oficial: Emerson Cole havia sido estrangulado até a morte enquanto os alunos da turma do professor Fogle estavam no Auditório Davies, fazendo o exame intermediário.

O FBI rastreou o vídeo até nosso bom amigo TA Geoff, que explicou que era política do professor Fogle ter um registro em vídeo dos testes para desencorajar os visitantes de realizá-lo em nome de outro aluno. O vídeo completo também incluía close-ups de cada aluno enquanto eles entregavam os testes. Todos e cada um dos nossos 307 suspeitos em potencial – 308 se você contar Geoffrey – estavam presentes e foram responsabilizados.

No que diz respeito aos álibis, este era inflexível.

“Eu disse a Briggs que ele deveria ter me deixado assistir à entrevista com Daniel Redding.” Lia bateu a porta do freezer e depois descontou sua frustração na gaveta dos talheres. Ela bateu e abriu, fazendo o conteúdo chacoalhar. “Estamos perseguindo uma pista inexistente porque ninguém vai me deixar contar a eles quando aquele pedaço maquiavélico e sem alma de...”

Lia tinha várias maneiras pitorescas de descrever o pai de Dean. Não discordei de nenhum deles. Deslizei na frente dela e retirei duas colheres da gaveta de talheres. Estendi um para ela. Depois de um longo momento, ela aceitou. Então ela olhou para a colher na minha mão com desconfiança.

“Você está dividindo o sorvete”, eu disse a ela. Ela girou a colher entre os dedos e me perguntei se ela estava planejando minha morte.

“Dean também não está falando comigo,” eu disse a ela. “E estou tão frustrado quanto você. Tudo o que fizemos — tudo o que tentamos fazer —

foi em vão. O UNSUB não está nessa classe. Não importa que Geoffrey tenha empatia mínima e fascínio pelo lado negro, ou que Clark tenha uma queda por Emerson e muita raiva reprimida. Nada disso importa, porque nenhum deles matou Emerson."

A única coisa que o FBI nos permitiu fazer foi uma caçada inútil, cortesia do pai psicótico de Dean. E não pude deixar de me sentir tão *estúpido* por pensar que poderíamos simplesmente entrar no campus de uma faculdade ou olhar alguns perfis na internet e encontrar um assassino. Dean ainda estava furioso conosco e não tínhamos nada para mostrar.

"Lia—"

"Tudo bem, já", disse Lia, me interrompendo. "Chega de vínculo, Cassie. Vou dividir o sorvete, mas vamos comê-lo em outro lugar. Não estou com vontade de brincar bem com os outros, e a próxima pessoa que me pedir para compartilhar algo terá uma morte lenta e dolorosa."

"Justo." Dei uma olhada ao redor da cozinha. "Você tem algum lugar em mente?"

No começo, pensei que Lia estava me levando para o quarto dela, mas assim que ela fechou a porta atrás de nós, percebi que esse não era o objetivo dela. Ela abriu a janela e, com um último olhar malicioso por cima do ombro, subiu no telhado.

Ótimo, pensei. Coloquei a cabeça para fora da janela bem a tempo de vê-la desaparecer em uma esquina. Hesitei por uma fração de segundo, depois saí com cuidado pela janela. A inclinação do telhado era suave fora do quarto de Lia, mas mesmo assim mantive a mão na lateral da casa. Fui em direção à esquina que vi Lia tomar. Quando fiz a curva, soltei um suspiro pesado.

O telhado se achatou. Lia estava sentada com as costas apoiadas na parede, as pernas de um quilômetro e meio esticadas quase até a beira da sarjeta. Observando meus passos, fui em direção a ela e deslizei para uma posição sentada. Sem dizer nada, Lia inclinou o pedaço de estrada rochosa em minha direção.

Enfiei minha colher no sorvete e tirei uma colherada pesada.

Lia arqueou delicadamente uma sobrancelha. "Alguém está cortejando uma dor de cabeça de sorvete."

Mordi um pedaço da ponta da minha colher. "Devíamos ter trazido tigelas."

“Há muitas coisas que deveríamos ter feito.” Lia ficou perfeitamente imóvel, com os olhos fixos no horizonte. O sol estava se pondo agora, mas tive a nítida sensação de que, se eu não estivesse com ela, ela teria ficado ali a noite toda, a dois andares do chão, com os pés roçando a beirada. Ela era uma pessoa que odiava ficar encurralada. Ela odiava ficar presa. Ela sempre teve uma estratégia de saída.

Ela simplesmente não precisava de um há muito tempo.

“Dean vai superar isso.” Eu disse isso em vez de outras coisas que estava pensando — sobre estratégias de saída e a infância de Lia e a maneira como ela, muito provavelmente, aprendeu a mentir. “Ele não pode ficar bravo conosco para sempre”, continuei. “Estávamos apenas tentando ajudar.”

“Você não entende?” Lia finalmente virou a cabeça na minha direção, seus olhos escuros brilhando com lágrimas que ela nunca se permitiria derramar. “Dean não *fica* bravo. Ele não se deixa. Então, se fôssemos falar com ele agora, ele não ficaria bravo conosco. Ele não seria *nada* . Isso é o que ele faz. Ele se fecha e exclui as pessoas, e tudo bem. Entendo. De todas as pessoas, eu sim.” Lia fechou os olhos e apertou os lábios. Ela respirou fundo várias vezes e depois os abriu novamente. “Mas ele não *me* exclui.”

Dean conhecia Lia melhor do que qualquer um de nós, e isso significava que ele sabia exatamente o que significaria excluí-la. Ele sabia que era a única pessoa em quem ela confiava, que o relacionamento deles era a única coisa que a impedia de se sentir presa o tempo todo. O mecanismo de defesa de Michael enquanto crescia consistia em reconhecer a raiva e, se não conseguisse neutralizá-la, provocá-la. O de Lia foi enterrar-se sob tantas camadas de engano que, independentemente do que alguém fizesse com ela, eles não poderiam realmente machucá-la, porque não poderiam tocar a garota *real .*

Dean foi a exceção.

“Quando cheguei aqui, éramos apenas Dean, Judd e eu.” Lia abandonou a colher na caixa e apoiou-se nas palmas das mãos. Eu não tinha certeza por que ela estava me contando isso, mas pela primeira vez, eu sabia no meu íntimo que tudo o que ela estava me contando era verdade. “Eu estava pronto para odiá-lo. Sou bom em odiar as pessoas, mas Dean nunca pressionou. Ele nunca me fez uma única pergunta que eu não quisesse responder. Uma noite, depois de estar aqui há alguns meses, fui fugir. Fugir é algo em que sou bom.”

Arquivei isso na lista crescente de coisas que sabia sobre o passado de Lia.
“Dean me pegou. Ele disse que se eu fosse, ele iria comigo. Eu percebi o blefe dele, mas descobri que ele não estava blefando. Eu fugi. Ele seguiu. Ficamos fora por três dias. Eu já tinha vivido nas ruas antes, mas ele não. Ele ficava acordado à noite para que eu pudesse dormir. Às vezes eu acordava e o via vigiando. Ele nunca olhou para mim do jeito que a maioria dos caras olha para mim. Ele estava cuidando de mim, não me observando.” Ela fez uma pausa. “Ele nunca pediu nada em troca.”
“Ele não faria isso.”
O sorriso de Lia era frágil. “Não”, ela concordou. “Ele não faria isso. No último dia antes de voltarmos, ele me contou sobre seu pai, sobre como ele veio parar aqui, sobre Briggs. Dean é a única pessoa que conheço que nunca mentiu para mim.”
E agora ele não estava falando com ela.
“O agente Sterling foi uma das vítimas de seu pai,” eu disse suavemente. Os olhos de Lia voaram para os meus. Pela respiração profunda que se seguiu, eu sabia que ela havia reconhecido minhas palavras como verdade e não sabia como lidar com isso.
Contar a Lia não era como trair Dean. Ela era sua família. Ela se abriu comigo de uma forma que Lia não se abria com as pessoas, e isso me disse o quanto ela precisava saber que ele não a estava deixando de fora só porque ela tinha estragado tudo. A vida de Dean era um campo minado agora.
“Sterling tem uma marca, bem aqui.” Coloquei as pontas dos dedos no peito. “Ela escapou de alguma forma. Acho que Dean a ajudou a escapar.”
Lia digeriu essa informação, com o rosto ilegível. “E agora ela está de volta”, ela disse finalmente, com os olhos fixos em um lugar distante. “E tudo que Dean consegue pensar é que ele não a ajudou o suficiente.”
Eu balancei a cabeça. “Então Emerson Cole aparece morto e Dean acaba em uma sala de interrogatório com seu pai.” Recostei-me, permitindo que minha cabeça batesse levemente na lateral da casa. “Entrar naquela sala e ouvir o que Daniel Redding tinha a dizer foi o que fez Dean se fechar. Era como se alguém tivesse drenado a alma do corpo. Então o agente Sterling avisa que fomos cavar por conta própria...
“O que *você* deixou escapar”, interveio Lia.

“Sterling já sabia que eu tinha fugido”, eu disse a ela. “E além disso, eu não contei a ela o que *fizemos* . Eu nem contei a ela que você estava lá. Acabei de contar a ela o que aprendemos.
“Nada disso importa”, interrompeu Lia, “porque todos os alunos daquela turma — sem falar no TA — têm um álibi incontestável. E em vez de nos usar, como deveriam, o FBI, com toda a sua gloriosa sabedoria, nos deixa trancados aqui, onde não podemos fazer nada para resolver o caso ou para ajudar Dean.” Lia enrolou uma mecha grossa de cabelo preto em volta do dedo. “E aqui está nossa pessoa favorita agora.”
Segui o olhar de Lia. Um carro escuro havia parado na garagem. O Agente Sterling saiu.
"Onde você acha que ela esteve?" Lia me perguntou.
Sterling tinha passado em casa mais cedo, apenas o tempo suficiente para pegar os arquivos dos alunos, e então foi embora. Eu presumi que ela tivesse voltado para encontrar Briggs, mas ele não estava com ela agora.
O lado do passageiro do carro de Sterling se abriu e o diretor desceu. Os dois pareciam pessoas que tinham acabado de passar por uma viagem de carro muito tensa e silenciosa.
“Acha que ele voltou para nos ver?” Eu perguntei, baixando a voz, mesmo que eles estivessem longe o suficiente para que eu não tivesse certeza se precisava.
Lia tapou minha boca com a mão e me puxou para trás, de modo que ficámos parcialmente ocultos. Seus olhos se estreitaram. Balancei a cabeça, para mostrar que entendia, e um momento depois descobri por que Lia gostava tanto do telhado.
A acústica era excelente.
“Você pode pegar o carro emprestado para voltar para casa”, disse o agente Sterling. Ela estava usando a voz de seu interrogador, implacável e equilibrada.
“Pedi que você me trouxesse até aqui”, respondeu o diretor. A voz dele era de barítono, tão serena quanto a dela. “Eu gostaria de falar com o menino.”
“Você não precisa falar com Dean.”
“Acho que você está esquecendo qual de nós é o diretor aqui, agente.”
“E acho que você está esquecendo que, depois do desastre de Locke, não fui o único a fazer perguntas.” Ela fez uma pausa, esperando que essas palavras atingissem o alvo. “Tenho contatos na Inteligência Nacional. As

pessoas em Washington estão falando. O que você acha que aconteceria se fosse descoberto que o FBI estava consultando o filho adolescente de Redding neste caso?
“Este é o único caso em que a exposição não é uma preocupação.” O tom do diretor nunca mudou. “O FBI estaria conversando com o garoto sobre este caso, quer ele trabalhasse para nós ou não. Se o diretor da Inteligência Nacional perguntar – e ele não perguntará – seria bastante fácil explicar. O filho de Redding esteve lá pela primeira vez. Ele conhece os meandros da psique de Redding melhor do que ninguém, inclusive você.
“Concordei em vir aqui e avaliar este programa porque você disse que reportar o programa Naturals a Washington seria um erro.” Uma pequena pitada de emoção penetrou na voz do agente Sterling, mas se era frustração ou outra coisa, eu não sabia dizer. “Você me disse que eu mesmo precisava ver para entender exatamente o que estaria fechando.”
Eu me perguntava por que o diretor mandaria a filha para cá, sabendo que ela achava que o programa era um erro, e agora eu sabia.
“Você me ouviu então”, o diretor rebateu calmamente. “Você poderia ter apresentado esse relatório, mas não o fez.”
“Como se você tivesse me deixado alguma escolha!”
“Eu não fiz nada além de te dizer a verdade.” O diretor olhou para o relógio, como se quisesse marcar exatamente quanto tempo estava perdendo nessa conversa. “Este programa é a única coisa que mantém *aquele garoto* longe do limite. Você acha que ele se sairia melhor em um orfanato? Ou talvez você queira que eu mande Lia Zhang de volta às ruas? Ela acabaria sendo pega novamente e, desta vez, garanto que ela acabaria sendo julgada como adulta.
Senti Lia enrijecer ao meu lado.
“Você queria que eu viesse aqui”, disse Sterling, rangendo as palavras. "Eu vim aqui. Mas quando o fiz, você prometeu que ouviria minhas recomendações.”
“Se você fosse razoável, eu *ouviria* . Mas manter Dean Redding longe deste caso não é razoável.” O diretor deu a ela um momento para responder e, como ela não o fez, ele continuou. “Você pode ficar aí e me dizer o quão *errado* é esse programa, mas por dentro você quer acabar com esse assassino tanto quanto eu. É tudo o que você pode fazer para não usar os Naturais para fazer isso e, mais cedo ou mais tarde, você esquecerá tudo

sobre seus princípios. Será você quem *me dirá* que precisamos cruzar essa linha."
Eu esperava que Sterling lhe dissesse que estava errado. Ela não fez isso.
"Claro que quero usá-los!" ela atirou de volta. "Mas isso não é sobre mim. Ou você. Ou a Mesa. Trata-se dos cinco adolescentes que moram naquela casa. Cinco pessoas reais cuja única proteção são regras que você estabelece e depois quebra, repetidas vezes. Foi você quem deixou Cassie Hobbes trabalhar no caso Locke. Foi você quem insistiu para trazermos Dean para falar com Redding. Você está criando regras e quebrando-as, enviando mensagens contraditórias...
"Não é disso que se trata", interrompeu o diretor. Ao contrário da voz da filha, a dele permaneceu completamente impassível. "Você não está chateado com as mensagens que acha que estou enviando. Cinco anos depois, você ainda está chateado por eu ter ficado do lado do seu marido neste programa, em vez de você."
"Ex-marido."
"Você o deixou. Você deixou o FBI.
"Vá em frente e diga, pai. Eu deixei *você* .
"Você sabe em que tipo de posição isso me colocou, Verônica? Como vou conseguir a lealdade de todo o Bureau quando a minha própria filha não se deu ao trabalho de ficar por aqui? Após o incidente com a garota Hawkins no caso Nightshade, o moral estava baixo. Precisávamos apresentar uma frente unida."
A agente Sterling deu as costas ao pai e, quando se virou, as palavras saíram dela como balas de uma arma. "O nome dela era Scarlett e não foi um *incidente* . Um psicopata entrou sorrateiramente *nos nossos* laboratórios e assassinou um dos *nossos* . Tanner e eu tínhamos algo a provar... Ela se interrompeu, respirando com dificuldade. "Saí do Bureau porque não pertencia a esse lugar."
"Mas você voltou", disse o diretor. "Não para mim. Você voltou para buscar o garoto. O que Redding fez com você, o que aconteceu com Scarlett no caso Nightshade... está tudo gravado na sua mente. Você não pôde salvá-la, então decidiu salvá-lo."
Sterling deu um passo em direção ao pai. "Alguém tem que fazer isso. Ele tem dezessete anos.
"E ele estava ajudando o querido papai quando tinha doze anos!"

Fiz tudo o que pude fazer para não voar do telhado e atacar pessoalmente o diretor. Ao meu lado, toda a tensão desapareceu do corpo de Lia. Ela parecia relaxada. Amigável, até. Para Lia, isso significava que ela quase certamente estava em busca de sangue.

Algumas pessoas sempre olharão para Dean e verão seu pai, pensei estupidamente. O diretor não apenas responsabilizou Dean pelos pecados de seu pai - ele considerou Dean um cúmplice.

“Cansei de falar sobre isso com você, Verônica.” O temperamento do diretor se desgastou. “Precisamos saber se algum dos visitantes de Redding é um provável suspeito neste caso. Preciso dizer quem são alguns dos ex-alunos da Universidade Colonial? A pressão para acabar com isso vem de cima, agente. Sua voz suavizou-se ligeiramente. “Eu sei que você não quer ver os corpos se empilhando.”

“É claro que quero pegar esse cara antes que alguém se machuque.” A agente Sterling me alertou contra tornar os casos pessoais, mas este escapou pelas frestas de sua armadura. “É por isso que fui ver Redding pessoalmente.”

O diretor congelou. “Eu interceptei você antes de você executar aquele plano mal pensado.”

A agente Sterling sorriu para ele, mostrando os dentes. "Você fez?"

“Verônica—”

“No momento, acho que prefiro *Agente* . Você queria que alguém irritasse Daniel Redding. Você não precisa de Dean para isso. Fui eu quem escapou, Diretor. Você sabe o que isso significa para um homem como Redding.

“Eu sei que não quero você perto dele.” Pela primeira vez, o diretor parecia realmente um pai.

“Deixe-me falar com Dean.” Sterling não hesitou em aproveitar sua vantagem, por menor que fosse. “Deixe-me mostrar a Dean os registros de visitantes. Se ele souber de alguma coisa que possa ser relevante, ele me contará. Dean confia em mim.

Depois de uns bons dez ou quinze segundos de silêncio, o diretor assentiu brevemente. "Multar. Mas se você e Briggs não conseguirem resultados para mim, trarei alguém que consiga.



eu Ia e eu não dissemos uma palavra até que o agente Sterling e o diretor estivessem fora de vista.

“E eu pensei que minha família tinha problemas.” Lia se levantou e se espreguiçou, arqueando as costas e depois girando de um lado para o outro. “Ela estava dizendo a verdade quando disse que tinha em mente os nossos melhores interesses. Não toda a verdade, mas era verdade. Comovente, não é?

Eu estava muito ocupado analisando as implicações do que ouvimos para responder. Depois do verão passado, Sterling ameaçou encerrar o programa. O diretor a impediu de passar por cima dele, apontando exatamente o que eu disse a Sterling: que o normal não era mais uma opção para nenhum de nós. Pelo menos eu tinha um lugar para onde voltar. Dean não. Lia não. O pai de Michael era abusivo. Havia uma grande probabilidade de que a família de Sloane fosse quem tivesse insistido na ideia de que ela disse e fez a coisa errada em 86,5% das vezes.

Minha mãe estava morta, meu pai mal estava envolvido na minha vida. E eu fui o sortudo.

“O diretor chama Dean *de garoto* .” Fiz uma pausa para considerar o significado disso. “Ele não quer ver Dean como pessoa. *O menino* é uma extensão do pai. *O menino* é um meio para um fim.”

Isto vindo do homem que se referiu à sua própria filha como *Agente.*

Foi ela quem seguiu seus passos. De todos os seus filhos, ela é a que mais se parece com você. Ela era seu legado e então se foi.

“O diretor realmente acredita que Dean ajudou seu pai.” Lia me deixou pensar nisso por alguns segundos antes de continuar. “O que exatamente ele acha que Dean ajudou Redding a fazer está no ar, mas não foi uma

conjectura que ouvi em sua voz. Para ele, a culpabilidade de Dean é um fato."

"Dean tinha doze anos quando seu pai foi preso!" A objeção explodiu dentro de mim. Ao perceber que estava pregando para o coral, controlei um pouco a indignação. "Eu sei que Dean sabia," eu disse suavemente. "Eu sei que ele acha que deveria ter encontrado uma maneira de acabar com isso, que se tivesse feito as coisas de forma diferente, ele poderia ter salvado aquelas mulheres, mas de acordo com a palestra do professor Fogle, Redding já matava há cinco anos antes. ele foi pego. Dean teria sete anos.

a princípio não sabia sobre seu pai . Mas depois…

Ele me fez assistir. As palavras de Dean ficaram presas na minha cabeça, como comida presa entre meus dentes.

Forcei minha atenção de volta para o presente, para Lia. "Sterling, nosso Sterling, estava dizendo a verdade quando disse que perguntaria a Dean sobre os registros de visitantes?" Perguntei.

"Sim", respondeu Lia. "Ela era."

"Talvez ela esteja começando a perceber que não pode proteger Dean disso," eu disse. "Tudo o que ela pode fazer é interferir e garantir que ele não passe por isso sozinho."

Minhas palavras ficaram no ar. Eu pensei o tempo todo que Sterling e Briggs não estavam fazendo nenhum favor a Dean ao mantê-lo no escuro, mas da perspectiva dele, Lia, Michael e eu tínhamos feito exatamente a mesma coisa. *Quando eu estava no centro de um caso,* pensei lentamente, *se tivesse descoberto que os outros estavam investigando pelas minhas costas, não teria me sentido protegido.*

Eu teria me sentido traído.

"O que você quiser, Cassandra Hobbes." Lia girou e começou a voltar para a janela do quarto. Ela andava na ponta dos pés, como se o telhado fosse uma corda bamba e ela estivesse a segundos de realizar um movimento que desafiasse a morte.

"Você esqueceu o sorvete," gritei atrás dela.

Ela olhou para trás por cima do ombro. "E você esqueceu a coisa mais interessante que aprendemos nesta pequena excursão."

Eu estava tão focada na sequência de eventos que levaram o Agente Sterling até aqui e nos comentários do diretor sobre Dean que não me permiti processar o resto da conversa.

“O caso Nightshade?” Peguei o sorvete e me levantei, mas a resposta de Lia me congelou no lugar.
“O caso Nightshade – seja lá o que for – *e* a pessoa que pagou o preço pelo qual o caso fracassou.”
“Scarlett”, eu disse, pensando na minha percepção fora da prisão de que a Agente Sterling havia perdido alguém e que ela se culpava.
Lia virou a esquina. Eu não conseguia mais vê-la, mas não tive dificuldade em ouvi-la. “Não apenas Scarlett”, ela rebateu. “Scarlett *Hawkins* .”

CHAPTER 29

A pessoa que a agente Sterling havia perdido porque se importava demais, porque estava disposta a fazer o que fosse necessário para salvar vidas, compartilhava o sobrenome de Judd.

Sua filha, eu imaginei. Judd tinha mais ou menos a mesma idade do diretor, e a maneira como tratava o agente Sterling não era apenas familiar – era paternal. Agora os sentimentos de Judd em relação ao diretor faziam total sentido. Judd havia perdido um filho e a principal preocupação do diretor Sterling era *o moral* .

Juntei o que sabia. Scarlett Hawkins e o Agente Sterling eram amigos. Ambos trabalharam no FBI. Scarlett foi morta. Briggs começou a procurar Dean em busca de ajuda nos casos. A agente Sterling deixou o FBI... e seu marido.

Quando o diretor descobriu o que Briggs estava fazendo, tornou isso oficial. Dean havia se mudado para esta casa. Com Judd.

Fiquei tão absorto em meus pensamentos que quase não vi a figura rastejando pelo gramado da frente. O sol havia se posto completamente, então levei um momento para reconhecer a maneira como a pessoa se movia, com as mãos enfiadas nos bolsos, os ombros arredondados e curvados. O moletom que a figura usava quase mascarava seu rosto. Seu cabelo – que precisava desesperadamente de um corte – completou o trabalho.

Reitor. Esgueirando-se para fora de casa. Eu estava na metade do caminho de volta para a janela de Lia antes mesmo de registrar o fato de que estava me movendo. Forcei-me a não olhar para baixo e terminei a viagem. Grata por Lia ter deixado a janela aberta, voltei para o quarto dela e desci as escadas correndo.

Pela primeira vez, não encontrei ninguém. Quando cheguei à porta da frente, Dean já estava na metade do quarteirão. Corri para alcançá-lo.
"Reitor!"
Ele me ignorou e continuou andando.
“Sinto muito”, gritei atrás dele. Minhas palavras pairaram no ar da noite, insuficientes, mas queridas. “Lia e eu deveríamos ter contado que iríamos àquela festa. Pensámos que podíamos descobrir algo que o FBI não percebeu. Nós só queríamos que esse caso acabasse.”
"Para mim." Dean não se virou, mas parou de andar. “Você queria que esse caso acabasse para mim.”
“Isso é tão ruim?” Eu perguntei, parando atrás dele. “As pessoas podem se preocupar com você, e não me diga que quando as pessoas se preocupam com você, elas se machucam. Não é você quem está falando. Isso é algo que lhe foi dito. É algo que seu pai quer que você acredite, porque ele não quer que você fique perto de mais ninguém. Ele sempre quis você só para ele, e cada vez que você nos afasta, você está dando a ele *exatamente* o que ele quer.
Dean ainda não se virou, então dei três passos até ficar na frente dele. A ponta do capuz estava pendurada em seu rosto. Empurrei o capô para trás. Ele não se mexeu. Coloquei uma mão em cada lado do seu rosto e inclinei-o para cima.
Da mesma forma que Michael inclinou meu rosto para o dele.
O que você está fazendo, Cássia?
Eu não poderia me afastar de Dean, não agora. Não importa o que isso possa significar. Dean precisava disso: contato físico. Ele precisava saber que eu não tinha medo dele, que ele não estava sozinho.
Afastei o cabelo de suas maçãs do rosto e olhos escuros encontraram os meus.
“Alguém já lhe disse que você vê demais?” ele perguntou-me.
Eu consegui dar um pequeno sorriso. “Disseram-me que eu deveria guardar um pouco disso para mim.”
“Você não pode.” Os lábios de Dean curvaram-se quase imperceptivelmente para cima. “Você não planejou dizer nenhuma dessas coisas. Não tenho certeza se você os conhecia até que saíram da sua boca.
Ele estava certo. Agora que eu disse isso, pude ver que era verdade – o pai de Dean não queria compartilhá-lo. *Eu o obriguei,* ele disse naquela

entrevista com Briggs. Ele queria que Dean se culpasse por cada mulher que Redding havia matado, porque se Dean se culpasse, se ele pensasse que não merecia ser amado, ele manteria o resto do mundo à distância. Ele seria filho de seu pai – e nada mais.

"Onde você está indo?" Eu perguntei a Dean. Minha voz saiu como um sussurro. Tirei minhas mãos de seu rosto, mas elas só chegaram até seu pescoço.

Isto é um erro.

Isso está certo.

Esses pensamentos vieram um após o outro, tocando em estéreo. A qualquer segundo, Dean iria se afastar do meu toque.

Mas ele não o fez.

E eu não fiz isso.

“Não posso ficar sentado aqui esperando o próximo corpo aparecer. O diretor acha que pode simplesmente me colocar em uma gaveta e me tirar quando for *útil* . O agente Sterling tentou encobrir o pai dela, mas sei o que ele está pensando.

Ele está pensando que você deve isso a ele, pensei, sentindo a pulsação de Dean saltar na garganta sob meu toque. Ele está pensando que está fazendo um favor ao mundo ao fazer de você sua ferramenta.

"Onde você está indo?" Eu repeti a pergunta.

“Agente Sterling me mostrou uma lista.” Dean colocou as mãos nos meus pulsos e puxou-as para longe de seu pescoço. Ele não me soltou, apenas ficou parado na calçada, seus dedos indo dos meus pulsos até os meus dedos, até que nossas mãos estavam entrelaçadas. “Ela queria saber se eu reconheci algum dos visitantes do meu pai, se alguma coisa me ocorreu.”

“E alguma coisa lhe chamou a atenção?”

Dean assentiu brevemente, mas não soltou minhas mãos. “Um dos visitantes era uma mulher da minha cidade natal.”

Esperei que ele explicasse.

“Daniel matou pessoas naquela cidade, Cassie. Minha professora da quarta série. Viajantes apenas de passagem. As pessoas daquela cidade, nossos amigos, nossos vizinhos — não aguentaram nem olhar *para* mim depois que a verdade foi revelada. Por que alguém iria visitá-lo?

Essas não eram perguntas retóricas. Eram perguntas que Dean estava determinado a responder sozinho. “Você vai para casa”, eu disse. Eu sabia que era verdade muito antes de Dean confirmar para mim.
“Broken Springs não está em casa há muito tempo.” Dean deu um passo para trás e soltou minhas mãos. Ele puxou o capuz de volta. “Conheço o tipo de mulher que visita homens como meu pai na prisão. Eles estão fascinados. Obcecado."
“Obcecado o suficiente para recriar seus crimes?”
“Obcecado o suficiente para não cooperar com o FBI”, disse Dean.
“Obcecado o suficiente para que eles *adorassem* falar comigo.”
Eu não disse a Dean que todos, de Briggs a Judd, iriam matá-lo por fazer isso. Eu, no entanto, discordei de seu timing. “Quão tarde vai ser quando você chegar lá? E por falar nisso, *como* você vai chegar lá?
Dean não respondeu.
“Espere”, eu disse a ele. “Espere até de manhã. Sterling sairá com Briggs. Eu posso ir com você, ou Lia pode. Há um assassino lá fora. Você não deveria ir a lugar nenhum sozinho.
“Não,” Dean disse, seu rosto se contorcendo como se ele tivesse provado algo azedo. “Esse é o trabalho de Lia.”
Eu pedi desculpas por investigar esse caso sem ele. Ela não tinha. Eu conhecia Lia bem o suficiente para saber que ela não faria isso. Dean também sabia disso.
“Vá com calma”, eu disse a ele. "O que quer que você tenha dito a ela, ela está levando isso a sério."
“Ela deveria levar isso a sério.” Havia uma expressão teimosa na mandíbula de Dean. “Eu sou o único que ela ouve. Sou eu que me importo se ela sair com dois homens estranhos no meio de uma investigação de assassinato. Você acha que qualquer coisa que alguém diga vai impedi-la de fazer isso de novo?
“Você deixou claro seu ponto de vista”, eu disse a ele. “Mas você não é apenas a única pessoa que ela ouve. Você é a única pessoa em quem ela confia. Ela não pode perder isso. Nem você pode.
“Tudo bem”, disse Dean. “Vou esperar até de manhã para ir para Broken Springs e falarei com Lia antes de ir.”
Uma vez que Lia estava envolvida, eu duvidava que ela iria relaxar e deixá-lo ir sozinho. Se ele não levasse ela ou eu, ele poderia pelo menos levar

Michael. Essa poderia ser uma receita para uma viagem que terminou em briga, mas pelo menos Dean teria reforços.

Michael não odeia Dean. Ele odeia que Dean esteja com raiva e se contendo. Ele odeia que Dean saiba como foi sua infância. Ele odeia a ideia de Dean comigo.

Virei-me e comecei a caminhar de volta para casa, minha mente uma confusão de pensamentos sobre Michael, Dean e eu. Eu tinha percorrido um metro e oitenta quando Dean caiu ao meu lado. Eu não queria pensar no calor do corpo dele próximo ao meu. Eu não queria querer pegar sua mão. Então me forcei a permanecer em terreno mais seguro. “Você já ouviu falar de Judd ter uma filha chamada Scarlett?”

CHAPTER 30

Na manhã seguinte, acordei e descobri que Michael estava lá fora trabalhando novamente em seu carro. Fiquei na janela do meu quarto, observando-o bater no para-choque com a lixadeira como se remover ferrugem fosse um esporte olímpico. *Ele vai destruir aquele carro,* pensei. A restauração não era o forte de Michael.
"Sua vez."
Virei-me da janela para encarar Sloane, que estava sentada em sua própria cama. "Estou de pé."
"O que você está olhando?"
Procurei uma maneira de evitar responder à pergunta, mas não consegui.
“Michael”, eu disse.
Sloane me estudou por um momento, da mesma forma que um arqueólogo olharia para pinturas na parede de uma caverna. Dada a forma como seu cérebro funcionava, ela provavelmente teria tido mais sorte lendo hieróglifos.
“Você e Michael,” Sloane disse lentamente.
“Não há nada acontecendo entre Michael e eu.” Minha resposta foi imediata.
Sloane inclinou a cabeça para o lado. “Você e Dean?”
“Não há nada acontecendo entre Dean e eu.”
Sloane olhou para mim por mais três segundos e então: “Desisto”.
Claramente, ela gastou sua capacidade de falar sobre garotas. Graças a Deus. Ela desapareceu no armário e eu estava na metade da porta quando me lembrei da minha promessa.
“Posso ir a algum lugar hoje”, eu disse a ela. “Com Dean.”
Sloane saiu do armário, meio vestido. "Mas você disse-"

“Não é assim,” eu interrompi apressadamente. "Para o caso. Não tenho certeza de qual é o plano, mas estou me preparando para descobrir.” Eu fiz uma pausa. “Eu prometi que negociaria com você na próxima vez. Sou eu negociando com você.
Sloane vestiu uma camisa. Ela ficou quieta por vários segundos. Quando ela falou, ela sorriu. “Considere-me negociado.”
Encontramos Dean na cozinha com Lia, que estava sentada no balcão da cozinha, vestindo pijama branco e salto alto vermelho. Seu cabelo estava solto e despenteado. Os dois estavam conversando baixo o suficiente para que eu não consegui entender as palavras.
Lia me viu por cima do ombro de Dean e, com um brilho profano nos olhos, pulou do balcão. Seus calcanhares nem sequer balançaram quando ela pousou.
— O namorado aqui disse que você o impediu de fazer algo estúpido ontem à noite. Lia sorriu. “Pessoalmente, não quero saber como você o *convenceu* a controlar seus cavalos. Os cavalos foram mantidos. Vamos guardar meus ternos ouvidos dos detalhes, certo?
“Lia,” Dean latiu.
Sloane ergueu a mão. “Tenho dúvidas sobre os detalhes do concurso.”
“Mais tarde”, disse Lia a Sloane. Ela estendeu a mão e deu um tapinha na bochecha de Dean. Ele estreitou os olhos e ela cruzou as mãos afetadamente na frente do corpo. “Eu vou me comportar”, ela prometeu. “Honra de escoteiro.”
Dean murmurou algo baixinho.
"Corar. Careta. Sorriso pretensioso." Michael entrou na sala, rotulando cada um de nós enquanto passava. “E Sloane está perplexo. Sinto falta de toda a diversão.”
Eu praticamente podia senti-lo tentando não ler nada na careta de Dean e no meu rubor. Michael estava *tentando* me dar espaço. Infelizmente, ele não conseguia desligar sua habilidade, assim como eu não conseguia desligar a minha.
“Townsend.” Dean limpou a garganta.
Michael voltou toda a sua atenção para o outro garoto. “Você precisa de alguma coisa,” ele disse, estudando o queixo de Dean, a linha fina de seus lábios. “Você realmente odeia perguntar.” Michael sorriu. “É como um band-aid – basta retirá-lo.”

“Ele precisa de uma carona,” Lia disse para que Dean não precisasse. "E você vai dar a ele."
“Estou?” Michael fez um trabalho razoável ao parecer surpreso.
"Eu apreciaria." Dean lançou um olhar para Lia, que eu li como *"Fique fora disso* . "
“E para onde, por favor, diga, estamos indo?” Michael perguntou.
“Para falar com alguém.” Dean claramente não queria compartilhar mais do que isso. Eu esperava que Michael prolongasse isso, para realmente fazer Dean perguntar, mas Michael apenas olhou para ele por alguns segundos e depois assentiu.
“Sem comentários sobre minha direção”, disse Michael levemente. “E você me deve.”
"Negócio."
"Excelente." Lia parecia muito satisfeita consigo mesma. “Então Michael irá com Dean e Cassie, e Sloane e eu forneceremos a distração.”
“Gosto deste plano”, declarou Sloane alegremente. “Posso ser muito perturbador.”
Michael e Dean não estavam tão entusiasmados. “Cassie não vai.” Os dois falaram em uníssono.
“Bem, isso é estranho”, comentou Lia, olhando de um menino para outro. “Vocês dois vão começar a trançar o cabelo um do outro a seguir?”
Algum dia, eu tinha quase certeza de que Lia escreveria um livro intitulado *Tornando uma situação embaraçosa pior* .
“Cassie é uma menina crescida”, continuou Lia. “Ela pode tomar decisões por si mesma. Se ela quiser ir, ela pode ir.”
Eu não sabia por que ela estava tão entusiasmada com a ideia de eu acompanhá-los, ou por que ela mesma se ofereceu para ficar em casa.
“Dean e eu somos criadores de perfil”, apontei. “Isso não me torna meio redundante?” A única coisa que eu traria para esse empreendimento era a objetividade. A habilidade de Lia fez dela a escolha mais óbvia.
“Sem ofensa” – Lia começou sua frase seguinte de uma forma que mais ou menos garantia que as próximas palavras que saíssem de sua boca seriam um insulto – “mas você simplesmente não pode mentir, Cassie. O Agente Sterling descobriu a verdade sobre a nossa última pequena *aventura* tão rapidamente que é embaraçoso. Realmente. Se você ficar aqui, todos nós vamos ser pegos. Além disso — acrescentou ela, com um sorriso afetado em

suas feições —, Tweedledee e Tweedledum aqui terão menos probabilidade de serem mortos — ou de se matarem — se vocês estiverem juntos no passeio.
Pensei em Lia e Michael dançando juntos só para irritar Dean, e na incapacidade de Michael de evitar cutucar ursos com paus. Michael, Lia e Dean trancados juntos em um carro seria um desastre.
“Dibs em ser Tweedledee”, Michael disse alegremente.
“Tudo bem”, eu disse a Lia. “Eu irei com eles.”
Por um momento, pensei que Dean iria protestar, mas ele não o fez.
“Estarei pronto quando vocês dois estiverem,” ele disse rispidamente.
Michael sorriu, primeiro para Dean, depois para mim. "Eu nasci pronto."
Passamos pelo trajeto até Broken Springs, Virgínia, em um silêncio tenso e desconfortável.
“Ok, estou ligando,” Michael anunciou quando o silêncio se tornou demais. “Estou ligando o rádio. Haverá canto. Eu não me oporia à dança de carro. Mas a próxima pessoa cuja expressão facial se aproxima de 'ninhada' receberá um soco no nariz. A menos que seja Cassie. Se for Cassie, eu dou um soco no nariz de Dean.”
Um som estrangulado veio da direção de Dean. Levei um segundo para perceber que o som distorcido era uma risada. A ameaça era muito Michael — completamente irreverente, embora eu não tivesse dúvidas de que ele a cumpriria.
“Tudo bem”, eu disse, “sem reflexão, mas também sem rádio. Nós deveríamos conversar."
Ambos os ocupantes do banco da frente pareceram um tanto alarmados com essa sugestão.
“Sobre o caso”, esclareci. “Devíamos conversar sobre o caso. O que sabemos sobre essa mulher que vamos ver?
“Trina Simms,” Dean disse. “De acordo com os registros de visitantes que a agente Sterling me mostrou, ela visitou meu pai com frequência cada vez maior nos últimos três anos.” Ele cerrou os dentes. “Há razões para acreditar que pode ser romântico, pelo menos da parte dela.”
Não pedi a Dean para explicar qual era esse motivo. Nem Michael.
“Duvido que ela o conhecesse antes de ele ser encarcerado,” Dean continuou, dizendo cada palavra como se não importasse – porque se ele deixasse, isso importaria demais. “Ela está na casa dos quarenta. Muito

provavelmente, ela se convenceu de que ele é inocente ou de que as mulheres que ele matou mereciam morrer.
A verdadeira questão não era como Trina Simms tinha justificado o seu interesse num homem que a maioria das pessoas considerava um monstro. A verdadeira questão era se ela mesma era uma assassina ou não. Se sim, ela considerou os assassinatos um gesto romântico? Ela pensou que o pai de Dean ficaria orgulhoso dela? Que isso os aproximaria?
Eu sabia instintivamente que Daniel Redding não se importava com aquela mulher. Ele não se importava com as pessoas, ponto final. Ele era insensível. Sem emoção. O mais próximo que ele poderia chegar do amor era o que ele sentia por Dean, e isso era mais narcisista do que qualquer outra coisa. Dean só valia a pena se preocupar porque Dean era *dele* .
“Qual é o nosso plano de jogo?” Michael perguntou. “Bastamos bater na porta da frente?”
Dean encolheu os ombros. “Você tem uma ideia melhor?”
“Este é o seu rodeio”, Michael disse a ele. “Eu sou apenas o motorista.”
“Seria melhor se eu fosse sozinho”, disse Dean.
Abri a boca para dizer a ele que ele não iria a lugar nenhum sozinho, mas Michael chegou antes de mim.
“Não posso fazer isso, vaqueiro. Eles chamam isso de sistema de camaradagem por um motivo. Além disso, Cassie tentaria ir atrás de você, e então eu iria atrás dela, e assim por diante... Michael parou ameaçadoramente.
“Tudo bem,” Dean capitulou. “Entramos em grupo. Direi a ela que vocês são meus amigos.
“Um estratagema inteligente”, comentou Michael. Ocorreu-me então que Michael não tinha concordado em trazer Dean aqui para mim, ou para Lia. Apesar de tudo que ele me contou sobre a história deles, ele fez isso por Dean.
“Eu falo”, disse Dean. “Se tivermos sorte, ela ficará tão fixada em mim que não conseguirá prestar atenção em nenhum de vocês. Se você conseguir ler sobre ela, ótimo. Entramos. Saímos. Com sorte, estaremos em casa antes que alguém perceba que partimos.”
Superficialmente, o plano parecia simples, mas *sorte* não era um adjetivo que eu aplicaria a uma única pessoa neste carro. Esse pensamento

permaneceu em minha mente enquanto Michael passava por uma placa:

BEM-VINDO A BROKEN SPRINGS, POPULAÇÃO 4.140.

CHAPTER 31

TRina Simms morava em uma casa térrea da cor de um abacate. O gramado estava coberto de vegetação, mas os canteiros de flores claramente tinham sido arrancados. Havia um tapete de boas-vindas em tons pastéis na varanda da frente. Dean tocou a campainha. Nada aconteceu.

“O sino está quebrado.” Um menino com cabelo curto apareceu pela lateral da casa. Ele era loiro e de pele clara e andava como se tivesse algum lugar para ir. À primeira vista, eu achava que a idade dele era próxima da nossa, mas quando ele se aproximou, percebi que era pelo menos alguns anos mais velho. Seu sotaque era como o de Dean, ampliado. Ele nos ofereceu um sorriso educado, mais um reflexo nesta parte do país do que uma cortesia.

“Você está vendendo alguma coisa?”

Seus olhos passaram por Dean e Michael e pousaram em mim.

“Não,” Dean respondeu, chamando a atenção do homem de volta para ele.

"Você perdeu?" o homem perguntou.

“Estamos procurando Trina Simms.” Os olhos de Michael estavam fixos no homem. Dei um pequeno passo para o lado, para poder ver melhor o rosto de Michael. Ele seria o primeiro a saber se o sorriso educado escondia alguma outra coisa.

"Quem é você?" o loiro perguntou.

“Somos as pessoas que procuram Trina Simms”, disse Dean. Não havia nada de agressivo no modo como ele disse isso, nenhum indício de briga em sua voz, mas o sorriso evaporou do rosto do estranho.

"O que você quer com minha mãe?"

Então Trina Simms teve um filho – um filho que era significativamente mais alto e maior que Michael ou Dean.

“Cristóvão!” Um grito nasal rompeu o ar.
“Você deveria ir”, disse o filho de Trina. Sua voz era baixa, rouca e calmante, mesmo quando as palavras que ele dizia não o eram. “Minha mãe não gosta de companhia.”
Olhei para o tapete de boas-vindas em tons pastéis. A porta da frente se abriu e quase perdi o equilíbrio ao sair do caminho.
“Christopher, onde está meu...” A mulher que havia saído pela porta parou. Ela nos examinou por um momento com os olhos semicerrados. Então ela sorriu. “Visitantes!” ela disse. "O que você está vendendo?"
“Não estamos vendendo nada”, disse Dean. “Estamos aqui para falar com você, senhora, presumindo que você seja Trina Simms?”
O sotaque de Dean estava mais pronunciado do que eu já tinha ouvido. A mulher sorriu para ele, e me lembrei do que Daniel Redding dissera sobre Dean ser o tipo de criança que as pessoas amavam à primeira vista.
“Eu sou Trina”, disse a mulher. “Pelo amor de Deus, Christopher, pare de se curvar. Você não vê que temos companhia?
Christopher não fez nenhum movimento para ficar mais ereto. Da minha perspectiva, ele não estava nem um pouco curvado. Voltei minha atenção para sua mãe. Trina Simms tinha cabelos que provavelmente ficaram presos em rolos durante toda a manhã. Ela não estava usando nenhuma maquiagem, exceto batom vermelho.
“Suponho que seja demais esperar que vocês sejam amigos de Christopher?” ela nos disse. “Ele tem todos esses amigos, mas nunca os traz.”
“Não, senhora,” Dean respondeu. "Acabamos de nos conhecer."
Se por “conhecer” Dean quisesse dizer “avaliar um ao outro silenciosamente”.
“Você é linda.” Levei um momento para perceber que Trina estava falando comigo. “Olha todo esse cabelo.”
Meu cabelo era um pouco mais longo e um pouco mais grosso que a média – nada que valesse a pena comentar.
“E esses sapatos”, continuou Trina, “eles são preciosos!”
Eu estava usando tênis de lona.
“Eu sempre quis uma garota”, confessou Trina.
“Estamos convidando-os para entrar ou não, mãe?” A voz de Christopher tinha um leve tom.

— Ah — disse Trina, enrijecendo-se de repente. “Não tenho certeza se deveríamos.”
Se seu filho não tivesse dito nada, você mesmo teria nos convidado para entrar, pensei. Havia algo na dinâmica entre os dois que me deixava desconfortável.
“Você perguntou por que eles estão aqui?” As mãos de Trina foram para os quadris. “Três estranhos aparecem na varanda da sua mãe e você nem...”
"Ele perguntou, mas eu ainda não tinha me apresentado", Dean interrompeu. "Meu nome é Dean."
Uma faísca de interesse brilhou nos olhos de Trina. "Reitor?" ela repetiu. Ela deu um passo à frente, me dando uma cotovelada para o lado. “Dean o quê?”
Dean não se moveu, não piscou, não reagiu de forma alguma ao seu escrutínio. “Redding”, disse ele. Ele olhou para Christopher e depois para Trina. "Eu acredito que você conhece meu pai."

CHAPTER 32

O interior da casa dos Simms contrastava fortemente com o gramado da frente, coberto de mato. Os pisos estavam imaculadamente limpos. Figuras de porcelana estavam em todas as superfícies disponíveis. Dezenas de fotos emolduradas estavam penduradas nas paredes do corredor: Christopher em foto da escola após foto da escola, o mesmo olhar solene no rosto em cada uma delas. Havia apenas uma foto de um homem. Olhei mais de perto e congelei. O homem estava sorrindo calorosamente. Havia algumas rugas perto das bordas dos olhos. Eu o reconheci.

Daniel Redding. Que tipo de mulher gostava de guardanapos e pendurava a foto de um serial killer na parede?

“Você tem os olhos dele.” Trina nos conduziu para a sala de estar. Ela se sentou em frente a Dean. O olhar dela nunca deixou o rosto dele, como se ela estivesse tentando memorizá-lo. Como se ela estivesse morrendo de fome e ele fosse comida. — O resto de vocês... Bem, Daniel sempre disse que você tinha muito da sua mãe nela. Trina fez uma pausa, com os lábios franzidos. “Não posso dizer que a conhecia. Ela não cresceu aqui, você sabe. Daniel foi para a faculdade – sempre tão inteligente. Ele voltou com ela. E então havia você, é claro.

"Você conheceu meu pai enquanto crescia?" Dean perguntou. Sua voz era perfeitamente educada. Ele parecia perfeitamente à vontade.

Isso o estava machucando.

“Não”, disse Trina. Outro franzir de lábios foi seguido por uma explicação. “Ele era alguns anos mais novo do que eu, você sabe, não que uma senhora diga sua idade.”

"O que você está fazendo aqui?" Christopher lançou essa pergunta para Dean da entrada da sala, com os braços cruzados sobre o peito. Seu rosto estava nas sombras, mas sua voz não deixava dúvidas sobre seus sentimentos sobre o rumo dos acontecimentos. Ele não queria Dean em sua casa. Ele não queria a foto do pai de Dean nas paredes.
Não que eu o culpasse.
“Dean é bem-vindo aqui,” Trina disse bruscamente. “Se tudo correr bem com o recurso, esta pode ser a casa dele.”
"Apelo?" Dean disse.
“O apelo de seu pai,” Trina disse pacientemente. “As evidências que eles plantaram.”
“ *Eles* são o FBI?” Michael perguntou. Trina acenou para ele como se estivesse afastando uma mosca.
“Nenhuma dessas buscas foi legal”, disse Trina. "Nenhum deles."
“Meu pai matou aquelas mulheres.” Dean fez uma pausa. “Mas você sabe disso, não é?”
“Seu pai é um homem brilhante”, disse Trina. “Todo homem brilhante precisa de saídas. Não se pode esperar que ele viva como outros homens. Você sabe disso."
A familiaridade com que Trina falou me deixou enojado. Ela pensou que conhecia Dean. Ela pensou que ele a conhecia.
Mas ela matou Emerson Cole? Ela matou o professor? Foi por isso que viemos aqui. Era isso que precisávamos saber.
“Deve ser difícil para um homem como Daniel”, eu disse. A mão de Dean encontrou a minha. Ele apertou em aviso, mas eu já tinha a atenção de Trina. “Para ser enjaulado, como um animal, como se ele fosse *menos* quando realmente...”
“Ele é *mais* ,” Trina terminou.
“Já chega”, disse Christopher, atravessando a sala. "Você precisa ir." Ele pegou meu cotovelo e me arrancou do sofá. Tropecei, tentando ver os olhos de Christopher, para saber o que ele estava pensando, se ele pretendia *me* agarrar com tanta força...
Num segundo Dean estava ao meu lado, e no seguinte ele tinha Christopher preso na parede, seu antebraço pressionado contra a garganta do filho de Trina. O contraste nos tons de pele deles era impressionante – o bronzeado de Dean e o pálido de Christopher.

“Cristóvão!” disse Trina. “Esta jovem é nossa *convidada* .” Seu peito arfava de agitação. *Não, não é agitação,* percebi. Vendo a expressão nos olhos de Dean, a maneira como ele se movia, ela ficou *animada* .
Michael foi até Dean e o tirou de sua presa. Dean lutou contra Michael por um segundo, depois ficou imóvel. Michael o soltou e deu um tapinha na frente da camisa de Christopher, como se estivesse tirando o pó das lapelas de um paletó, embora Christopher estivesse vestindo uma camiseta surrada. "Toque nela de novo", Michael disse a Christopher em tom de conversa, "e Dean será quem tentará me tirar de você."
Michael me disse uma vez que quando ele perdeu o controle, ele *realmente* perdeu o controle. Eu podia ouvir isso sob seu tom agradável: se Christopher colocasse outra mão em mim, Dean poderia não ser capaz de afastar Michael.
As mãos de Christopher se fecharam em punhos. “Você não deveria ter vindo aqui. Isso é doentio. Vocês estão todos doentes. Os punhos permaneceram ao seu lado e, um momento depois, ele saiu da sala e saiu de casa. A porta da frente bateu.
“Receio que Christopher não entenda muito bem meu relacionamento com seu pai”, Trina confidenciou a Dean. “Ele tinha apenas nove anos quando seu próprio pai foi embora, e bem...” Trina suspirou. “Uma mãe solteira faz o que pode.”
Dean voltou para se sentar ao meu lado. Michael permaneceu de pé e percebi que ele estava observando Trina de um ângulo que diminuía as chances de ela notar sua atenção.
“Há quanto tempo você e Daniel estão juntos?” Perguntei. *Vocês não estão* juntos *,* pensei. *Ele está usando você.* Para quê, eu não tinha certeza.
“Estamos nos vendo há cerca de três anos”, respondeu Trina. Ela pareceu satisfeita com a pergunta – e foi por isso, é claro, que escolhi essa pergunta. Se ela acreditasse que estávamos de acordo com o relacionamento, isso alimentaria a pequena imagem feliz que ela pintou em sua mente. Dean estava *visitando* . Isto não foi um interrogatório. Foi uma conversa.
“Você acha que este novo caso afetará suas chances de recurso?” Perguntei.
Trina franziu a testa. “Que novo caso?” ela perguntou.
Eu não respondi. Trina olhou de mim para Dean.
"Do que ela está falando, Dean?" ela perguntou. “Você sabe como este é um momento crucial na situação jurídica de seu pai.”

A situação legal dele é que ele é um serial killer condenado, pensei. Com base em minhas interações com Briggs e Sterling – e com o próprio Dean – eu tinha quase certeza de que esse apelo era tão fictício quanto a crença equivocada de Trina de que se o Redding mais velho fosse libertado, Daniel e Dean se mudariam para cá.

"É por isso que estou aqui", disse Dean, lançando-me um olhar de soslaio enquanto seguia meu exemplo. “Aquela garota que foi morta na Colonial? E depois o professor que estava escrevendo o livro?”

“O FBI tentou falar comigo sobre *isso* .” Trina fungou. “Eles sabem que sou o apoio do seu pai. Eles acham que podem me colocar contra ele.”

“Mas eles não podem,” eu disse suavemente. “Porque o que você tem é real.” Engoli a culpa que sentia, brincando com as ilusões daquela mulher. Forcei-me a lembrar que ela conhecia Daniel Redding pelo que ele era: um assassino. Ela simplesmente não se importava.

“Este caso não tem nada a ver com Daniel. *Nada.* O FBI adoraria atribuir-lhe outra coisa. Deixado em um gramado público? Trina zombou. “Daniel nunca faria algo tão precipitado, tão desleixado. E pensar que há mais alguém lá fora... Ela balançou a cabeça. “Reivindicando crédito, negociando com sua reputação. É um crime, é o que é.

Assassinato é *crime,* pensei, mas não disse isso em voz alta. Tínhamos conseguido o que precisávamos aqui. Trina Simms não estava preocupada em continuar o trabalho de Daniel Redding — para ela, o imitador era um plagiador, um falsificador. Ela era mulher, uma maníaca por limpeza e controladora. Nosso UNSUB não era nada disso.

Nosso UNSUB era um homem de vinte e poucos anos, subjugado por outros.

“Devíamos ir”, disse Dean.

Trina estalou e protestou, mas seguimos até a porta. “Se você não se importa que eu pergunte”, eu disse, quando estávamos saindo, “que tipo de carro Christopher dirige?”

“Ele dirige um caminhão.” Se Trina achou que era uma pergunta estranha, ela não demonstrou.

“De que cor é o caminhão?” Perguntei.

“É difícil dizer”, disse Trina, sua voz assumindo o tom que ela usou repetidamente com Christopher. “Ele nunca lava. Mas da última vez que verifiquei, era preto.

Estremeci ao pensar no perfil que o agente Sterling nos deu e senti o fantasma do aperto de Christopher em meu braço.
“Obrigado por nos receber”, consegui dizer.
Trina estendeu a mão e tocou meu rosto. “Uma garota tão doce”, ela disse a Dean. “Seu pai aprovaria.”



"Hantes." Michael jogou as chaves para Dean. Dean os pegou. “Você dirige”, disse Michael, caminhando até o lado do passageiro do carro. "Parece que você poderia usá-lo."

O aperto de Dean nas teclas aumentou e eu me perguntei que jogo Michael estava jogando. Ele nunca deixou ninguém dirigir seu carro – e Dean era a *última* pessoa para quem ele abriria uma exceção. Dean provavelmente estava pensando a mesma coisa, mas aceitou a oferta com um aceno de cabeça.

Michael subiu no banco de trás comigo. “Então”, ele disse enquanto Dean se afastava de casa, “Christopher Simms: compreensivelmente chateado porque sua mãe tem uma queda por assassinos em série, ou ele próprio é um psicopata iniciante?”

"Ele agarrou Cassie." Dean deixou essa afirmação pairar no ar por um momento. “Ele poderia ter ido por mim. Ele poderia ter ido atrás de você. Mas ele foi atrás de Cassie.

“E quando você o ameaçou”, acrescentei, “ele foi embora”.

Você não deveria ter vindo aqui. Voltei às palavras de Christopher. Isso é doentio. Vocês estão todos doentes.

"Por que a demora?" Michael perguntou. Por um segundo, pensei que ele estava falando comigo, mas então percebi que o comentário era dirigido a Dean. O carro não estava se movendo. Estávamos sentados em uma placa de pare.

“Nada,” Dean respondeu, mas seus olhos estavam fixos na estrada, e de repente, percebi que Michael não tinha deixado Dean dirigir por capricho. Esta era a cidade onde Dean cresceu. Este era o seu passado, um lugar que ele nunca teria escolhido ir se não fosse por este caso.

“O que há por aí?” Eu perguntei a Dean.
Michael chamou minha atenção e balançou a cabeça ligeiramente. Então ele se recostou na cadeira. "Então, Dean, estamos voltando para casa ou vamos fazer um desvio?"
Depois de um longo momento, Dean virou na estrada. Eu podia ver os nós dos dedos dele apertando o volante. Olhei para Michael. Ele encolheu os ombros, como se não tivesse planejado isso. Como se ele não tivesse visto algo no rosto de Dean no caminho para a cidade que o fez querer deixar Dean dirigir na saída.
Acabamos estacionados na calçada ao lado de uma estrada de terra que serpenteava de volta para a floresta. Dean desligou o carro e saiu. Meu olhar capturou uma caixa de correio. Em algum lugar, enterrada naquela mata, no final daquela estrada, havia uma casa.
A antiga casa de Dean.
“Você queria que ele viesse aqui,” eu sussurrei furiosamente para Michael, observando Dean de dentro do carro. “Você deu a ele as chaves...”
“Eu dei a ele uma escolha”, corrigiu Michael. “Eu vi Dean com raiva. Eu o vi enojado e se afogando em culpa, com medo de si mesmo e do que ele é capaz, com medo de *você* .” Michael deixou isso penetrar por um momento. “Mas até hoje, nunca o vi em carne viva.” Michael fez uma pausa. “Não são as lembranças ruins que destroem uma pessoa assim, Cassie. São os bons.”
Caímos num silêncio momentâneo. Lá fora, Dean começou a andar pela estrada de terra. Eu o observei ir e então me virei para Michael. “Você deu as chaves a ele porque ele precisava vir aqui ou porque uma vez ele jogou *seu* passado na sua cara?”
Vir aqui poderia ajudar Dean – mas, sem dúvida, doeria também.
“Você é o criador do perfil”, respondeu Michael. "Você me diz."
“Ambos”, eu disse. *Pseudo-rivais. Pseudo-irmãos. Pseudo-outra coisa.*
Michael e Dean tinham um relacionamento complicado, que não tinha nada a ver comigo. Michael planejou isso para ajudar Dean *e* machucá-lo.
“Você quer ir atrás dele?” A pergunta de Michael me pegou de surpresa.
“Você é o leitor das emoções”, retruquei. "Você me diz."
“Esse é o problema, Colorado”, respondeu Michael, inclinando-se em minha direção. “Você quer que eu diga o que você sente. Eu quero que você *saiba* .
Lentamente, minha mão deslizou em direção à maçaneta da porta. Michael inclinou-se no banco em minha direção. “Você sempre iria atrás dele”, ele

me disse, seus lábios tão próximos dos meus que pensei que a qualquer momento ele poderia diminuir a distância. “O que você precisa descobrir é *por quê* .”
Eu ainda podia sentir a respiração de Michael em meu rosto quando ele se inclinou sobre mim e abriu a porta do carro.
“Vá em frente”, disse ele. "Eu estarei esperando."
Mas desta vez, ouvi um tom subjacente em sua voz – algo que me disse que Michael não esperaria por muito tempo.
Alcancei Dean do lado de fora de uma cerca. Poderia ter sido branco antes, mas agora estava manchado de sujeira e desgastado pelo tempo. O revestimento da casa atrás dela era da mesma cor. Um triciclo amarelo brilhante estava deitado de lado no quintal, contrastando fortemente com tudo ao seu redor. Segui o olhar de Dean até um pedaço de grama nua do lado de fora da cerca.
“Eles derrubaram o galpão de ferramentas”, comentou Dean, como se estivesse falando sobre o tempo e não sobre o prédio onde seu pai torturou e assassinou todas aquelas mulheres.
Fiquei olhando para o triciclo no gramado, pensando nas pessoas que haviam comprado aquele lugar. Eles tinham que conhecer sua história. Eles tinham que saber o que uma vez foi enterrado neste pátio.
Dean começou a andar novamente, dando a volta na lateral da casa. Ele se ajoelhou próximo à cerca, os dedos procurando por alguma coisa.
“Pronto”, ele disse. Ajoelhei-me ao lado dele. Movi sua mão para poder ver. Iniciais. Dele e de outra pessoa.
SENHOR.
“Marie”, disse Dean. “O nome da minha mãe era Marie.”
A porta da frente da casa se abriu. Uma criança veio correndo em direção ao triciclo. A mãe do menino ficou na varanda da frente, mas quando nos viu, seus olhos se estreitaram.
Adolescentes. Estranhos. Na propriedade dela.
“Devíamos ir,” Dean disse calmamente.
Estávamos na metade da estrada de terra quando ele falou novamente.
“Costumávamos brincar de Go Fish.” Ele olhou para frente enquanto falava, andando no mesmo ritmo constante. “Velha Solteira, Uno, Guerra – qualquer coisa com cartas.”
Nós. Como Dean e sua mãe.

"O que aconteceu com ela?" Essa foi uma pergunta que eu nunca fiz. Daniel Redding disse a Briggs que sua esposa havia ido embora, mas eu não processei o fato de que ela não tinha simplesmente deixado Daniel Redding. Ela também havia deixado Dean.

“Ela ficou entediada.” Dean caminhava como um soldado, com os olhos fixos à frente, o ritmo nunca vacilando. “Entediado com ele. Entediado comigo. Ele a trouxe de volta para esta pequena cidade, cortou todo contato com sua família.” Ele engoliu uma vez. “Um dia cheguei em casa e ela havia sumido.”

"Você já pensou-"

"Que ele a matou?" Dean parou e se virou para mim. "Eu costumava. Quando o FBI desenterrou os corpos, fiquei esperando que eles me dissessem que ela não tinha acabado de sair. Que ela ainda estava lá, enterrada.” Ele começou a andar novamente, dessa vez mais devagar, como se seu corpo estivesse sobrecarregado de cimento. “E então minha assistente social a encontrou. Vivo."

“Mas...” Aquela palavra escapou da minha boca antes que eu conseguisse reprimir a pergunta na ponta da língua. Recusei-me a dizer o que estava pensando: se a mãe de Dean estava viva e eles sabiam onde ela estava, como Dean foi parar em um orfanato? Por que o diretor afirmou que se não fosse esse programa ele não teria para onde ir?

"Ela estava namorando alguém." Dean arrastou o pé na terra. “Eu era filho de Daniel Redding.”

Ele parou aí – nove palavras para explicar algo que eu nem conseguia entender.

Você também era filho dela, pensei. Como uma pessoa poderia olhar para seu próprio filho e simplesmente dizer “Não, obrigado”? *Vá Fish e Old Maid e grave suas iniciais na cerca.* Eu soube então que Marie Redding era a razão pela qual Dean voltou para cá.

Não são as lembranças ruins que destroem uma pessoa. São os bons.

"Como ela era?" A pergunta parecia uma lixa na minha boca, mas se era para isso que ele veio aqui, eu poderia ouvir. Eu me obrigaria a ouvir.

Dean não respondeu minha pergunta até voltarmos para o carro. Michael estava sentado no banco do motorista. Dean deu a volta até o lado do passageiro. Ele colocou a mão na porta e olhou para mim.

"Como ela era?" ele repetiu suavemente. Ele balançou sua cabeça. “Nada como Trina Simms.”

CHAPTER 34

Quando voltamos, Judd estava sentado na varanda da frente, esperando por nós. *Não é bom.* Passei cerca de cinco segundos me perguntando se poderíamos afirmar que passamos o dia na cidade. Judd ergueu a mão e interrompeu as palavras antes que eu pudesse formulá-las.

“Sempre acreditei que você dá espaço suficiente às crianças, elas cometem seus próprios erros. Eles aprendem." Judd não disse nada durante vários segundos. “Então, uma vez, minha filha tinha cerca de dez anos. Ela e sua melhor amiga colocaram na cabeça que iriam em uma *expedição científica* .”

"Você tem uma filha?" Michael disse.

Judd continuou como se nunca tivesse falado. “Scarlett estava sempre tendo ideias como essa. Ela colocava na cabeça que iria fazer alguma coisa, e não havia como dissuadi-la. E sua amiguinha... bem, se Scarlett estava ali pela *ciência* , sua amiga era do tipo expedicionário. O tipo de redução de escala na lateral de um penhasco para uma *amostra* . Eles quase foram mortos.

Judd ficou em silêncio novamente. “Às vezes, algumas crianças precisam de uma ajudinha com o aprendizado.”

Judd nunca levantou a voz. Ele nem parecia bravo. Mas, de repente, tive certeza de que não queria a “ajuda” de Judd.

"A culpa foi minha." A voz de Dean era um complemento perfeito para a de Judd, e percebi que alguns de seus maneirismos também eram do homem mais velho. “Michael e Cassie só foram comigo, então eu não iria sozinho.”

"Isso está certo?" Judd perguntou, dando a nós três um daqueles olhares que só alguém que já foi pai consegue dar, aquele que - quando seu próprio

pai fez isso - lembrou você de que eles trocaram suas fraldas e poderiam reconhecer sua besteira, mesmo agora.
“Eu precisava fazer isso.” Dean não disse mais nada além disso. Judd cruzou os braços sobre o peito.
“Talvez você tenha feito isso,” ele permitiu. “Mas eu pensaria em uma desculpa melhor nos próximos cinco segundos, filho, porque você vai precisar dela.”
Ouvi o som de saltos no azulejo. Um instante depois, o agente Sterling apareceu na porta atrás de Judd. “Dentro,” ela latiu. "Agora mesmo."
Entramos. Tanto para não ser pego. Sterling nos conduziu ao escritório de Briggs. Ela apontou para o sofá. "Sentar."
Eu sentei. Dean sentou-se. Michael revirou os olhos, mas sentou-se no braço do sofá.
“Foi culpa de Dean,” Michael anunciou solenemente. “Ele precisava fazer isso.”
"Michael!" Eu disse.
“Você sabe onde Briggs está agora?” A pergunta do Agente Sterling não foi o que eu esperava. Minha mente começou a procurar razões pelas quais a localização de Briggs pudesse ser relevante para esta discussão, para o que havíamos feito. Ele estava nos procurando? Reunião com o diretor para fazer controle de danos?
“Briggs”, disse o agente Sterling, tenso, “está na delegacia de polícia do condado de Warren, reunido com um homem que pensa ter informações sobre o assassinato de Emerson Cole. Veja bem, o filho de um serial killer fez uma visita à mãe esta tarde, e o Sr. Simms acredita que o menino pode ser violento. Ela fez uma pausa. “O cavalheiro tem um hematoma no pescoço para respaldar a afirmação.”
Christopher Simms denunciou Dean à polícia? Eu não tinha previsto isso chegando.
“Felizmente”, continuou o agente Sterling, fazendo a palavra soar mais como uma acusação do que uma expressão de sorte, “Briggs pediu aos moradores locais que encaminhassem qualquer coisa relevante para este caso através dele, então foi ele quem recebeu o depoimento. Ele ainda está lá, anotando o depoimento. Acontece que Christopher Simms tem muito a dizer – sobre Dean, sobre todos vocês, sobre o relacionamento da mãe dele com Daniel Redding. Ele é apenas uma *fonte* de informações.”

“Ele dirige um caminhão preto.” Olhei para minhas mãos, mas não consegui deixar de falar. “Ele tem uma conexão com Daniel Redding. Sua mãe o repreende constantemente. Ele perdeu a paciência enquanto eu estava lá e me agarrou, então você tem impulsividade, mas seus movimentos e maneirismos também são controlados.”
“Você bateu Christopher na parede quando ele agarrou Cassie?” Agente Sterling perguntou a Dean. De tudo o que eu disse, imaginei que ela se agarraria a isso.
Dean encolheu os ombros sem remorso. O Agente Sterling interpretou isso como um sim.
Sterling virou-se para Michael. Eu esperava que ela perguntasse algo a ele, mas em vez disso ela apenas estendeu a mão. "Chaves."
“Espátula”, respondeu Michael. Ela estreitou os olhos para ele. “Não estamos apenas dizendo substantivos aleatórios?” ele perguntou maliciosamente.
“Me dê suas chaves. Agora."
Michael tirou as chaves do bolso e jogou-as alegremente para ela. Ela se virou para Dean.
“Eu disse ao meu pai que confiava em você”, disse ela. “Eu disse a ele que poderia lidar com isso.”
Suas palavras cavaram caminho sob a pele de Dean. Ele empurrou de volta. “Eu nunca pedi para você cuidar de mim.”
Sterling realmente se encolheu. “Dean...” Ela parecia prestes a se desculpar, mas se conteve. A expressão em seu rosto endureceu. “Deste ponto em diante, você não está sozinho,” ela disse a Dean bruscamente. Ela gesticulou para Michael. “Vocês dois estão dormindo juntos. Se você não está com Michael, você está com outra pessoa. Agora que você entrou no radar da polícia local, se e quando nosso UNSUB atacar novamente, você poderá precisar de um álibi.
O Agente Sterling não poderia ter planejado uma punição melhor para Dean. Ele era uma pessoa solitária por natureza e, depois dos acontecimentos do dia, gostaria de ficar sozinho.
“Você está dispensado.” A voz do Agente Sterling era nítida. Nós três ficamos de pé em um instante. “Você não, Cassie.” Sterling me fixou no lugar com seu olhar. “Vocês dois”, ela disse aos meninos, “fora!”
Michael e Dean se entreolharam e depois para mim.

“Não vou perguntar de novo.”
A agente Sterling esperou até que a porta se fechasse atrás dos meninos antes de falar. "O que você e Dean estavam fazendo na antiga casa dos Redding?"
Abri a boca e fechei-a novamente. Não havia *nada* que ela não soubesse?
“Christopher Simms não foi o único que contatou a polícia”, Sterling me informou. “A polícia local ouve 'adolescentes vagabundos' na antiga propriedade de Redding, poucos minutos depois de alguém registrar uma queixa sobre Dean, e adivinha-se para onde vão suas mentes.”
Até eu tive que admitir que isso não parecia bom.
“Ele precisava voltar”, eu disse, minha voz suave, mas inabalável. “Só para ver.”
A mandíbula de Sterling apertou, e me perguntei se ela estava pensando no tempo que passou naquela propriedade, com pés e mãos amarrados em um galpão de ferramentas que não existia mais.
“Dean precisava voltar para lá, não era por causa do pai dele.” Fiz uma pausa para absorver isso. “Esta visita não teve nada a ver com Daniel Redding.”
Sterling revirou isso em sua mente. "A mãe dele?" ela perguntou.
Eu não respondi. Eu não precisava. Depois de outro momento tenso de silêncio, uma pergunta saiu da minha boca. “Alguém falou com ela?” Fiquei pensando que minha mãe tinha muitos defeitos, mas ela nunca teria me *abandonado* . E a mãe de Dean não tinha simplesmente ido embora – ela teve a chance de trazê-lo de volta e disse não. “Se o nosso UNSUB está obcecado por Redding, a mãe de Dean pode ser um alvo”, continuei. Havia motivos para conversar com Marie que não tinham nada a ver com o desejo de incutir algum sentido nela - ou pelo menos fazê-la encarar o que ela havia feito com Dean.
“Eu falei com ela,” Sterling disse brevemente. “E ela não é um alvo.”
“Mas como você pôde—”
“A mãe de Dean mora em Melbourne”, disse Sterling. “Como na Austrália, do outro lado do mundo e bem fora do alcance deste assassino. Ela não tinha nenhuma informação relevante para o caso e pediu que a deixássemos em paz.”
Como ela deixou Dean?
"Ela pelo menos perguntou sobre ele?" Perguntei.

Sterling franziu os lábios. "Não."
Dado o que eu sabia sobre a agente Sterling e seu relacionamento com Dean, eu apostava que ela havia atendido aquela ligação da mesma forma que eu: odiando Marie pelo que ela tinha feito, mas meio convencida de que se ela apenas dissesse a coisa certa alguma coisa ou fizesse a pergunta certa, ela poderia desfazê-la. A Agente Sterling nunca quis acreditar que o programa Naturals fosse a melhor opção para Dean, mas agora eu praticamente podia ouvi-la pensando: *Se não fosse por esse programa, ele não teria outro lugar para ir.*
“Você deveria adicionar Christopher Simms à sua lista de suspeitos”, eu disse. Quando ela não me interrompeu imediatamente, continuei: “Ele não é uma pessoa pequena, mas não tem o tipo de presença que você esperaria de alguém do tamanho dele. Ele se move devagar, fala devagar, não porque seja pouco inteligente ou descoordenado, mas porque é deliberado. Ele está inibido. Nem tímido, nem estranho, apenas segurando alguma coisa.”
“Cassie...” Ela ia me dizer para parar, mas eu não dei a ela a chance. “Christopher estava lá fora quando nos aproximamos da casa. Se eu tivesse que adivinhar, diria que ele faz todas as tarefas ao ar livre. O gramado estava coberto de mato — talvez seja a maneira dele de atacar a mãe, mesmo que ele cumpra as ordens dela em todo o resto. Ele está se esforçando, mas tem idade suficiente para poder se mudar, se realmente quisesse. As palavras saíam da minha boca cada vez mais rápido. “A mãe dele mencionou que ele tem muitos amigos e não vi nada que me fizesse pensar que ele era anti-social ou particularmente inepto. Então por que ele não se muda? Eu respondi minha própria pergunta. “Talvez ele pense que ela precisa dele. Talvez ele queira a aprovação dela. Talvez ela o culpe por isso. Não sei. Mas eu sei que quando ele explodiu, aconteceu num instante, e ele não foi atrás de Michael ou Dean. Ele foi atrás de mim.”
Finalmente parei para respirar. Por alguns segundos, Sterling ficou ali parado.
“Você disse que o UNSUB se sentia confortável com armas de fogo, mas menos seguro de si quando se tratava de confrontos desarmados. Eu era o alvo fácil naquela sala e foi ele quem ele perseguiu.”
Talvez Christopher tivesse me procurado porque era eu quem estava falando. Talvez ele estivesse tentando ativamente *não* começar uma briga e pensasse que eu era o único de nós três que não responderia com um soco.

Ou talvez ele fosse o tipo de cara que gostava de se defender contra as mulheres.
“Havia alguma arma de fogo na casa?” Sterling perguntou. Tive a sensação de que a pergunta havia escapado. Ela não pretendia perguntar isso.
“Não vi nenhuma arma.”
O telefone da agente Sterling tocou e ela ergueu a mão, efetivamente me colocando na espera.
“Esterlino.” Ela atendeu o telefone com seu nome. O que quer que a pessoa do outro lado da linha tivesse a dizer, não era uma boa notícia. Ela era como uma mola bem enrolada, com todos os músculos tensos. "Você está brincando comigo. Quando?" Sterling ficou em silêncio por tempo suficiente para me fazer pensar que “quando” não era a única pergunta respondida.
“Posso estar na estrada em cinco minutos.”
Ela encerrou a ligação abruptamente.
"Más notícias?" Perguntei.
"Corpo morto."
Essas palavras provavelmente pretendiam encerrar a conversa, mas eu tive que perguntar. “Nosso suspeito?”
Sterling apertou a mão em volta do telefone.
“É este o ponto em que você me diz para ficar fora disso?” Perguntei.
Sterling fechou os olhos e respirou fundo antes de abri-los novamente. “A vítima é Trina Simms, e os vizinhos ouviram gritos e ligaram para o 911 *enquanto* seu filho Christopher estava na delegacia com Briggs.” Sterling passou a mão pelos cabelos. “Então, sim, é aqui que eu digo para você ficar fora disso.”
Quer ela quisesse ou não, ela ouviu o que eu tinha a dizer sobre Christopher. Ouvir Briggs foi como um jato de água fria em seu rosto.
Eu estava errado, pensei. Os fragmentos que aprendi em minha visita a Broken Springs — nada disso importava agora. Trina estava morta e Christopher estava com Briggs quando isso aconteceu.
Ele é apenas um cara. Um cara com uma caminhonete escura e uma mãe que dá muito trabalho. Quem era um trabalho.
Imaginei Trina, que achava que meus sapatos eram preciosos e que Daniel Redding seria libertado da prisão mediante recurso.
“O pai de Dean tem algum recurso aberto?” Perguntei.

O agente Sterling não se importou com a mudança de assunto. "Nenhum." Ela foi até a mesa de Briggs e tirou algo de uma das gavetas. Ela fechou a gaveta e voltou para mim. “Coloque o pé no sofá”, ela ordenou.
Foi então que me lembrei. Da próxima vez que você sair de Quantico sem minha permissão, vou providenciar um rastreador de tornozelo em você.
“Você não pode estar falando sério”, eu disse.
“Parece que estou brincando?” Sterling perguntou. Ela parecia com Judd quando voltamos para casa. “Eu fiz uma promessa a você”, ela me disse, “e sempre cumpro minhas promessas”. Eu não me mexi e ela se ajoelhou e prendeu o rastreador no lugar. “Se você sair do quintal, eu saberei. Se você tentar remover o rastreador, eu saberei. Se você violar o perímetro definido nesta tornozeleira, um alarme silencioso disparará, enviando uma mensagem diretamente para o meu telefone e diretamente para o de Briggs. O GPS desta tornozeleira nos permitirá identificar sua localização, e vou arrastá-lo de volta para cá, chutando e gritando.
Ela se levantou. Minha boca estava seca. Eu não poderia forçar uma objeção.
“Você tem bons instintos”, Sterling me disse. "Você tem um bom olho. Algum dia, você poderá ser um agente muito bom.
O rastreador era mais leve do que parecia, mas o peso adicional, por menor que fosse, fez todo o meu corpo parecer pesado. Saber que não poderia ir embora, saber que não poderia fazer nada – eu odiava isso. Eu me sentia inútil, fraco e muito, muito jovem.
Sterling levantou-se. “Mas esse dia, Cassandra, não é hoje.”

VOCÊ

Você pode imaginar perfeitamente os últimos momentos de Trina Simms em sua mente. Na verdade, agora que a ação foi cumprida, você não consegue parar de imaginá-la repetidamente.

Mãos unidas. Plástico mordendo pulsos carnudos. Faca. Sangue.

Seu cérebro recria o momento com detalhes brilhantes em Technicolor. Sua pele não está imaculada. Não é suave. A marca afunda, dentro, dentro….

A carne queimada tem o mesmo cheiro, seja ela flexível ou não, seja jovem ou não. Só de pensar na marca sendo absorvida, você pode sentir o cheiro dela. A cada respiração, você imagina—

Corda em volta do pescoço. Olhos opacos e sem vida.

Trina Simms sempre foi estridente, iludida, exigente. Ela não é tão exigente agora.

CHAPTER 35

E muita pista que conseguimos encontrar neste caso terminou em uma parede de tijolos. Descobrimos que Emerson estava tendo um caso com o professor e então ele apareceu tão morto quanto ela. Examinamos os perfis dos estudantes na Internet e descobrimos que cada um deles tinha um álibi. Michael, Dean e eu fomos falar com Trina Simms. Conseguimos descartá-la como suspeita, mas não percebemos que o assassino a tinha em vista.

Se meus instintos são tão bons, pensei, então por que não previ isso? Por que eu estava tão focado em Christopher Simms?

Eu deveria ser natural. Eu deveria ser bom nisso. *Okay, certo.* Tão bom que não percebi que Locke era um assassino. Tão bom que, pelo que eu sabia, enquanto traçava o perfil de Christopher e me convencia de suspeitas, o UNSUB poderia estar à espreita por perto, apenas esperando que partíssemos.

Nada do que havíamos feito neste caso saiu como deveria, e agora eu estava sob uma coleira eletrônica. Como um criminoso.

“No que diz respeito aos acessórios, deixa a desejar.” A resposta de Lia ao rastreador preso em meu tornozelo foi previsivelmente blasé. “Embora esse tom exato de plástico preto realce a cor dos seus olhos.”

"Cale-se."

"Irritável, irritadiço." Lia balançou um dedo para mim. Eu bati na mão dela.

“Você tem que admitir que é deliciosamente irônico”, disse ela, guardando o dedo balançante com segurança.

Eu não *tive* que admitir nada.

“De todos nós”, continuou Lia, “você é o que tem menos probabilidade de ser preso. Na verdade, você pode ser o único de nós que *não* foi preso. E ainda assim... — Ela apontou para meu tornozelo.
“Eca”, eu disse a ela. “Você pode ser o próximo. O agente Sterling provavelmente encomenda essas coisas em grandes quantidades.
“Um pouco de duplo padrão, você não acha? Os meninos fogem e são condenados à companhia um do outro. Você foge e...
“Chega”, eu disse a Lia. “Sentar e conversar sobre isso não vai mudar nada. Além disso, este não é o nosso maior problema.”
Alguém ainda precisava contar a Dean o que havia acontecido com Trina Simms.
“Fomos vê-la e agora ela está morta.” Dean resumiu toda a situação em uma única frase.
“A proximidade temporal não implica causalidade”, disse Sloane, dando-lhe um tapinha no ombro – a versão Sloane de um conforto *ali, ali* .
“Essa é a questão, não é?” Michael interrompeu. Nós cinco estávamos reunidos na sala que os meninos estavam agora — aparentemente — compartilhando. Michael recostou-se no batente da porta e cruzou um tornozelo sobre o outro. — Trina já estava na mira do assassino ou nossa visita de alguma forma desencadeou o UNSUB?
Dean considerou a questão. “O assassinato de Emerson foi bastante bem planejado.” Mudar para o modo criador de perfil evitou que ele fosse arrastado de volta para o lugar escuro, mas mesmo quando Dean estava tentando se distanciar do que havia acontecido, ele nunca parou de se referir a Emerson pelo nome. “A apresentação do cadáver dela foi precisa. Com base em nossas interações com Sterling e Briggs nos últimos dias, suponho que eles não tenham muitas evidências físicas. Estamos olhando para alguém com um alto nível de atenção aos detalhes, o que sugere que nosso assassino seria metódico na seleção de suas vítimas.”
Fechei os olhos e desejei que a massa emaranhada de pensamentos em minha mente se resolvesse. “Se o UNSUB está fazendo isso porque se identifica com Daniel Redding”, eu disse, trabalhando na lógica enquanto falava, “faz sentido que ele procure alguém que realmente conheça Redding para a vítima número dois”.
“Vítima número três”, Sloane me lembrou. “Você esqueceu o professor.”

Ela estava certa. Eu deixei de fora o professor, porque mesmo que Briggs e Sterling não tivessem dito nada sobre como ele morreu, meu instinto não acreditava que o UNSUB tivesse torturado o professor do jeito que ele torturou as mulheres. As vítimas originais de Daniel Redding eram todas mulheres. Amarrar as mulheres, marcá-las – isso era uma questão de propriedade. Um UNSUB que se identificasse com o método e a brutalidade deste MO em particular não apreciaria a morte de um homem mais velho da mesma forma. As mulheres foram o evento principal; Fogle estava apenas no caminho.

Algumas coisas você faz porque quer, pensei, e algumas coisas você faz porque precisa .

Dean não disse nada sobre a minha omissão do professor na lista de vítimas. Ele tinha sua própria visão de túnel. “Emerson tinha vinte anos, era loira, simpática e querida pelos colegas. Trina tinha quase quarenta anos, era morena, neurótica e, pela sua reação ao receber visitas, socialmente isolada, exceto por duas pessoas: meu pai e o filho dela.”

A maioria dos assassinos tinha um tipo. O que Trina Simms e Emerson Cole têm em comum?

“Emerson é jovem. Ela é linda." A voz de Dean assumiu um zumbido estranho. “Ela está dormindo com um homem que se considera um especialista em Daniel Redding. Talvez seja por isso que a escolhi.”

Quando criei o perfil de um UNSUB, usei a palavra *você* . Quando Dean traçou o perfil dos assassinos, ele disse *eu* .

"Ou talvez", disse Dean, com as pálpebras pesadas e os olhos quase fechados, "eu escolhi uma garota que não dormiria comigo, e depois uma que estava *dormindo* com o homem que estou imitando." A voz de Dean era estranhamente reflexiva. Eu podia senti-lo afundando cada vez mais nas possibilidades. “Se Redding não estivesse na prisão, ele próprio teria matado Trina Simms. Ele a teria cortado e amarrado e rido toda vez que ela gritasse.”

Dean abriu os olhos. Por alguns segundos, não tive certeza se ele estava nos vendo – algum de nós. Eu não tinha ideia do que ele estava pensando, mas sabia de alguma forma que algo havia mudado: o ar na sala, a expressão em seu rosto.

"Reitor?" Eu disse.

Ele pegou o telefone.

"Para quem você esta ligando?" Lia perguntou.
Dean mal olhou para cima. "Briggs."
No momento em que Briggs atendeu o telefone, Dean estava andando de um lado para o outro. “Sou eu”, disse ele. Briggs começou a responder algo, mas Dean o interrompeu. “Eu sei que você está na cena do crime. É por isso que estou ligando. Preciso que você procure algo. Não sei o quê, não exatamente. Dean sentou-se. Era a única maneira de parar de andar. “Grite comigo mais tarde, Briggs. Neste momento, preciso saber se há alguma coisa além de guardanapos e figuras de porcelana nas mesinhas de canto ou na mesinha de centro da casa dos Simms. Dean apoiou o antebraço nos joelhos e pressionou a cabeça no braço. *“Apenas olhe e me diga o que você vê.”*
O silêncio caiu sobre a sala por um minuto, talvez mais. Lia me lançou um olhar questionador, mas balancei a cabeça. Eu estava tão sem noção do que estava acontecendo quanto ela. Num segundo, ele estava traçando o perfil do nosso UNSUB, e no seguinte, ele estava ao telefone, gritando ordens.
"Nada?" Dean disse. Ele exalou e sentou-se. “Nada de cartões de beisebol, carros Matchbox ou iscas de pesca.” Dean parecia estar tentando se convencer, mais do que qualquer outra coisa. “Sem livros. Sem jogos. Dean assentiu em resposta a alguma pergunta que o resto de nós não conseguia ouvir, então pareceu perceber que Briggs não seria capaz de ver o aceno.
"Não. Estou bem. Acabei de ter uma ideia. Não é nada. Tenho certeza de que não é nada. Pude ver Dean tentando parar ali, tentando não dizer mais nada. Ele falhou. "Você pode olhar nos bolsos dela?"
Outro longo silêncio. Mas desta vez vi o momento exato em que Briggs respondeu. O corpo de Dean ficou rígido. Não há mais energia nervosa. Não há mais perguntas.
“Bem, isso não é bom,” Michael murmurou ao meu lado.
"Nós temos um problema." A voz de Dean estava rígida, sua postura a mesma. “Não acho que nosso UNSUB seja um imitador.” Ele fez uma pausa e depois forçou um esclarecimento. “Acho que meu pai tem um parceiro.”

CHAPTER 36

Briggs e Sterling voltaram para casa naquela noite. Nenhum de nós estava dormindo. Estávamos reunidos na cozinha, primeiro para comer e depois para esperar. Por volta da meia-noite, Judd veio nos perseguir até a cama, mas acabou servindo um bule de café. No momento em que os agentes Briggs e Sterling abriram a porta da cozinha e nos viram amontoados em volta da mesa, Sloane estava começando a relaxar. O resto de nós ficou em silêncio – e assim foi durante a maior parte da noite.

"Conteúdo dos bolsos de Trina Simms." Briggs jogou levemente um saco plástico transparente na mesa à nossa frente. Dentro da sacola havia uma única carta de baralho – o rei de espadas.

"Eu queria estar errado." Isso foi tudo que Dean disse a princípio. Ele deslizou o saco de provas até a beirada da mesa, mas não o pegou. "Eu deveria estar errado."

"O que colocou a ideia na sua cabeça?" O Agente Sterling parecia rouco. Fiquei me perguntando se ela e Briggs passaram a noite gritando ordens para as pessoas, ou se a descoberta de que o homem que a sequestrou e torturou agora tinha um parceiro do lado de fora havia cobrado seu preço.

"Eu estava traçando o perfil do nosso UNSUB." Dean não estava rouco. Ele falou em um tom lento e uniforme, os dedos brincando com a borda do cartão através do plástico. "Achei que nosso cara poderia ter atacado Trina Simms porque se meu pai não estivesse na prisão, ele mesmo a teria matado. Fazia sentido o UNSUB acreditar que matar Trina era um passo para me tornar meu pai. Mas então" – Dean tirou a mão do cartão – "pensei no fato de que tínhamos ido vê-la, Cassie, Michael e eu."

Eu não sabia por que isso fez diferença, por que nossa visita fez com que Dean pensasse que era um imitador e passasse a pensar que seu pai estava

envolvido, mas ele explicou isso para nós, em termos brutais e intransigentes.
"Eu conheci ela. Eu não gostei dela. Ela morreu."
Como Gloria, a mulher que Daniel Redding apresentou ao filho. Eu disse a ele que não queria uma nova mãe. E ele olhou para Gloria e disse: "É uma pena".
"Eu queria que fosse uma coincidência", continuou Dean. Suas mãos se fecharam em punhos no colo, as unhas cravadas nas palmas das mãos. "Mas então pensei no fato de que quando eu estava na sala de interrogatório com meu pai, ele sabia onde procurar o professor." Dean encolheu os ombros. "Isso fazia sentido. O professor o entrevistou várias vezes. Ele estava escrevendo um livro. É claro que ele poderia ter mencionado sua cabine de escrita. Dean virou-se para dirigir as próximas palavras ao Agente Briggs. "Devíamos ter sabido."
Lia captou a linha de pensamento de Dean. "Ele contou a verdade sobre a localização do professor, mas não toda a verdade. Isso é o que ele faz. Ele lida com detalhes técnicos, meias verdades e mentiras aparentemente inofensivas."
Dean não se virou para olhar para Lia, mas debaixo da mesa, vi a mão dele encontrar brevemente a mão dela. Ela agarrou o dele e apertou, com força suficiente para que eu não tivesse certeza se ela iria soltá-lo.
"Eu sempre soube que ele estava mexendo com nossas mentes", disse Dean. "Eu sabia que ele estava nos manipulando, mas deveria pelo menos ter considerado a possibilidade de que ele também estivesse mexendo os pauzinhos do nosso UNSUB. As pessoas são apenas marionetes para ele, atores em seu palco."
"Você disse a Briggs para olhar no bolso da vítima." Tentei fazer com que Dean se concentrasse em detalhes. Falar sobre detalhes concretos foi a única coisa que consegui pensar para ajudá-lo a manter o panorama geral sob controle. "Como você sabia que haveria algo lá?"
"Eu não fiz." Dean ergueu os olhos para os meus. "Mas eu sabia que se meu pai estivesse envolvido, se Trina morresse porque fui vê-la, ele iria querer que eu soubesse."
Ele gostaria de enviar uma mensagem. Aquele Dean era *dele* . Que Dean sempre foi *dele* . Ele não era da mãe dele. Ele não pertencia ao FBI. Ele

nem sequer pertencia a si mesmo. Essa foi a mensagem que Daniel Redding enviou ao filho, tudo com um pequeno cartão.
“Não é só para você, Dean.” O agente Sterling esteve extremamente quieto o tempo todo. “É para nós também, Briggs e eu. Ele quer que saibamos que estamos jogando o jogo dele.” Seus lábios se repuxaram, a meio caminho entre uma careta e um sorriso contundente. “Ele quer que saibamos que ele está ganhando.”
Ela apertou os lábios e depois mostrou os dentes. “Devíamos ter visto.” As palavras que a Agente Sterling estava segurando durante toda a conversa explodiram de sua boca. “ *Eu* deveria ter visto. O primeiro assassinato mostrou todas as características de um assassino organizado – o planejamento, a falta de provas físicas, os suprimentos que o UNSUB trouxe para o local. Mas havia coisas que não combinavam. O uso da antena do carro para estrangular a menina. O facto de o UNSUB ter atacado por trás. Despejar o corpo em local público. Isso é impulsividade, desvio de um plano definido e sinais de problemas de autoconfiança.” Sterling soltou um longo suspiro, desejando que seu temperamento se dissipasse. "Organizado. Desorganizado. Quando uma cena de crime tem as características de ambos, ou você está lidando com um UNSUB inexperiente que está refinando sua técnica – ou você está lidando com dois UNSUBs.”
Dean soltou um suspiro. “Um dominante, que faz os planos, e um subordinado, que ajuda a executá-los.”
A agente Sterling calculou a idade do UNSUB entre vinte e três e vinte e oito anos, mas calculou esses números com base na suposição de que o UNSUB estava agindo sozinho. Incluir Redding na equação mudou as coisas. Ainda era seguro apostar que nosso UNSUB idolatrava Redding, que ele ansiava por poder, autoridade e controle. A falta de uma figura paterna na adolescência do UNSUB provavelmente ainda acertou em cheio. Mas se esse era o papel que Redding estava desempenhando para o UNSUB, o que o pai de Dean buscava com isso?
A mesma coisa que Locke queria de mim.
De repente, eu estava de volta à casa segura. Dean estava deitado inconsciente no chão. Michael foi baleado. E Locke queria — desesperadamente, loucamente — que eu pegasse a faca. Ela queria que eu fosse como ela. Ela queria que eu fosse *dela* . Pelo menos ela me via como

pessoa. Para Daniel Redding, Dean era uma coisa. Uma criação maravilhosa, puramente sua, de corpo e alma.
Talvez o Redding estivesse a tentar recriar isso com o nosso UNSUB. Ou talvez todo esse caso tivesse sido apenas uma forma de lembrar ao filho rebelde quem estava no comando, de forçar Dean a ir vê-lo, cara a cara.
“Devíamos ajustar o limite inferior da faixa etária para o nosso UNSUB.” Eu parecia calmo, como sempre fazia quando essa parte do meu cérebro assumia o controle, convertendo até as situações mais horríveis e pessoais em um quebra-cabeça a ser resolvido. “Até dezessete.”
Eu não expliquei meu raciocínio, mas percebi no segundo que o significado por trás daquelas palavras foi registrado por Dean. *Ele* tinha dezessete anos.
Briggs olhou para mim por alguns segundos. "O que você está pensando?"
Ele poderia ter me dito que este não era *o nosso* UNSUB. Ele não tinha.
Esperei que o Agente Sterling se opusesse. Ela não fez isso.
Este foi o calor da batalha. Não estávamos lidando com um imitador. Estávamos lidando com o homem que manteve a agente Sterling prisioneira e a torturou. Redding estava brincando com ela atrás das grades.
Ele estava brincando com Dean.
Não pensei nisso nem pensei em como o agente Sterling se sentiria em relação a tudo isso daqui a um dia, ou uma semana, ou um mês. Voltei-me para o Agente Briggs e respondi sua pergunta.
“Nosso UNSUB e Redding não são parceiros”, eu disse. “Homens como Daniel Redding não têm *parceiras* . Eles não acham que têm *iguais* .”
Procurei a palavra certa. “A pessoa que procuramos não é um parceiro”, eu disse finalmente. “É um aprendiz.”

CHAPTER 37

Na manhã seguinte, o agente Briggs trouxe um DVD para Lia. “Gravações de todas as reuniões que tivemos com Redding desde que o caso começou”, ele disse a ela. “Eles são todos seus.”
Lia pegou os DVDs antes que Briggs pudesse repensar a oferta. Ao lado dele, Sterling pigarreou. “Você não precisa fazer isso”, disse ela. “O diretor aprovou seu envolvimento neste caso, mas você pode dizer não.”
“Você não quer que façamos isso.” Michael percebeu a maneira como ela estava parada, a expressão em seu rosto. “Você odeia estar perguntando, mas espera em Deus que digamos que sim.”
"Estou dentro." Lia interrompeu Michael antes que ele pudesse ler mais o agente. “Cassie também, e Sloane também.”
Sloane e eu não a contradizemos.
“Não tenho nada melhor para fazer”, ofereceu Michael. Seu tom era casual, mas seus olhos brilhavam com a mesma emoção que eu vi nele quando tirou Dean de cima de Christopher Simms. Ninguém jogava com as poucas pessoas neste mundo com quem ele se importava.
“Lia, Michael e Cassie, vocês estarão na sala de mídia, repassando essas entrevistas com um pente fino.” Briggs emitiu ordens de forma concisa e eficiente. “Redding acha que tem vantagem aqui. Isso muda *hoje* .”
A Agente Sterling concentrou sua atenção em Dean. — Se você estiver disposto a isso — disse ela, com a voz mais baixa do que quando falou com o resto de nós —, Briggs vai ver seu pai.
Dean não disse nada. Ele apenas vestiu um casaco leve por cima da camiseta branca surrada e se virou em direção à porta.
Sterling virou-se para Briggs. “Acho que isso significa que ele está pronto para isso.”

Pedir a Dean para fazer isso a machucou, mas não fazer nada, fazer qualquer coisa menos do que *tudo o que pudesse* para acabar com isso, a teria machucado ainda mais. O Agente Sterling não estava usando maquiagem. Sua camisa não estava dobrada. Havia uma energia nela, uma determinação crua que me disse que eu estava olhando para a Veronica Sterling que Dean conhecia.
Aquele que lembrou o agente Sterling de mim.
"Você está bem aqui?" Briggs perguntou a ela.
"Você me conhece." Sterling sorriu – só lábios, sem dentes. “Eu sempre caio de pé.”
Briggs observou-a por um instante e depois seguiu Dean até a porta.
"Quanto a mim?" Sloane o chamou.
O agente Sterling foi quem atendeu. “Como você está com a geografia?”
Sloane desapareceu no porão com alguns mapas para traçar um perfil geográfico do parceiro de Redding. O resto de nós se isolou na sala de mídia. Michael e eu sentamos em lados opostos do sofá. Lia colocou o DVD que Briggs lhe deu no aparelho e se sentou entre nós, uma perna puxada contra o peito e a outra esticada. O Agente Sterling ocupou um lugar na porta, observando-nos assistir ao DVD enquanto ele começava a tocar.
Daniel Redding estava sentado num dos lados de uma mesa comprida. Suas mãos estavam algemadas e acorrentadas à mesa, mas pela sua postura, você poderia pensar que ele estava em uma entrevista de emprego. Uma porta à sua esquerda se abriu e o Agente Briggs entrou, carregando uma pasta fina. Ele sentou-se em frente a Redding.
“Agente Briggs.” Havia algo de musical na voz do monstro, mas foram seus olhos que chamaram sua atenção: olhos escuros e comoventes, com um leve toque de rugas nos cantos. “A que devo este prazer inestimável?”
"Nós precisamos conversar." Briggs era todo profissional. Ele não apressou as palavras. Ele não os arrastou para fora. “Eu entendo que você tem recebido uma quantidade incomum de correspondência ultimamente.”
Redding sorriu. A expressão parecia modesta, quase infantil. “Sou um homem incomum.”
“A prisão examina e cataloga sua correspondência, mas não guarda cópias das cartas.”

“Um tanto desleixados da parte deles”, opinou Redding. Suas mãos estavam cruzadas sobre a mesa. Ele se inclinou para frente, apenas uma fração de centímetro. “Nunca se pode ser muito cuidadoso com seus... *registros* .”
Algo na maneira como ele disse *registros* me fez pensar que ele estava realmente falando sobre outra coisa – algo destinado a irritar o agente Briggs.
Redding mantinha registros das mulheres que matou?
Briggs não mordeu a isca. “Você recebeu alguma carta que classificaria como correspondência de fãs?” ele perguntou, sua voz assumindo um leve tom zombeteiro, como se Daniel Redding fosse membro de alguma boy band há muito esquecida e não um predador inquieto trancado em uma jaula.
“Ora, agente Briggs, acredito que você precisa de algo.” Redding fingiu surpresa, mas o zumbido de prazer em sua voz era real. “Agora, por que um homem como você estaria interessado nas cartas recebidas por um homem como eu? Por que você iria querer saber que as mulheres me escrevem para dizer que me *amam* , que todos os dias meu legado continua vivo, que os solitários, os tristes e as deliciosamente e sombriamente perdidas ovelhas deste mundo derramam suas almas em tinta na página? , implorando-me, acenando-me até eles, tão desesperados estão por um pastor.”
A voz de Redding era sedosa, e a expressão dessas palavras era impossível de ignorar.
“Por que estou fazendo essas perguntas não importa. O que importa é que posso tornar a sua vida significativamente menos agradável se você não responder. Como você se sentiria em relação a uma transferência? Ouvi dizer que há algumas instalações federais que são *lindas* nesta época do ano.
“Agora, agora, Agente Briggs. Não há necessidade de recorrer a ameaças. Acho que nós dois sabemos que se tivesse a menor oportunidade, você me jogaria no buraco mais profundo e escuro que pudesse encontrar. O fato de você ainda não ter feito isso significa que você não pode.” Redding se inclinou para frente, os olhos fixos nos de Briggs. “Eu me pergunto: você já se cansou das coisas que não pode fazer? Não consigo pegar todos os assassinos.” A voz de Redding assumiu um tom de beicinho, mas sua expressão me lembrou a de um falcão, de olhos aguçados e impiedoso, focado em uma coisa e apenas em uma coisa. “Não posso manter uma

esposa. Não posso deixar de voltar aqui. Não consigo me tirar da sua mente.
“Não estou aqui para brincar com você, Redding. Se você não pode me dar algo, não tenho motivos para ficar.” Briggs se inclinou para frente. “Talvez você prefira que eu vá embora”, disse ele, com a voz tão baixa e sedosa quanto a de Redding.
“Vá em frente”, respondeu Redding. "Deixar. Acho que ambos sabemos que você não faz meu tipo. Agora, o delicioso Agente Sterling, por outro lado...
Um músculo no pescoço de Briggs ficou visivelmente tenso, mas ele não estalou. Em vez disso, tirou uma fotografia da pasta e colocou-a sobre a mesa. Ele empurrou a foto para frente, mantendo-a fora do alcance de Redding.
“Bem”, disse Redding, hipnotizado, “esta é uma reviravolta interessante nos acontecimentos”.
Ele pegou a fotografia e Briggs puxou-a de volta. Ele colocou-o de volta na pasta e levantou-se. Levei um momento para perceber o que acabara de acontecer. Esta entrevista foi gravada logo depois que a primeira vítima apareceu morta. Eu estava disposto a apostar muito dinheiro que Briggs acabara de mostrar a Redding uma fotografia do corpo de Emerson.
Pude ver nos olhos do assassino que ele não seria capaz de reprimir o desejo de ver aquilo novamente.
“Dizem que a imitação é a forma mais sincera de lisonja.” O olhar de Redding não estava mais no rosto de Briggs. Estava na pasta. “Onde ela foi encontrada?”
Briggs demorou a responder à pergunta, mas acabou distribuindo a resposta - apenas o suficiente para aguçar o apetite de Redding por mais.
“Universidade Colonial. O gramado da frente do presidente.”
Redding bufou. “Vistoso”, disse ele. "Desleixado."
Seus olhos ainda estavam na pasta. Ele queria ver a foto. Ele queria estudar isso.
“Diga-me o que eu quero saber”, Briggs disse calmamente, “e eu lhe direi o que você quer saber”.
Briggs contava com o narcisismo de Redding. Ele presumiu que o homem iria querer saber tudo o que pudesse sobre esse imitador. O que Briggs não sabia — e o que sabíamos agora — era que Redding não estava criticando o

trabalho de um imitador. Ele não queria ver sua infâmia refletida no corpo dessa garota.
Ele era professor, avaliando o desempenho de um aluno premiado.
“Não estou interessado em nada do que você tem a dizer.” Redding conseguiu desviar o olhar da pasta. Ele recostou-se na cadeira de metal, o máximo que pôde, com os pulsos acorrentados à mesa. “Mas é possível que eu tenha alguma informação que possa ser relevante para você.”
“Prove.” Briggs abandonou o desafio – sem sucesso.
“Quero falar com meu filho”, disse o assassino categoricamente. “Você o manteve longe de mim por cinco anos. Que motivo eu poderia ter para ajudá-lo?
“Dcência humana básica?” Briggs sugeriu secamente. “Se houvesse algo humano ou decente em você, talvez seu filho quisesse ver você.”
“'Duvido que as estrelas sejam fogo'”, Redding respondeu em tom monótono. “'Duvido que o sol se mova. Duvidar da verdade para ser um mentiroso…'”
Briggs terminou a citação para ele. “'Mas nunca duvide que eu amo.' Shakespeare.” Ele se levantou, juntando suas coisas e batendo a porta para a conversa. “Você não é capaz de amar ninguém além de si mesmo.”
“E você não é capaz de deixar isso passar.” Redding sorriu novamente, igualmente sereno e presunçoso. “Você quer que eu fale? Eu vou falar. Vou lhe contar quem tem escrito para mim e quem tem sido um menino muito, muito mau. Vou explicar tudo o que você quer saber, mas a única pessoa com quem estou falando é Dean.”
A tela ficou preta. Redding e Briggs se foram, substituídos um momento depois por uma cena estranhamente semelhante, exceto que desta vez, Dean era quem estava sentado em frente ao pai, e Briggs sentou-se ao lado de Dean.
"Reitor." Redding adorou a palavra. “Você me trouxe um presente, agente Briggs”, disse ele, sem tirar os olhos do filho. “Algum dia, retribuirei o favor.”
Dean olhou para um ponto logo acima do ombro de seu pai. “Você me queria aqui. Estou aqui. Agora fale.
Redding agradeceu. “Você se parece com sua mãe,” ele disse, absorvendo as feições de Dean como um homem moribundo no deserto. “Exceto os olhos, esses são meus.”

A maneira como Redding disse a palavra *meu* fez meu estômago revirar.
“Não vim aqui para falar da minha mãe.”
“Se ela estivesse aqui, ela diria para você cortar o cabelo. Sente-se direito. Sorria de vez em quando.”
O cabelo de Dean caiu em seu rosto, seus olhos se estreitaram em fendas abaixo dele. “Não há muito motivo para sorrir.”
“Não me diga que você já perdeu o gosto pela vida, Dean. O garoto que eu conhecia tinha muito *potencial* .”
Um músculo na mandíbula de Dean se contraiu. Ele e Redding ficaram sentados, olhando um para o outro. Depois de um minuto inteiro de silêncio, os olhos de Dean se estreitaram e ele disse: “Conte-me sobre as cartas”.
Foi aqui que o agente Sterling e eu viemos pela primeira vez. Foi mais difícil assistir na segunda vez: Dean tentando fazer seu pai compartilhar alguma informação, Daniel Redding brigando com ele verbalmente, trazendo o assunto de volta para Dean repetidas vezes.
“Eu quero saber sobre você, Dean. O que essas mãos têm feito nos últimos cinco anos? Que paisagens esses olhos viram?
Você sabia que Briggs viria ver você assim que o primeiro corpo aparecesse. Você sabia que Dean viria se você se recusasse a falar com mais alguém. Você planejou isso, passo a passo.
“Não sei o que você quer que eu diga.” Na tela, a voz de Dean estava ficando mais alta, mais intensa. “Não há nada para conversar. É isso que você quer ouvir? Que essas mãos, esses olhos, não são *nada* ?
“Eles são tudo.” Dessa vez pude ver uma intensidade maníaca nos olhos de Redding. Ele olhou para Dean e a única coisa que viu foi ele mesmo – um deus, não sujeito às leis dos homens, acima de coisas como empatia e culpa.
Pensei na carta que Briggs encontrou no bolso de Trina: o rei de espadas. Redding queria a imortalidade. Ele queria poder. Mas mais do que tudo, ele queria um herdeiro.
Porque agora? Eu pensei. *Por que ele está fazendo tudo isso agora?* Ele ficou naquela prisão por cinco anos. Demorou tanto tempo para encontrar alguém que cumprisse suas ordens do lado de fora ou aconteceu algo que o levou a fazer isso?
Na tela, o pai de Dean acabara de perguntar se havia uma menina. Dean negou. Redding o chamou de “filho”, e Dean disse as cinco palavras que fizeram o homem atacar.

“Eu não sou seu filho.”
Mesmo sabendo que isso aconteceria, a súbita onda de violência me pegou desprevenido. Os punhos de Redding estavam enterrados na frente da camisa de Dean. Ele puxou-o para perto e disse-lhe que ele era e sempre seria filho de seu pai.
"Você sabe. Você tem medo disso.
Desta vez, vi o instante em que Dean explodiu, o momento em que a raiva que Michael me disse estar sempre presente sob a superfície borbulhou e transbordou. O rosto de Dean era como pedra, mas havia algo selvagem em seus olhos quando ele agarrou seu pai, puxando-o até o meio da mesa, até onde as correntes do outro homem permitiam.
Dessa vez, quando Briggs interrompeu a briga, vi Redding sorrir. Ele conseguiu o que queria. Uma sugestão de violência. Uma amostra do *potencial* de Dean .
Meus olhos estavam fixos na tela. Esta foi a última coisa que vi na primeira vez. Briggs esperou um momento ou dois, para ter certeza de que Dean havia terminado, antes de recuar – mas notei que desta vez ele não se sentou, posicionando-se logo atrás de Dean.
“Onde fica a cabana do professor?” Briggs perguntou.
O pai de Dean sorriu. “Catoctina”, disse ele. “Não sei nada mais específico do que isso.”
Dean fez mais duas ou três perguntas, mas seu pai não tinha mais nada de útil a dizer.
“Terminamos aqui”, disse Briggs. Dean se levantou. Seu pai permaneceu sentado, perfeitamente relaxado. Briggs colocou a mão no ombro de Dean e começou a tirá-lo da sala.
“Você já contou a Briggs exatamente o que fez com a esposa dele, Dean?” Daniel Redding não levantou a voz, mas a pergunta pareceu sugar todo o oxigênio da sala. “Ou ele ainda acha que fui eu quem desceu a faca lentamente pelos ombros e coxas dela, eu quem afundou a marca em sua carne?”
O aperto de Briggs sobre Dean aumentou. Se ele o estava conduzindo em direção à porta antes, ele o estava empurrando agora – qualquer coisa para tirar Dean de lá. Mas os pés de Dean ficaram subitamente colados ao chão.
Vá, eu disse a Dean silenciosamente. *Apenas vá.*
Mas ele não o fez.

Redding aproveitou o momento. “Conte ao seu amigo agente o que você fez, Dean. Conte a ele como você chegou ao celeiro onde mandei amarrar Veronica Sterling de mãos e pés. Conte a ele como fui cortá-la, como você tirou a faca da minha mão, não para salvá-la, mas para fazer isso sozinho. Diga a ele como você a fez sangrar. Conte a ele como ela gritou quando você queimou um *R* em sua carne. Diga a ele como você me pediu por ela.
Redding fechou os olhos e inclinou a cabeça em direção ao teto, como um homem agradecendo aos seus deuses. "Diga a ele que ela foi sua primeira."
Primeira vítima. Para Redding, essa era a única *coisa* que importava, não importa quantas insinuações ele pudesse inserir na palavra.
Briggs bateu a porta. "Guarda!"
Um guarda – aquele que deu ao agente Sterling e a mim um lugar na primeira fila na primeira metade do show – apareceu, com desgosto mal contido em seu rosto. Ele foi conter Redding. “Mesmo se você encontrar o professor em sua cabana”, o pai de Dean gritou atrás dele, sua voz ecoando, cercada por paredes de metal, “você não encontrará o que procura. As cartas mais interessantes que recebi, aquelas que mostram notável *atenção aos detalhes* — essas cartas não vieram do professor. Eles vieram de um de seus alunos.

CHAPTER 38

A sala caiu em silêncio. Lia pausou o DVD. Levantei-me e caminhei em direção à porta, de costas para Michael e Lia. Na porta, o Agente Sterling encontrou meus olhos calmamente. Ela não comentou o conteúdo das entrevistas.

Dean realmente marcou você? Eu perguntei a ela silenciosamente. Dean — nosso Reitor — torturou você?

Ela não tinha respostas para mim.

“Só peguei Redding em uma mentira.”

Voltei-me para Lia, esperando que ela me dissesse o que eu queria ouvir: que Redding havia mentido sobre Dean.

“Quando ele disse a Briggs que não estava interessado em nada do que tinha a dizer, isso não era verdade. Queria saber tudo sobre o assassinato de Emerson Cole. Ele estava ávido por detalhes, o que significa que ainda não os tinha. Seja quem for seu protegido, nosso UNSUB não registrou exatamente os detalhes e os enviou para seu bom e velho sensei.

"É isso?" Perguntei a Lia. “Tudo o mais que ele disse era verdade?”

Lia olhou para o chão. "Tudo."

“Isso significa que ele recebeu algumas cartas notáveis de um aluno da turma de Fogle”, eu disse. “Para um homem como Redding, 'atenção aos detalhes' provavelmente significa algumas descrições bastante explícitas de violência.”

“E ainda assim”, Michael interrompeu, “todos os alunos daquela turma têm um álibi”.

“Desorientação.” Lia disse a palavra levemente, mas ouvi a mordida enterrada em seu tom. “Você pode enganar as pessoas sem mentir.

Mentirosos são como mágicos: enquanto você observa a bela assistente, eles tiram o coelho da manga.”
Assistir a essas entrevistas – especialmente aquela com Dean – foi quase fisicamente doloroso. Recusei-me a acreditar que não tínhamos aprendido nada sobre este caso.
“Então presuma tudo sobre as cartas e a professora era a linda assistente”, eu disse. "O que sobrou? O que aprendemos? *Além do fato de Redding alegar que Dean torturou o próprio Agente Sterling.*
“As emoções de Daniel Redding são planas.” Michael pendurou as pernas na beirada do sofá e eu sabia que – assim como eu – ele estava evitando o elefante na sala. “Ele não sente medo, nunca. Ele pode sentir prazer, mas não felicidade. Sem arrependimento. Sem remorso. Na maioria das vezes, sua expressão é dominada por emoções mais cerebrais: auto-satisfação, curiosidade, diversão, vontade de torcer a faca. Ele é calculado, contido, e a única coisa que tira emoções reais dele é Dean.”
Todas as minhas impressões sobre o pai de Dean foram confirmadas. Redding era possessivo. Ele explodiu toda vez que Dean negou o relacionamento deles. Ele fez tudo o que pôde para fazer Dean pensar que eles eram iguais – para separá-lo de todos os outros, começando pelo Agente Briggs.
“Briggs sabia?” Perguntei. “Sobre… o que Redding disse no final? Sobre Dean?
Eu não poderia colocar mais do que isso em palavras.
"Ele sabia." O Agente Sterling falou pela primeira vez desde que começamos a assistir aos vídeos. Sem dar mais detalhes, ela foi até Lia, pegou o controle remoto e apertou o play. Uma terceira entrevista começou um momento depois.
Um guarda – um que eu nunca tinha visto antes – acompanhou Sterling até a sala. Em vez de se sentar em frente a Redding, ela permaneceu de pé.
“Verônica Sterling.” O pai de Dean disse essas palavras como o início de algum tipo de encantamento. "Devo dizer que estou surpreso que seu querido marido - com licença, *ex* -marido - tenha permitido que você ficasse tão perto do diabo encarnado."
Sterling encolheu os ombros. “Você é apenas um homem. Um homenzinho patético vivendo em uma jaula.”

“Briggs não sabe que você está aqui, não é?” Redding perguntou. "E quanto ao seu pai? Não, ele também não sabe, não é? Então me diga, Sra. Sterling, por que você está aqui?
“Você sabe por que estou aqui.”
“Aquele seu caso chato?” Redding disse. “Receio ter contado ao seu agente Briggs e ao meu reitor tudo o que sei.”
"Mentiroso." Sterling disse a palavra na tela exatamente ao mesmo tempo que Lia murmurou a palavra ao meu lado.
Redding respondeu. “Estou magoado - e aqui pensei que tínhamos um relacionamento muito especial.”
"Porque fui eu quem escapou?" Sterling perguntou. Um músculo na bochecha de Redding se contraiu.
“Acerto direto,” Michael murmurou.
Redding se recuperou rapidamente. “As cicatrizes desapareceram? Os ferimentos de faca eram bastante superficiais – foi a primeira vez que o garoto assumiu a liderança, você sabe. Mas a marca – a marca não desaparecerá, não é? Você terá minha inicial gravada em sua carne pelo resto da vida. Você ainda consegue sentir o cheiro da sua pele escaldante? Pode sentir isso?"
“Não”, disse o agente Sterling, sentando-se. Para minha surpresa, ela estendeu a mão e abaixou a blusa, expondo a cicatriz. Os lábios de Redding se separaram.
“Correção”, comentou Michael, “há duas coisas que despertam emoções reais em Daniel Redding”.
Eu não era o especialista que Michael era em emoções, mas também conseguia ver: a forma como o assassino condenado cantava aleluia com os olhos.
A agente Sterling abriu os lábios e traçou a carta em seu peito. Pela primeira vez, ela estava firmemente no controle desta entrevista. Ele deveria ter visto o aço na expressão dela, mas não o fez.
“Esta não é a sua inicial,” ela disse, baixando a voz para pouco mais de um sussurro. “Esta é a inicial de *Dean .* Sabíamos que você estava ouvindo. Sabíamos que você voltaria para verificar o trabalho dele e que a única maneira de acreditar que ele não tinha segundas intenções seria se houvesse provas. Seu dedo fez outra volta no *R.* “Eu disse a ele para fazer isso. Eu implorei, fiz com que ele *prometesse* , e ele prometeu — não

importa o quanto isso o deixasse doente, não importa o quanto isso o tenha assombrado desde então, *ele fez isso* . E funcionou.”
"Não."
“Você acreditou no ato. Você confiou nele, porque queria acreditar que ele era *seu* filho, que não havia nada de mãe nele. Mais idiota, você. Sterling endireitou a camisa. “Eu não *escapei* , Daniel. Dean me deixou ir. Ele me protegeu.
"Você está mentindo." Redding mal conseguia pronunciar as palavras com os dentes cerrados.
“Ele me avisou para ficar longe de você. Eu não estava ouvindo. Eu não entendi, e quando passei sem apoio, quando você me atacou, ele estava observando. Ele tinha um plano e o executou a todo custo.” Ela sorriu.
"Você deveria estar orgulhoso. Ele é tão brilhante quanto você, inteligente o suficiente até para enganar o querido e velho pai.
Redding saltou para a agente Sterling, mas ela se inclinou para trás e a corrente o pegou.
“Como um cachorro na coleira”, disse ela.
"Eu vou te matar." A voz de Redding era monótona, mas as palavras não soavam vazias — de jeito nenhum. “Você não tem ideia do que sou capaz. Nenhum mesmo."
Sterling não respondeu. Ela saiu da sala e a tela ficou preta.
"Você pediu a Dean para *marcar você* ?" Lia foi a primeira a encontrar a voz.
“Precisávamos que Redding acreditasse que Dean iria me matar e que ele não precisava ser supervisionado.” Sterling encontrou o olhar de Lia. “Às vezes você faz o que precisa para sobreviver.”
Lia sabia disso – da mesma forma que Dean sabia, da mesma forma que Michael sabia. Pensei em Sloane contando buracos no ralo do chuveiro e trabalhando obsessivamente durante a noite, e eu contando a Locke que havia matado minha própria mãe — protelando para que Michael pudesse matá-la.
Você faz o que precisa para sobreviver.
“Tanto faz”, disse Lia. “Vou ver como Sloane está.” Ela não queria falar sobre sobrevivência, e guardei isso para referência futura. Precisando fugir, segui Lia até o porão. Encontramos Sloane sentada no meio de um hall de

entrada falso, com mapas e levantamentos geográficos espalhados ao seu redor.
“Encontrou alguma coisa?” Perguntei.
Sloane levantou a cabeça dos mapas, mas seus olhos não focaram em nós. Ela ainda estava presa em sua cabeça, calculando alguma coisa, seus pensamentos eram altos o suficiente para que o resto do mundo simplesmente desaparecesse.
Lia a cutucou com a ponta do pé. Sloane se recuperou e encontrou os olhos de Lia. “O perfil geográfico é surpreendentemente insatisfatório”, disse ela, parecendo um pouco descontente. Ela reorganizou os papéis à sua frente e gesticulou para que olhássemos mais de perto. Ajoelhei-me.
“A maioria dos assassinos tem como alvo as vítimas dentro de um raio definido de suas casas.” Sloane apontou para três conjuntos de círculos no mapa, cada um com um centro diferente. “Emerson Cole. Professor Fogle. Trina Simms. A cabana de Fogle fica a três horas de carro de Colonial, que fica igualmente longe de Broken Springs. Juntos, os três pontos no mapa pareciam um pedaço de torta. “Mesmo se você definir o raio para uma viagem de duas a três horas, a sobreposição ainda será pequena.”
“Isso não é uma coisa boa?” aventurei-me. “Quanto menor a sobreposição, menos lugares teremos que procurar.”
“Mas é só isso”, disse Sloane. “Na verdade, só há uma coisa que se destaca nessa pequena fatia do mapa.”
Lia viu isso antes de mim. “A prisão onde estão mantendo o pai de Dean.”
“Faz sentido”, eu disse. “Redding dá as ordens. Redding é o ponto focal.”
“Mas já *sabíamos* disso!” Sloane estava quase gritando. Ela mordeu o lábio inferior e percebi como ela se sentia impotente ali embaixo: sozinha, incapaz de fazer a diferença, não importa quantas vezes ela fizesse as contas.
“Vamos,” eu disse, passando um braço pelo dela e fazendo-a se levantar. “Vamos informar o Agente Sterling.”
Sloane parecia prestes a discutir, mas Lia se antecipou.
“São sempre as pequenas coisas”, disse ela gentilmente a Sloane. “Um décimo de segundo, uma única informação – você nunca sabe o que fará a diferença.”
Um segundo depois de chegarmos ao primeiro andar, a porta da frente bateu. Por um momento, Lia, Sloane e eu congelamos, depois fomos direto

para a entrada. Sterling e Michael nos encontraram no caminho. Todos nós paramos ao mesmo tempo.
Dean estava tirando o casaco. Briggs estava com os braços cruzados sobre o peito, esperando. Claramente, ele esperava a pressa.
"Qualquer coisa?" ele perguntou a Lia.
“Nada além do óbvio: ele está dançando uma valsa longa e lenta em torno da verdade.”
"Você?" Sterling perguntou a Briggs.
“Você quer primeiro as boas notícias ou as más notícias?”
“Surpreenda-me,” Sterling disse secamente.
“Temos DNA.” Briggs permitiu-se um breve sorriso – a versão do agente do FBI de dançar uma dança. “Trina Simms pegou nosso UNSUB com as unhas.”
Era normal que um UNSUB não deixasse nenhuma evidência nas duas primeiras cenas do crime e deixasse a vítima arranhá-lo na terceira? Afinal, a prática leva à perfeição – e Daniel Redding me pareceu o tipo que valorizava a perfeição, o planejamento e a atenção aos detalhes.
“O DNA não nos faz muito bem sem um suspeito com quem compará-lo,” Dean disse baixinho.
Michael arqueou uma sobrancelha. "Suponho que isso significa que vocês dois não conseguiram nada do seu velho mentor?"
Essa foi a primeira vez na minha memória que Michael não se referiu a Daniel Redding como pai de Dean ou pelo nome. Foi uma gentileza sutil vinda de um garoto que frequentemente chamava Dean pelo sobrenome que ele compartilhava com o monstro, apenas para irritá-lo.
“Meu pai”, disse Dean, negando os esforços de Michael, “recusou-se a nos receber. Forçamos uma reunião e ele não quis falar.”
"Isso não é verdade." Lia lançou a Dean um olhar de desculpas, mas dispensou preventivamente quaisquer protestos. “Ele disse alguma coisa.”
“Nada que valha a pena repetir.” Dean encontrou os olhos de Lia, desafiando-a a chamá-lo de mentiroso novamente.
“Nada que você queira repetir”, ela corrigiu calmamente.
Briggs pigarreou. “Redding disse que não estava com vontade de conversar hoje. Ele disse que talvez tivesse vontade de conversar amanhã. Nós o temos em completo isolamento: sem visitas, sem telefonemas, sem

correspondência, sem contato com outros prisioneiros. Mas não temos ideia de quais instruções ele já comunicou ao seu parceiro."
Ele pode querer conversar amanhã. As palavras de Briggs ecoaram em minha mente e virei a cabeça para olhar para Dean. "Você acha que outra pessoa vai morrer amanhã."
Esse era exatamente o estilo de Redding: recusar-se a falar até que tivesse algo mais do que se gabar. A recusa em ver Dean, no entanto, teria me surpreendido se eu não tivesse visto o Agente Sterling dando uma dica a Daniel Redding sobre o fato de que seu filho o havia traído. O pai de Dean iria querer puni-lo por isso, quase tanto quanto queria punir o Agente Sterling por ter a coragem não apenas de viver, mas de roubar dele a única coisa que mais importava.
O filho dele.
"O que mais?" Perguntei. Eu sabia que Dean e Briggs estavam deixando algo de fora. Redding não teria deixado Dean sair daquela sala sem fazer algo para restabelecer seu poder – machucar Dean, fazê-lo sofrer por trair seu pai.
Briggs exalou alto. Então ele se virou para mim. "Havia outra coisa."
"Não." A objeção de Dean foi imediata e absoluta.
"Reitor-"
"Eu disse não."
"Essa decisão não é sua", Briggs disse a Dean. "A parte mais difícil deste trabalho não é estar disposto a se colocar em risco – sua segurança, sua sanidade, sua reputação. A parte mais difícil é permitir que as pessoas de quem você gosta façam o mesmo."
Dean virou-se para a cozinha. Achei que ele iria embora, mas ele não o fez. Ele ficou ali, de costas para todos nós, enquanto o agente Briggs nos contava sobre a decisão de despedida de Redding.
"Ele disse que se quiséssemos falar com ele mais cedo ou mais tarde, Dean não viria sozinho na próxima vez."
"Ele não estava sozinho", respondi, me perguntando se Redding estava esperando outra visita de Sterling.
"Se você vai contar a eles, é melhor contar exatamente o que ele disse."
Dean se virou. Ele tentou olhar para Michael, para Sterling, para Briggs – para qualquer lugar, menos para mim.
Ele falhou. "Ele disse: Da próxima vez, traga a garota. "

VOCÊ

Um erro.

Isso é o que é. Não o fato de Trina Simms estar morta — isso fazia parte do plano. Mas deixar evidências para trás?

Desleixado. Estúpido. Indigno.

Isso não acontecerá novamente. Você terá certeza disso. Não haverá mais erros.

Escondido nas sombras, você desliza o dedo pela lateral plana da faca. Você cortou o comprimento perfeito da corda. A marca pesa na sua mão. Você balança uma vez, no ar, como um taco de beisebol. Você imagina o som satisfatório do metal atingindo o crânio...

Não.

Não é assim que se faz. Não é isso que você fará em cinco... quatro... três... dois...

"O que você está fazendo aqui?"

Você dá um golpe com a marca. Sua presa desce e você não se arrepende.

Ligue-os. Marque-os. Corte-os. Pendure-os.

Ninguém disse que você não poderia derrubá-los primeiro.

Você joga a marca no chão e tira as braçadeiras. Emerson Cole era uma tarefa difícil, mas isso... isso vai ser divertido.

CHAPTER 39

"H Como Redding sabe que existe *uma* garota? O Diretor Sterling caminhou pela cozinha, passando por Briggs, por sua filha, por todos nós até parar na frente de Dean.
"Ele perguntou," Dean respondeu categoricamente. "Eu disse a ele que não havia ninguém."
Da mesa da cozinha, Judd vigiava o Diretor Sterling enquanto o olhar pesado do diretor pousava em Dean.
"Então ou Redding não acreditou em você, ele sabe de alguma coisa ou está apostando nas probabilidades." O diretor considerou essas possibilidades. "Não gosto da ideia de trazer qualquer um dos outros para um interrogatório. Se as pessoas erradas souberem disso... — Ele parou.
Você já trouxe Dean para um interrogatório, pensei, mas se alguém descobrisse que você usou Dean para obter informações do pai dele, você poderia explicar.
— Também não posso dizer que gosto muito da idéia de colocar qualquer um de vocês numa sala com um serial killer — comentou Judd, enquanto bebia seu café. "Não que alguém tenha perguntado."
"No entanto", continuou o diretor, ignorando Judd, "eu poderia ligar novamente para o diretor. Se pudermos instalar nosso próprio pessoal como segurança e limpar o bloco de celas de prisioneiros e guardas, estou disposto a considerar a ideia de enviar uma das meninas.
"Eu", eu disse, falando pela primeira vez desde que Briggs nos contou sobre o pedido de Redding. "Tem que ser eu."
Fui eu quem foi com Dean para Broken Springs. Se o UNSUB tivesse conseguido comunicar isso a Redding, era eu quem ele queria.

"Eu poderia fazer isto." Lia não se incomodou em preceder essas palavras com mais nada. “Daniel disse que falaria se você trouxesse a garota. Ele nunca disse qual.
“Lia.” Dean disse o nome dela calmamente. Ela se virou em seu assento para encará-lo. — Se eu não quero Cassie em um quarto com ele, o que faz você pensar que eu ficaria mais feliz colocando você no cepo?
"Eu posso cuidar de mim mesmo." Lia parecia muito com Dean – as palavras eram simples e suaves, sem nada de seu brilho normal.
“E eu não posso?” Eu perguntei, insultado.
“Talvez eu deva ir”, disse Sloane, pensativo.
“Não”, todos na sala – incluindo o diretor – disseram ao mesmo tempo.
“Eu sei jiu-jitsu”, Sloane persuadiu. “E além disso, pelo que descobri, esta testemunha em particular é especializada em jogos mentais e sugestões sutis, e isso não vai funcionar comigo. Recebo números, fatos e o significado literal das palavras. O sutil se perde na tradução.”
Ninguém poderia contestar a lógica de Sloane.
“Provavelmente posso ofendê-lo sem nem tentar!” Sloane parecia muito entusiasmado agora. “Se as coisas ficarem muito intensas, contarei a ele algumas estatísticas sobre furões domesticados.”
“Isso é... errr... uma oferta muito generosa, Sloane, mas prefiro que você fique nos bastidores.” A voz do diretor saiu um tanto estrangulada. “Há um espelho bidirecional. Uma vez que tenhamos protegido a área, não há razão para que o resto de vocês não possa observar.”
"Posso pensar em alguns." Judd pousou o café.
“Com todo o respeito, Judd”, respondeu o diretor com firmeza, “isso é assunto do FBI”. E Judd não era do FBI. Após um tenso momento de silêncio, nosso zelador se levantou e saiu da sala.
“Cassie, Dean e Briggs entrarão”, declarou o diretor no silêncio resultante.
"Por que?" Dean deu um passo em direção ao diretor. “Por que mandar alguém entrar? Não conseguimos arrancar nada dele e não vamos conseguir. Ele vai brincar conosco e outra pessoa vai morrer. Estamos perdendo tempo. Estamos fazendo exatamente o que ele quer.”
“Ele está nervoso.” O agente Sterling respondeu antes que o diretor pudesse. “Ele é um narcisista. Se lhe dermos corda suficiente, ele vai se enforcar, Dean.”

“Acho que é por isso que ele foi tão fácil de pegar na primeira vez”, retrucou Dean.
“Fui vê-lo. Eu o irritei e isso vai funcionar a nosso favor.” Agente Sterling deu um passo em direção a Dean. “Ele não quer apenas vencer este jogo. Ele quer vencer de uma forma que nos assombra – e isso significa que se ele achar que está em vantagem, ele nos *dirá* algo. Haverá pistas, porque ele vai me querer acordado à noite daqui a cinco anos, perguntando-se por que não vi isso .
“Você não terá que ver isso,” Michael interrompeu. Ele olhou para Lia. “Se estivermos do outro lado desse vidro, *nós* o faremos.”
“O que aconteceu para nos manter fora deste caso?” Dean apelou para o Agente Sterling, com a voz dura. “Não era isso que você queria: que fôssemos *normais* e *seguros* ?”
Isso foi um golpe baixo.
“Se eu pudesse te dar *normalidade* , eu daria.” A voz do Agente Sterling era cortante. “Mas eu não posso, Dean. Não posso apagar as coisas que aconteceram com você. Não posso fazer com que vocês — nenhum de vocês — *queira* o normal. Tentei manter você fora disso. Tentei tratar todos vocês como crianças e *não funcionou* . Então, sim, sou um enorme hipócrita, mas se vocês cinco puderem nos ajudar a impedir aquele homem de tirar pelo menos mais uma vida, não vou brigar com vocês por isso. Ela olhou para o pai. “Cansei de *brigar* com você por isso.”
A sala de interrogatório era menor do que parecia na tela e mais claustrofóbica do que parecia do outro lado do espelho. Dean, Briggs e eu chegamos primeiro. Um dos agentes da equipe de Briggs, que reconheci como Agente Vance, foi buscar o pai de Dean junto aos funcionários da prisão. Depois que o diretor apontou que o envolvimento de Redding neste caso acontecera debaixo do nariz do diretor, o diretor foi complacente — um belo contraste com o que o agente Sterling e eu tínhamos enfrentado em nossa última *visita* .
Sentei-me à mesa e esperei Dean e Briggs se sentarem ao meu lado.
Eles permaneceram de pé, pairando sobre meu ombro como dois agentes do Serviço Secreto flanqueando o presidente. A porta da sala se abriu com um rangido, e precisei de tudo para não me virar e acompanhar o progresso de Daniel Redding da porta até a mesa. O Agente Vance consertou as correntes, testou-as e depois recuou.

“Então”, disse Redding, olhando apenas para mim. “Você é a garota.”
Havia uma qualidade musical em sua voz que não havia aparecido nas gravações.
“Você está quieto”, comentou Redding. "E bonita." Ele me lançou um sorriso sutil.
“Não é tão bonito”, eu disse.
Ele inclinou a cabeça para o lado. “Sabe, acho que você acredita nisso.” Ele fez uma pausa. “A modéstia é uma característica muito revigorante para alguém da sua geração. Na minha experiência, a maioria dos jovens *superestima* suas características e habilidades. Eles ficam muito confiantes muito rapidamente.”
O DNA sob as unhas de Trina Simms, pensei. Não havia como Redding saber disso — e, ainda assim, eu estava ciente de que havia duas camadas nessa conversa: o óbvio e o que estava por baixo.
O agente Briggs colocou a mão em meu ombro e voltei minha atenção para a lista de perguntas à minha frente – a lista do agente Sterling.
“Tenho algumas perguntas”, eu disse. “Se eu perguntar a eles, você responderá?”
“Vou fazer melhor para você”, Redding me disse. “Vou te contar a verdade.”
Veríamos isso. Ou, mais especificamente, *Lia* veria isso de sua posição atrás do espelho retrovisor.
“Vamos conversar sobre seu parceiro”, eu disse.
“ *Parceiro* não é a palavra que eu teria escolhido.”
Eu sabia disso – e usei isso de propósito. O agente Sterling sugeriu que seria benéfico para nós se Redding pensasse que ele estava no comando. Deixe que ele me considere uma garota comum, não uma adversária.
“Que palavra você usaria?”
“Vamos com *o aprendiz* .”
“Seu aprendiz é um estudante universitário?” Perguntei.
Redding não hesitou, nem por um segundo. "Sim."
“Seu aprendiz é alguém que nunca fez faculdade?”
Se Redding achou estranho que eu estivesse fazendo duas versões da mesma pergunta, ele não deu nenhuma indicação disso. "Sim."
“Seu aprendiz tem menos de vinte e um anos?”
"Sim."
“Seu aprendiz tem mais de vinte e um anos?”

Ele sorriu. "Sim."
“Seu aprendiz é alguém que você conheceu pelo correio?”
"Sim."
“Seu aprendiz é alguém que você conheceu pessoalmente?”
"Sim."
Houve mais perguntas. Eu perguntei pra eles. Ele respondeu de maneira semelhante. Quando cheguei ao final das perguntas de Sterling, passei um segundo esperando que Lia fosse capaz de nos dizer qual resposta de cada par era verdadeira e qual era mentira.
“Alguma outra pergunta?” Redding perguntou.
Engoli. Eu deveria dizer não. Eu deveria me levantar e sair desta sala, mas não consegui. “Você está tentando substituir Dean?” Perguntei. Foi difícil olhar para ele e não ver Locke e o jeito que ela tinha fixação em mim.
"Não. Um homem não *substitui simplesmente* o seu melhor trabalho.”
Redding sorriu. “Minha vez: você cuida do meu filho?”
"Sim." Mantive minha resposta curta. “Por que você queria que eu viesse aqui?”
“Porque se você faz parte da vida de Dean, você faz parte da minha.” Havia algo nos olhos de Redding que era assustador. “Você sabe o que ele fez? Oque ele é?"
Eu podia sentir Dean enrijecendo atrás de mim, mas não cedi à vontade de me virar. “Eu sei sobre Veronica Sterling. Eu sei sobre Gloria e todos os outros.”
Isso não era bem verdade, mas deixei Redding pensar que Dean havia me contado tudo.
“E você não se importa?” Redding disse, inclinando a cabeça para o lado e olhando para mim, *para dentro de* mim. “Você é atraído pela escuridão.”
"Não, eu disse. “Sinto-me atraído por Dean e me importo, porque me importo com ele. Minha vez... e você me deve duas perguntas.
"Pergunta à vontade."
Meus instintos me diziam que Briggs não deixaria isso continuar por muito mais tempo. Tive que escolher minhas perguntas com cuidado.
“Como você escolhe quem morre?” Perguntei.
Redding colocou as palmas das mãos sobre a mesa. "Eu não."
Ele estava mentindo. Ele tinha que estar. A única ligação entre Trina Simms e Emerson Cole era que ambos tinham uma ligação com Redding.

“Acredito que lhe devo mais uma resposta.”
"Tudo bem", eu disse. “Diga-me algo que eu não sei.”
Redding riu. “Eu gosto de você”, ele disse. "Eu faço."
Eu esperei. Dê-lhe corda suficiente, pensei, e ele se enforcará.
“Algo que você não sabe”, refletiu Redding. "OK. Vamos tentar esta: você nunca encontrará o homem que assassinou sua mãe.”
Eu não pude responder. Eu não conseguia respirar. Minha boca estava seca como algodão. Minha mãe? O que ele sabia sobre minha mãe?
“Isso é o suficiente,” Dean disse bruscamente.
“Ah, mas estamos tendo uma conversinha muito legal”, disse Redding. “Nós, prisioneiros, fazemos muito isso, você sabe. Conversando."
Ele queria que eu acreditasse que tinha ouvido alguma coisa através dos boatos da prisão sobre o que havia acontecido com minha mãe. Isso significava que ele sabia quem eu era — ou pelo menos sabia o suficiente sobre mim para saber que eu tinha uma mãe desaparecida, dada como morta.
Apesar da maneira como meu coração batia forte no peito, de repente fui possuído por uma calma anormal. “Diga-me algo que eu não saiba sobre este caso”, eu disse.
“Permita-me compartilhar meu plano mestre”, disse Redding ironicamente. Seu tom era de brincadeira, mas seus olhos estavam mortos. “Vou sentar na minha cela e esperar, e enquanto espero, mais duas pessoas vão morrer. O agente Briggs receberá uma ligação sobre um deles a qualquer minuto, e o outro morrerá amanhã. Então as vítimas começarão a se acumular. Corpo após corpo após corpo, porque Briggs e Sterling não são bons o suficiente.”
Redding ergueu o olhar do meu rosto para o de Briggs. “Porque você não é inteligente o suficiente.” Ele deixou seus olhos viajarem para Dean. “Porque você é fraco.”
Empurrei minha cadeira para trás da mesa, esbarrando em Dean. Ele manteve o equilíbrio e eu me levantei.
Terminamos aqui, pensei, mas não disse isso em voz alta. Fila única, Briggs, Dean e eu saímos da sala, deixando o pai de Dean acorrentado à mesa sozinho.

CHAPTER 40

Ce se juntou ao resto da equipe na sala de observação. Sloane estava sentada de pernas cruzadas em cima de uma mesa próxima, seu cabelo loiro mal preso em um rabo de cavalo bagunçado, sua postura estranhamente reta. A agente Sterling estava ao lado dela, alguns metros atrás de Lia, que ainda olhava para Redding através do espelho duplo, os braços cruzados sobre o peito, as unhas pintadas apoiadas nos cotovelos. Do outro lado do espelho, o agente Vance entrou para transferir o prisioneiro de volta para sua cela.

Uma mão roçou meu ombro e eu me virei. Michael não disse nada – apenas estudou meu rosto.

Eu não conseguia desviar meu rosto do dele. Eu não disse a ele que estava bem ou que Redding não tinha me irritado – o que quer que eu fosse ou não, Michael já sabia. Não adiantava insistir no assunto.

"Você está bem?" O agente Sterling realmente verbalizou a pergunta. Eu não tinha certeza se ela estava falando comigo ou com Dean.

Evitei a pergunta para nós dois. “Ignore a parte sobre minha mãe”, eu disse a Lia. “Concentre-se no caso. Quanto do que Redding me contou era verdade?

Lia finalmente conseguiu desviar os olhos do espelho. Por alguns segundos, pensei que ela iria ignorar minhas instruções. Eu desejei que ela não o fizesse. Ela mesma disse: os melhores mentirosos são os mágicos. Se o pai de Dean estava mentindo ou dizendo a verdade quando disse que eu nunca encontraria o assassino da minha mãe, eu não queria saber. *Desorientação.* O caso da minha mãe tinha cinco anos. Nosso UNSUB estava lá fora, matando *agora* .

"Bem?" Eu disse. “Sobre o que o psicopata favorito de todos estava mentindo?”
Lia atravessou a sala e sentou-se numa cadeira do escritório, estendendo as mãos para cada lado. "Nada."
"Nada?" Eu repeti.
Lia bateu a palma da mão na lateral da cadeira. "Nada. Eu nem sei como ele está fazendo isso.” Ela ficou de pé novamente, vibrando de raiva e inquieta demais para ficar parada. “Havia duas versões para cada pergunta. Eu deveria ser capaz de contrastar suas respostas. Isso deveria ter facilitado as coisas, mas eu juraria *que* todas as respostas eram verdadeiras.” Ela amaldiçoou – criativamente e com uma energia impressionante. “O que há *de errado* comigo?”
"Ei." Dean estendeu a mão e agarrou o braço dela enquanto ela passava por ele. "Não é sua culpa."
Ela se livrou de seu alcance. “Então de quem é a culpa? O outro leitor enganador na sala que aparentemente é *completamente inútil* ?”
“E se você não estiver?” Sloane interrompeu. Seus olhos não estavam muito focados no aqui e agora. Eu praticamente podia ouvir as engrenagens girando em sua cabeça. “Não é inútil, quero dizer”, disse ela, tirando ao acaso a franja louro-clara dos olhos com a palma da mão. “E se ele *estivesse* dizendo a verdade, todas as vezes?”
Lia balançou a cabeça com força suficiente para fazer seu rabo de cavalo balançar. "Isso não é possível."
“É”, disse Sloane, “se houver mais de um aprendiz”.
Seu aprendiz é estudante universitário?
Seu aprendiz é alguém que nunca fez faculdade?
O seu aprendiz tem mais de vinte e um anos?
O seu aprendiz tem menos de vinte e um anos?
Oh Deus.
Sloane estava certo. Redding poderia ter respondido a cada pergunta com sinceridade se estivesse trabalhando com *duas* pessoas de fora – pessoas muito diferentes no papel, mas igualmente fáceis de serem manipuladas por Redding, com gostos iguais por violência e controle.
Briggs avaliou a possibilidade. “Então Redding nos dá respostas projetadas especificamente para nos fazer pensar que ele está apenas brincando

conosco, quando na realidade ele está nos dizendo exatamente por que este caso nunca deu certo."

Por que o assassinato de Emerson Cole parecia ser obra de um criminoso extremamente organizado e extremamente preciso, que não deixou nenhuma evidência, enquanto o assassino de Trina Simms a matou ao alcance da voz de seus vizinhos e deixou seu DNA no local.

O telefone de Briggs tocou. O resto de nós caiu em silêncio. A promessa de Redding de que os corpos começariam a se acumular ecoou em minha mente. *O Agente Briggs receberá uma chamada sobre um deles a qualquer minuto.*

Ao meu lado, Michael observava Briggs pelo canto do olho, até que o homem mais velho virou as costas para nós. Levantei uma sobrancelha para Michael. Ele balançou sua cabeça.

O que quer que Briggs estivesse sentindo, não era bom.

Mantendo a voz baixa, Briggs saiu para o corredor, permitindo que a porta se fechasse atrás dele. No silêncio que se seguiu, nenhum de nós quis colocar em palavras o que era provável.

Houve outro assassinato.

Eu não podia ficar ali, esperando que Briggs voltasse e nos contasse que mais alguém estava morto. Fiquei imaginando os rostos das vítimas — os olhos sem vida de Emerson, os olhos de Trina se arregalando quando ela percebeu quem era Dean.

Dois assassinos, pensei, concentrando-me nos UNSUB e não nas vítimas. Deixei o pensamento tomar conta. Um assassino que deixou provas. Aquele que não o fez. Ambos sob o controle de Redding.

Briggs voltou para a sala. Ele deve ter desligado, mas ainda segurava o telefone com força. "Temos outro corpo."

"Onde?" Agente Sterling perguntou.

A expressão no rosto de Briggs era sombria. "Universidade Colonial".

Minha mente foi direto para as pessoas que havíamos conhecido lá, os outros da turma do professor Fogle.

"Alguém que conhecemos?" Michael conseguiu manter o tom neutro.

"A vítima tinha dezenove anos." Briggs estava totalmente em modo FBI – só negócios. "Macho. Segundo seu colega de quarto, que descobriu o corpo, seu nome era Gary Clarkson."

Uma respiração ficou presa na minha garganta. Lia recostou-se no espelho.

Clark.

Briggs e Sterling não nos levaram à cena do crime. Eles nos deixaram em casa e depois foram eles mesmos. Não importa quantas linhas eles cruzassem, ainda havia limites. Eles não arriscariam que ninguém — inclusive o assassino — nos visse na cena do crime. Não quando eles poderiam, pelo menos teoricamente, nos trazer fotos que funcionariam igualmente bem.

Nós esperamos. Quando Briggs e Sterling voltaram, uma palidez inquieta tomou conta da casa.

Eles não vieram trazendo fotos. Eles vieram com novidades.

“A perícia ainda está processando as evidências, mas não encontrará nenhum vestígio do assassino”, disse o agente Sterling. “Este UNSUB espancou a vítima com um ferro em brasa, mas seguiu o resto do MO de Redding nos mínimos detalhes. Ele estava confiante, não frenético. Ele se divertiu.

Ele está aprendendo, pensei.

“Parece mais com o UNSUB que matou Emerson Cole do que com aquele que matou Trina Simms”, eu disse em voz alta, minha mente girando em alta velocidade. Dois UNSUBs. UNSUB 1 foi organizado. Ele matou Emerson e Clark — e muito possivelmente o professor. UNSUB 2 estava desorganizado. Ele assassinou Trina Simms logo depois que fomos visitá-la.

“Qual é a conexão?” Dean perguntou. “Como alguém deixa de ter como alvo Emerson e passa a ter como alvo Clark?”

“Eles estavam no mesmo grupo na aula do Fogle”, disse Lia. “Clark estava louco pela garota.”

“O dormitório dele estava cheio de fotos dela”, confirmou Briggs. “Milhares deles, debaixo da cama dele.”

“E as outras duas pessoas do grupo?” Perguntei. “Derek e Bryce. Acha que o UNSUB 1 poderia ir atrás deles em seguida?

Primeiro Emerson. Então Clark. Enquanto isso, UNSUB 2 mata Trina Simms....

Meus pensamentos foram interrompidos pelo som de mensagens recebidas – uma do telefone de Sterling e outra do telefone de Briggs.

"Forense?" Michael adivinhou.

Sloane o negou. "É muito cedo. Mesmo que os resultados estejam sendo apressados, eles não podem ter feito mais do que um ou dois testes...

“Os testes *foram* apressados”, interrompeu Briggs. “Mas a única coisa que conseguiram fazer até agora foi colher uma amostra do DNA da nossa vítima.”
“Por que isso mereceu mensagens de texto simultâneas?” Lia perguntou desconfiada.
“Porque surgiu uma correspondência no sistema.” Briggs tirou o paletó e dobrou-o cuidadosamente sobre um braço. Foi uma ação contida, que não combinava nem um pouco com o olhar dele. “O DNA de Clark corresponde à amostra encontrada sob as unhas de Trina Simms.”
Levei um momento para processar a implicação. Sloane foi gentil o suficiente para colocar isso em palavras.
“Então o que você está dizendo”, ela respondeu, “é que Gary Clarkson não é apenas a vítima número quatro. Ele também é nosso segundo UNSUB.

VOCÊ

Você ainda pode ver a expressão naqueles olhos rechonchudos e patéticos do parasita quando você enfiou a ponta da faca em seu peito.

“É assim que você deve fazer”, você disse a ele, ziguezagueando e descendo por sua carne abundante. “Cada momento, controle perfeito. Nenhuma evidência. Sem chances.”

Depois de receber a notícia de que Trina Simms estava morta, você imaginou como tudo deveria ter acontecido. Você imaginou cada detalhe – como você teria feito isso. O prazer que você teria ao ouvi-la gritar.

Mas esta imitação, este fingidor – ele fez tudo errado .

Ele teve que pagar.

Suor e lágrimas se misturaram em seu rosto. Ele lutou, mas você demorou. Você foi paciente. Você explicou a ele que conhecia Trina Simms e que ela merecia coisa melhor.

Ou pior, dependendo da sua perspectiva.

Você mostrou àquela pálida imitação, àquela cópia de uma cópia, o que realmente era paciência. A única vergonha foi que você teve que amordaçá-lo – não podia arriscar que Joe College, vizinho, viesse ver o que o porquinho estava gritando.

Você sorri na memória enquanto limpa as ferramentas do seu ofício. Redding não lhe disse para matar o pretendente. Ele não precisava. Você é uma espécie à parte, você e o garoto que acabou de despachar para o inferno.

Ele estava fraco.

Você é forte.

Ele estava pintando por números e ainda não conseguia se manter nas linhas.

Você é um artista em desenvolvimento. Improvisação. Inovação. Uma onda de poder percorre seu corpo só de pensar nisso. Você pensou que queria ser como Redding. Para ser Redding.

Mas agora você está começando a ver que você poderia ser muito mais.

“Ainda não”, você sussurra. Há mais uma pessoa que precisa ir primeiro.

Você cantarola uma música e fecha os olhos.

O que será, será – mesmo que você tenha que ajudar.

CHAPTER 41

EU Para acreditar nas evidências, Clark era um assassino - e o outro aprendiz de Redding o matou.

Rivalidade entre irmãos. O pensamento estava fora de lugar, mas eu não conseguia me livrar dele. Dois jovens que idolatravam Redding, que de alguma forma desenvolveram relacionamentos com ele — o quanto eles sabiam um do outro?

O suficiente para o nosso UNSUB restante matar o Clark.

“Clark matou Trina?” Michael não conseguiu esconder a descrença em sua voz. “Eu sabia que havia raiva ali – sobre Emerson, sobre o professor, mas ainda assim.”

Tentei imaginar isso. Clark teria entrado à força na casa de Trina? Ela o deixou entrar? Ele mencionou Redding?

“Clark era um solitário”, eu disse, pensando em voz alta. “Ele nunca se encaixou. Ele não era agressivo, mas também não era o tipo de pessoa com quem você gostaria de ter.”

Dean lançou um olhar de soslaio para o Agente Sterling. “Quão desorganizado foi o assassinato de Trina Simms?”

Percebi imediatamente a lógica da pergunta de Dean: Clark se encaixava quase exatamente no perfil de um assassino desorganizado.

“Ele seguiu o MO”, disse o agente Sterling. “Ele simplesmente não fez isso bem.”

Foi por isso que você o matou, pensei, dirigindo as palavras ao nosso UNSUB restante. Vocês dois estavam jogando o mesmo jogo, mas ele errou. Ele ia ser pego. Talvez ele fosse fazer com que você fosse pego também.

“Eles se conheciam?” Perguntei. “Clark e nosso UNSUB – aposto que eles se conheciam , mas será que eles realmente se conheceram?”

“Ele gostaria de mantê-los o mais separados possível.” Dean não especificou quem *ele* era. Dadas as circunstâncias, ele não precisava. “Quanto menos interação eles têm entre si, mais controle ele tem sobre a situação. Este é o jogo dele, não o deles.”

Não foi suficiente traçar o perfil do Clark ou do nosso UNSUB. No final das contas, tudo isso voltou para Redding. Imaginei-o sentado à minha frente à mesa. Eu me ouvi fazendo as perguntas, ouvi suas respostas. Caminhei por eles, passo a passo, pensando o tempo todo que estava faltando alguma coisa.

Você mandou Clark atrás de Trina, pensei. Quem você mandou atrás de Emerson?

A sensação incômoda de que havia algo que eu não estava vendo se intensificou. Fiquei sentado muito quieto e, de repente, todos os detalhes inconsequentes desapareceram até que só sobrou uma coisa. Um detalhe. Uma questão.

“Lia”, eu disse com urgência, “você tem certeza de que Redding não mentiu em resposta a nenhuma das minhas perguntas?”

Ela inclinou ligeiramente a cabeça – claramente, ela não achava que a pergunta merecia uma resposta verbal.

“Perguntei a ele como ele escolheu as vítimas.” Olhei ao redor da sala para ver se a mente de alguém seguiria o mesmo caminho que a minha. “Eu disse, *como você escolhe quem morre* , e você se lembra do que ele disse?”

“Ele disse *que não* .” Dean foi quem respondeu. Duvidava que ele tivesse esquecido uma única palavra que seu pai tivesse pronunciado naquela reunião — em qualquer uma de suas reuniões.

“Se ele não escolhe as vítimas”, eu disse, olhando de Dean para Sterling e depois para Briggs, “quem o faz?”

Houve uma batida de silêncio.

"Eles fazem."

Eu não esperava que a resposta viesse de Michael, mas talvez devesse. Ele e Lia conheceram Clark, e foi ele quem reconheceu a raiva do outro garoto. *Ela não era assim,* disse Clark quando foi divulgado que Emerson estava dormindo com o professor deles - mas ele não acreditou nas palavras que estava dizendo. E isso significava que ele acreditava que Emerson *era* assim. Que ela era menos e digna de desprezo. Que ela merecia ser degradada.

Ele tinha fotos dela escondidas debaixo da cama.
Clark era obcecado por Emerson. Ele a amava, e a odiava, e ela apareceu morta. A única razão pela qual ele não era um suspeito viável no assassinato dela era porque tinha um álibi.
“Redding fez com que os UNSUB escolhessem as vítimas uns para os outros.” Michael ainda estava falando – e seus pensamentos estavam sincronizados com os meus. “Clark escolheu Emerson, mas outra pessoa a matou. São *Estranhos num Trem* .”
“Alfred Hitchcock”, Sloane entrou na conversa. “Filme de 1951. Uma hora e quarenta e um minutos de duração. O filme postula que a maneira mais infalível de escapar impune de um assassinato é dois estranhos matarem os alvos um do outro.”
“Dessa forma”, disse Briggs suavemente, “cada assassino terá um álibi quando seu alvo morrer”.
Como se Clark estivesse em uma sala com centenas de outras pessoas fazendo um teste quando Emerson foi morto.
Os dominós caíram, um por um, na minha cabeça.
Como se Christopher Simms estivesse numa reunião com Briggs quando alguém matou a mãe dele.

CHAPTER 42

EU sentei na escada, esperando. O FBI vinha tentando localizar Christopher Simms nas últimas quatorze horas. Daniel Redding nos prometeu outro corpo hoje, e tudo o que pude fazer foi esperar — para ver se estávamos certos, para ver se o pegavam a tempo. Eu não conseguia subir as escadas. Eu não poderia descer por eles. Não pude fazer nada além de ficar ali sentado, no meio do caminho, obcecado com as evidências e rezando para que, quando o telefone tocasse, fosse para nos dizer que haviam prendido o suspeito, e não para nos informar que tínhamos uma quinta vítima.

Não importa quantas vezes eu repassasse o caso, os detalhes permaneciam os mesmos. Clark escolheu Emerson, e outra pessoa a matou numa época em que o álibi de Clark era incontestável. Essa pessoa então escolheu uma vítima – Trina Simms.

Eu ainda podia ver a expressão nos olhos de Christopher quando ele agarrou meu braço e me arrancou do sofá. Ele estava cansado de estar sob o controle de sua mãe. Que melhor vingança do que vê-la morta – de forma indireta – pelo homem por quem ela se imaginava apaixonada?

Tudo voltou para Daniel Redding. Christopher pode ter escolhido Trina para morrer, mas foi Redding quem escolheu Christopher como aprendiz. O pai de Dean provavelmente usou Trina para chegar até seu filho. Ele quase certamente disse a Clark para adiar a morte de Trina até que ela recebesse a visita de Dean.

Há quanto tempo ele está planejando isso? Quantas peças móveis ele acionou antes que o corpo de Emerson fosse encontrado naquele gramado?

Virei-me para a esquerda e olhei para a parede. A escada estava repleta de

retratos de assassinos em série decorando nossas paredes como se fossem da família.
A ironia não me escapou.
Na minha mão, eu segurava o batom Rose Red. Tirei a tampa e girei o fundo do tubo até que a cor vermelha escura aparecesse na borda do invólucro de plástico.
Você nunca encontrará o homem que assassinou sua mãe. As palavras de Redding estavam no fundo da minha mente, zombando de mim.
“Se importa se eu lhe fizer companhia enquanto esperamos?”
Olhei por cima do ombro para Dean, que estava parado perto do topo da escada.
“Sente-se”, eu disse a ele. Em vez de se sentar em um dos degraus acima de mim, ele caminhou até chegar ao meu degrau e se abaixou ao meu lado. A escada era larga o suficiente para que ainda houvesse espaço entre nós, mas estreita o suficiente para que não houvesse muito. Seus olhos pousaram no tubo de batom em minhas mãos.
Ele sabe, pensei. Ele sabe que isto era de Locke e sabe por que o guardei.
“Não consigo parar de pensar neles”, disse Dean depois de um momento. “Gary Clarkson. Cristóvão Simms. Eles nunca foram o fim do jogo do meu pai.”
Coloquei o batom de volta no tubo e tampei. “Você estava,” eu disse, sabendo que era verdade, sabendo que de alguma forma, isso sempre foi sobre Dean.
Dean fechou os olhos. Eu podia senti-lo ao meu lado, sentir cada inspiração e cada expiração. “Não consigo decidir se meu pai planejou tudo isso apenas para que eu fosse forçado a ir vê-lo, ou se ele estava contando com um de seus alunos que eventualmente tentaria provar que era o melhor homem me matando.”
As pálpebras de Dean se levantaram e eu pensei em suas palavras. O assassino de Emerson matou Clark. Esse foi o trabalho de um UNSUB que queria ser o único aprendiz de Redding. Seu único herdeiro. Seu único *filho* .
“Seu pai não quer você morto,” eu disse a Dean. Para Redding, esse seria o último recurso. Ele mataria Dean apenas se acreditasse que realmente o havia perdido - e Daniel Redding era incapaz de acreditar que realmente o havia perdido.

“Não”, concordou Dean, “ele não me quer morto, mas se um dos UNSUBs tivesse escalado, se um deles tivesse vindo aqui para me matar, eu teria me defendido.”
Talvez, na mente de Redding, fosse assim que tudo deveria terminar, com Dean matando os outros. Redding via Dean como uma extensão de si mesmo. É claro que ele achava que Dean iria vencer - e se Dean não vencesse, bem, então talvez Daniel Redding acreditasse que merecia morrer. Por ser fraco.
Por não ser filho de seu pai.
O telefone tocou. Meus músculos ficaram tensos. Eu estava congelado, incapaz de me mover, incapaz de respirar. Dois segundos depois, o telefone parou de tocar. Alguém havia respondido.
Por favor, deixe-os encontrá-lo a tempo. Por favor, deixe-os encontrá-lo a tempo.
"Reitor." Consegui forçar o nome dele a sair da minha boca repentinamente seca. Ele sentou-se, igualmente imóvel, ao meu lado. “No verão passado, depois de tudo o que aconteceu, Michael me disse para descobrir como eu me sentia. Sobre você."
Eu não sabia por que estava dizendo isso agora, mas *precisava* . A qualquer segundo, alguém chegaria com novidades. A qualquer segundo, as coisas podem mudar. Eu me senti como um trem correndo em direção a um túnel.
Por favor, não deixe que haja outro corpo.
“Townsend, ele significa algo para você”, disse Dean, sua voz tão rouca quanto a minha. “Ele faz você sorrir.” *E você merece sorrir.* Eu praticamente podia ouvi-lo pensando nisso, podia senti-lo lutando contra as palavras que disse em seguida, incapaz de contê-las. “O que você descobriu?”
Ele estava perguntando. E se ele estava perguntando, isso significava que ele queria saber, que a resposta *era importante* para ele. Engoli. “Você... Dean, preciso saber o que você sente. Para mim."
A qualquer segundo, as coisas podem mudar.
“Eu sinto… *alguma coisa* .” As palavras de Dean vieram de forma desigual. Ele se virou para mim, sua perna roçando a minha. “Mas não sei se consigo – não sei se é o suficiente.” Ele fechou minha mão em volta do tubo de batom que eu segurava, sua mão cobrindo a minha. “Não sei se consigo … ”

Pode o quê? Abra? Solte? Corre o risco de permitir que algo seja tão importante que perdê-lo possa levá-lo ao limite?

Michael apareceu ao pé da escada. Dean soltou minha mão.

“Eles o encontraram”, disse Michael, parando e olhando para nós. “A equipe de Briggs encontrou Christopher Simms.”

Eles prenderam Christopher Simms do lado de fora de uma cafeteria, esperando por uma garota. Em sua caminhonete, encontraram braçadeiras, uma faca de caça, uma marca de gado e uma corda de náilon preta.

Corpo após corpo após corpo, prometeu Redding. Porque você não é inteligente o suficiente. Porque você é fraco.

Mas não estávamos e, desta vez, ganhámos. Aquela faca de caça não cortaria a pele de outra garota. Suas mãos não estariam amarradas atrás das costas. Ela não sentiria o metal queimando derretendo através de sua carne.

Tínhamos salvado aquela garota na cafeteria, da mesma forma que salvamos a pequena Mackenzie McBride. Outra vítima estaria morta agora mesmo se eu não tivesse me sentado à mesa com Daniel Redding. Se Sterling não o tivesse excitado o suficiente para induzi-lo a nos torturar com a verdade. Se Lia não estivesse lá atrás do espelho, lendo Redding em busca de engano e não encontrando nada. Se Sloane não tivesse percebido que a habilidade de Lia *não estava* falhando.

Se Michael e eu nunca tivéssemos conhecido Clark, se Dean não tivesse saído para visitar Trina, como isso teria acontecido?

Dean estava lidando com as notícias à sua maneira. Michael voltou a trabalhar em seu carro. Eu estava no quintal, olhando para a lata de lixo, com o batom Rose Red na mão.

Eu entrei no programa Naturals na esperança de poder salvar alguma outra garotinha de voltar para um quarto encharcado de sangue. Era isso que estávamos fazendo. Estávamos salvando pessoas. E ainda assim, eu não poderia jogar fora o batom, não poderia fechar a porta do meu passado.

Você nunca encontrará o homem que assassinou sua mãe. Como poderia Redding saber disso? Ele não poderia. Mesmo assim, não consegui reprimir a parte do meu cérebro que pensava: *Prisioneiros conversam.* Como o pai de Dean sabia que eu tinha uma mãe morta?

"Não." Michael veio atrás de mim. Fechei os dedos em volta do batom e coloquei-o no bolso da frente da minha calça jeans.

“Não o quê?” Perguntei.
“Não pense em algo que faça você se sentir pequeno e assustado e como se estivesse preso em um túnel sem luz no final.”
“Você está atrás de mim,” eu disse sem me virar. “Como você poderia ler minhas emoções a partir daí?”
Michael cruzou para ficar na minha frente. “Eu poderia contar a você”, ele entoou, “mas então teria que matá-lo”. Ele fez uma pausa. "Cedo demais?"
“Estar fazendo piadas sobre me matar?” Eu perguntei secamente. "Nunca."
Michael estendeu a mão e tirou uma mecha de cabelo do meu rosto. Eu congelo.
“Eu sei”, disse ele. “Eu sei que você se preocupa com ele. Eu sei que você está atraída por ele. Eu sei que quando ele dói, isso machuca você. Eu sei que ele nunca olha para você como olha para Lia, que você não é uma *irmã* para ele. Eu sei que ele quer você. Ele está perdendo a cabeça com você. Mas também sei que na metade das vezes ele *odeia* querer você.
Pensei em Dean na escada, me dizendo que sentia alguma coisa, mas não tinha certeza se era o *suficiente* .
“Essa é a diferença entre nós dois”, Michael me disse. “Eu não quero apenas você.” Agora ambas as mãos estavam no meu rosto. "Eu *quero* querer você."
Michael não era uma pessoa que se permitia querer coisas. Ele certamente não admitia desejá-los. Ele não deixou nada entrar em sua pele. Ele esperava ficar desapontado.
“Estou aqui, Cassie. Eu sei o que sinto e sei que quando você baixa a guarda, quando se permite, você também sente isso. Ele passou os dedos levemente pela minha nuca. “Eu sei que você está com medo.”
Meu coração batia tão forte que eu podia senti-lo no estômago. Uma confusão de lembranças passou pela minha cabeça, como água explodindo de uma torneira quebrada.
Michael entrando na lanchonete onde eu trabalhei no Colorado. Michael na piscina, aproximando seus lábios dos meus durante um mergulho noturno. Michael se acomodando ao meu lado no sofá. Michael dançando comigo no gramado. Michael trabalhando naquela armadilha mortal de carro.
Michael dando um passo para trás e tentando ser o mocinho. Para mim.
Mas não era apenas Michael na minha cabeça; também era Dean.

Dean sentado ao meu lado nos degraus, seu joelho roçando o meu. Minha mão, banhando os nós dos dedos ensanguentados. Os segredos que trocamos. Ajoelhado na terra ao lado da cerca surrada de sua antiga casa.
Michael estava certo. Eu *estava* com medo. Eu estava com medo das minhas próprias emoções, com medo de querer, desejar e *amar* . Com medo de machucar qualquer um deles.
Com medo de perder alguém de quem eu gostava quando já tinha perdido tanto.
Mas Michael estava lá, me contando como *se* sentia. Ele estava nivelando o campo de jogo. Ele estava me pedindo para escolher.
Ele estava dizendo *Escolha-me* .
Michael não me puxou para ele. Ele não se inclinou para frente. A decisão foi minha, mas ele estava tão perto e, lentamente, minhas mãos foram até seus ombros.
A cara dele.
E ainda assim, ele esperou – que eu dissesse as palavras ou que eu fechasse o espaço entre minha boca e a dele. Fechei os olhos.
Da próxima vez que meus lábios tocarem os seus, pensei, lembrando das palavras dele, a única pessoa em quem você vai pensar sou eu.
A agitação na minha cabeça ficou em silêncio. Abri os olhos e...
A música Mariachi começou a tocar ao nosso redor. Eu pulei trinta centímetros no ar e Michael quase perdeu o equilíbrio devido à perna machucada. Viramos em uníssono e vimos Lia brincando com um conjunto de alto-falantes.
“Espero não estar interrompendo nada”, ela gritou acima do som da música.
"'Feliz Natal'?" Michael disse. “Sério, Lia? *Realmente?”*
“Você está certo”, disse ela, parecendo tão calma e disciplinada quanto uma pessoa poderia, enquanto gritava para ser ouvida em meio aos sons de uma canção de Natal extremamente inapropriada. “Ainda não estamos em outubro. Vou mudar a música.
Sloane colocou a cabeça para fora da porta dos fundos. “Ei, pessoal”, disse ela, parecendo mais animada do que há dias. “Você sabia que uma serra elétrica produz um ruído de cento e dez decibéis?”
Havia assassinato no rosto de Michael, mas nem ele teve coragem de encarar Sloane. “Não”, disse ele, suspirando. “Eu não fiz.”

“Uma motocicleta está perto de cem”, Sloane tagarelou alegremente em alto volume. “Aposto que essa música está em cento e três. E meio. Cento e três e meio.”
Lia finalmente mudou a música para uma de suas músicas dançantes.
“Vamos”, disse ela, arriscando chegar ao alcance do acelerador para me pegar por uma mão e Sloane pela outra. “Pegamos o bandido.” Ela puxou nós dois para o gramado, seus quadris balançando ao ritmo da música, seus olhos me desafiando a contestar. “Acho que isso exige uma celebração. Não é?

CHAPTER 43

EU acordei suando frio no meio da noite. Eu deveria ter esperado os pesadelos. Eles me atormentaram intermitentemente por cinco anos. É claro que os jogos mentais de Redding os trouxeram de volta.

Não é só isso, pensei num momento de brutal honestidade comigo mesmo. Eles voltam quando estou estressado. Quando as coisas estão mudando.

Não se tratava apenas de Redding. Era sobre Michael e Dean, mas acima de tudo, era sobre mim. Sloane me perguntou uma vez, num jogo de Verdade ou Desafio, quantas pessoas eu amava. Não apenas amor romântico – qualquer tipo de amor. Na época, eu me perguntava se crescer tendo apenas minha mãe como companhia - e depois perdê-la do jeito que aconteceu - havia cortado minha capacidade de amar outras pessoas.

Minha resposta foi *uma* .

Mas agora...

Quer saber por que você, em particular, me preocupa, Cassie? As palavras do Agente Sterling soaram em meus ouvidos. Você é quem realmente sente as coisas. Você nunca será capaz de parar de se importar. Será sempre pessoal.

Eu me importava com as vítimas pelas quais lutávamos — as Mackenzie McBrides e as garotas anônimas nas cafeterias. Eu me importava com as pessoas desta casa – não apenas com Michael e Dean, mas com Sloane e Lia. Lia, que teria se jogado em chamas por Dean.

Lia, que se jogou no meio do meu momento com Michael com a mesma determinação.

Tentei acalmar minha mente em silêncio e voltar a dormir.

Mackenzie McBride. A garota na cafeteria. Meus pensamentos voltaram.
Por que? Virei minha cabeça para o lado no travesseiro. Meu peito subia e descia com respirações constantes e uniformes.
O FBI havia interpretado mal o caso de Mackenzie McBride. Eles não perceberam o vilão escondido à vista de todos. Mas não tínhamos perdido nada neste caso. Christopher Simms *era* o vilão. Eles o pegaram em flagrante. Ele tinha suprimentos em sua caminhonete: amarras para os tornozelos e pulsos da garota, uma faca, a marca.
A garota na cafeteria. Era para isso que eu sempre voltava. Quem era a vítima pretendida de Christopher? Redding sabia que alguém estava programado para morrer. Ele nos disse para esperarmos por isso.
Como você escolhe quem morre?
Eu não.
Clark escolheu Emerson.
Christopher escolheu sua mãe.
O Fogle não passava de uma complicação que precisava ser resolvida.
Então, quem escolheu a garota?
Não havia como fugir dessa questão. Talvez não fosse nada, mas saí da cama e do quarto. A casa estava em silêncio, exceto pelo som dos meus passos leves enquanto descia as escadas. A porta do escritório — alojamento temporário do agente Sterling — estava entreaberta. O fraco brilho da lâmpada de dentro do quarto me disse que ela também não estava dormindo.
Eu pairei na porta. Eu não conseguia bater. De repente, a porta voou para dentro. A agente Sterling estava do outro lado, com o cabelo castanho solto e bagunçado, o rosto sem maquiagem e a arma em punho. Quando ela me viu, soltou um suspiro e baixou a arma.
“Cassie”, ela disse. "O que você está fazendo aqui?"
“Eu moro aqui”, respondi automaticamente.
“Você mora bem na minha porta?”
“Você também está nervosa”, eu disse a ela, lendo isso em seu comportamento, o fato de ela ter atendido a porta com uma arma. “Você não consegue dormir. Nem eu posso."
Ela balançou a cabeça com desgosto - embora eu não soubesse dizer se essa emoção era dirigida a ela ou a mim - e então deu um passo para trás,

convidando-me para entrar na sala. Cruzei a soleira e ela fechou a porta atrás de mim, acendendo a luz do teto.
Eu tinha esquecido que o escritório de Briggs estava cheio de taxidermia – predadores, posados segundos antes de atacarem. “Não admira que você não consiga dormir”, eu disse a ela.
Ela reprimiu um sorriso. “Ele sempre teve talento para o dramático.” Ela se sentou na ponta do sofá dobrável. Com o cabelo solto, ela parecia mais jovem. “Por que você não consegue dormir?” ela perguntou. “Rastreador de tornozelo está causando problemas?”
Olhei para os meus pés, perplexo, como se eles tivessem acabado de aparecer no meu corpo. O peso constante no meu tornozelo direito deveria ter sido mais incômodo do que era, mas tinha acontecido tanta coisa nos últimos dias que eu mal percebi.
"Não, eu disse. “Quero dizer, sim, eu adoraria que você tirasse isso, mas não é por isso que estou acordado. É sobre a garota que Christopher Simms conheceu na cafeteria. Aquele que ele estava planejando sequestrar.
Eu não especifiquei o que mais Christopher estava planejando fazer com aquela garota, mas eu conhecia a Agente Sterling bem o suficiente para saber que a mente dela iria para lá, assim como a minha.
"Então e ela?" A voz de Sterling estava ligeiramente rouca. Eu me perguntei quantas noites ela passou assim, sem conseguir dormir.
"Quem era ela?" Perguntei. "Por que ela estava conhecendo Christopher?"
“Ela trabalhava na cafeteria”, respondeu Sterling. “Ela estava conversando com alguém em um site de namoro online. Ele usou um nome falso e só acessou a conta em computadores públicos, mas é lógico que foi Christopher, levando as coisas para o próximo nível com a seleção de vítimas. Sua mãe estava morta. Ele matou Emerson, isso poderia ter lhe dado um gosto por garotas em idade universitária.
Estranhos num trem, pensei. “Christopher tinha um álibi para o assassinato de sua mãe. Clark tinha um para Emerson. Engoli. Minha boca estava tão seca que tive que me esforçar para pronunciar as próximas palavras.
“Talvez fosse isso. Talvez agora que Clark estivesse morto, Christopher estivesse sozinho - mas Redding sabia que alguém iria morrer em breve, além de Clark. Foi *planejado* . E se fizesse parte do plano…”

Sentei-me ao lado da agente Sterling, desejando que ela entendesse o que eu estava dizendo, embora não tivesse certeza se estava fazendo algum sentido objetivo.
“E se não fosse Christopher quem se comunicasse com essa garota online? E se *ele* não a escolheu?
Clark escolheu Emerson.
Christopher escolheu sua mãe.
Ambos tinham álibis sólidos para os assassinatos das mulheres que escolheram. E se eles não fossem os únicos?
“Você acha que há um terceiro.” Sterling colocou a possibilidade em palavras. Isso tornou tudo real. Apoiei as palmas das minhas mãos na beirada da cama, me firmando.
“Christopher confessou o assassinato de Emerson?” Perguntei. “Existe *alguma* evidência física que o ligue à cena do crime? Alguma evidência circunstancial? Qualquer coisa além do fato de que ele estava planejando matar outra garota?
O telefone do agente Sterling tocou. O som era berrante, chocante em contraste com minhas perguntas silenciosas. Telefonemas às duas da manhã nunca traziam boas notícias.
“Esterlino.” Sua postura mudou quando ela atendeu o telefone. Esta não era a mulher de cabelo despenteado, sentada na beira da cama. Este era o agente. “O que você quer dizer com ‘ele está morto’?” Breve pausa. “Eu sei o significado literal da palavra, pai. O que aconteceu? Quando você recebeu a ligação?
Alguém estava morto. Esse conhecimento me pesou e fez meu coração bater em um ritmo vicioso contra minhas costelas. *A forma como ela fala significa que é alguém que conhecemos.* Quando essa percepção me ocorreu, um apelo tomou conta de mim, tomando conta dos meus pensamentos, silenciando todo o resto em seu rastro. *Por favor, não deixe que seja Briggs.*
“Não, isso não é uma bênção”, disse o agente Sterling bruscamente. “Este caso não está encerrado.”
Briggs não, pensei. O diretor Sterling nunca teria se referido à morte de seu ex-genro como uma *bênção* .
“Você está me ouvindo, pai? *Diretor* , achamos que pode haver... Ela se interrompeu. “'Quem somos *nós* ?' Importa quem *somos* ? Estou dizendo a você-"

Ela não estava contando nada a ele, porque ele não estava ouvindo.
“Sei que seria politicamente vantajoso para vocês se este caso fosse encerrado, se nunca tivesse que ir a julgamento porque o nosso primeiro assassino matou o nosso segundo assassino e depois enforcou-se pelos lençóis quando foi apanhado. Isso é legal e arrumado. É *conveniente* . Diretor?" Ela fez uma pausa. "Diretor? *Pai?* Ela bateu o polegar violentamente na tela sensível ao toque e jogou o telefone no chão.
“Ele desligou na minha cara”, disse ela. “Ele me contou que recebeu um telefonema da prisão, informando que Christopher Simms foi encontrado morto em sua cela. Ele se enforcou… ou pelo menos essa é a teoria vigente.
Li a implicação nessas palavras: o agente Sterling achava que havia pelo menos uma chance — e possivelmente uma boa — de que Christopher Simms tivesse sido vítima de um crime. Teria Redding conseguido de alguma forma matá-lo?
Ou será que a pessoa que matou Emerson Cole – e talvez até Clark – voltou para terminar o trabalho?
Três UNSUBs. Dois deles estão mortos.
Se houvesse um terceiro, se alguém ainda estivesse por aí…
A agente Sterling abriu a mala.
"O que você está fazendo?" Perguntei.
“Vestindo-se,” ela disse tensamente. “Se houver alguma chance de que este caso não termine, estou trabalhando nisso.”
"Eu irei com voce."
Ela nem sequer olhou para a oferta. “Obrigado, mas não. Ainda tenho alguns escrúpulos. Se ainda houver um assassino por aí, não vou colocar sua vida em risco.”
Mas não há problema em arriscar o seu? Eu queria perguntar, mas não perguntei. Em vez disso, subi e troquei de roupa sozinho. Peguei a Agente Sterling na garagem e fui em direção ao carro dela.
“Pelo menos peça para Briggs encontrá-la lá,” gritei atrás dela, correndo para alcançá-la. “Onde quer *que haja* .”
Ela apertou o botão de desbloqueio do carro. Os faróis piscaram uma vez, depois a escuridão voltou.
“São duas horas da manhã”, disse o agente Sterling, cortando as palavras. "Basta ir para a cama."

Uma semana atrás, eu teria discutido com ela. Eu teria ficado ressentido com ela por me deixar de lado. Mas de alguma forma, uma parte de mim entendeu – mesmo depois de tudo que ela nos fez fazer, seu primeiro instinto ainda era me proteger. Ela correria riscos com a própria vida, mas não com a minha.

Quem vai proteger você? Eu pensei.

“Ligue para Briggs e irei para a cama”, prometi.

Mesmo no escuro, pude perceber o aborrecimento em seu rosto. “Tudo bem”, ela disse finalmente, pegando o telefone e acenando para mim. "Eu vou ligar pra ele."

“Não”, disse uma voz diretamente atrás de mim. “Você não vai.”

Não tive tempo de me virar, de pensar, de processar as palavras. Um braço envolveu minha garganta, cortando meu suprimento de ar e me empurrando até a ponta dos pés. Meu corpo foi puxado contra o do meu agressor.

Agarrei o braço em volta do meu pescoço. Apertou.

Eu não conseguia respirar.

Algo metálico e frio roçou minha bochecha e parou na minha têmpora.

“Coloque sua arma no chão. *Agora.* ”Levei um momento para perceber que essas palavras eram dirigidas ao agente Sterling. Um segundo depois disso, percebi que tinha uma arma apontada para a cabeça, que Sterling estava fazendo exatamente como ela havia sido instruída.

Ela arriscaria a vida dela, mas não arriscaria a minha.

“Pare de lutar”, a voz sedosa sussurrou em meu ouvido. Ele pressionou a arma com mais força na minha têmpora. Todo o meu corpo doeu. Eu não conseguia respirar. Eu não conseguia parar de lutar.

“Estou fazendo o que você pediu. Deixe a garota ir. Sterling parecia tão calmo. *Tão longe.*

Estava escuro lá fora, mas as coisas estavam ficando mais escuras à medida que minha visão ficava turva e a escuridão começava a se aproximar de mim.

"Leve-me. Foi para isso que você veio aqui. *Fui eu* que fugi de Redding. Provar que você é melhor que os outros aprendizes dele, matá-los não é suficiente. Você quer provar que é melhor que *ele* . Para mostrar *a ele* .

O aperto em meu pescoço relaxou, mas a arma nunca vacilou. Suguei o ar para meus pulmões em chamas, ofegando apenas uma vez, depois duas.

“Olhos em mim, Cassie.” Sterling mudou seu foco do UNSUB para mim apenas o tempo suficiente para emitir essa instrução. Levei um momento para perceber o porquê.

Ela não quer que eu o veja.

“Derrube-a. Deixe-a aqui. Ela não fazia parte do plano. *Seu* plano. A voz de Sterling estava firme, mas suas mãos tremiam. Ela estava jogando um jogo perigoso. Uma palavra errada e o UNSUB poderia me matar tão facilmente quanto poderia me nocautear. “Ela não consegue identificar você. Quando ela acordar, você já terá partido há muito tempo e eu serei seu. Você não vai me perder, como Redding fez. Você levará o seu tempo. Você fará do seu jeito, mas eles não vão *te encontrar* . Eles não vão *me encontrar* se você seguir o plano.”

Sterling estava direcionando suas palavras para o UNSUB, brincando com seus medos, seus desejos, mas eu ouvi o que ela estava dizendo também, e o verdadeiro chute foi: eu acreditei nela. Se eu não conseguisse identificar o suspeito, se ele a levasse, se me deixassem inconsciente na entrada da garagem, quando eu acordasse já seria tarde demais.

Ele teria muita vantagem.

Mas havia uma maneira de garantir que Briggs soubesse imediatamente que algo estava errado. Uma maneira de ter certeza de que ele poderia encontrá-la.

O UNSUB soltou meu pescoço.

“Olha aqui, Cassie. Olhe bem aqui. Eu podia ouvir o desespero na voz do Agente Sterling. Ela precisava disso, precisava que eu continuasse olhando diretamente para ela.

Eu me virei. Mesmo no escuro, eu estava perto o suficiente para distinguir as feições do rosto do UNSUB. Ele era jovem, vinte e poucos anos. Alto e construído como um corredor. Eu o reconheci.

O guarda da prisão. Webber. Aquele que estava enojado com a própria existência de Dean, que tinha problemas com mulheres agentes do FBI. Aquele que se recusou a nos deixar ficar no carro.

As peças se encaixaram em um único e horrível momento: *por que* o homem não nos deixou ficar no carro, como Redding sabia que eu existia, como nosso terceiro UNSUB conseguiu matar Christopher Simms na prisão.

“Redding me levaria também. Ele *me mataria* também. Minha voz estava áspera e quase inaudível. “Você trabalha na prisão. Você sabe que ele perguntou por mim. Provavelmente foi você quem entregou a mensagem.”
Ele poderia atirar em mim. Neste momento, ele poderia atirar em mim. Ou minha aposta poderia dar certo.
Tudo o que vi foi um lampejo de movimento, o brilho do metal. E então tudo ficou preto.

VOCÊ

A arma bate em seu crânio com um baque nauseante.
Isso não te deixa doente.
O corpo da garota cai no chão. Você aponta sua arma para a linda agente do FBI. Ela olhou para você com desprezo quando visitou Redding. Ela se atreveu a lhe dizer o que fazer.
Ela provavelmente ri dos meninos rejeitados pela Academia do FBI, e muito menos pela força policial local.
“Pegue ela”, você diz.
Ela hesita. Você aponta a arma para a garota. “Ou você a pega ou eu atiro nela. Sua escolha."
Seu coração está batendo forte em seus ouvidos. Sua respiração está ficando mais rápida. Há um sabor no ar noturno – quase metálico. Você poderia correr uma maratona agora. Você poderia mergulhar nas Cataratas do Niágara.
O agente do FBI pega a garota. Você embolsa a arma dela. Sao seus. Você está levando os dois. E é aí que você sabe.
Você não vai enforcá-los. Você não vai marcá-los. Você não vai cortá-los. Você tem Aquele que fugiu. Você tem a filhinha inútil dele. Desta vez, você pensa, estamos fazendo do meu jeito.
Você faz o agente do FBI colocar a garota no seu porta-malas e entrar ela mesma. Você a nocauteia - e, ah, isso é bom. Parece certo.
Você bate o porta-malas. Você entra no carro. Você vai embora.
O aluno se tornou o mestre.

CHAPTER 44

Ca consciência veio lentamente. A dor veio de uma só vez. Todo o lado direito do meu rosto era uma agonia incandescente: latejante, dolorido, agulhas cravadas até os ossos. Minha pálpebra esquerda tremeu, mas meu olho direito estava inchado e fechado. Pedaços do mundo entraram em foco: tábuas apodrecidas do piso, cordas pesadas envolvendo meu corpo, o poste ao qual eu estava amarrado.

"Você está acordado."

Meu olho bom procurou a origem da voz e encontrou o Agente Sterling. Havia crosta de sangue em sua têmpora.

"Onde estamos?" Perguntei. Meus braços estavam amarrados atrás das costas. Torci o pescoço, tentando vislumbrá-los. Os zíperes cravados em minha pele pareciam desconfortavelmente apertados, mas eu não conseguia sentir nada além da dor ofuscante que irradiava da minha bochecha.

“Ele bateu em você com a arma e nocauteou você. Como está sua cabeça?

O fato de ela ter ignorado minha pergunta não passou despercebido. Um gemido escapou dos meus lábios, mas eu o disfarcei o melhor que pude.

“Como está o seu?”

Seus lábios secos se abriram em um pequeno e quebrado sorriso. “Acordei no porta-malas do carro dele”, disse ela depois de alguns segundos. “Ele não me acertou tão bem. Fingi que estava inconsciente quando ele nos trouxe aqui. Pelo que posso dizer, estamos em algum tipo de cabana abandonada. A zona envolvente é completamente arborizada.”

Molhei meus lábios. “Há quanto tempo ele foi embora?”

"Não muito." O cabelo de Sterling caiu em seu rosto. Ela estava amarrada da mesma forma que eu: com as mãos atrás das costas, amarrada a um poste de madeira que se estendia do teto ao chão. “Tempo suficiente para

eu saber que não consigo sair desses nós. Tempo suficiente para eu saber que você também não conseguirá. *Por que* , Cassie? Sua voz falhou, mas ela não parou de falar. “ *Por que você não pôde simplesmente fazer o que eu pedi?* Por que você o fez trazer você também?
A raiva desapareceu de sua voz de uma frase para outra, até que tudo o que restou foi uma terrível e vazia desesperança.
“Porque”, eu disse, apontando para o pé direito e estremecendo quando minha cabeça protestou, “estou usando uma tornozeleira de rastreamento GPS”.
A cabeça de Sterling estava baixa, mas seus olhos encontraram os meus.
“No minuto em que saí da propriedade, Briggs recebeu uma mensagem de texto”, eu disse. “Não demorará muito para ele perceber que você também está desaparecida. Ele obterá os dados do meu rastreador. Ele nos encontrará. Se eu deixasse você ir sozinha...” Não terminei a frase. “Briggs nos encontrará.”
Sterling ergueu a cabeça para o teto. No começo, pensei que ela estava sorrindo, mas depois percebi que ela estava chorando, com a boca esticada o suficiente para reprimir qualquer som que tentasse escapar de sua boca.
Essas não parecem lágrimas de alívio.
Os lábios de Sterling se separaram e uma risada estranha e seca escapou.
"Oh Deus. Cássia.”
Há quanto tempo estávamos aqui? Por que Briggs ainda não havia entrado de rompante por aquela porta?
“Eu nunca ativei o rastreador. Achei que usá-lo seria dissuasor o suficiente.”
O rastreador deveria disparar. Era para levar Briggs até nós.
Nunca me ocorreu que ela pudesse ter mentido para mim. Eu sabia que estava correndo um risco, mas pensei que estava colocando minha vida em risco para ajudar a salvar a dela.
O rastreador deveria disparar. Era para levar Briggs direto até nós.
“Você estava certo sobre o assassino de Emerson.” Essas eram as únicas palavras que meus lábios pronunciavam, tudo o que restava a dizer. O assassino estaria de volta. Ninguém estava vindo para nos salvar.
"Como assim?"
Eu poderia dizer pelo olhar de Sterling que ela estava mantendo a conversa para meu benefício, não para o dela. Mentalmente, ela provavelmente estava se repreendendo – por não encontrar o assassino, por concordar em

morar em nossa casa e nos tratar deste caso, por me deixar entrar quando bati em sua porta.
Por não ativar o rastreador. Por me deixar acreditar que ela tinha.
“Você disse que o assassino de Emerson tinha entre vinte e três e vinte e oito anos, inteligência acima da média, mas não necessariamente instruído.” Eu fiz uma pausa. “Embora se ele nos enfiou no porta-malas, isso parece sugerir que ele não dirige um caminhão ou SUV.”
Sterling conseguiu dar um sorriso irônico. “Dez dólares dizem que aquele não era o carro dele.”
Meus lábios se inclinaram ligeiramente para cima de um lado e estremeci.
“Tente não se mover”, Sterling me disse. “Você vai precisar conservar sua energia, porque quando ele voltar aqui, vou distraí-lo e você vai fugir.”
“Minhas mãos estão amarradas e estou amarrado a um poste. Eu não estou indo a lugar nenhum."
“Vou pedir para ele desamarrar você, me desamarrar. Vou distraí-lo. Havia um fio de determinação silenciosa em sua voz, mas também havia desespero – uma necessidade desesperada de acreditar que o que ela estava dizendo poderia acontecer. “Quando ele estiver distraído, você corre,” ela disse ferozmente.
Assenti, mesmo sabendo que ele tinha uma arma, sabendo que não conseguiria nem sair pela porta da frente. Menti para ela e ela aceitou a mentira, embora *soubesse* tão bem quanto eu que uma distração não seria suficiente.
Não houve o suficiente.
Não havia nada além dele e de nós e a certeza de que morreríamos naquela cabana úmida e apodrecida, gritando sem ninguém além de nós mesmos para ouvir.
Oh Deus.
“Ele rompeu com o padrão de Redding.” Agora Sterling era quem estava tentando me distrair. “Ele se separou completamente dele.”
Então talvez não morrêssemos como Emerson Cole morreu, como morreram as dezenas de mulheres que Daniel Redding assassinou antes de ser pego.
Esta não é mais a fantasia de Redding. É seu. Você gostou de me espremer a vida. Você gostou de me bater com aquela arma? Você vai nos espancar até a morte? Forcei-me a continuar respirando — respirações rápidas e superficiais. Você exibirá nossos corpos quebrados em público, do jeito que

colocou Emerson no capô do carro dela? Seremos troféus, testemunhos do seu controle, do seu poder?
“Cássia.”
A voz de Sterling me trouxe de volta.
“É doente se eu gostaria de ser normal?” Perguntei. “Não porque eu não estaria aqui – eu não trocaria minha vida pelas vidas que ajudei a salvar – mas porque se eu fosse *normal* , não estaria sentado aqui subindo na cabeça dele, nos vendo do jeito que é. ele nos vê, sabendo como isso vai acabar.”
“Termina com você correndo”, Sterling me lembrou. “Você foge. Você escapa porque é um sobrevivente. Porque outra pessoa pensou que valia a pena salvá-lo.
Fechei os olhos. Agora ela estava apenas me contando uma história – um conto de fadas, com um final feliz.
“Eu conheci uma garota que costumava planejar suas fugas de todos os tipos de situações desagradáveis. Ela era um guia vivo e respiratório para sobreviver aos piores cenários mais improváveis que você possa imaginar.”
Deixei a voz de Sterling tomar conta de mim. Deixei que suas palavras banissem todas as coisas que eu não queria pensar.
“'Você foi enterrado vivo em um caixão de vidro com uma cobra adormecida em seu peito. O oxigênio está acabando. Se tentar quebrar o caixão, você acordará a cobra. O que você faz?'"
Abri meu olho bom. “O que *você* faz?”
“Nem me lembro, mas ela sempre tinha uma resposta. Ela sempre tinha uma saída e ficava muito alegre com tudo isso.” Sterling balançou a cabeça. “Sloane me lembra dela às vezes. Quando crescemos, ela trabalhou no laboratório do FBI. Ela sempre foi melhor com fatos do que com pessoas. A maioria dos alunos da segunda série não aprecia um colega que constantemente coloca suas vidas em perigo teórico.”
“Mas você fez isso”, eu disse. Sterling assentiu. "O nome dela era Scarlett, não era?" Perguntei. “Ela era filha de Judd. Seu melhor amigo. Não tenho certeza do que ela representava para Briggs.”
Sterling olhou para mim por alguns segundos. “Você é estranho”, disse ela. “Você sabe disso, certo?”
Encolhi os ombros o melhor que pude, dadas as circunstâncias.

“Ela também era a melhor amiga de Briggs. Eles se conheceram na faculdade. Eu a conhecia desde o jardim de infância. Ela nos apresentou. Todos nós nos juntamos ao FBI juntos.”
"Ela morreu." Eu disse isso para que Sterling não precisasse, mas ela repetiu as palavras de qualquer maneira.
"Ela morreu."
O som de uma porta se abrindo encerrou nossa conversa. Dobradiças antigas rangeram em protesto. Lutei contra a vontade de me virar em direção à porta. Não valeria a pena as ondas de dor que o movimento causaria em meu rosto e pescoço.
Você está parado aí. Você está olhando para nós.
Passos pesados me disseram que ele estava chegando perto. Logo, o homem que matou o professor e Emerson, Clark e, com toda a probabilidade, Christopher, estava diretamente entre Sterling e eu.
Ele estava segurando um rifle de caça.

VOCÊ

Armas, pequenos buracos de bala e a glória de ser quem puxa o gatilho. Sao seus. Desta vez, você está fazendo do seu jeito.

A ruivinha que praticamente implorou para você levá-la não parece muito bem. Ela será a primeira a cair. Seu rosto já está cheio de hematomas. Você fez isso. Você. O rosto do agente do FBI está marcado por marcas óbvias de lágrimas. Você coloca o rifle de lado, estende a mão e passa o polegar sobre o rosto dela.

Ela recua, mas não pode lutar contra você. Nenhum deles pode.

“Vou desamarrar você”, você diz, só para ver a surpresa brilhar nos olhos deles. “Você vai fugir. Vou até lhe dar uma vantagem de dois minutos.”

Pegue eles. Liberte-os. Rastreie-os. Mate eles.

“Agora...” Você pronuncia a palavra e bate pensativamente a coronha do rifle no chão. “Quem é o primeiro?”

A adrenalina já está começando a bombear pelo seu corpo. Você é poderoso. Você é o caçador. Eles são a presa.

"Meu." O agente do FBI é quem fala. Ela não percebe que não passa de um cervo no seu alvo?

Você é o caçador.

Ela é a presa.

Você agarra o mais novo pelo cotovelo. "Você." Você respira a palavra diretamente no rosto dela. Deixe-a recuar diante disso, de você. "Você é o primeiro." O cheiro do medo é tentador. Você sorri. “Espero que você possa correr.”

CHAPTER 45

Ele tirou uma faca da bota. Imaginei-o vindo em minha direção. Eu o *senti* cortando a pele e os músculos, arrancando a carne do meu osso. Mas em vez disso, nosso captor se ajoelhou. Ele deslizou a lâmina pela lateral da minha bochecha. Ele parou no meu pescoço e depois desceu lentamente em direção aos meus pulsos. A lâmina pairou sobre meu braço por um momento. Ele traçou levemente a ponta sobre uma veia, mas não pressionou com força suficiente para cortar.

Com um golpe, minhas mãos estavam livres.

Ele devolveu a faca à bota e desamarrou a corda em volta do meu torso com a mão. Ele adorou a tarefa, absorvendo-a, saboreando-a. Suas mãos roçaram minha barriga, meu lado, minhas costas.

Logo, eu estava livre. Olhei para o Agente Sterling. Ela queria ir primeiro, queria me ganhar tempo, mas para quê? *Esta* era a única saída. Se ele realmente me desse uma vantagem, se eu corresse forte o suficiente...

Você quer que eu pense que tenho uma chance, não é?

Mesmo sabendo disso, ainda me agarrava à esperança de que dois minutos seriam tempo suficiente para desaparecer na floresta lá fora.

Havia uma saída para isso – eu tinha que acreditar nisso. Eu tive que lutar.

Ele colocou a mão no meio das minhas costas e me empurrou bruscamente em direção à porta.

“Cássia.” A voz da Agente Sterling falhou quando ela disse meu nome. “Você foi enterrado vivo em um caixão de vidro com uma cobra adormecida em seu peito. Há uma saída. *Sempre* há um jeito.”

Nosso captor não me deu a chance de me virar. Para dizer adeus. Um instante depois, eu estava na varanda. A descrição anterior de Sterling foi correta: estávamos completamente cercados por florestas, mas no ponto

mais próximo, a borda da floresta ficava a cerca de quinze metros de distância. As árvores eram mais densas mais adiante. Eu precisaria de cobertura.
Eu precisava de um plano.
"Dois minutos. Começando agora."
Ele me empurrou da varanda. Eu tropecei. Meu rosto latejava.
Eu corri.
Corri o mais forte que pude, o mais rápido que pude, em direção às árvores mais densas que pude encontrar. Alcancei a cobertura em segundos — menos de dez, mais de cinco. Abri caminho através do mato até que meus pulmões começaram a queimar. Eu olhei para trás. Eu não conseguia vê-lo através da floresta, o que significava que ele não conseguia me ver.
Quanto tempo se passou? Quanto me restava?
Sempre há uma saída.
Correr não era uma solução. O homem que me caçava tinha passos mais longos do que eu. Ele tinha constituição de corredor e não precisava me pegar – ele só precisava me colocar em sua mira.
Dois minutos não é nada.
Minha única esperança era perdê-lo, mandá-lo para um lado enquanto eu ia para o outro. Foi contra todos os meus instintos, mas voltei atrás. Eu me separei da trilha que havia traçado pela primeira vez, pisando levemente e permanecendo abaixado, mergulhando em arbustos densos e esperando por Deus que ele seguisse meu caminho original e não este.
Um galho quebrou em algum lugar próximo. Fiquei mortalmente imóvel.
Por favor, não me veja. Por favor, não me veja. Por favor, não me veja.
Outro estalo. Outro passo.
Afastando-se de mim. Ele está se mudando.
Não tive muito tempo antes que ele percebesse seu erro. Eu não tinha para onde ir. Eu não conseguia continuar correndo. Eu poderia escalar? Enterrar-me no mato? Atravessei um pequeno riacho, desejando que fosse um rio. *Eu me jogaria lá dentro.* Ouvi um grito — de som quase desumano. Ele deve ter chegado ao fim da minha trilha original e descoberto meu pequeno truque. Ele estaria se movendo rapidamente agora, determinado a recuperar o terreno perdido.

Você não está com raiva. Na verdade. Este é o jogo. Você sabe que vai me encontrar. Você sabe que não vou escapar. Provavelmente não há nada para onde escapar.

Eu não tinha ideia de onde estávamos – tudo que sabia era que precisava fazer *alguma coisa* . Ajoelhei-me e peguei uma pedra. Mal cabia na minha mão. Com a outra mão, peguei um galho acima da cabeça e cerrei os dentes – o que piorou a dor, e não melhorou.

Não há tempo. Não há tempo para dor. Escalar. Escalar. Escalar.

Eu só conseguia segurar com uma mão, mas usei o outro braço, prendendo-o nos galhos, ignorando a forma como a casca rasgava a pele macia. Subi o mais alto que pude antes que os galhos ficassem finos demais para suportar meu peso e as folhas esparsas demais para me cobrir. Transferi a pedra da mão esquerda para a direita e usei a esquerda para me equilibrar.

Por favor, não me veja. Por favor, não me veja. Por favor, não me veja.

Eu o ouvi, a cinquenta metros de distância. Quarenta. Trinta. Eu o vi quando ele apareceu, atravessando o riacho.

Por favor, não me veja. Por favor, não me veja. Por favor, não me veja.

Seus olhos estavam no chão. *Faixas.* Eu deixei rastros – e eles pararam bem debaixo desta árvore. Eu sabia no segundo que ele iria olhar para cima. Só tive tempo para um pensamento, um apelo silencioso.

Não perca.

Meu braço bateu na pedra com tanta força que quase caí da árvore. Ele olhou para cima.

Eu não perdi.

A pedra o atingiu logo acima do olho. Ele caiu, mas não ficou no chão, e enquanto subia dos joelhos até os pés, sangrando e atordoado, mas muito vivo, senti a adrenalina que me levou a esse ponto evaporar. Não haveria feitos sobre-humanos de força ou velocidade. Foi isso: ele apontando o rifle para a árvore, e eu agarrado a um galho a quatro metros e meio de altura, tremendo e sangrando, sem mais nada para atirar.

“Sem truques?” ele gritou, seu dedo brincando com o gatilho.

Pensei no Agente Sterling na cabana. Ele iria atrás dela em seguida, conduzindo-a através deste joguinho doentio.

Não.

Eu fiz a única coisa que restava fazer. Eu pulei.

A arma disparou. O chute saiu ao lado e eu bati nele, com os pés na frente. Nós dois caímos em um emaranhado de membros. Ele continuou segurando o rifle, mas eu estava perto demais para ele apontar para mim.
Três segundos.
Esse foi o tempo que levou para ele conseguir a vantagem e me derrubar no chão. Ele me prendeu com uma das mãos, depois se agachou e bateu com o pé no meu peito, substituindo a mão. Ferimento na cabeça sangrando muito, ele se levantou. Da minha posição no chão, ele parecia incrivelmente alto. *Invencível.*
Ele levou a arma ao ombro. A ponta do cano estava a menos de um metro do meu corpo. Ele pairou sobre minha barriga por alguns segundos e depois pousou logo acima da minha testa.
Fechei os olhos.
"Pegue eles. Liberte-os. Rastreie-os. Matar..." Ele interrompeu, de repente e sem aviso. Só mais tarde é que meu cérebro processou o som de tiros, a onda de passos vindo em minha direção.
"Cássia. *Cássia.* "
Eu não queria abrir os olhos. Se eu abrisse os olhos, poderia não ser real. A arma ainda pode estar lá. *Ele* ainda pode estar lá.
"Cassandra." Só havia um homem no universo que poderia dizer meu nome completo exatamente nesse tom.
Eu abri meus olhos. "Briggs."
"Webber está morto." Ele esclareceu esse ponto antes de me perguntar se eu estava bem.
"Webber?" Eu resmunguei. Eu sabia o nome, mas minha mente não conseguia processá-lo, não conseguia processar o fato de que o homem que fez isso comigo *tinha* um nome.
"Anthony Webber," Briggs confirmou, fazendo uma verificação superficial dos meus ferimentos, contabilizando-os, até o último detalhe.
"Esterlino?" Eu consegui perguntar.
"Ela está segura."
"Como você-"
Briggs ergueu a mão e pegou o telefone com a outra. A ligação que ele fez foi breve e direta: "Estou com ela. Ela está bem." Então ele voltou sua atenção para mim e respondeu a pergunta que eu nem tinha terminado de fazer. "Assim que percebemos que vocês dois estavam desaparecidos, o

diretor deixou toda a agência atrás de vocês. Ele ficava dizendo que Veronica havia tentado lhe dizer que algo estava errado neste caso.
“Mas como você—”
“Seu rastreador de tornozelo.”
“A agente Sterling disse que não o ativou.”
Briggs sorriu ironicamente. “Ela não tinha feito isso, mas como ela estava tentando seguir as regras quando verificou, ela preencheu toda a papelada. *Eu* estava pontilhado. Os *T* foram cruzados. Tínhamos o número de série e conseguimos ativá-lo remotamente.”
Era irônico: eu salvei a vida da Agente Sterling quebrando as regras, e ela salvou a minha seguindo-as.
Briggs me ajudou a ficar de pé. “Minha equipe está chegando”, disse ele. “Saímos direto de casa, então tivemos uma vantagem.”
Nós?
“Cássia.” Dean rompeu o mato.
“Eu disse a ele para esperar na cabana”, Briggs me disse. “Eu disse para você esperar na cabana,” ele reiterou para Dean, aborrecimento rastejando em sua voz. Mas ele não me impediu de dar três passos em direção a Dean, ou Dean de cruzar o espaço restante entre nós em um piscar de olhos. No segundo seguinte, ele colocou uma mão em cada um dos meus ombros, me tocando, confirmando que eu estava bem, que estava aqui, que era *real* .
"O que você está fazendo aqui?" Eu perguntei a ele.
Suas mãos foram dos meus ombros até meu rosto. Sua mão direita segurou o lado esquerdo. Sua mão esquerda gentilmente contornou meus ferimentos, enterrando-se em meu cabelo e segurando minha cabeça erguida para mim, como se ele pensasse que meu pescoço não seria capaz de fazer o trabalho.
“Ativar o rastreador foi ideia de Sloane. Todos os outros se esqueceram disso. Briggs estava em nossa casa quando recebemos as coordenadas. Posso ter providenciado para que eu estivesse no carro dele quando ele fosse embora.
Briggs não teria perdido nem um segundo tentando expulsá-lo.
"O que aconteceu?" Dean me perguntou, sua voz cheia de emoções que eu não conseguia identificar. Eu sabia que ele provavelmente estava perguntando sobre o sequestro, sobre meu rosto, sobre estar amarrado na

cabana e lutar pela minha vida, mas optei por interpretar a pergunta de maneira um pouco diferente.
“Eu bati na cabeça dele com uma pedra. Então eu pulei nele do alto daquela árvore.” Fiz um gesto vago com uma mão. Dean olhou para mim, sua expressão ilegível até que as pontas de seus lábios começaram a virar lentamente para cima.
“Eu estava errado”, disse ele, “quando disse que acabei de sentir *algo* ”. Ele estava respirando pesadamente. Eu não conseguia respirar. “Quando eu disse que não tinha certeza se era o suficiente.”
Ele estava com medo, como eu. Mas ele sentiu, e eu senti, e *ele estava lá* .
Passei tanto tempo tentando *não* escolher, tentando *não* sentir, e num instante, senti algo dentro de mim quebrar, como uma enchente rompendo uma represa.
Dean me puxou gentilmente em sua direção. Seus lábios roçaram levemente os meus. A ação foi hesitante, incerta. Minhas mãos pousaram em sua nuca, puxando *-o para* mais perto.
Talvez isso tenha sido um erro. Talvez quando a fumaça se dissipasse, as coisas parecessem diferentes. Mas eu não conseguia parar, não conseguia continuar vivendo minha vida com base em talvez, se quisesse *viver* .
Fiquei na ponta dos pés, meu corpo pressionado contra o dele, e retribuí o beijo, a dor em meu rosto desaparecendo, lavada com o resto do mundo, até que houve apenas este momento - um que eu não pensei que *teria* . viveria para ver.

CHAPTER 46

EU passou a noite no hospital. Tive uma concussão, hematomas no pescoço por quase ter sido estrangulado e inúmeros cortes e escoriações nas mãos e nas pernas. Eles tiveram que afastar Dean de mim.

Eu estava vivo.

Na manhã seguinte, os médicos me liberaram sob custódia do agente Briggs. Estávamos a meio caminho do carro dele quando percebi que ele estava muito quieto.

“Onde está o agente Sterling?” Perguntei.

"Perdido." Entramos no carro. Puxei cuidadosamente o cinto de segurança. Briggs saiu para a estrada. “Seus ferimentos foram mínimos, mas ela está em licença obrigatória até que um psicólogo do Bureau lhe dê luz verde para o trabalho de campo.”

"Ela está voltando?" Meus olhos arderam quando fiz a pergunta. Há uma semana, eu teria ficado feliz em me livrar dela, mas agora...

“Eu não sei”, disse Briggs, um músculo em sua mandíbula se contraindo. Ele era o tipo de pessoa que odiava admitir a incerteza. “Depois que Redding a capturou – depois que Dean a ajudou a escapar – ela lutou para voltar ao serviço ativo. Ela se jogou no trabalho.

Isso foi antes. Isto foi agora. Achei que a Agente Sterling estava aceitando a ideia do programa, mas não conseguia parar de pensar na expressão em seu rosto quando me perguntou *por quê* . Por que eu não a ouvi? Por que eu fiz o louco me levar também?

Tudo o que ela queria, naqueles últimos momentos, era acreditar que eu conseguiria sair vivo daquele inferno.

"Ela se culpa?" Eu perguntei – mas não era realmente uma pergunta.

"Ela mesma. O pai dela. Meu." Algo no tom de Briggs me disse que o Agente Sterling não era o único que carregava essa culpa. “Você nunca deveria estar em campo”, ele me disse. “Nenhuma de suas vidas deveria estar em risco.”

Se os Naturals não tivessem trabalhado neste caso, Christopher Simms teria matado aquela rapariga. Se eu não tivesse ido com a Agente Sterling, ela estaria morta. Não importa o quanto eu tenha passado por assombrar o Agente Briggs, eu sabia em meu íntimo que, no final do dia, ele seria capaz de conviver com os riscos desse programa. Eu não tinha certeza se o Agente Sterling conseguiria.

"Onde estamos indo?" Perguntei quando Briggs passou pela nossa saída na rodovia.

Ele não disse nada por vários minutos. Milha se transformou em milha. Acabamos em um complexo de apartamentos do outro lado da rua da prisão.

“Há algo que eu quero que você veja.”

O apartamento de Webber tinha dois quartos. Sua vida foi altamente segmentada. Ele dormia em um quarto – cantos de hospital na cama, cortinas blackout nas janelas – e trabalhava no outro.

A equipe de Briggs estava catalogando evidências quando entramos: cadernos e fotografias, armas, um computador. Centenas — senão milhares — de sacos de provas contavam a história da vida de Webber.

A história de seu relacionamento com Daniel Redding.

“Vá em frente”, Briggs me disse, apontando para as malas cuidadosamente documentadas. “Basta usar luvas.”

Ele não trouxe Dean para a cena do crime. Ele não trouxe Michael, Lia ou Sloane.

“O que estou procurando?” Eu perguntei, calçando um par de luvas.

“Nada”, Briggs disse simplesmente.

Você me trouxe aqui para ver isso, pensei, voltando ao modo de criação de perfil sem sequer pensar nisso. *Por que?*

Porque não se tratava de processar provas. Era sobre mim e o que passei na floresta. Eu sempre teria dúvidas sobre Locke, assim como Dean sempre teria dúvidas sobre seu pai, mas esse UNSUB — esse homem que tentou acabar com minha vida — não precisava ser uma figura grandiosa, outro fantasma para assombrar meus sonhos.

Cantos de hospitais e rifles de caça.

Briggs me trouxe aqui para que eu pudesse entender — e seguir em frente, tanto quanto uma pessoa *poderia* seguir em frente depois de algo assim. Levei horas para passar por tudo isso. Havia uma foto de Emerson Cole enfiada na lateral de um diário. A escrita de Webber — *toda em letras maiúsculas, inclinada para um lado* — marcava as páginas, contando-me sua história com detalhes horríveis e nauseantes. Eu li, examinando esses detalhes, absorvendo-os e construindo um perfil.

Há seis meses, você foi transferido para a cela de Redding. Você ficou fascinado por ele, hipnotizado pela maneira como ele interpretava os outros prisioneiros, os guardas. A prisão era o único lugar onde se tinha algum poder, algum controle, e quando veio outra rejeição da academia de polícia, isso não foi mais suficiente.

Você queria um tipo diferente de poder. Intangível. Inegável. Eterno.

Webber ficou obcecado por Redding. Ele pensou que estava conseguindo esconder essa obsessão até que Redding lhe ofereceu um emprego muito especial.

Ele reconheceu seu potencial. Você precisava provar seu valor - provar que era mais inteligente, melhor e mais do que todos que o desprezavam, o rejeitavam e o empurravam para o lado.

Redding pediu a Webber que fizesse duas coisas: ficar de olho no agente Briggs e encontrar Dean. Webber provou seu valor em ambas as frentes. Ele seguiu o agente Briggs. Ele encontrou a casa onde Dean morava. Ele relatou de volta.

Esse foi o ponto de viragem. Esse foi o momento em que você soube que, para eclipsar aquele pirralho chorão aos olhos de Redding, você teria que fazer mais.

Havia um artigo de jornal dobrado e preso entre duas páginas do diário — um artigo que Webber dera a Daniel Redding para ler e depois escondera em sua sala de trabalho.

Um artigo sobre a agente especial do FBI Lacey Locke. Um lobo em pele de cordeiro. Um assassino que pertencia ao FBI.

Pouco depois disso, Redding disse que você estava pronto. Você foi aluno dele. Ele era seu mestre. E se houvesse outros competindo pelo seu papel, bem, você cuidaria deles a tempo.

Passei de uma página para a outra e voltei, relendo, construindo uma linha do tempo em minha mente. Redding começou a preparar o terreno para

essa série de “testes” para seus aprendizes — ou, como Webber gostava de se referir, o que seria — um dia *depois* de ler o artigo sobre os assassinatos de Locke.

Você não acha estranho? Eu perguntei o que pareceu uma eternidade atrás. Seis semanas atrás, Locke estava reencenando o assassinato da minha mãe, e agora alguém está por aí bancando o imitador do pai de Dean?

Sentado ali, recriando a série de eventos que levaram ao assassinato de Emerson Cole, percebi que não era estranho. Não foi uma coincidência. Daniel Redding começou isso *depois de* ler sobre os assassinatos de Locke. Dean entendia os assassinos por causa de seu pai; nem é preciso dizer que Daniel Redding também os entendia. E se ele entendesse Locke – o que a motivava, o que a motivava, o que ela queria – se ele tivesse Webber monitorando Dean, se ele soubesse quem eu era e o que havia acontecido com minha mãe...

Locke matou aquelas mulheres por mim e Redding aceitou o desafio.

Ainda havia muitas perguntas: como Redding sabia quem eu era; como ele fez as conexões que devia ter feito para descobrir o que havia acontecido com Locke; o que – se é que sabia alguma coisa – ele sabia sobre o assassinato de minha mãe. Mas o diário de Webber não continha essas respostas.

Assim que o *teste* começou, a escrita de Webber tornou-se menos focada em Redding.

Você o adorou – mas então você se tornou ele. Não, você se tornou algo melhor . Algo novo.

Cinco pessoas morreram. Pela sua própria confissão nestas páginas, Webber matou quatro deles: Emerson, o professor, e ambos os seus concorrentes. O plano original — apresentado por Redding a cada um dos três, com Webber possibilitando a comunicação — era que cada um dos três escolhesse uma vítima e matasse uma das outras.

Na sua mente, nunca houve espaço para outros.

Havia páginas neste diário descrevendo as fantasias de Webber sobre como teria sido se ele tivesse matado Trina Simms. Ele imaginou, imaginou, e Clark morreu pelo pecado de não *ter feito direito* . Os dias de Christopher estavam contados no segundo em que ele foi pego.

E então houve um.

“Cássia?” Briggs disse meu nome e eu olhei para ele do meu lugar no chão. "Você está bem?"
Eu estava aqui há horas. Briggs havia alcançado seu objetivo: quando fechei os olhos, não fui apanhado pelo horror de ser caçado como um animal. Não senti Webber pairando sobre mim, nem seu braço cortando o ar da minha garganta. Essas memórias não desapareceram. Eles nunca iriam embora. Mas por minutos, horas, talvez até dias seguidos, eu poderia esquecer.
“Sim”, eu disse, fechando o diário e arrancando as luvas primeiro de uma mão e depois da outra. "Estou bem."
Quando voltamos para casa, já estava quase escuro. Lia, Dean e Sloane estavam sentados na varanda da frente, esperando por mim. Michael estava acertando com uma marreta as janelas quebradas do carro do ferro-velho. Cada vez que ele dava um golpe, cada pedaço de vidro que ele quebrava, eu sentia algo se quebrando dentro de mim.
Ele sabia.
Desde o momento em que Dean voltou para casa, desde o momento em que Michael colocou os olhos nele, ele soube.
Eu não queria que isso acontecesse. Eu não planejei isso.
Michael olhou para cima e me avistou, como se meus pensamentos tivessem de alguma forma passado da minha mente para a dele. Ele me estudou, do jeito que fez no primeiro dia em que nos conhecemos, antes que eu soubesse o que ele poderia fazer.
"É isso, então?" ele perguntou-me.
Eu não respondi. Eu não consegui. Meus olhos dispararam em direção à varanda. Em direção a Dean.
Michael me deu um sorriso descuidado. “Você ganha alguns, você perde alguns”, disse ele com um encolher de ombros. Como se eu nunca tivesse sido nada além de um jogo. Como se eu não importasse.
Porque ele não me *deixaria* importar mais.
“Está tudo bem”, ele continuou, cada palavra sendo um tiro calculado em meu coração. “Talvez se Redding estiver conseguindo, ele finalmente se soltará.”
Eu sabia, objetivamente, o que era isso. *Se você não consegue evitar que eles batam em você, você* faz com que *eles batam em você.* Isso não impediu que suas palavras me cortassem. Os hematomas e arranhões, as dores na

minha cabeça — tudo desapareceu sob a crueldade casual de Michael, sua total indiferença.
Eu sabia que escolher significaria perder um deles. Eu simplesmente não tinha imaginado perder Michael assim.
Voltei para casa, me esforçando para não chorar. Dean se levantou. Seus olhos encontraram os meus, e eu me permiti voltar ao momento na floresta – e a todos os momentos que levaram a isso. *Segurando sua mão, traçando as pontas dos dedos ao longo de sua mandíbula. Os segredos que trocamos. Coisas que ninguém mais — Natural ou não, criador de perfil ou não — jamais entenderia.*
Se eu tivesse escolhido Michael, Dean teria entendido.
Comecei a caminhar em direção à varanda, em direção a Dean, meu ritmo aumentando a cada passo. A voz de Michael me chamou.
“Cássia?”
Havia um toque de emoção genuína em sua voz – apenas um toque de alguma coisa, mas eu não sabia dizer o quê. Olhei por cima do ombro, mas não me virei.
"Sim?"
Michael olhou para mim, seus olhos castanhos contendo uma mistura de emoções que eu não conseguia analisar. “Se tivesse sido eu na floresta, se eu tivesse ido com Briggs, se eu tivesse sido aquele que você viu naquele exato segundo...”
Teria sido eu? Ele não terminou a pergunta e eu não respondi. Quando voltei para casa, ele voltou a quebrar as janelas daquele carro quebrado e surrado.
“Sim”, ele disse, sua voz carregada pelo vento. "Isso foi o que eu pensei."



TO dia em que meus últimos hematomas desapareceram foi o dia em que fizemos o GED. Foi também o dia em que o Agente Sterling voltou para casa.

Quando nós cinco voltamos do exame, ela estava comandando a mudança, com os próprios braços carregados com uma grande caixa. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo frouxo na base do pescoço, cabelos soltos grudados na testa com suor. Ela estava vestindo jeans.

Percebi as mudanças em sua aparência e o fato de que os pertences de Briggs estavam sendo retirados de seu escritório. Algo havia mudado. Qualquer que fosse o exame de consciência que ela estivesse fazendo, quaisquer que fossem as lembranças que nosso cativeiro tivesse despertado, ela havia chegado a algum tipo de resolução. Algo com que ela pudesse viver.

Ao meu lado, Dean olhou para Sterling enquanto ela desaparecia em seu quarto. Eu me perguntei se ele estava pensando na mulher que conheceu cinco anos atrás. Eu me perguntei que relação ela tinha com a mulher à nossa frente agora.

“Acha que é terapêutico ter todas as coisas do ex-marido retiradas desta casa?” Michael perguntou enquanto dois carregadores passavam com a mesa de Briggs.

“Uma maneira de descobrir.” Lia caminhou na direção em que Sterling havia ido. Uma fração de segundo depois, o resto de nós o seguiu.

Quase todos os vestígios de Briggs foram removidos do quarto, que agora ostentava uma cama de verdade no lugar do sofá-cama. As costas de Sterling estavam para nós quando ela colocou a caixa na cama e começou a abri-la. “Como foi o teste?” ela perguntou sem se virar.

“Esplendidamente”, respondeu Lia. Ela enrolou uma mecha de cabelo escuro em volta do dedo indicador. “Como foi a avaliação psicológica exigida pelo governo federal?”
"Mais ou menos." Sterling virou-se para nos encarar. “Como você está, Cassie?” ela perguntou. Algo em seu tom me disse que ela sabia a resposta.
Algumas pessoas disseram que os ossos quebrados voltaram a ficar mais fortes. Nos dias bons, eu dizia a mim mesmo que isso era verdade, que cada vez que o mundo tentava me quebrar, eu ficava um pouco menos quebrável. Nos dias ruins, eu suspeitava que estaria sempre quebrado, que partes de mim nunca estariam certas – e que essas eram as partes que me tornavam bom no trabalho.
Essas foram as partes que fizeram desta casa e das pessoas nela um *lar* .
“Estou bem,” eu disse. Lia se absteve de comentar minha resposta à pergunta do agente Sterling. Ao nosso lado, Sloane inclinou a cabeça para o lado, olhando para Sterling com uma expressão perplexa no rosto.
“Você voltou”, disse Sloane ao agente, com a testa franzida. “A probabilidade do seu retorno era bastante baixa.”
A Agente Sterling voltou-se para as caixas em sua cama. “Quando as probabilidades são ruins”, disse ela, removendo algo de um deles, “você muda as regras”.
A expressão no rosto de Sloane deixou poucas dúvidas de que ela considerava essa afirmação um tanto duvidosa. Eu estava muito ocupado me perguntando o que Sterling quis dizer quando mencionou a mudança das regras para poupar um momento de reflexão sobre probabilidades ou probabilidades.
Você foi enterrado vivo em um caixão de vidro com uma cobra adormecida em seu peito . Pensei no jogo que Sterling jogou com Scarlett Hawkins. Situações impossíveis exigiam soluções impossíveis. Veronica Sterling veio para cá com a intenção de acabar com o programa, e agora ela estava se mudando.
O que eu estava perdendo?
“Isso significa que você terminou de correr?”
Virei-me e vi Judd parado na porta atrás de nós. Perguntei-me há quanto tempo ele estava ali e revirei a questão em minha mente. Ele assistiu o Agente Sterling crescer. Quando ela deixou o FBI e deu as costas ao programa, ela também colocou distância entre eles.

“Eu não vou a lugar nenhum”, Sterling disse a ele. Ela foi até a mesa de cabeceira e desembrulhou o objeto em sua mão, descartando o lenço de papel.

Um porta-retratos.

Eu sabia, antes de tentar olhar mais de perto, o que veria no quadro.

Duas meninas, uma de cabelos escuros e uma clara. Ambos sorriram para a câmera. A menor – Scarlett – estava sem os dois dentes da frente.

“Não vou a lugar nenhum”, disse Sterling pela segunda vez.

Olhei para Dean, sabendo instintivamente, mesmo antes de nossos olhos se encontrarem, que seus pensamentos estariam operando em conjunto com os meus. Sterling passou muito tempo mantendo suas emoções sob controle. Ela passou muito tempo tentando não se importar, tentando manter a pessoa que ela costumava ser sob controle.

“Sem querer interromper um momento comovente,” Michael disse, sua voz cheia de mordida suficiente para me fazer pensar que ele não estava falando apenas sobre o momento entre Sterling e Judd – ele estava se referindo à sincronia entre Dean e eu. “Mas detecto uma pitada de tensão em sua mandíbula, agente.” Os olhos de Michael moveram-se para a esquerda e para a direita, para cima e para baixo, catalogando tudo sobre a postura e expressão de Sterling. “Não tanto estresse quanto... antecipação.”

A campainha tocou e Sterling se endireitou, parecendo um pouco mais formidável do que no momento anterior. “Visitantes”, ela disse brevemente a Judd. "Plural."

Briggs chegou primeiro, seguido pelo Diretor Sterling. Eu presumi que fosse isso, mas logo ficou claro que eles estavam esperando por outra pessoa.

Alguém importante.

Minutos depois, um sedan de cor escura parou. Um homem saiu do carro. Ele estava vestindo um terno caro e uma gravata vermelha. Ele caminhou com propósito, como se cada passo fosse parte integrante de um plano maior.

Assim que todos nos acomodamos na sala, o agente Sterling o apresentou como diretor da Inteligência Nacional.

“Conselheiro principal do Conselho de Segurança Nacional”, Sloane recitou. “Reporta-se diretamente ao presidente. Chefe da Comunidade de

Inteligência, que engloba dezessete elementos, incluindo a CIA, a NSA, a DEA...
"E o FBI?" Lia sugeriu secamente antes que Sloane pudesse listar todas as dezessete agências que o homem à nossa frente supervisionava.
"Até a semana passada", disse o homem de gravata vermelha, "eu não fazia ideia da existência deste programa".
O propósito desta reunião logo ficou claro. *Quando as probabilidades são ruins, você muda as regras.* O agente Sterling denunciou o programa Naturals.
"Pensei muito no seu relatório", disse o diretor da Inteligência Nacional ao agente Sterling. "Os prós e contras deste programa. Seus pontos fortes. Suas fraquezas."
Ele permaneceu na palavra *fraquezas* . O rosto do Diretor Sterling estava imóvel. Este homem era seu chefe. Ele poderia acabar com o programa. Da perspectiva do diretor do FBI, o diretor da Inteligência Nacional provavelmente poderia fazer pior. Quantas leis o pai do agente Sterling violou, mantendo este programa fora dos livros?
O Agente Sterling está se mudando. Agarrei-me a esse fato. Certamente isso significava que o chefe de seu pai não estava aqui para desligar a tomada.
Certamente.
Sentindo que o Diretor Sterling não era o único desconcertado com suas palavras, o homem à frente da Inteligência Nacional dirigiu-se a nós. "O agente Sterling parece acreditar que este programa salva vidas – e que se lhe fosse permitido participar em investigações activas, poderia salvar muitas mais." O diretor de inteligência fez uma pausa. "Ela também acredita que não se pode confiar em vocês para cuidar de si mesmos e que nenhum agente envolvido em um caso ativo, por mais bem-intencionado que seja, pode colocar seu bem-estar físico e psicológico em primeiro lugar."
Olhei para o Agente Sterling. Isso não foi apenas uma acusação ao programa – foi uma acusação ao que *ela* nos permitiu fazer.
E se eles nos deixarem ficar, mas não nos deixarem chegar perto de casos reais? Antes de vir para cá, treinar para traçar o perfil das pessoas poderia ter sido suficiente, mas não era, não agora. Eu precisava que o que havia passado significasse alguma coisa, precisava de um propósito. Eu precisava *ajudar* .

“Com base na avaliação da Agente Sterling sobre os riscos inerentes a este programa”, continuou o diretor da Inteligência Nacional, “é sua recomendação que este programa seja reestruturado, que um tal Judd Hawkins seja nomeado como defensor em seu lugar, e que qualquer e qualquer todos os desvios do protocolo serão aprovados pelo referido defensor, independentemente do benefício potencial para o caso.”
Reestruturado. Eu processei essa palavra. À minha frente, a mandíbula do Diretor Sterling cerrou-se ligeiramente, mas o resto do seu rosto permaneceu impassível. Se a recomendação da filha fosse aceita, Judd seria a autoridade final sobre o que poderíamos ou não fazer.
Judd, não o Diretor Sterling.
“Vocês todos farão dezoito anos dentro de um ano?” — perguntou o homem que veio aqui para decidir nosso futuro. Vindo de alguém que se reportava diretamente ao presidente, parecia mais uma ordem do que uma pergunta.
“Faltam duzentos e quarenta e três dias”, confirmou Sloane. O resto de nós se contentou com acenos de cabeça.
“Eles ficam nos bastidores.” Ele fixou seu olhar casualmente pesado no diretor. “Essas são as regras.”
"Acordado."
“Os agentes Sterling e Briggs supervisionarão sua participação em todos os casos, sujeitos à aprovação do Major Hawkins. Quando se trata do que está ou não dentro do âmbito deste programa, a palavra dele é final – até mesmo para você.”
O diretor enrijeceu, mas não hesitou na resposta. "Acordado."
“E da próxima vez que você decidir financiar um programa inovador *fora* dos livros, não faça isso.”
O diretor da Inteligência Nacional não deu ao Diretor Sterling a chance de responder. Ele apenas acenou com a cabeça uma vez para nós e saiu.
“Acredito que falo por todos”, disse Michael, “quando pergunto *o que aconteceu aqui?”*
As regras simplesmente mudaram , pensei.
“O programa Naturals acabou de ser supervisionado”, respondeu o agente Sterling. “Haverá algumas novas regulamentações. Novos protocolos. E eles significarão alguma coisa. Não há mais exceções especiais – nem mesmo da minha parte.” A expressão dela era severa, mas Michael deve ter visto algo

que eu não vi, porque ele abriu um sorriso. O Agente Sterling também sorriu – diretamente para mim.
“Vamos precisar desses regulamentos”, acrescentou ela, “porque a partir de amanhã, vocês cinco estarão autorizados a consultar sobre casos ativos”.
Eles não estavam nos excluíndo. Eles estavam nos deixando entrar. Em vez de tirar meu propósito, eles deram-lhe uma nova vida.
Este era um mundo totalmente novo.

ACKNOWLEDGMENTS

Assim como pegar um assassino, escrever um livro é um esforço de equipe, e me sinto incrivelmente sortudo por trabalhar com pessoas tão maravilhosas. Nossos agradecimentos vão, em primeiro lugar, às duas adoráveis editoras que conduziram este livro desde o início até o final: Catherine Onder e Lisa Yoskowitz. Não consigo expressar o quanto me sinto afortunado por estar em tão boas mãos ou o quanto este livro é melhor por causa de seus insights e dedicação. Gostaria também de agradecer a Niamh Mulvey, que foi minha defensora *do Naturals* no Reino Unido, bem como às maravilhosas equipes da Hyperion e da Quercus, por ajudar esta série a encontrar seus leitores. Muito do que acontece em um livro é feito nos bastidores, e sou grato por todo o trabalho realizado neste!

Obrigado também a Elizabeth Harding, Ginger Clark, Holly Frederick e Jonathan Lyons – todos agentes incríveis! Muito parecido com as habilidades dos Naturais, suas habilidades beiram o estranho. Tal como acontece com o primeiro livro, meus agradecimentos também vão para todos da Dino De Laurentiis Company, especialmente Martha De Laurentiis e Lorenzo De Maio (que uma vez me perguntou qual caso assombrava Briggs como “aquele que escapou”).

Finalmente, tenho uma grande dívida com todas as pessoas em minha vida que me mantêm são quando escrever é uma loucura: minha maravilhosa família, NLPT e Ti30, todos na Universidade de Oklahoma e a maravilhosa e solidária comunidade de escritores YA. Obrigado a Rachel Vincent por me escrever e compartilhar minha identidade, e a Ally Carter, que não apenas me ajuda a fazer brainstorming, mas também me tranca em seu armário quando estou dentro do prazo, o que é o sinal de uma amiga verdadeira e maravilhosa. Também sou grato a Melissa de la Cruz, Carrie Ryan e Rose Brock, por escreverem férias, Rose Fest e aventura! Este livro foi revisado na Cornualha, onde Sarah Rees Brennan, Maureen Johnson, Cassandra

Clare, Joshua Lewis e Kelly Link forneceram apoio moral e criativo — sem mencionar muita diversão. Estou muito grato a e por todos vocês. Finalmente, gostaria de agradecer a todos os leitores que defenderam o primeiro livro – e aguardaram ansiosamente o segundo. Mal posso esperar para que todos vocês vejam o que está reservado para Cassie e os outros a seguir.

Sobre o autor

Jennifer Lynn Barnes escreveu mais de uma dúzia de romances aclamados para jovens adultos, incluindo o primeiro livro desta série, *The Naturals* . Ela possui formação avançada em psicologia, psiquiatria e ciências cognitivas. Recentemente, ela recebeu seu doutorado pela Universidade de Yale e agora é professora de psicologia. Você pode encontrá-la online em www.jenniferlynnbarnes.com ou segui-la no Twitter @jenlynnbarnes .